



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC**  
**Linha de Pesquisa: Formação Humana, Docência e Currículo**

**AIRTON DE LIMA OLIVEIRA**

**A INCLUSÃO DE ESTUDANTES NAS PRÁTICAS CORPORAIS DA EDUCAÇÃO  
FÍSICA ESCOLAR PÓS-PANDEMIA DA COVID-19: SIGNIFICAÇÕES DE  
DOCENTES DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE ICÓ-CE**

**MOSSORÓ/RN**

**2024**

**AIRTON DE LIMA OLIVEIRA**

**A INCLUSÃO DE ESTUDANTES NAS PRÁTICAS CORPORAIS DA EDUCAÇÃO  
FÍSICA ESCOLAR PÓS-PANDEMIA DA COVID-19: SIGNIFICAÇÕES DE  
DOCENTES DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE ICÓ-CE**

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), na Linha de Pesquisa: Formação Humana, Docência e Currículo, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

**Orientadora: Profa. Dra. Antônia Batista Marques.**

**MOSSORÓ/RN**

**2024**

**Catálogo da Publicação na Fonte.**  
**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

D353i de Lima Oliveira, Airton

A inclusão de estudantes nas práticas corporais da Educação Física Escolar pós-pandemia da covid-19: Significações de docentes dos anos finais do ensino fundamental de Icó-CE. / Airton de Lima Oliveira. - Mossoró, 2024.

234p.

Orientador(a): Profa. Dra. Antônia Batista Marques.  
Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Educação). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Educação Física. 2. Inclusão. 3. Práticas Corporais. 4. Pandemia da Covid-19. I. Batista Marques, Antônia. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

**AIRTON DE LIMA OLIVEIRA**

**A INCLUSÃO DE ESTUDANTES NAS PRÁTICAS CORPORAIS DA EDUCAÇÃO  
FÍSICA ESCOLAR PÓS-PANDEMIA DA COVID-19: SIGNIFICAÇÕES DE  
DOCENTES DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE ICÓ-CE**

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), na Linha de Pesquisa: Formação Humana, Docência e Currículo, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovado em 19 / 12 / 2024

**Banca Examinadora**

---

Profa. Dra. Antônia Batista Marques (Orientadora)  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

---

Profa. Dra. Silvia Maria Costa Barbosa (Examinadora Interna)  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

---

Profa. Dra. Maria Eleni Henrique da Silva (Examinadora Externa)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Dra. Flávia Spinelli Braga (Suplente Interna)  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

---

Profa. Dra. Cristiane de Sousa Moura Teixeira (Suplente Externa)  
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

## **AGRADECIMENTOS: PARA TODOS AQUELES QUE ESTIVERAM COMIGO**

Refletido sobre os últimos anos, tenho percebido o quanto as minhas interações com outros sujeitos foram fundamentais para que pudesse chegar até aqui, encerrando esse ciclo. Essas relações contribuíram para minha constituição enquanto ser humano, a estas pessoas, escrevo uma dedicatória para manifestar a minha gratidão por fazerem parte desse processo tão importante.

Primeiramente, início agradecendo a Deus, por cuidar de mim, me proteger e com sua força infinita e bondade me mantem de pé e por tornar possível esse sonho.

A minha eterna gratidão a duas pessoas que sempre se fizeram presentes na minha vida, e são minha ancora em todos os processos que vivenciei, me motivando a crescer me apoiando em todas as coisas que me proponho a fazer. Dedico a senhora Mivânia de Lima Silva e o senhor Antônio Oliveira da Silva, por serem os pais que todo filho deseja ter, sem vocês, eu não estaria aqui, obrigado por sempre estarem comigo nos bons e ruins momentos, obrigado por ser vocês nesse jeitinho peculiar, cada um com suas subjetividades, mas que se completam na minha vida. Para vocês todo amor guardado dentro de mim.

Agradeço imensamente aos meus irmãos, Kelle, Jaquelia e Jailson pela força e motivação, por entender as minhas ausências, devido o mestrado, vocês foram e são importantes na minha vida e no meu processo constitutivo. Obrigado por acompanha esta jornada e somar para que este sonho possa se concretizar.

A minha sobrinha Ana Evely, por estar comigo nesse processo, me motivando e por sempre querer saber como estou nessa correria, Aninha, obrigado! Também aos meus pequenos sobrinhos, Maria Júlia, Luísa, Rianny, Arthur e Gabriel, acompanhar vocês, me motiva todos os dias a ser um professor melhor e que contribui para a educação de vocês.

Aos meus amigos que fazem parte da minha vida a muito tempo, Profa. Me. Andreza, Bárbara Hellen, Profa. Me. Maria Socorro, Paloma e Bianca. obrigado por me acompanhar nesse processo e por ouvirem todas as minhas angustias e felicidades durante o mestrado e a vida, a vocês, sou grato! Também a Prof. Me. Evandro, por ter me incentivado a entrar no mestrado.

As surpresas que o mestrado e Mossoró me presenteou, ao meu xará Prof. Me. José Airton, obrigado por me acolher quando estava perdido pela a cidade de Mossoró, por se fazer presente nesse caminho. Aos meus amigos do mestrado, Patrícia, Moisés, Marcia, Onária, e Rayda, vocês fazem parte dessa jornada, obrigado por momentos incríveis e por fazer essa etapa mais leve e tranquila.

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Antônia Batista Marques, por ter aceitado esse desafio e dedicação. Os nossos encontros para orientação, sempre presente e disposta a contribuir para o meu desenvolvimento. Com você aprendi muita coisa, e sou grato por tudo que vivemos e aprendemos juntos durante estes anos.

Aos professores do POSEDUC, por oportunizar momentos de aprendizagens e reflexões. As professoras Dra. Dra. Silvia Maria Costa Barbosa, Dra. Maria Eleni Henrique da Silva, Dra. Flávia Spinelli Braga e Dra. Cristiane de Sousa Moura Teixeira por se fazerem presentes na qualificação e defesa, aprendi muito com vocês e levarei esses ensinamentos ao longo de minha vida profissional.

À escola *locus* da pesquisa, e os professores Nativo e José (nomes fictícios) agradeço imensamente pelas contribuições para esta pesquisa, por possibilitar ouvir as suas significações, a vocês, meu muito obrigado.

Aos Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Subjetividade (GEPES/UERN), e o projeto de pesquisa em rede nacional, Pandemia da COVID-19 e seus impactos na educação básica no Brasil: diagnóstico e proposições interventivas na escola. sou grato pela oportunidade de participar dos estudos e discussões importantes que possibilitaram novas constituições pessoais e formativas.

## RESUMO

Este trabalho está vinculado à linha de pesquisa “Formação Humana, Docência e Currículo” do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, ao grupo de pesquisa Educação e Subjetividade e ao projeto de pesquisa “Pandemia da COVID-19 e seus impactos na educação básica no Brasil: diagnóstico e proposições interventivas na escola”. O objetivo deste trabalho é apreender as significações de docentes sobre a inclusão de estudantes de uma escola dos anos finais do ensino fundamental nas práticas corporais da Educação Física escolar pós-pandemia da Covid-19. A questão de pesquisa é: Quais as significações de docentes sobre a inclusão de estudantes nas práticas corporais da Educação Física Escolar pós-pandemia da Covid-19? O *lócus* da pesquisa foi uma escola municipal de tempo integral do município de Icó/CE. Fundamentou-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Psicologia Sócio-Histórica de Lev Semenovitch Vigotski e colaboradores como Alexander Romanovich Luria e Alexei Nikolaievich Leontiev. A gênese do método está alinhada ao Materialismo Histórico-Dialético. Recorremos às seguintes categorias teóricas de análise: historicidade, sentido e significado, mediação, atividade, totalidade e vivência. Os procedimentos para a construção de informações desse estudo foram a entrevista reflexiva e as oficinas pedagógicas. Para a análise e interpretação, utilizamos a proposta metodológica dos núcleos de significação. Os resultados da análise e interpretação estão sintetizados em três núcleos de significação: Educação Física na realidade escolar; Inclusão na Educação Física e pandemia da covid-19: do ensino remoto ao retorno das aulas presenciais; e Inclusão nas práticas corporais pós pandemia da covid-19: limites e possibilidades. Outro resultado foi a elaboração de sequências didáticas sobre inclusão de estudantes nas práticas corporais, a partir dos referidos núcleos. Como proposição, apontamos a continuação dos estudos, enfatizando a formação continuada de professores de Educação Física, com foco na inclusão nas práticas corporais e na possibilidade de divulgar a experiência do planejamento e desenvolvimento de sequências didáticas considerando as necessidades de cada contexto.

**Palavras-chaves:** Educação Física; Inclusão; Práticas Corporais; Pandemia da Covid-19.

## ABSTRACT

This work is linked to the research line 'Human Formation, Teaching and Curriculum' of the Postgraduate Programme in Education at the State University of Rio Grande do Norte, the Education and Subjectivity research group and the research project 'COVID-19 pandemic and its impacts on basic education in Brazil: diagnosis and interventional proposals at school'. The aim of this work is to understand the meanings of teachers about the inclusion of students from a school in the final years of primary education in the bodily practices of school physical education after the Covid-19 pandemic. The research question is: What are the meanings of teachers about the inclusion of students in the corporal practices of school physical education after the Covid-19 pandemic? The locus of the research was a full-time municipal school in the municipality of Icó/CE. It was based on the theoretical and methodological assumptions of the socio-historical psychology of Lev Semenovich Vygotsky and collaborators such as Alexander Romanovich Luria and Alexei Nikolayevich Leontiev. The genesis of the method is aligned with Historical-Dialectical Materialism. We used the following theoretical categories of analysis: historicity, meaning and significance, mediation, activity, totality and experience. The procedures used to gather information for this study were reflective interviews and pedagogical workshops. For analysis and interpretation, we used the methodological proposal of nuclei of meaning. The results of the analysis and interpretation are summarised in three nuclei of meaning: Physical Education in school reality; Inclusion in Physical Education and the covid-19 pandemic: from remote teaching to the return of face-to-face classes; and Inclusion in bodily practices after the covid-19 pandemic: limits and possibilities. Another result was the elaboration of didactic sequences on the inclusion of students in bodily practices, based on the aforementioned nuclei. As a proposal, we point to the continuation of the studies, emphasising the continuing education of Physical Education teachers, with a focus on inclusion in bodily practices and the possibility of disseminating the experience of planning and developing didactic sequences considering the needs of each context.

**Keywords:** Physical Education; Inclusion; Body Practices; Covid-19 pandemic.

## LISTA DE FIGURAS/ILUSTRAÇÕES E IMAGENS

<b>Figura 1</b> – Síntese de afetações constitutivas da definição do objeto de estudo	32
<b>Figura 2</b> – Principais movimentos da Educação Física	40
<b>Figura 3</b> – Movimento das abordagens relacionada a inclusão	43
<b>Figura 4</b> – Movimento de Blocos de Conteúdos PCNs de Educação Física	45
<b>Figura 5</b> – Movimento das categorias analíticas e teóricas do estudo	64
<b>Imagem 1</b> – Fotografia do Município de Icó/CE	68
<b>Figura 6</b> – Esquema do campo de pesquisa	69
<b>Figura 7</b> – Etapas da realização da entrevista reflexiva	77
<b>Figura 8</b> – Movimento dos Núcleos de Significação	79
<b>Figura 9</b> – Os Núcleos de Significação	86
<b>Figura 10</b> –Núcleos de Significação 1	87
<b>Figura 11</b> –Núcleos de Significação 2	103
<b>Figura 12</b> –Núcleos de Significação 3	114
<b>Imagem 2</b> – Desenvolvimento da sequência didática	138

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Síntese de trabalhos selecionados na Capes	28
<b>Quadro 2</b> - Síntese de trabalhos selecionados na SciELO	30
<b>Quadro 3</b> - Exemplo ilustrativo do levantamento dos pré-indicadores	81
<b>Quadro 4</b> - Exemplo ilustrativo da sistematização dos indicadores	82
<b>Quadro 5</b> - Exemplo ilustrativo da sistematização dos núcleos de significação	83
<b>Quadro 6</b> - Estrutura das oficinas	132
<b>Quadro 7</b> - Aulas da Sequência Didática	135

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Abordagem Desenvolvimentista
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CE	Ceará
EDF	Educação Física
EF	Educação Física
EFE	Educação Física Escolar
IFPI	Instituto Federal do Piauí
MHD	Materialismo Histórico-Dialético
NS	Núcleos de Significação
OMS	Organização Mundial de Saúde
PB	Paraíba
PSH	Psicologia Sócio-histórica
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
POSEDUC	Programa de Pós-Graduação em Educação
PPP	Plano Político Pedagógico
RN	Rio Grande do Norte
SP	São Paulo
SD	Sequência didática
SCIELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNIVS	Centro Universitário Vale do Salgado
URCA	Universidade Regional do Cariri
UERN	Universidade Estadual do Rio Grande do Norte

## TAMARINEIROS

*Vento que vem do Aracati  
Pelo leito seco do salgado  
Leva fumaça cinza daqui  
E trás a chuva pra molhar o roçado*

*Que se Deus permitir  
Eu colher em agosto  
Eu mudo meu rosto de caba emburrado*

*Vou pras bombas do hoje exaltado  
Eu me curvo e me queimo nas bombas*

*Ouço os gritos dos tamarineiros  
Guardiões da Botija de Glória  
Ou são gritos das rasgas mortalthas  
As almas penadas  
Que assombram essa noite*

*E quem teme as crendices  
Ditas pelo povo  
Não brinca com o fogo  
Da fé de um cristão*

*E portanto vos digo, meu caro  
Eu vos digo, meu caro  
Não ouse. oh ohh*

*Quantas vezes  
Caminhei no mei desse deserto  
Sem saber que tinha oásis no mei do sertão*

*Tantas vezes fui dormir sem pedir benção  
ao credo  
Crendo eu que meu medo  
Era meros pretextos do incerto  
Da minha superstição*

*Quantas vezes fui dormir com meio olho  
Aberto, sem saber se eu tinha medo do  
Bicho papão ou por vezes que eu ficava na  
espreita pro teto*

*Pensando quem outras vidas  
Eu pude ter sido um inseto  
Quem sabe eu fui o barão*

*Não tire o santo do lugar  
Não tire o santo do altar dele  
Se essa baleia acordar  
Esse sertão vai virar mar  
E eu quero ver neguim na rede*

*E pra quem não sabe nadar  
Também não vai morrer de sede  
E quem não bebe de cumbuca  
Quem for feita de açúcar  
Não me beije*

(TAMARINEIROS..., 2016)



Fonte: Imagem<sup>1</sup> elaborado pelo pesquisador a partir do canva (2024)

<sup>1</sup> A imagem representa a Educação Física em seu pleno movimento, representando não apenas as práticas corporais, mas a inclusão e o movimento da vida (em forma de ciclo). Concebe também as cores (em volta do ciclo da vida) e as mãos que representam a inclusão; a imagem contém máscaras que representam a pandemia da covid-19.

## SUMÁRIO

<b>SEÇÃO I – O EU, PROTAGONISTA DA MINHA HISTÓRIA: CAMINHOS E ENCONTROS COM O OBJETO DO ESTUDO</b> .....	15
<b>SEÇÃO II - A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E O PROCESSO DE INCLUSÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: O TEMPO MUNDO A TODO TEMPO</b> .....	37
2.1 Educação Física Escolar no movimento histórico.....	37
2.2 As práticas corporais na Educação Física Escolar .....	45
2.3 A Inclusão nas práticas corporais no período da pandemia da covid-19 .....	48
<b>SEÇÃO III - A PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA: A VIDA EM UM SÓ MOVIMENTO</b> .....	55
3.1 Caminhos para a escolha do método: O projeto de pesquisa, pandemia da covid-19 e seus impactos na educação básica no brasil.....	55
3.2 Reflexões acerca do método da pesquisa .....	56
3.3 A concepção do homem e sua constituição como sujeito.....	58
3.4 Categorias analíticas e teóricas do estudo .....	60
<b>SEÇÃO IV – PERCURSO METODOLOGICO DA PESQUISA</b> .....	67
4.2 <b>Icó/CE: A terra do loiro</b> .....	67
4.2.1 Situando a escola.....	69
4.2.2 Situando os docentes: José e Nativo, caminhos que os trouxeram até aqui.....	70
4.3 <b>Procedimentos de construção das informações</b> .....	74
4.3.1 Entrevista Reflexiva .....	75
4.3.2 Oficinas Pedagógicas: um olhar para a inclusão.....	77
4.4 <b>Procedimento de análise e interpretação das informações: Os Núcleos de Significação</b> .....	78
4.4.1 Leitura Flutuante .....	79
4.4.2 Levantamento dos pré-indicadores.....	80
4.4.3 Sistematização dos indicadores .....	81
4.4.4 Sistematização dos Núcleos de Significação .....	83
<b>SEÇÃO V – O MOVIMENTO INTERPRETATIVO DOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO: SOMOS HISTÓRIAS DE UM PASSADO NÃO TÃO DISTANTE</b> .	86
5.1 <b>Núcleo de Significação 1: Educação Física na realidade escolar</b> .....	87
5.2 <b>Núcleo de Significação 2: Inclusão na Educação Física e pandemia da covid-19: do ensino remoto ao retorno das aulas presenciais</b> .....	102
5.3 <b>Núcleos de Significação 3: Inclusão nas práticas corporais pós-pandemia da covid-19: limites e possibilidades</b> .....	113
<b>SEÇÃO VI: OFICINAS PEDAGÓGICAS: UMA INTERVENÇÃO NECESSÁRIA</b> ...	131
6.1 <b>O planejamento: Início de tudo</b> .....	131

6.2 Oficina 1: Significações de professores sobre inclusão nas práticas corporais de Educação Física Escolar .....	132
6.3 Oficina 2: A sequência didática .....	133
6.4 Oficina 3: <i>Feedback</i> sobre a realização da sequência didática .....	136
<b>SEÇÃO VII – REFLEXÕES FINAIS: O FIM É INÍCIO DE TUDO! ENCERRANDO CICLOS PARA INICIAR OUTROS.....</b>	<b>141</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>146</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>156</b>
<b>ANEXO I – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA DE PESQUISA .....</b>	<b>156</b>
<b>APÊNDICE A - SÍNTESE COMPLETA DOS ESTUDOS NO PERIÓDICO DA CAPES/SCIELO.....</b>	<b>159</b>
<b>APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>161</b>
<b>APÊNDICE C - ROTEIRO DA ENTREVISTA REFLEXIVA .....</b>	<b>162</b>
<b>APÊNDICE D – ENTREVISTA REFLEXIVA COM OS DOCENTES.....</b>	<b>165</b>
<b>APÊNDICE E - QUADRO COM O LEVANTAMENTO DOS PRÉ-INDICADORES</b>	<b>193</b>
<b>APÊNDICE F - QUADRO COM A SISTEMATIZAÇÃO DOS INDICADORES.....</b>	<b>207</b>
<b>APÊNDICE G - SISTEMATIZAÇÃO DOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO .....</b>	<b>224</b>
<b>APÊNDICE H - PLANO – SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....</b>	<b>225</b>
<b>APÊNDICE I - OFICINAS PEDAGÓGICAS: NARRATIVAS DOS DOCENTES.....</b>	<b>228</b>



## SEÇÃO I – O EU, PROTAGONISTA DA MINHA HISTÓRIA: CAMINHOS E ENCONTROS COM O OBJETO DO ESTUDO

A prosa feita por mim como epígrafe na página anterior dá a ponta inicial para a escrita deste estudo e para a compreensão mínima do meu processo constitutivo: “*Vou lhe contar uma história, de um garoto, que as margens do rio salgado, corria com os pés no chão*” (Oliveira, 2024), epígrafe<sup>2</sup>. Apresento, por meio da imagem na página anterior, relações com nossa pesquisa; destaco que no início de cada seção esta imagem estará presente como ponto de partida para as discussões do referido texto, conectando-se ao objeto de estudo e ao meu lugar de origem.

Essa seção tem como objetivo apresentar reflexões sobre as mediações constitutivas do meu **objeto de estudo**: as significações de docentes de Educação Física sobre o processo de inclusão de estudantes nas práticas corporais, pós-pandemia da Covid-19. Foi organizada em três momentos, o primeiro refere-se à minha<sup>3</sup> historicidade, narrar minhas vivências significa refletir sobre lembranças e memórias que afetaram a definição de tal objeto. O segundo, o mapeamento de pesquisas, tem como objetivo refletir acerca da originalidade e relevância para o meio educacional, social e acadêmico. O terceiro momento, para situar o leitor, refere-se aos elementos essenciais da pesquisa, bem como à estrutura do texto dissertativo.

Em encontro com o objeto de estudo, durante essa seção será utilizado o termo “Educação Física Inclusiva”, que remete à inclusão de todos os alunos inseridos na escola, independentemente do gênero ou condições físicas, estando presente durante a escrita sobre o meu processo constitutivo.

Posto isto, trago o eu, protagonista de minha história, como centro na definição e desejo de pesquisar o objeto de estudo, pois as vivências e relações com os sujeitos contribuíram para o protagonismo, isto é, o viver com outro como parte constitutiva foi importante para ser protagonista, as relações com as demais pessoas contribuíram para o saber e a escolha de ser professor de Educação Física, narrando como estas experiências cooperaram para a escolha da pesquisa.

A história que me constitui faz parte de quem sou hoje e que serei no amanhã, eu, um menino de família humilde com sonhos alcançar, com histórias a contar e a ressignificar o

---

<sup>2</sup> Este epígrafe foi elaborada pelo pesquisador, que consta com uma narrativa inicial para o texto, nele, conta caminhos percorridos e, apresenta ao leitor sobre a seção.

<sup>3</sup> É importante elucidar que durante esta seção, alterno entre a 1ª e 3ª pessoa. A primeira situação, para relatar a minha trajetória de vida e formação, a segunda para encontro com a definição do estudo.

processo formativo a cada nova experiência, afeto e laço. Ao transcorrer nesta seção, irei dialogar com as categorias do sentido e significado, historicidade, mediação e atividade, que estão presentes nesse estudo. Assim, as significações constituídas, advindas das relações e afetos com o outro, apresenta em diversas formas a constituição da minha trajetória de vida.

Posso contar com uma narração dessa história por linha direta, mas acredito que uma narrativa de si não deve ser contada de qualquer forma, pois o pensamento humano vai além das imaginações, são memórias, afeições, laços e conflitos a ser revelados na trilha da vida, que nos guia por todas as etapas da trajetória humana. Assim, para Freire (1992), nenhum sujeito caminha sem aprender a andar, e ninguém aprende a fazer seu caminho caminhando, refazendo ou retocando o processo formativo pelo qual se pôs a caminhar.

Compreendo que o movimento imbricado por mim faz parte das memórias, afetos, os sujeitos e desafios que fizeram presentes nessa trajetória, e me desencontro e encontro no caminho da vida, que puxa de volta a trilha da esperança, do amor, do cuidar e do imaginar uma sociedade justa, igualitária.

Navegaremos a seguir a partir do entender que tive em momentos de resiliência. Então, faço este convite a você, caro leitor, para trilhar comigo nas memórias e na esperança de compreender minimamente os processos que me constituem como sujeito, embarcando numa narrativa sobre os meus aspectos históricos, culturais, sociais e retratar formas de pensar e refletir esta trajetória.

Entretanto, remexer no baú do passado tem sido uns dos momentos mais significativos como sujeito, razão pela qual compreendo que olhar para o retrovisor de minha história é me enxergar como sujeito transformador em um processo de crescimento pessoal e profissional. Navegar nestas memórias me permite sentir as emoções que foram determinadas pelas vivências para além dos muros escolares.

“Ser protagonista não é apenas estar à frente, mas caminhar com as mãos dadas para que todos nós possamos chegar ao topo”, disse minha mãe. Trilhando por caminhos que aos poucos foram me constituindo como sujeito, as escolhas, as determinações, ela me levou a diversos momentos de altos e baixos ao longo da vida, que de certa forma me direcionaram ao protagonismo, isto é, foi por meios dos estímulos positivos que aprendi a ressignificar o papel perante a sociedade como sujeito em plena aprendizagem.

Compreendendo isto, olho para o álbum do passado, com retratos de histórias que vivenciei, partindo do ponto de vista segundo o qual “ninguém se forma no vazio e que formar-se supõe trocar, experiência, interações sociais, aprendizagens, um sem fim de relações”

(Nóvoa, 1992 p. 115). É por meio da aprendizagem que se imbrica na construção do sujeito no processo de dar novas possibilidades aos significados e à leitura sobre o mundo, sendo sua percepção capaz de alterar as configurações da interação da realidade do indivíduo, intercedidas em relações na esfera da experiência pessoal e do concreto (Sforni, 2004).

As vivências constituídas durante meu processo de formação foram determinadas pelas relações com os sujeitos no meio social, que fizeram parte dessa trajetória. Isso contribuiu para constituir-me como sujeito em aprendizagem no meio social, compreendendo que as relações de afetos e vivências se deram no início na infância e constituem pontos de partidas para constituição, pois foi pelo ato de brincar e vivenciar as diversas práticas que se determinou o caminho da docência. Por outro lado, as vivências na educação básica também motivaram a escolha profissional e até a escolha pela Educação Física no ensino superior.

Estas vivências contêm significações importantes para a tessitura da minha identidade. Concordo com Sousa (2012, p. 46) quando diz que “[...] narrar histórias e contar a vida caracteriza-se como uma das possibilidades de tecer identidade, de compreender como nos tornamos professores e das configurações que nos são forjadas nos nossos percursos de vida-formação”. Compreendo que essa história não foi constituída de um dia para o outro, mas vem me constituindo por meio das relações com o outro pelo caminho.

O caçula da família de quatro filhos, com duas irmãs e um irmão, e o primeiro a cursar o ensino superior. As afetações foram construídas com afetos, o ato de brincar na rua, correr, tomar banho no rio salgado que ficava por de trás da antiga casa onde morava, as relações com meus pais e irmãos foram e são constituídas como relações de afeto, respeito e amor; aliás, foi nesse período que se tornou um dos pontos importantes para constituir-me como ser humano, então, estas vivências na infância fizeram parte do percurso formativo.

Com a relação familiar sendo construída de forma saudável, com amor e realidade em nossa convivência, pois não foi fácil passar pelas dificuldades e desafios, mas encontramos, juntos (eu e minha família) o caminho de volta para nossa trilha de vida; aliás, a roda gira e com ela fui ressignificando minhas vivências e aprendendo a girar a roda.

Desde pequeno, fui uma criança ativa, brincava de pular corda, bola, carimbada, corria, nadava no rio, dentre outras possibilidades que uma criança cria em sua dimensão criativa. Aqui, mesmo sem compreender, o movimento corporal fez-se presente da infância até o momento, ou seja, a Educação Física esteve ligada a mim desde dos primeiros movimentos mesmo antes de vivenciá-la na escola.

O processo de escolarização deu-se início no ano de 2001 com 7 anos de idade, me inseri pela primeira vez no espaço educacional, numa escola pública, Escola Municipal Maria Irismar Marcial Moreira, central no bairro em que morava. Matriculado no ensino fundamental I, lembro vagamente sobre este período, mas minha convivência com outras crianças, que nem sempre foi de forma satisfatória, as relações de conflito e embate com os demais criaram um obstáculo de convívio no ambiente escolar.

Essa barreira foi criada por meio de brincadeiras que me deixavam desconfortável, de modo que as minhas relações com o outro, em certa medida, não eram como deveriam ser, ora, toda criança precisa brincar, se divertir e ficar longe de toda ação que fere seus sentimentos. Estas relações iniciais na escola se conectam com o objeto nesse estudo, pois as vivências presenciadas por mim nesse processo fazem parte da escolha de seguir adiante e da temática da pesquisa.

Na tentativa de prosseguir com essa narrativa, a partir das vivências nos anos finais do ensino fundamental, compreendo que nesse período a aprendizagem, afetos e laços são importantes não apenas para me constituir como sujeito, como também as relações pessoais contribuíram para a tessitura da identidade. Portanto, afirma Dubar (2005, p. 136): “[...] a identidade nada mais é do que o resultado a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições”.

Os significados constituídos enquanto aluno no espaço escolar foram uma das partes importantes para constituir-me. Entendo também que estas relações afetivas imbricadas por mim nos anos finais do ensino fundamental, apesar dos impasses e conflitos que se refletiram diretamente nas relações com as demais pessoas, tiveram impacto no meu convívio.

Dessa forma, compreendo que na vida do sujeito a exclusão constrói barreiras em sua convivência com o outro, que coexistiram com as minhas vivências no meio social, criando distanciamento de afinidades e afeições com os colegas de sala de aula, construindo muros e afastando dessas relações que são relevantes no processo constitutivo. Estes processos vivenciados ligam-se diretamente ao trabalho pesquisado, tendo em vista que as minhas vivências de exclusão em sala de aula foram pontos de partida para a construção do objeto desse estudo, buscando compreender minimamente a inclusão no espaço escolar, principalmente nas práticas corporais da Educação Física.

Quando me senti excluído da comunidade escolar, entendo hoje, que era o dever da escola combater quaisquer tipos de *bullying* ou preconceito dentro da sala de aula, não somente

para que eu pudesse me sentir seguro e confortável, mas para que todos os alunos inseridos na escola pudessem ter a mesma sensação de conforto e longe de qualquer brincadeira que os ferisse, seja por palavras ou outro tipo de ações semelhantes.

Então, se a escola nada faz para reduzir os comportamentos de alunos que não respeitam as diversidades no seu interior, tampouco essa escola evolui em direção ao avanço no processo de ensino e aprendizagem, na igualdade e equidade. Compreendo que “os desafios vividos não reduzem, portanto, à experiência da sala de aula; são amplos e fazem parte da constituição histórica da realidade objetiva e subjetiva” (Soares *et al.*, 2020, p. 74).

Nesse contexto, as relações vivenciadas e partilhadas com o outro modificaram-me no decorrer do caminho formativo. Desta forma, Espinosa (2008) descreve que a afetividade é como afeições do corpo, cujas potências estão relacionadas ao agir, seja ela aumentada ou enfraquecida, estimulada ou contida, e ao mesmo instante elas podem se tornar momentos de pujança para suas relações.

Os momentos que vivenciei na escola serviram para motivar-me e lidar com as dificuldades da melhor forma possível. Assim, compreendo que estas relações de afetos e laços com os colegas me constituíram com o tempo, e os conflitos acerca do *bullying* (piadas e brincadeiras de mau tom) na escola foram transformadas em motivações para que eu pudesse lidar com essas situações e pensar numa inclusão em sala de aula, o que abordaremos ao longo desta seção.

As mudanças no decorrer do tempo deram-me a oportunidade de enfrentar os desafios impostos a mim. Contudo, sei que o meu desenvolvimento foi determinado por vivências e experiências no ambiente escolar e com as demais pessoas no meio social, assim, fui ressignificando cada uma ao longo da estrada da vida. Para Freire (2011), as nossas historicidades são como base das contradições, as unidades dos opostos e sua negação por ela mesma, ou seja, são aspectos importantes para que possamos considerar em nossa trajetória.

No período do ensino médio, estabeleci vínculos com as outras pessoas que se desenvolveram gradualmente, foram substituídos por laços de amizade e acolhimento pelos os sujeitos na escola, o que determinou novas experiências de aprendizagem, constituídas no meio escolar e social. Entendo então que mesmo com inúmeros desafios existentes no ambiente educacional, as relações afetivas foram de suma importância para que pudesse estabelecer novos elos não apenas com os estudantes, mas com os professores.

Um acontecimento importante que me fez olhar para a Educação Física por uma perspectiva que não imaginava foi sua proposta curricular, em especial as práticas corporais, as

quais foram necessárias para que pudesse ter uma visão de mim mesmo nesse processo de aprendizagem e convívio com o outro, ou seja, a disciplina contribui não apenas com os processos de inclusão, como também proporciona aos alunos ações atitudinais que lhes ensinam, por meios das práticas corporais, valores que refletem sua convivência com os sujeitos em sociedade, implicando diretamente no ensino-aprendizagem.

Ao me aprofundar nessa área de conhecimento, percebi que a Educação Física sempre esteve ligada a mim durante esta jornada em virtude do modo como vivenciei, dentro e fora dos muros escolares, a realização das práticas corporais e como elas foram importantes para as relações com outros. O seu papel no espaço escolar fez-me repensar como a profissão não está conectada somente à aptidão física, proporcionando reflexão sobre o convívio social, as afetações, laços, ser crítico e pensar não apenas em si, mas nos outros também.

Percebo então que as relações afetivas com outras pessoas na escola e na disciplina de Educação Física me acolheram nesse percurso formativo, contribuindo para compreender-me como sujeito e o meu papel no que se refere à representatividade nos muros escolares, e foi no exato momento do entender, que as afetações com outras pessoas foram partilhadas por meio das práticas corporais nas aulas de Educação Física. Visto isso, a EF oportunizou diversas experiências e vivências que contribuíram positivamente na minha formação.

O momento em que vivenciei a Educação Física, em diversas práticas corporais, mesmo com os desafios ainda existentes no que diz respeito ao sentimento de exclusão e às afetações positivas e negativas em minha trajetória, serviram como potências para minha vida pessoal e profissional, contribuindo para que compreendesse as manifestações corporais como potencializadoras e um fator relevante para que conseguisse me constituir como sujeito e tornar docente.

As relações e vivências que trilhei em meu percurso, o experimentar, o viver e o arriscar, compartilhar com outros sujeitos, sejam elas na escola, casa ou até mesmo no meio social, fazem parte da construção da minha identidade como indivíduo. Então, percebo que vindo destes espaços foram constituídos significados na minha formação como ser humano em meio a uma sociedade em evolução.

Dessa forma, a cultura corporal do movimento, como uma prática pedagógica, contribuiu não apenas para meu desenvolvimento físico e bem-estar, como também para minha visão da sociedade, então acredito que precisamos pensar o quanto isso (Educação Física) se torna essencial para a inclusão dos sujeitos que fazem parte da comunidade escolar.

Esse recorte de memórias me fez compreender como a Educação Física Escolar pode possibilitar enxergar o sujeito em diversas camadas. Assim, logo que concluí o ensino médio parei um tempo os estudos, não por falta de interesse ou pelos resultados não esperados (dos vestibulares), mas por entender que meu processo formativo estava apenas começando.

Compreendo com isso que minha trajetória formativa não está apenas atrelada ao ambiente universitário, como também ao convívio em sociedade, onde as vivências nos espaços culturais, sociais e escolares foram fundamentais para o meu processo constitutivo, que estas vivências me levaram a encontros e desencontros comigo mesmo, entendendo minimamente o que pretendia seguir no ensino superior.

Após um período afastado dos estudos, o que foi determinado por mim, compreendi que essa pausa seria necessária para escolher a profissão a seguir. Depois de compreender e escolher o curso de licenciatura em Educação Física para minha formação acadêmica, em 2017, retorno à sala de aula como aluno de graduação. Nesse momento, tem início mais uma jornada do processo formativo, cursando Educação Física no Centro Universitário Vale do Salgado - UNIVS, na cidade de Icó, estado do Ceará.

Com a retomada dos estudos, tive a oportunidade de ver a Educação Física em uma amplitude maior: foi nesse momento que fiquei interessado em estudar mais a fundo as práticas corporais e entender minimamente como ela contribui para a formação dos estudantes, assim como a importância da Educação Física para os sujeitos em seu convívio social, considerando que as práticas corporais da cultura do movimento estão vinculadas aos meios ou grupos sociais nos quais os alunos se inserem.

Por meio das primeiras vivências com atividades escolares, como aluno de graduação, com o componente curricular de Educação Física, pude compreender que esta área de ensino me realizava como professor em formação e futuramente como docente formado. Vivenciar esse processo de desenvolvimento conduziu-me por caminhos de reflexões sobre a importância do meu papel (docente em atuação) na aprendizagem dos estudantes.

Ainda aluno na graduação, nas relações afetivas com os professores de Educação Física foram criados vínculos de afetos de fundamental importância para seguir em frente na vida profissional. As intervenções das práticas pedagógicas durante o curso, nos anos iniciais, passando pelo fundamental, médio e educação especial, foram relevantes para que pudesse pensar numa Educação Física Inclusiva no espaço de atuação no ensino regular.

Com as vivências na escola durante a graduação, percebo que não bastava administrar o conteúdo proposto pelo componente curricular, mas é preciso refleti-las e repensar como suas

práticas podem contribuir para o desenvolvimento. Portanto, devo proporcionar como docente, seja em formação ou atuante, ambientes de aprendizagem e contribuição à construção do sujeito em seu movimento de vida.

Incentivado pelos professores, começo no segundo período da graduação a iniciação científica, pesquisando uma área de conhecimento com a qual pudesse me identificar, iniciando-se o processo de pesquisar e produzir. Foi o processo de buscar trabalhos que me despertou a intenção de estudar sobre a inclusão de alunos na sala de aula, especialmente nas práticas corporais da Educação Física, tema que sempre esteve atrelado às minhas vivências e relações com outras pessoas nos espaços escolares.

Na tentativa de compreender o trabalho docente e sua constituição, inseri-me em projetos de pesquisa, atrelados às minhas necessidades e inquietações nesse período formativo. Compreendo que o docente em formação, iniciante ou veterano, precisa estar em constante evolução de suas práticas pedagógicas, especificamente no que diz respeito ao acesso às atividades escolares para os estudantes. Dessa forma, as mudanças que a educação vêm padecendo em relação ao seu ensino e a inclusão me levaram a considerar que o contexto histórico e significados da educação inclusiva carregam em si desafios e histórias de evolução, encontrando significações em seu processo de constituição.

Estes processos vivenciados me fizeram questionar principalmente a figura do professor em suas práticas pedagógicas, e de que forma sua mediação estava sendo direcionada para que todos os alunos pudessem ser inclusos no plano de ensino. Portanto, é necessário incluir “de modo a conhecer e valorizar as diferenças, sem discriminar os alunos nem agregá-los” (Montoan, 2006, p. 15). Desse modo, surgem inquietações sobre como a inclusão estava sendo ofertada no ambiente escolar.

Ao fim do curso em dezembro de 2020, com a colação de grau em fevereiro de 2021, minha jornada na graduação se encerrava para que pudesse começar um novo começo. Com o decorrer do tempo, com as pesquisas sobre a inclusão, estudos, cursos, eventos etc., compreendo que nossas relações, especificamente as minhas relações afetivas, podem estar diretamente relacionadas ao processo de inclusão no espaço educacional, estando, portanto, a afetividade presente durante esta jornada.

De igual maneira, para Leite (2006), a afetividade sempre esteve presente em todas as fases e momentos do trabalho pedagógico do docente, e não apenas em suas relações com os alunos. A afetividade é um fator de grande contribuição no processo de inclusão no ambiente

escolar, cabendo à escola, ao docente e até mesmo aos familiares desconstruir os muros que fazem a exclusão ainda existente no âmbito educacional.

A educação inclusiva vem ganhando espaços cada vez maiores nos ambientes educacionais, porém ainda encontramos barreiras para superar e ofertar uma educação inclusiva mais ampla e igualitária, daí o meu interesse de pesquisar torna-se mais presente. Aguiar (2006, p. 12) afirma que existe “uma relação na qual indivíduo e sociedade se incluem e se excluem ao mesmo tempo [...] sem se diluírem e sem perderem sua singularidade”.

Inseri-me na sala de aula, agora como docente iniciante em 2022, em uma escola pública da cidade de Icó, estado do Ceará, com a retomada das aulas presenciais após o isolamento social causado pela pandemia da Covid-19, percebi nesse processo a diferença da educação de quando ainda estava na graduação; quando a escola retomou com suas aulas presenciais, os problemas se somaram aos novos.

Ao considerar o processo de constituição subjetiva de cada sujeito, compreendo que na volta às aulas no período delicado que todos nós passamos precisei olhar minha prática pedagógica por um novo prisma de acordo com a nova realidade, que não seria o mesmo de dois anos atrás, considerando o papel docente de suma importância para trabalhar a inclusão. Eu precisava estar em constante ressignificação das minhas atividades escolares, considerando, portanto, que “a existência de obstáculo é a condição principal para se alcançar o objetivo” (Vygotski, 1997, p. 16).

Refletindo sobre a pesquisa, antes de iniciá-la de fato, alguns questionamentos acerca das práticas corporais e sua contribuição no processo de inclusão de estudantes nas aulas de Educação Física pós-pandemia da Covid-19 vieram à tona. As inquietações foram, por exemplo: Quais as significações de docentes de Educação Física sobre o processo de inclusão de estudantes nas práticas corporais? Quais as significações de docentes sobre a inclusão de estudantes pós-pandemia da Covid-19? E de que forma o docente de Educação Física pode contribuir para a inclusão de estudantes dos anos finais do ensino fundamental pós-pandemia da Covid-19? Entretanto, essas aflições tornaram-se presentes para elaborarmos a questão desse estudo.

Por meio dos estudos dos teóricos sobre o tema, compreendi que as etapas vivenciadas em meu processo de construção afetiva com outras pessoas foram pontos de partida para desenvolver esta pesquisa, pois a escolha e a definição do objeto de estudo tiveram início a partir da compreensão da relevância da Educação Física para a inclusão de estudantes,

principalmente no contexto pós-pandemia da Covid-19, advindas também das vivências com outro no campo educacional.

Os estudos de Vigotski, Toassa (2011) apresentam as vivências dos seres humanos como processos de uma dinâmica que envolve a participação do indivíduo no meio em que está inserido, isto é, remetem a uma análise mais aprofundada das vivências humanas, atribuindo-se sentidos a elas.

Vigotski (2013, p. 33) afirma que “no processo de desenvolvimento histórico, o homem social modifica os modos e procedimentos de seu comportamento, transforma suas inclinações e funções naturais, elabora e cria novas formas de comportamento especificamente culturais” e que as relações e vínculos revelam uma dinâmica que forma o suporte de todo fenômeno (Vigotski, 2013).

Desta forma, minhas vivências no interior da escola e fora dela me guiaram para a educação inclusiva, não pelo fato de presenciar a exclusão, mas pelas motivações para superar estes obstáculos durante esse processo formativo, esse percurso foi me guiando para a Educação Física e para a inclusão na escola, pois as vivências com o outro me afetaram positivamente nas ações das práticas corporais e na atividade docente, principalmente no momento em que essas relações se tornaram significativas para a construção da educação como um todo.

Pensando nisso, o retorno das aulas presenciais logo após o isolamento social, causado pela Pandemia da Covid-19, mesmo com uma bagagem acerca das práticas inclusivas, afetou negativamente minha percepção sobre o alcance de uma educação inclusiva que esteja próximo do termo “a escola é para todos”. Essa percepção deriva do modo como a escola na volta às aulas teve uma evasão maior de alunos e enfrenta dificuldade em ofertar o ensino e também despertar o interesse dos estudantes, o que causou impacto no processo de inclusão e nas relações afetivas entre os sujeitos.

Esse fato me inquietou como professor da área, tornando-se um forte motivador para que pudesse perceber a nova realidade que a educação vem vivenciando, de modo que conhecê-la mais de perto para apreender as significações de docentes de Educação Física sobre a inclusão de estudantes nas práticas corporais pós-pandemia da Covid-19 se tornou um dos meus objetivos para desenvolver essa pesquisa.

No ano de 2022, iniciei as vivências nos anos finais do ensino fundamental, que foi de suma importância para reafirmar as inquietações postas por mim sobre como o processo de inclusão sendo ofertado pós-pandemia da Covid-19, provocando-me uma necessidade de pesquisar mais a fundo não apenas o processo de inclusão, como também as significações

de docentes de Educação Física sobre a inclusão de estudantes nas práticas corporais pós-pandemia da Covid-19. Portanto, o processo de inclusão retrocedeu quando pensamos o quanto a pandemia da Covid-19 trouxe mais conflitos para a educação: os docentes tiveram que reinventar (fazer e refazer) sua prática pedagógica para o novo contexto vivido.

Diante de tais vivências, não seria mais possível seguir sendo o mesmo professor de quando me inseri pela primeira vez na sala de aula: mesmo sendo professor iniciante, os sentidos e significados constituídos por mim até este momento despertaram novos olhares sobre ser professor e mediador das práticas inclusivas nas aulas de práticas corporais ofertadas por mim no espaço de atuação. Por isso, comecei a ter uma nova perspectiva sobre os processos pedagógicos acerca da inclusão e olhar mais detalhadamente a diversidade dentro do espaço de ensino: todos os estudantes precisam ser acolhidos e respeitados, independentemente da sua condição.

Desta forma, surgiu uma totalidade, com um novo prisma, tendo um olhar mais sensível, afetuoso e cuidadoso para compreender minimamente os processos da inclusão de estudantes na nova realidade que a educação está vivenciando; antes não percebíamos porque fechávamos os olhos aos problemas existentes, mas com o isolamento e o retorno das aulas os desafios ficaram à mostra, por isso compreendo então que cada uma dessas pessoas (no meio escolar) representa uma constituição social, familiar e individual determinada por uma vivência de sua realidade.

Deste modo, as mediações têm como propriedade as relações que me constituem como sujeito, ou seja, a relação com o outro de acordo com a realidade. Os elementos básicos, como o instrumento que almeja como função as ações sobre o objeto e o signo, que revela as ações em movimentos a partir do psiquismo do indivíduo, usando o objeto, figuras, fenômenos e gestos ou sons (Vigotski, 2002). Para Smolka (1991), a mediação funciona como uma experiência verbal do sujeito que surge e se configura no momento de interação da comunicação dos outros em um processo de incorporação da palavra.

Posto isto, quando meu orientador de graduação e uma amiga me incentivaram a participar do processo seletivo para alunos regulares no Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, confesso que inicialmente resisti, em virtude do caminho longo que precisaria percorrer para chegar até a cidade onde o programa funciona.

Assim, no ano de 2022, atrevi-me a buscar uma oportunidade de ingressar no programa e desenvolver outras compreensões de conhecimento no mestrado, resultando na minha

aprovação no processo seletivo e ingressando como mestrando da turma de 2023.1 no POSEDUC, com a seguinte proposta de pesquisa: A inclusão de estudantes nas práticas corporais da Educação Física Escolar pós-pandemia da Covid-19: significações de docentes dos anos finais do ensino fundamental de Icó-Ce.

O primeiro contato com a Psicologia Sócio-Histórica veio ainda na graduação por meio da análise dos Núcleos de Significação, e com a entrada no mestrado passei a conhecer mais sobre o método de pesquisa por meio dos debates com a professora doutora Antônia Batista Marques, minha orientadora, e com o professor doutor Júlio Ribeiro Soares, na disciplina de Psicologia Sócio-Histórica e Educação, ofertado na grade curricular do programa.

As discussões nessa disciplina fizeram-me perceber o sujeito como protagonista de sua história, pois os processos constituídos por ele em seu percurso histórico são imbricados em seu convívio social e cultural com as demais pessoas. Por isso, os debates sobre a PSH e os NS me proporcionaram diversas reflexões sobre a minha constituição nesse processo formativo e a reflexão sobre os sujeitos da minha pesquisa.

Efetuada primorosamente o meu desenvolvimento docente, o quanto tem direcionado aos poucos a compreensão do constituir-me sujeito e a forma como as minhas ações modifica, mesmo que indiretamente, o desenvolvimento do outro, despertam cada vez mais meu interesse sobre a área de conhecimento e o desejo de continuar, mesmo com inúmeros desafios cotidianos.

Entender os desafios do cotidiano, ao ler a frase escrita por Vigotski “A aparência não é real, o real, é a essência” me levou a um pensamento e à ideia de que a nossa essência não modifica, mesmo nos constituindo a cada instante no desenvolvimento da vida humana. Então, o processo formativo, mesmo com diversas vivências, na escola ou no meio social, não muda a essência, mas determina as ações. Assim, podemos dizer que a natureza oferece ao sujeito não apenas viver em sociedade, como também o aprendizado em seu percurso histórico de forma coletiva (Leontiev, 1978).

Tendo em vista que as determinações da realidade nos permitem aprender em nosso caminho constitutivo, por meio da coletividade e da essência de cada sujeito, compreendo que ao longo do tempo o processo de conhecimento vai se constituindo e reforçando cada vez mais o impacto sobre a área de informação para a pesquisa. E afirmo que estas discussões ainda são inacabadas, pois teremos uma longa caminhada a seguir acerca do objeto deste estudo; a cada leitura e compreensão, teremos novos significados no constituir desse processo de construção e formação.

Desse modo, trataremos a Educação Física no contexto pós-pandemia da Covid-19, especificamente no retorno das aulas presenciais das instituições de ensino básico, evidenciando as dificuldades que os professores enfrentam nos espaços escolares e o que pensamos sobre os processos de inclusão de estudantes nas aulas de práticas corporais da Educação Física pós-pandemia da Covid-19.

De tal modo, acreditamos que as dificuldades, embora sejam existentes nas instituições públicas de ensino, tornam-se de alguma forma potencializadoras para contribuir na (re)construção de uma prática inclusiva mais sólida nas práticas corporais de Educação Física. Diante disso, pensar nos obstáculos do cotidiano do professor de Educação Física em seu processo de inclusão de estudantes pós-pandemia da Covid-19, se faz necessário para encontrarmos os problemas no âmbito escolar.

Para isso, decidimos realizar o mapeamento de pesquisa, com o recorte temporal de 2021 a 2023, nas plataformas digitais, Capes e SciELO, tendo os descritores e os operadores de busca. Levando em consideração que a pandemia da Covid-19 e o retorno das aulas presenciais logo após o isolamento social são recentes, o recorte temporal<sup>4</sup> correspondente se faz necessário para delimitarmos o objeto de nossa pesquisa.

Os descritores utilizados foram divididos em duas buscas, a primeira; “inclusão”, “Educação Física”, “práticas corporais” e “pandemia da covid-19, na segunda busca, usamos “Trabalho Docente”, “inclusão”, “Pandemia da Covid-19”, “Psicologia Sócio-Histórica”. Na segunda busca, o objetivo foi encontrar trabalhos relacionados a PSH. O operador de busca utilizado na base da Capes foi +, e na Scielo utilizamos o operador AND. O mapeamento desta pesquisa ocorreu em três etapas: **1-** pré-análise; **2-** preparo e organização do material de teses, dissertações e artigos; **3-** tratamento dos dados – interpretações e induções.

A etapa da busca por trabalhos possibilitou ao mapeamento da pesquisa uma visão mais ampliada da totalidade dos estudos relacionados ao nosso objeto de pesquisa. Deste modo, discorreremos sobre alguns pontos acerca das pesquisas definidas e analisadas de acordo com os critérios estabelecidos, sendo cada trabalho analisado de acordo com cada etapa estabelecida para melhor análise.

De igual forma, a discussão dos trabalhos escolhidos inclui artigos, teses e dissertações que abordam a Educação Física Escolar em tempos de pandemia da Covid-19, ponderando sobre os desafios e obstáculos que os docentes enfrentam no processo de inclusão de estudantes

---

<sup>4</sup> O recorte temporal por publicações recentes deveu-se ao fato de que não existem trabalhos publicados em 2020 e anos anteriores referentes ao objeto deste estudo.

em sala de aula e sobre a educação inclusiva em tempos de pandemia, numa perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica, base metodológica deste estudo.

Para organização em sua análise, utilizamos alguns critérios de inclusão e exclusão para discutirmos os trabalhos de acordo com a sua natureza. Sendo assim, foram inclusos trabalhos com as seguintes características: 1 – estudos publicados entre 2021 e 2023; 2 – trabalhos que abordam a inclusão nos espaços escolares; 3 – trabalhos sobre a Educação Física e as práticas corporais; e 4 – trabalhos que estejam direcionados à inclusão após ou durante a pandemia da Covid-19.

Obtivemos também alguns critérios para análise dos artigos e teses/dissertações, como título; objetivo e considerações finais. Organizamos para informação dos trabalhos apresentados um quadro e, em seguida, realizamos uma síntese dos trabalhos analisados para discutir, estabelecendo as relações entre as informações e a pesquisa, de modo a determinar aproximações e distanciamentos.

Percorrendo os artigos selecionados nos periódicos da Capes, encontramos dez trabalhos; após uma leitura, escolhemos dois artigos que se aproximam do objeto de estudo, ao passo que na base do banco de dados de Teses e Dissertações da Capes foram encontrados 140 trabalhos publicados de teses e dissertações. Após o refinamento para grande área, respeitando o recorte temporal, o número de estudos diminuiu para 64 trabalhos, com um total de cinco trabalhos a serem analisados, sendo eles duas teses e três dissertações, escolhidas em virtude da proximidade do objeto desse estudo. Apresentamos a seguir a síntese de trabalhos contendo ano, autor(es) e título no quadro 1. O quadro com a síntese completa dos trabalhos está disponível no apêndice A.

Quadro 1: Síntese de trabalhos selecionados no banco de dados e periódicos da Capes.

<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Ano/Tipo de pesquisa</b>
Machado; Fonseca	Docência em Educação Física Inclusiva: esgotamentos vividos no contexto do ensino remoto brasileiro	2021/artigo
Moises; Lopes	Organização do Trabalho Didático da educação física em tempos de pandemia: alternativas inclusivas ante o isolamento social do estudante com deficiência	2022/artigo

Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir de busca do banco de dados e periódico da Capes (2024).

Quadro 1: Síntese de trabalhos selecionados no banco de dados e periódicos da Capes.

(continua)

Erika Galvão Figuerêdo	Prática educativa de Educação Física no Instituto Federal do Piauí: ensino remoto no contexto da pandemia de covid-19	2021/tese
Marcos Eduardo dos Santos	A dimensão subjetiva da educação na perspectiva inclusiva: significações de professores diante dos processos de inclusão escolar	2022/tese
Maria Paula Cintra Naves	O corpo por detrás da tela: o ensino remoto na educação física do ensino médio	2021/Dissertação
Silvana Telma de Lima Fritoli	Ensino inclusivo em tempos de isolamento social devido à covid-19: um olhar nos desafios da docência	2022/Dissertação
Maria Quitéria da Silva	Dimensão Subjetiva da realidade educacional dos universitários com deficiência visual em tempos de pandemia da COVID-19	2022/Dissertação

Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir de busca do banco de dados e periódico da Capes (2024).

Depois de realizar as leituras dos trabalhos, percebemos que os artigos de Machado; Fonseca (2021) e Moises; Lopes (2022) abordam a inclusão durante o ensino remoto, tendo em vista práticas referentes à Educação Física Escolar em sua dimensão pretendida no isolamento social. Além de debaterem a inclusão escolar no período da pandemia da Covid-19, os trabalhos debatem os desafios e dificuldades que os docentes encontram nos espaços escolares, dificultando o acesso e impondo barreiras para a inclusão.

Figuerêdo (2021) discute e reflete o desejo de problematizar novas maneiras de fazer a Educação Física no Instituto Federal do Piauí – IFPI. Para autora, há necessidade de averiguar e trazer os estudantes para o centro do cenário educacional. O trabalho de Naves (2021) debate a inclusão nas mídias digitais, considerando que a Educação Física está vinculada aos movimentos que não se concentram apenas nas Unidades Temáticas da BNCC e muito menos nos objetos do conhecimento do currículo de São Paulo, devendo a corporeidade ser inevitavelmente focada no trabalho em sala de aula para superar a transformação de conteúdo.

O trabalho de Fritoli (2022) discute o excesso de trabalho que os professores tiveram no início do ensino remoto, acarretando alguns transtornos físicos e emocionais, que levaram os docentes a um maior consumo de medicamentos neste período. Essa realidade nos deu a possibilidade de compreender os principais desafios enfrentados nesse processo e como afetaram diretamente a saúde do docente e sua prática.

Após uma leitura, percebemos que os trabalhos de Silva (2022) e Santos (2022) estão apoiados no método da Psicologia Sócio-Histórica. Os estudos não abordam a Educação Física, mas a educação como um todo, explicando a dimensão subjetiva da realidade educacional vivenciada durante o processo de um novo formato de ensino e levantando questões enfrentadas para a inclusão, entendendo-se que tais ações só serão possíveis em um contexto de ressignificação de sua totalidade institucional, apropriação das contradições e possibilidades de superação.

Na base de dados da SciELO, obteve-se somente 41 trabalhos, porém, devido a uma leitura flutuante sobre estes trabalhos, apenas dois trabalhos foram contemplados para análise. A seguir apresentamos no quadro 2 uma demonstração da síntese sobre os artigos selecionados.

Quadro 2: Síntese de trabalhos selecionadas na SciELO.

Autor	Titulo	Ano/Tipo de pesquisa
Ferreira; Patton; Parker	Do isolamento à colaboração: desenvolvimento de uma comunidade de professores de educação física em tempos de pandemia	2022/artigo
Esper <i>et al.</i>	Atuação do Professor de Educação Especial no Cenário da Pandemia de Covid-19	2022/artigo

Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir de busca na SciELO (2024).

Os estudos de Ferreira; Patton; Parker (2022) e Esper *et al.* (2022) discutem a Educação Física durante a pandemia da Covid-19, considerando o ensino remoto um desafio, tendo os docentes enfrentado dificuldades para que a aprendizagem chegasse aos estudantes por meio das tecnologias, tendo a escola como um local para o exercício de pensar algumas preocupações na medida em que podem existir diversas situações de exclusão.

Levamos em consideração que este levantamento bibliográfico por meio do mapeamento de pesquisas, nas bases de dados e periódicos, nos deu a possibilidade de perceber as potencialidades e fragilidades de nossa pesquisa, que, além de ser relevante para a educação e principalmente para a educação na perspectiva de Educação Física inclusiva, possibilitou olhar para além deste estudo, dando um norte para desvelarmos a importância para a comunidade escolar.

Diante disto, proporcionou um olhar para uma direção no sentido de termos novos horizontes sobre a inclusão de estudantes nas práticas corporais da Educação Física Escolar

pós-pandemia da Covid-19. Também é possível observar o quanto a EF pode estar atrelada à PSH, não apenas do corpo em movimento, mas por meios das vivências corporais do sujeito.

Consideramos, partindo do ponto de vista do mapeamento realizado por meio das possibilidades desta pesquisa, que foi de suma importância reconhecer as dimensões e grandeza dos trabalhos publicados, que servem como aporte teórico para este estudo. Compreendemos ainda que há muita água a navegar para que esse trabalho possa alcançar seu objetivo, pois o sujeito está em movimento e a cada instante surgem novos trabalhos para nos direcionar a novas perspectivas sobre as questões expostas.

Vale lembrar que até o presente momento este estudo é inédito, pois não foi encontrada nenhuma pesquisa publicada sobre a temática, que possibilite olhar a inclusão de estudantes nas práticas corporais da Educação Física na perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica, trazendo reflexões sobre a prática docente e seu processo de inclusão na escola. Espera-se que este mapeamento possibilite uma visão mais ampla sobre o estudo, servindo como fonte motivadora para mais estudos relacionados à temática.

As considerações apresentadas neste trabalho mostram não apenas minha trajetória, como também a visão de outros pesquisadores sobre o tema apresentado, os quais vivenciaram os mesmos processos de forma peculiar; as referidas conclusões demonstram a importância pessoal, social e acadêmica.

Pessoal porque vem do interesse de entender minimamente as questões levantadas e pelas vivências e experiências durante a trajetória de vida, pois parte do momento de compreender meu processo formativo e as relações afetivas com outras pessoas, modo de pensar, agir e sentir minha constituição como pesquisador, propondo me aproximar do real.

Dessa forma, reitero que os novos conhecimentos e fazeres, na docência ou em outros ambientes que nos formam e nos afetam, mesmo com desafios durante esse percurso, geram significações positivas. No campo Social porque é importante trazeremos o tema para discussão em sociedade, pois a partir das reflexões sobre o estudo podemos acolher os sujeitos não apenas nos espaços escolares, como também fora de seus muros.

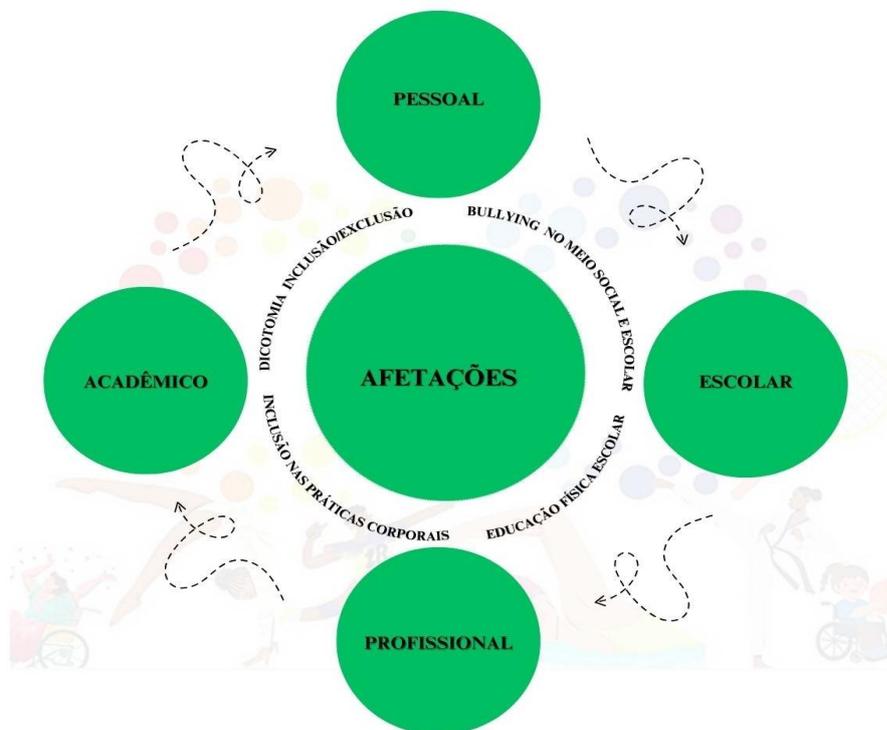
Acadêmica porque é necessário olharmos e pensarmos sobre os estudos e, por meio delas, trazer novas pesquisas e perspectivas para que avancemos no campo da educação, em especial da Educação Física inclusiva. Deste modo, o estudo em questão possui consonância com a linha de pesquisa “Formação Humana, Docência e Currículo” do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

De igual maneira, as significações constituídas dos docentes, por meio destas relações contendo significados no processo de inclusão nas aulas de EF, contribuem para os sujeitos (estudantes) compreenderem a si mesmos. Vale ressaltar que a Educação Física, em sua perspectiva dos movimentos corporais, está ligada não somente às questões biológicas, como também ao seu contexto histórico, social e aos meios de convivência com o outro, na qual se constitui o sujeito por meio do corpo em movimento.

As significações dos docentes de Educação Física sobre a inclusão de estudantes nas práticas corporais pós-pandemia da Covid-19 nos levam a tentar apreender minimamente seus sentidos e significados em sala de aula. Portanto, é necessário pensarmos uma (re)construção da Educação Física Inclusiva e da educação como um todo para o novo cenário educacional no retorno das aulas presenciais.

A seguir, apresentamos resumidamente na Figura 1 uma representação das interrelações das afetações constitutivas na definição do objeto de estudo. Dessa forma, narro que todas as relações de afetações com outras pessoas no caminhar se constituíram por meio das vivências. Assim, ver a historicidade é olhar para o processo de mudanças ao longo do tempo (Vigotski, 2007).

Figura 1: Síntese de afetações constitutivas da definição do objeto de estudo.



Fonte: Elaborada pelo pesquisador através do canva (2024).

A Figura 1 contém quatro elementos que fizeram e fazem parte do meu processo constitutivo pessoal e profissional: 1 – pessoal porque as relações vivenciadas no percurso formativo dentro e fora dos muros escolares levaram-me à escolha do objeto de estudo; 2 – escolar porque as ações determinadas nos espaços de ensino, a exclusão e inclusão me constituíram nesse caminho; 3 – profissional quando decido trabalhar a inclusão dentro das práticas corporais; 4 – acadêmico na medida em que busco novas compreensões e discussões sobre o tema para avançamos na inclusão nas salas de aulas no retorno das aulas presenciais.

A realidade vivenciada nessa caminhada formativa foi o ponto central para a realização desta pesquisa, tendo como **objeto** “As significações de docentes de Educação Física sobre o processo de inclusão de estudantes nas práticas corporais pós-pandemia da Covid-19”. Portanto, deliberamos o seguinte questionamento para a **questão do estudo**: Quais as significações de docentes sobre a inclusão de estudantes nas práticas corporais da Educação Física Escolar pós-pandemia da Covid-19? Para responder tal pergunta, definimos o **objetivo geral** de apreender as significações de docentes sobre a inclusão de estudantes de uma escola dos anos finais do ensino fundamental nas práticas corporais da Educação Física escolar pós-pandemia da Covid-19. Os **objetivos específicos** são: **1** – Identificar como os docentes significam as práticas corporais da Educação Física Escolar; **2** – Refletir sobre as significações dos docentes acerca da inclusão de estudantes nas práticas corporais pós pandemia da Covid-19; **3** - Contribuir para o processo de inclusão nas práticas corporais da Educação Física Escolar.

Assim, este estudo é ancorado no aporte teórico-metodológico da Psicologia Sócio-Histórica, desenvolvida por Lev Semionovtch Vigitski, em colaboração com Alexander Romanovich Luria e Alexei Leontiev, que, por vez, têm raízes e fundamentam-se no Materialismo Histórico-Dialético. Especificamente sobre a Educação Física, foi de grande valia o coletivo de autores, escolhidos graças ao modo como dialogam com o MHD.

Para Vigotski (2005), a aprendizagem humana não deve ser limitada a compreender sua configuração individualizada ou até mesmo independente, que influencia os sujeitos em suas comunidades sociais. Dessa forma, utilizaremos para essa pesquisa as categorias de análise para elucidar o objeto desse estudo: Historicidade; Totalidade; Sentidos e Significados; Atividade; Mediação e vivência.

Como procedimentos, foi utilizado a entrevista reflexiva, oficina pedagógica, a elaboração de sequências didáticas visando à inclusão de estudantes nas práticas corporais da Educação Física Escolar e, para análise e interpretação das informações, adotamos a proposta

dos Núcleos de Significação (Aguiar; Ozella, 2006; Aguiar; Soares; Machado, 2015; Aguiar; Aranha; Soares, 2021).

A produção desse estudo encontra-se organizada em sete seções, a escolha por essa estética dá-se para organizar o texto em cada seção, pois expressa emoções que fazem parte da minha trajetória de vida e condiz com a abordagem teórico-metodológica desta pesquisa. Para iniciar as seções, apresento, em cada página inicial de seção, além da imagem, em forma de epígrafe, uma prosa elaborada por mim, relacionada ao conteúdo do texto e ao meu contexto histórico.

Na primeira seção, intitulado “O eu, protagonista da minha história: caminhos e encontros com o objeto do estudo”, estão destacadas as afetações e relações constitutivas na construção do objeto de estudo. Compartilhamos reflexões por meio de relatos sobre a historicidade e, em seguida, é realizada apresentação do mapeamento de pesquisa, trabalhos que se aproximam do nosso objeto de estudo, além de apresentarmos nosso objeto, questão do estudo e objetivos.

Na segunda seção, intitulada “A Educação Física Escolar e o processo de inclusão em tempos de pandemia: O tempo mundo a todo tempo”, discutimos o contexto histórico da Educação Física e suas relações com o espaço escolar. Apresentamos os marcos importantes da EF destacando os momentos importantes sobre as tendências pedagógicas, como o movimento da saúde e do esporte, as abordagens pedagógicas, PCNs; sobre a BNCC, colocamos alguns pontos em questão sobre sua proposta e a inclusão nas práticas corporais nas aulas de Educação Física durante a pandemia da Covid-19.

Na terceira seção, chamada “A Psicologia Sócio-Histórica: a vida em um só movimento”, discutimos as bases teórico-metodológicas do método para a pesquisa. Apresentamos os caminhos que nos levaram a escolher e entender o método, a origem da Psicologia Sócio-Histórica, que se origina e fundamenta no Materialismo Histórico-Dialético, a concepção do homem e as categorias definidas *a priori* para a pesquisa.

Na quarta seção, “Percurso metodológico da pesquisa”, apresentamos a cidade de Icó como centro desse estudo, assim como os caminhos teórico-metodológicos. São apresentadas as etapas da pesquisa, o campo de pesquisa, os docentes participantes, a produção de informações, a proposta das oficinas pedagógicas, bem como os Núcleos de Significação como procedimento de análise e interpretação.

A quinta seção, denominada “O movimento interpretativo dos Núcleos de Significação: Somos histórias de um passado não tão distante”, apresentamos o movimento analítico

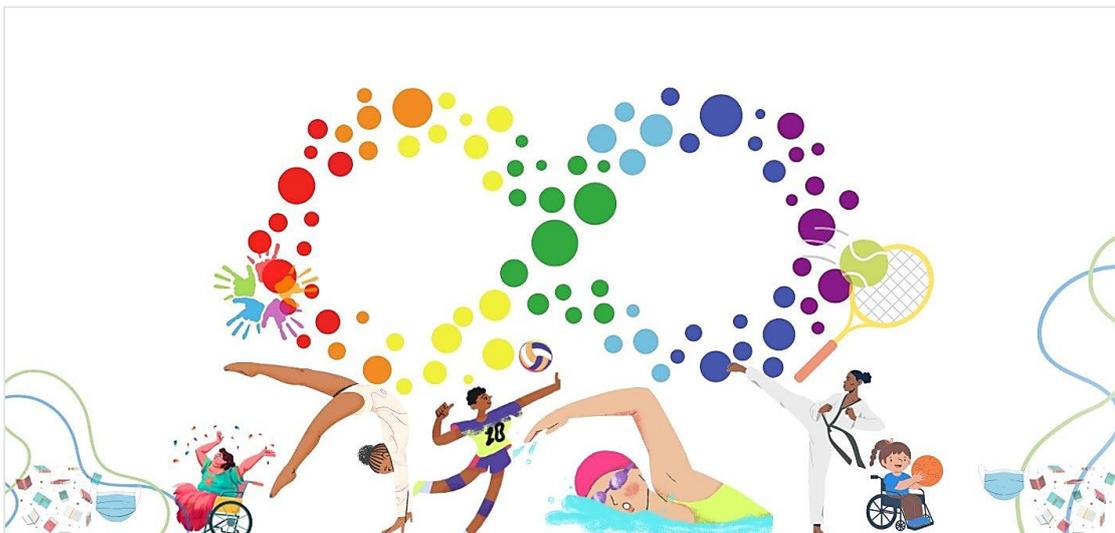
interpretativo dos Núcleos de Significação, contendo discussões das significações dos docentes participantes desta pesquisa.

Na sexta seção, “Oficinas pedagógicas: Uma intervenção necessária”, apresentamos as etapas das oficinas realizadas em nossa pesquisa, contendo as narrativas dos docentes participantes dessa pesquisa no processo de elaboração da sequência didática realizada nas etapas das oficinas pedagógicas.

Na sétima seção, “Reflexões finais: O fim é início de tudo! Encerrando ciclos para iniciar outros”, apresentamos a reflexão sobre os achados da pesquisa, caminhando pelos nossos processos constitutivos e dos participantes dessa pesquisa. Também são apresentadas as proposições de estudos e possíveis intervenções para a realidade escolar.

## O TEMPO MUDA A TODO TEMPO

*O tempo mundo a todo tempo  
Muda com as estações, os minutos  
Até mesmo as horas e dias  
O tempo muda a toda hora  
Nada é igual, o passado foi ontem  
O presente é hoje e o futuro nos pertence  
O tempo está mudando. e com ele nos  
modificando, é na estrada da vida  
Que navegamos como ondas no mar  
Flutuamos como o ar, e em casa em casa  
Até achar o nosso lar  
O tempo sempre muda, não há como negar,  
As histórias ficam para nos ensinar  
Que é sempre bom olhar para o passado  
e avançar para o futuro  
O tempo é o hoje e cabe a nós se adaptar.  
(Oliveira, 2024).*



Fonte: Imagem elaborado pelo pesquisador a partir do canva (2024)

## **SEÇÃO II - A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E O PROCESSO DE INCLUSÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: O TEMPO MUNDO A TODO TEMPO**

Embarcar no movimento do tempo nos leva a entender minimamente o passado, o presente e pensar no futuro. A epígrafe da autoria do pesquisador inicia esta seção e se conecta à Educação Física Escolar, pois as suas *“histórias ficam para nos ensinar que é sempre bom olhar para o passado e avançar para o futuro, o tempo é o hoje e cabe a nós se adaptar”*. Dessa forma, nos leva a pensar na inclusão de estudantes no espaço de ensino regular pós-pandemia da Covid-19.

Esta seção busca navegar pelo movimento histórico da Educação Física Escolar no sentido de compreender minimamente seu processo, passando pelas tendências e abordagens pedagógicas, as práticas corporais no espaço escolar e a inclusão de estudantes nas aulas de Educação Física durante a pandemia da Covid-19.

### **2.1 Educação Física Escolar no movimento histórico**

A Educação Física escolar foi oficializada no Brasil em 1851, na reforma de Couto Ferraz. A disciplina passou por diversas mudanças em seu componente curricular como: as tendências e abordagens pedagógicas que foram um marco para a Educação Física e sua relevância para comunidade escolar, seja ela para o bem-estar físico, mental ou social. Discutiremos previamente os momentos das tendências, abordagens pedagógicas e documentos que fizeram e fazem parte da Educação Física como marco de fundamental importância para a área escolar.

Vale situar que apesar dos documentos a serem discutidos não trazerem ou evidenciem a inclusão nas práticas corporais da Educação Física Escolar, partindo deles podemos caminhar para refletir e discutir o quanto ainda precisa ser pensando para que as atividades sejam realizadas na escola, que está além de aperfeiçoar tais habilidades nos alunos, devendo garantir acima de tudo o direito e a oportunidade de uma educação para todos.

Dessa forma, iniciamos com o surgimento das tendências pedagógicas da Educação Física Escolar. Destacaremos dois movimentos: o movimento da saúde e do esporte, que fazem parte do contexto histórico da EFE pelo modo como foi se construindo e evidenciando uma perspectiva excludente. E o movimento popular, que, por sua vez, traz reflexões sobre a participação e colaboração de todos em sala de aula.

Assim, a primeira tendência da Educação Física que se refere ao movimento da saúde, foi denominada de fase higienista, entre o fim do século XIX até o ano de 1930. Esta tendência trouxe como foco a realização de exercícios para melhorar a saúde dos sujeitos, buscando também uma concepção do homem que seja sadio e forte (Vasconcelos, 2019).

A tendência higienista valorizava os hábitos de saúde, higiene e desenvolvimento físico, tendo sua concepção predominante na Educação Física numa perspectiva higienista, chamada assim por vários autores (Darido; Rangel, 2017). A tendência tinha como característica a ginástica calistênica, sendo assim, seus professores da área médica.

Surge no período de Vargas em 1930 a 1945 a tendência militarista, que ganha força e tinha como objetivo formar soldados fortes e saudáveis para defender a pátria, destacando a “Educação Física e a Educação Moral e Cívica como elos de uma mesma corrente, articuladas no sentido de darem à prática educacional a conotação almejada e dita pelos responsáveis pela definição da política de governo” (Castellani Filho, 2003, p. 84).

A ideia da Educação Física militarista transcorre por afirmativas segundo as quais as aulas nos espaços escolares eram realizadas por instrutores do Exército, com método militarista de disciplina e hierarquia (Soares *et al.*, 1992). Vale ressaltar que pensar nas práticas da Educação Física na época é, de certa forma, relativizar sua construção de identidade e trazê-la possíveis reflexões sobre seu teórico-prático na sociedade moderna.

Outro marco histórico, as tendências pedagógicas em Educação Física tiveram uma perspectiva esportivista, esta, se refere ao movimento do esporte, sendo denominadas tradicional, tecnicista, competitivista e mecanicista, as quais constituíam uma visão preponderante da Educação Física nas décadas de 1970, 1980 e 1990 (Darido; Rangel, 2017). Betti (1991) observa que no Brasil ocorreu a ascensão do esporte de 1969 a 1979, devido à inclusão do binômio Educação Física/esporte na planificação de estratégia do governo. Dessa forma, o esporte de alto nível esteve presente no interior da sociedade desde os anos de 1920 a 1930.

Assim, vale destacar também a tendência pedagogicista, que buscava alinhar os diálogos pedagógicos, levantando assuntos para educar de forma integral e não apenas no exercício. Ghiraldelli (1994, apud Chagas e Garcia, 2012) afirma que a Educação Física Pedagogicista sofreu influências da Pedagogia nova e da Fenomenologia, foi um dos grandes movimentos, tornando o primeiro da área que buscou a valorização da Educação Física, mesmo sendo sustentado pelo pensamento liberal burguês.

Além disso, a tendência pedagogicista era denominada pelo biopsicossocial, inspirado no discurso liberal da escola nova, buscando concretizar um caráter educacional para a

Educação Física (Ferreira; Sampaio, 2013). Assim, surgiu a tendência esportivista por meio do movimento pedagógico entre 1964 a 1985, quando a Educação Física se torna importante para os temas da saúde e físico, já que era necessário atender aos futuros atletas, a fisiologia e os treinamentos esportivos para atingir eficazmente o desenvolvimento dos praticantes (Ferreira, 2009).

Desse modo, a Educação Física Escolar teve estes momentos importantes que precisam ser levados em consideração, apesar de surgirem novas tendências ao longo dos anos, algumas delas traziam características de exclusão: o movimento da saúde com o higienismo e militarismo, trazendo o início das tendências pedagógicas com o foco em conscientizar os sujeitos a terem hábitos saudáveis; o movimento do esporte, não visa à participação de todos os alunos nas aulas de EF, trazendo aspectos de exclusão porque quem participava eram os estudantes mais habilidosos e com porte físico para realizar tais atividades.

Com o foco no esporte e na valorização de alunos habilidosos, para que este quadro mudasse, surge a tendência popular em 1985, onde a Educação Física era dominada pelos anseios operários de ascensão na sociedade. Conceitos como inclusão, participação, efetivação, cooperação, lazer e qualidade de vida passaram a ter vigor nas discussões da disciplina. Depois de um longo período, alunos passam a fazer parte do processo de ensino, sendo ouvidos (Ferreira, 2009).

Entretanto, é de suma relevância recordar que as tendências pedagógicas em Educação Física a constituíram para que possamos pensar numa prática mais sólida, que não seja vista apenas sob a ótica de questões físicas do corpo humano, mas como parte constitutiva de um processo imbricado pelo movimento e que por meio delas (tendências) foram pensadas novas formas de contribuir para a Educação Física Escolar.

Mesmo com avanços e mudanças na Educação Física Escolar, é preciso trazer as tendências como ponto de partida para discutirmos tal objeto de estudo, pois, com seu viés histórico, nos possibilita compreender mais a EFE, principalmente quando o componente curricular em seu início tinha características de exclusão em sua proposta pedagógica.

No contexto atual, nota-se que a Educação Física visa, em sua prática no campo escolar, à inclusão nas práticas corporais, contudo é importante destacar os movimentos que fizeram história para a EFE e, por meio deles, discutir a inclusão de estudantes para que avancemos a uma práxis para todos. A seguir, apresentamos na figura 2 o movimento da Educação Física.

Figura 2: Principais movimentos da Educação Física



Fonte: Elaborada pelo pesquisador a partir do movimento das tendências pedagógicas (2024).

A década de 1980 foi marcada pela influência da pedagogia sobre a possibilidade de contribuição da Educação Física para a transformação radical de uma sociedade capitalista. Dito isso, foi constituindo-se aos poucos e foi chamada de revolucionária, mas também designada pela crítica progressista (Bracht, 1999). O autor ainda descreve as propostas pedagógicas para a Educação Física:

Apresenta-se hoje bastante mais diversificado. Embora a prática pedagógica ainda resista a mudanças, ou seja, a prática acontece ainda balizada pelo paradigma da aptidão física e esportiva, várias propostas pedagógicas foram gestadas nas últimas duas décadas e se colocam hoje como alternativas (Bracht, 1999, p. 78).

Cabe colocar em pauta a narrativa da Educação Física em suas atividades escolares como pontos importantes, que de certo modo intervêm nos corpos dos sujeitos que vivenciam as práticas dentro e fora da escola. No século XIX, esta práxis teve amparo em novas descobertas nas áreas da Pedagogia, Fisiologia e Anatomia. A Educação Física Escolar, por sua vez, precisa ser entendida dentro do contexto da modernidade ou, melhor dizendo, como “filha” da modernidade (Bracht, 2014).

Com o passar do tempo e com os avanços na educação e na Educação Física, surgem diversas abordagens para que a EFE possa atingir novos objetivos relativos à formação dos sujeitos inseridos na escola, partindo do ponto de vista de ir além de desenvolver as habilidades motoras dos estudantes ou quaisquer outros que envolvem aptidão física. É importante destacar a didática da Educação Física, a qual se difere das demais disciplinas, na medida em que se considera a educação informal e formal.

Para Bracht (1999), a Educação Física tem como proposta curricular dois tipos de educação: a educação informal, que parte da aprendizagem do sujeito em seu meio social, e a

educação formal, que vem dentro da escola. Ambas estão conectadas pois uma não se difere da outra, visto que a EF contribui para a formação integral dos alunos, promovendo consciência não apenas do seu corpo, como também aprendizado sobre convívio e socialização com outras pessoas. Isto é, as aulas de Educação Física precisam levar em consideração não apenas a aprendizagem no espaço educacional, mas a forma como os alunos aprendem durante sua convivência com os demais indivíduos na sociedade.

Dito isto, tivemos diferentes momentos na Educação Física, em especial aos movimentos que marcaram a profissão no meio escolar, havendo mudanças com as abordagens pedagógicas do componente curricular. Portanto, a inclusão não se encontra em todas as abordagens, mas tivemos perspectivas distintas de teorias da Educação Física relacionadas à inclusão.

Dito isso, com a tentativa de romper com o modelo mecanicista, surgem as abordagens pedagógicas da Educação Física Escolar, definidas pelo movimento que busca a renovação teórico-prático da disciplina, tendo como objetivo estruturar um campo de conhecimento específico da Educação Física (Silva *et al.*, 2010).

Diante de várias abordagens que foram desenvolvidas, destacaremos nesse texto apenas aquelas que pensam numa didática de inclusão e participação de todos em sala de aula. Discutiremos as abordagens construtivista, críticas e cultural, pois acreditamos, pelo viés histórico da Educação Física, que elas contribuem para o processo de inclusão, dito que visão na participação e tem a perspectiva do materialismo histórico-dialético, presente nesta pesquisa.

Abordaremos algumas dessas abordagens que estão ligadas ao nosso objeto de estudo. Com isso, temos a **abordagem construtivista** foi elaborada para a Educação Física na década de 1980, com o surgimento de novas propostas pedagógicas cujas discussões gravitavam em torno do papel da disciplina para a educação escolar. Tais propostas tiveram o objetivo de romper o modelo mecanicista que dominava as práticas pedagógicas dos docentes de Educação Física na escola, sendo caracterizadas por vários aspectos, justamente por não terem fundamentação teórica e por serem descontextualizadas da realidade social (Viana *et al.*, 2019).

Vale lembrar que esta abordagem foi proposta por João Batista Freire, professor de Educação Física que concebe o jogo na abordagem como meio pedagógico na construção do conhecimento, baseando-se na epistemologia fundada pelos estudos de Jean Piaget (Viana *et al.*, 2019). No construtivismo, a intenção era a construção do conhecimento partindo da interação dos sujeitos com o mundo, essa relação com o outro excede a atividade de ensinar e aprender (Darido, 2003).

Seguindo o pensamento das relações com outro, a **abordagem crítico-emancipatória** idealizada por Kunz (1996, apud Azevedo e Shigunov, 2000, p.144) é “uma Educação mais emancipadora, voltada para a formação da cidadania do jovem do que de mera instrumentalização técnica para o trabalho”. Dessa forma, Kunz apresenta e incentiva as mudanças concretas a partir dos quatro elementos do saber: a concepção de ensino, a concepção de conteúdo, a concepção de método e a prática pedagógica.

Já a **abordagem crítico-superadora** tem como base a justiça social no contexto de sua prática. Foi elaborada por um coletivo de autores: Carmen Lúcia Soares, Celi Taffarel, Elizabeth Varjal, Lino Castellani, Micheli Escobar e Valter Bracht, para os autores:

[...] pretende-se que cumpram a tarefa de auxiliar o professor no aprofundamento dos conhecimentos de educação física como área de estudo e campo de trabalho. Nesse sentido, um livro de Metodologia da Educação Física não pode ser um mero receituário de atividades, uma lista de novos exercícios e de novos jogos. Mais do que isso, deve fornecer elementos teóricos para a assimilação consciente do conhecimento, de modo que possa auxiliar o professor a pensar autonomamente (Coletivo de Autores, 1992, p. 10).

Diante disso, o objeto da cultura corporal da Educação Física consolida-se dentro do campo da educação. Bracht (2003) analisa as diferentes concepções do objeto da Educação Física, afirmando sua especificidade com a função social, no que remete às práticas corporais, devendo ser compreendida na comunicação que constrói a cultura e é influenciada por ela. Deste modo, a cultura corporal envolve as práticas em diferentes formas de movimentar-se, conhecendo-se como conteúdo da disciplina na escola os jogos, a ginástica, as danças, as lutas, o esporte, dentre outros.

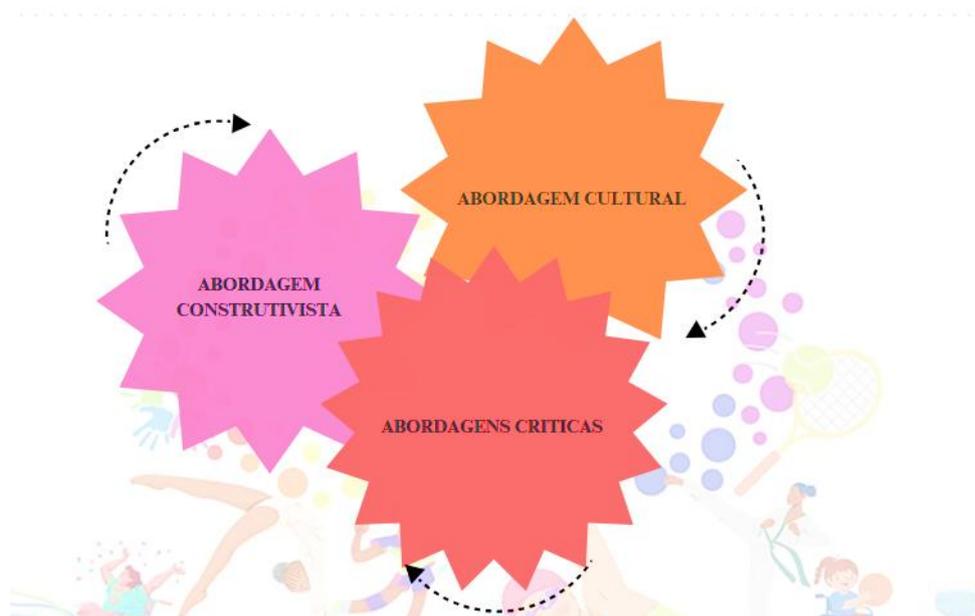
Dito isto, o Coletivo de Autores (Soares *et al.*, 1992, p. 62) abordou este conceito a partir da ideia do Materialista-Histórico-Dialética, afirmando que “os temas da cultura corporal, tratados na escola, expressam um sentido/significado onde se interpenetram, dialeticamente, a intencionalidade/objetivos do homem e as intenções/ objetivos da sociedade”.

Os conceitos foram desenvolvendo as práticas pedagógicas da abordagem crítico-superadora no interior da Educação Física, elaborando o campo crítico que buscava concretizar novas formas de construir possibilidades de mudança social pautados no materialismo histórico-dialético de Marx, na formação humana e práxis na Pedagogia Histórico-crítica de Saviani, a Psicologia Histórico-Cultural da Escola de Vigotski e a Pedagogia Soviética de Pistrak (Cunha *et al.*, 2019).

Para Daolio (2001), quaisquer abordagens de Educação Física que recuse a dinâmica cultural própria à condição do ser humano correrá o risco de afastar-se do seu último objetivo: o ser humano como fruto e agente de cultura, correndo, portanto, o risco de se desumanizar. Daolio sugere a **abordagem cultural** numa crítica na perspectiva biológica que era dominante na Educação Física Escolar (Torres *et al.*, 2019). Com um olhar apenas na aparência, universalizou-se o corpo, visto somente na dimensão biológica, como se todos os alunos possuíssem os mesmos corpos e as mesmas capacidades (Daolio, 1995).

Estas abordagens nos trazem a possibilidade de pensarmos numa Educação Física para todos, compreendendo-se que as abordagens, em especial as críticas, cultural e construtivista foram pontos importantes para tornar possível a participação dos estudantes. É importante destacar que as referidas abordagens fazem parte das mediações constituintes das práticas docentes dos professores, visto que no momento do planejamento e desenvolvimento destas práticas existem as mais diferentes contradições da realidade concreta na qual professores e estudantes estão inseridos.

Figura 3: Movimento das abordagens relacionadas à inclusão.



Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir das abordagens (2024).

Surge então os PCNs, no qual Darido (2010) avalia os Parâmetros Curriculares Nacionais como uma abordagem da Educação Física Escolar que busca compreensão integral e introduz a disciplina como a cultura corporal de movimento, visando à formação de cidadãos que podem reproduzir e transformar, usufruindo dos jogos, danças, esportes, lutas e das ginásticas para o cultivo da qualidade de vida.

Os PCNs também se atrelam às abordagens pedagógicas da Educação Física, de acordo com Darido (2008, p. 4), “num segundo momento discuto as abordagens [...] e também aquela relacionada aos PCNs, que, entendo, tenham também papel relevante na construção do pensamento pedagógico nacional”. Da mesma forma, instruem Darido e Rangel (2005), que pretendem apresentar e analisar as diversas abordagens, incluídos os PCNs. Para os autores, os PCNs são mais recentes e baseados em algumas propostas anteriores.

Diante disso, os PCNs norteiam alguns princípios como: as dimensões de conteúdo, como as atitudinais, conceituais e procedimentais, além dos temas transversais. Para Soares *et al.* (2019), o documento orienta a prática docente na Educação Básica, confirmando diversas tendências e teorias que fazem parte da história da Educação Física no Brasil, as quais constituem diferentes aspectos relacionados ao papel da disciplina no cenário do ambiente escolar.

São selecionados alguns blocos de conteúdo para a Educação Física visando ao “conhecimento sobre o corpo” para que os professores possam levar para os alunos em sala de aula. Assim, a “[...] análise crítica dos programas de atividade física e o estabelecimento de critérios para julgamento, escolha e realização que regulem as próprias atividades corporais saudáveis” (Brasil, 1997, p. 36). Nesse contexto, os blocos de conteúdos são: Lutas, Esportes e Ginásticas (Brasil, 1997).

É importante destacar a inexistência dos conceitos de senso nas práticas corporais, visto que as razões “sutis interseções, semelhanças e diferenças entre uma e outra” e se propõem a delimitá-las para favorecer a operacionalização e a sistematização dos conteúdos pelo professor (Brasil, 1997, p. 37).

Ademais, vale destacar que as tendências e abordagens da Educação Física Escolar fazem parte de seu contexto histórico, e transcorrer por elas se torna necessário para que possamos compreender minimamente como as práticas corporais têm contribuído para o processo de inclusão nos espaços educacionais. Visto isso, a EF está sempre em movimento não apenas do corpo, mas do ser humano em desenvolvimento sobre a prática e o crescimento dos estudantes em sala de aula. Na figura 3, apresentaremos o movimento de blocos de conteúdo do PCNs de Educação Física.

Figura 4: Movimento de Blocos de Conteúdos – PCNs de Educação Física.



Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir dos PCNs (2024).

## 2.2 As práticas corporais na Educação Física Escolar

A Educação Física Escolar é considerada uma disciplina de pauta social, é manifestada como uma linguagem corporal, passando a ter em seu currículo a educação formal e a cultura corporal como objeto de estudo mediado pelas práticas pedagógicas (Soares *et al.*, 1992). Mencionando a Educação Física, a LDBN - 9.394/96, em seu Art.26, § 3º, cita que “A Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar”.

A proposta pedagógica da Educação Física Escolar deve possibilitar o desenvolvimento de alunos, promovendo oportunidade de vivenciar e experimentar as práticas corporais em sala de aula, contribuindo na constituição de estudantes no ensino básico. Para Castellani Filho (2007), a Educação Física é agregada à aplicação da prática pedagógica no espaço educacional, é atividade obrigatória no ensino regular e oferta diversas oportunidades por meios das práticas corporais.

Castellani Filho e Carvalho (2006) definem as práticas de manifestações da cultura corporal como um grupo que leva significado do sujeito em seu meio social, econômico e cultural, isto é, por meio das atribuições pelas práxis escolares, que oportunizam os sujeitos a vivenciar práticas lúdicas e ter experiências de organização cultural no sentido de direcionar os olhares para os indivíduos, ouvindo as suas necessidades.

Visto isso, é necessário compreender o movimento como fator de fundamental importância para o desenvolvimento dos estudantes. Para Grando (2006), as práticas corporais

como manifestações culturais são apontadas pelos movimentos corpóreos, são identificados como dança. Jogos, formas de exercitar, lutas e competições, essas práticas expressam uma educação peculiar do corpo especificado na concepção de sujeito no meio social.

Estas práticas ofertadas na matriz curricular da Educação Física Escolar têm a responsabilidade de realizar atividades relacionadas ao corpo em movimento, focando no desenvolvimento dos estudantes. Brasil (2018) afirma que as matrizes curriculares da Educação Física devem promover interação dos sujeitos por meio dos conteúdos da cultura corporal, produzindo movimentos corpóreos, desenvolvendo uma compreensão de si mesmo, contribuindo na construção dos alunos.

Dessa forma, a BNCC entende as aulas de Educação Física como práticas essenciais da cultura corporal do movimento:

As práticas corporais devem ser abordadas como fenômeno cultural dinâmico, diversificado, pluridimensional, singular e contraditório. Desse modo, é possível assegurar aos alunos a (re)construção de um conjunto de conhecimentos que permitam ampliar sua consciência a respeito de seus movimentos e dos recursos para o cuidado de si e dos outros e desenvolver autonomia para apropriação e utilização da cultura corporal de movimento em diversas finalidades humanas, favorecendo sua participação de forma confiante e autoral na sociedade (Brasil, 2017, p. 213).

A Educação Física como componente curricular tem como temática as práticas corporais propostas pela BNCC e as diversas formas de significação social compreendidas como manifestações de possibilidades expressivas dos sujeitos que as praticam, sendo produzidas em vários grupos sociais no contexto histórico (Brasil, 2018). Nessa conjuntura, “o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo” (Brasil, 2018, p. 215).

A BNCC ainda cita as práticas corporais nas aulas de Educação Física como um fenômeno cultural dinâmico, pluridimensional, singular, diversificado e contraditório a ser abordado no habito escolar, tornando possível garantir aos estudantes a (re)construção de um conjunto de saberes que permita ampliar a consciência de seus conhecimentos e recursos para o cuidado de si e dos demais.

Para Pinto, Bassani e Vaz (2012), as práticas corporais possuem certa sistematicidade, vestindo o corpo como um território de privilégio de inserção e incisão, tendo um objeto que se apoia num conjunto de procedimentos disponíveis em determinado espaço e tempo, por sua vez são reunidas em uma síntese única, historicamente por uma tradição.

Diante das diversas oportunidades que as práticas corporais ofertam aos estudantes, Silva (2014) alega que os conceitos dos corpos e as práxis existentes do docente em seu espaço

de atuação envolvem uma questão semântica ou mesmo terminológica, pois o campo de Educação Física Escolar tem uma concepção teórica da dimensão de conhecimentos, que deve ser aplicada para os meios profissionais, educacionais e políticas sociais.

Então, é de fundamental importância destacar que a Educação Física oferece diversas possibilidades para que as crianças, jovens e adultos experimentem as práticas corporais e o acesso à cultura. Com isso, existem três elementos fundamentais para as práticas corporais postas pela BNCC: movimento corporal, organização interna, produto cultural com o lazer/entretenimento ou cuidado com o corpo e a saúde (Brasil, 2018).

Visto isto, a Base Nacional Comum Curricular apresenta seis unidades temáticas para realizar nas aulas de Educação Física: jogos e brincadeiras, ginástica, dança, lutas, esporte e práticas corporais de aventuras (BRASIL, 2018). No entanto, a BNCC apresenta as práticas corporais como acesso de conhecimentos e experiências a serem adquiridas durante as aulas de Educação Física motivo pelo qual é importante os docentes estarem preparados para realizar estas atividades em sala de aula.

Nessa perspectiva, entendemos que a EFE como componente curricular transcende os aspectos da cultura corporal do movimento, no entanto devemos buscar propostas metodológicas que traduzem, adequar a realidade do campo educacional e ampliar o processo de ensino-aprendizagem para contribuição na constituição de estudantes nas atividades escolares.

Entretanto, falando de inclusão nas práticas corporais da Educação Física Escolar, a BNCC não é um documento que vai numa perspectiva inclusiva; pelo contrário, foi produzida na visão de reproduzir as desigualdades e coloca em evidência saberes relacionados ao modo de vida neoliberal. Dessa forma, aborda a inclusão de maneira artificial, sem deixar nítida a importância de valorizar a igualdade em sala de aula.

Essa valorização deve vir de dentro da escola, dito isso, Soares (1992) aborda que o coletivo de autores cita o Materialismo Histórico-Dialético como um conceito, afirma as temáticas da cultura corporal do movimento na escola, como uma expressão que contém um sentido e um significado, que se interpenetram dialeticamente, intencionalidade/objetivos do ser humano e as intenções com objetivo da sociedade. Dessa forma, entende-se que as práticas corporais na Educação Física se atrelam ao homem em seu pleno desenvolvimento, conectando-se desde sempre ao sujeito em sua constituição.

Segundo o Coletivo de Autores (1992), cabe à Educação Física desenvolver reflexões sobre a representação do mundo, que o homem tem produzido no caminhar da história,

exteriorizando a expressão corporal com os seguintes meios: jogos, danças, lutas, ginásticas, esportes, dentre outros, que podem ser identificados por uma representação simbólica da realidade do homem, que historicamente são criadas e culturalmente desenvolvidas.

Nesse sentido, encontramos um conflito de reflexões entre o coletivo de autores e a BNCC, que não traz as temáticas da coletividade e igualdade entre os seres humanos em seu componente. O documento individualiza os sujeitos, o que vai na contramão do coletivo de autores e no pensamento sobre a inclusão dos estudantes nas práticas corporais.

Dito isso, as práticas corporais vão além de tornar possível o acesso às diversas modalidades esportivas e expressivas: elas contribuem para a constituição dos estudantes no que refere ao convívio social, inclusão seja elas dentro ou fora dos muros escolares. Isto coloca o papel do docente de Educação Física Escolar como elemento fundamental para a constituição dos estudantes e sua socialização com o meio social.

Além das unidades temáticas propostas pela BNCC e dos conteúdos programados para que os docentes de Educação Física possam realizar, o documento menciona também os conteúdos transversais. Em relação a essa questão, Dias (2018) descreve que os temas transversais parecem ter tomado proporção menor no referido documento, pois, embora a BNCC traga os chamados temas integradores, esses conteúdos apenas são mencionados de forma geral.

Em virtude de suas atividades, sejam elas temas transversais ou as unidades temáticas, é importante frisar sua proposta ao fim de cada conteúdo e que estejam direcionadas aos estudantes num campo de conhecimento diverso, no que se refere à sua realidade escolar e geográfica. Portanto, é relevante destacar a sistematização dos conteúdos de Educação Física para promover a inclusão e interação dos alunos no campo educacional.

### **2.3 A Inclusão nas práticas corporais no período da pandemia da covid-19**

Segundo a Unesco (2020), as escolas precisaram fechar suas portas por determinado tempo devido à pandemia da Covid-19, que se espalhava pelo mundo todo. Com as aulas presenciais suspensas na Educação Básica Brasileira, foram atingidos em média mais de 44 milhões de estudantes. Com isso, as escolas e profissionais da educação tiveram que recomeçar e criar novas estratégias para que as consequências das suspensões de aulas presenciais fossem minimizadas, promovendo o ensino de forma remota, mediada pelas redes de tecnologias (Godoi *et al.*, 2021).

O sistema educacional, em especial a educação a distância tem a mediação dos avanços tecnológicos em seus diversos recursos, sendo consideradas alternativas para atenuar tais impactos causados pelo distanciamento social devido à pandemia da Covid-19, de significado importante na medida de combate à disseminação do vírus (Oliveira; Souza, 2020). Percebe-se então que as práticas pedagógicas de professores durante a pandemia da Covid-19 sofreram mudanças no processo de ensino e a forma como as atividades escolares chegaram aos alunos da rede básica de educação passou do modo presencial para o virtual.

Com as aulas sendo realizadas de forma remota, a educação em seu contexto histórico, especificamente no processo de inclusão na escola, tem sofrido implicações para que os conteúdos administrados pelos docentes chegassem até os estudantes, registrando-se retrocesso na ideia pela qual lutamos de que “a educação é para todos”. De igual modo, entendemos que o acesso não é suficiente, de forma que e traduzir a filosofia de inclusão das leis dos planos e das intenções para a realidade exige conhecimento e prática (Mendes, 2006).

O deslocamento que a Educação Física Escolar sofreu no ensino remoto, distinguindo de forma inédita as práticas diante do esgotamento fortalecido por uma crise que vivíamos. As potencializações inclusivas não estavam mais presentes no novo contexto educacional, os docentes vivem em uma constante reinvenção de suas práticas pedagógicas para dar conta das demandas atuais sem sequer parar para refletir (Machado; Fonseca, 2021).

Dito isto, a Educação Física, no período de isolamento social, foi desafiadora, pois recai a forma em como apreender e vivenciar os jogos, danças, brincadeiras, lutas e as demais práticas corporais; apesar de se fundamentar no movimento, exige ainda o momento instrumentos de recursos virtuais, que no isolamento social institui aos sujeitos algo que já era sentido por uma parcela consideravelmente marginalizada do convívio social e das vivências nas aulas de Educação Física e outras atividades escolares (Moises; Lopes, 2022).

Para Figuerêdo (2021), o ensino remoto concebe uma visão do componente curricular da Educação Física, bem como seu impacto na falta física e dos desafios em vivenciar e experimentar as práticas corporais no espaço escolar, de modo a explicar os conflitos para os educandos em uma abordagem crítica e reflexiva dos aspectos da experimentação corporal.

Ao trazer a Educação Física no ensino remoto, Berwanger *et al.* (2023) abordam as fragilidades e limitações que a disciplina perpassa nesse período, destacando as dificuldades de superar uma abordagem conteudista na construção de práticas pautadas em diferentes objetivos comprometidos com a formação dos estudantes, isto é, para além da escola, para a vida, partindo

do processo de ensino que esteja numa interação com as tecnologias, as relações interpessoais, as condições de acesso na modalidade remota e os saberes educacionais transformadores.

Deste modo, em relação à Educação Física como componente curricular de fundamental importância para a constituição de estudantes no ensino básico e para a inclusão em sala de aula, a proposta curricular apresenta as práticas corporais, que contribuem para o desenvolvimento integral dos estudantes, envolvendo aspectos motor, cognitivo, relações sociais e inclusão social.

Machado (2020) considera que a casa não é a escola, mas é necessário refletir acerca da relevância de conhecimentos nas escolas como possibilidade de reencontrar a vida, podendo, enfim, a Educação Física ser desenvolvida como uma referência no espaço da inclusão, trazendo uma nova metodologia em contexto sociocultural distinto, pois “as escolhas ‘do que ensinar’ e ‘de como ensinar’ refletem os posicionamentos subjacentes ao projeto educativo conduzido” (Machado *et al.*, 2020, p. 5).

Compreendendo o papel de fundamental importância das práticas corporais ofertadas pela Educação Física no desenvolvimento dos estudantes da rede de ensino básico, com a chegada da pandemia e do isolamento social, os docentes da disciplina tiveram que reinventar suas atividades escolares para que pudessem estar conectados ao novo contexto que a educação vinha vivenciando.

A inclusão das práticas corporais teve implicações, sobretudo quando se pensa em sua dimensão de conteúdos para alcançar todos os alunos em sala de aula, promovendo a inclusão no espaço educacional; os conteúdos da EF passaram a ter um caráter mais conceitual do que atitudinal e procedimental devido ao afastamento social causado pela Covid-19.

Para Silva, Machado e Fonseca (2021), é importante destacar o trabalho dos docentes de Educação Física no ensino remoto; as aulas remotas podem chegar sob formas diferentes aos alunos, sendo necessário que a escola reflita sobre os processos de inclusão. Dessa forma, os autores afirmam que a Educação Física, como componente curricular obrigatório, tem a responsabilidade de se colocar como elemento importante para a Educação Inclusiva.

Desse modo, a Educação Física reafirma seu papel social na formação dos estudantes, discutindo questões importantes para que o sujeito, mesmo em isolamento, tenha uma vida de bem-estar em várias divisões da sociedade. De igual modo, a EF deve levar em consideração as práticas da cultura corporal do movimento para o convívio do sujeito no meio social, pois a “escola é o ambiente ideal para esses exercícios orientados de vida social” (Makiguti, 2002, p. 61).

Nessa perspectiva, para Bracht (1999), a dimensão como uma cultura corporal ou do movimento assume papel importante para a vida do sujeito em sociedade, na qual é significativa que a escola possa não apenas reproduzi-la, mas permita ao indivíduo apropriar-se dela criticamente de modo a exercer sua cidadania. A Educação Física precisa desenvolver no aluno uma formação para além das vivências das práticas corporais, ou seja, possibilitar por meio delas o desenvolvimento integral, valorizando o respeito ao próximo, empatia, inclusão etc. Para Ferreira (1984, p. 20),

A concepção de Educação Física que deveria estar sendo desenvolvida na escola encarregar-se-ia, principalmente, da formação de atitude do educando, ajudando-o a se conhecer, a se dominar, a se relacionar com o mundo e a buscar sua autonomia pessoal, complementando o processo de educação geral por meio de atividades físicas.

A Educação Física Escolar busca promover não apenas a saúde, como também o relacionamento com o outro, autorreconhecimento, autonomia; além disso, é por meio da disciplina, das práticas corporais, que os docentes podem trazer atividades visando à inclusão de alunos. No entanto, a inclusão escolar tem ganhado uma nova imagem: por meio do acesso às atividades escolares, os alunos se distanciaram de suas vivências no ambiente educacional, levando os professores de EF a adaptar as práticas corporais para serem realizadas em casa.

Machado *et al.* (2020) relatam as mudanças nos espaços escolares no isolamento social decorrente da pandemia, afirmando que a realização das atividades educacionais foi substituída pelo ambiente de casa. Posto isto, voltando para a inclusão de estudantes durante a pandemia da Covid-19 nas práticas corporais da EF, é necessário que o docente de Educação Física contribua para a inclusão, partindo do reconhecimento das particularidades de seus alunos (Cidade; Freitas, 2002).

O novo contexto que a educação vinha vivenciando nos faz pensar nos desafios e obstáculos que os professores enfrentaram durante o isolamento social, ora, a Educação Física é o corpo em seu pleno movimento, é cultura, é lazer, é saúde, é sociedade e inclusão, visto isso, as práticas corporais na escola foram substituídas por prática a distância, sem toque, sem vivenciá-las no espaço escolar, trazendo novo significado para a EFE durante a pandemia da Covid-19.

Diante disso, para Dias, Santos e Abreu (2021, p. 103), “com as instituições educativas fechadas, família e escola iniciam um processo de discussão sobre o que e como fazer diante de uma situação tão atípica e excepcional que nos obrigou ao isolamento social e a ficarmos recolhidos em nossas casas”. Partindo do contexto da pandemia, vê-se com mais frequência

uma dicotomia exclusão/inclusão tanto no espaço escolar quanto no meio social em que o indivíduo está inserido.

Assim, com adaptação das atividades escolares de Educação Física em suas práticas corporais, necessariamente não se pode enxergar apenas as pessoas com deficiência ou até mesmo a partir das deficiências, devendo-se pensar na turma como um todo (Padilha, 2017). Sem dicotomizar a turma, no que precisa ser adaptado ou não, é necessário que o docente esteja ciente das subjetividades dentro da sala de aula, de preferência quando se refere à inclusão de estudantes em tempos de pandemia da Covid-19.

A Educação Física Escolar tem passado por mudanças desde o início da pandemia, para atender à demanda dos estudantes durante o isolamento social causado pela covid-19. Com isso, os docentes de EF se adaptaram às necessidades educativas dos alunos e desenvolveram novos métodos de ensino para garantir o acesso a todos, passando da sala de aula para a sala virtual (Macedo; Neves, 2021).

Para Naves (2021), a inclusão das mídias digitais no período da pandemia não necessariamente toma o corpo de algo dispensável, mas a corporeidade necessita ser inevitavelmente focado no trabalho em sala de aula para superar a transformação de conteúdo administrados. Desta forma, a Educação Física está vinculada aos movimentos que não se concentram apenas nas Unidades Temáticas da BNCC e muito menos nos objetos do conhecimento do currículo de qualquer escola.

Entendemos que, com a volta das aulas presenciais, as práticas corporais na EFE devem ser repensadas, principalmente no que se refere ao pós-isolamento social. Devemos olhar para o interior de nossas escolas e ter novas perspectivas, para que possamos ver a realidade da comunidade escolar e refletir sobre como era o processo de inclusão dos estudantes antes e durante a pandemia, para que avancemos sobre a inclusão pós-pandemia da Covid-19.

A Educação Física Escolar como componente curricular passou por mudanças no que se refere à sua proposta nos espaços educacionais. Navegando pelo movimento histórico, a EFE é compreendida como um dos componentes importantes para a formação humana, e também tem reafirmado sua relevância para combater o sedentarismo, as desigualdades sociais e escolares, contribuindo, por meio das práticas corporais, para o processo de inclusão de estudantes em sala de aula.

No entanto, a inclusão nas práticas corporais está mais direcionada ao saber do professor, ou seja, mesmo com os documentos apresentados referentes à Educação Física Escolar, nota-se que o processo de inclusão está mais direcionado à sua prática na escola do

que os componentes vêm discutindo: eles não trazem a discussão para nortear o docente. Pelo contrário, a iniciativa vem diretamente dos educadores a partir das necessidades dos estudantes em sala de aula.

Outro fator importante que devemos destacar são os modelos de ensino da Educação Física nos dias atuais, os quais vão além da realização das práticas corporais: é por meio delas que os sujeitos (alunos) desenvolvem o companheirismo, a empatia e a socialização, contribuindo para uma prática que permite não apenas vivenciar o campo escolar, como também aprender com as diferenças.

Portanto, a Educação Física tem papel crucial no combate às manifestações de preconceitos, discriminação ou quaisquer outras ações que ferem os direitos humanos, motivo pelo qual reitero o lugar de importância da EFE como componente curricular: é fundamental para lutarmos e avançarmos não apenas no ensino, mas para a inclusão e superar os obstáculos que o isolamento social causado pela covid-19 deixou em evidência nos espaços escolares. Visto isso, é necessário olharmos para os sujeitos como transformadores de sua realidade, que só é possível a partir de suas interações com outro em determinado espaço, seja na Educação Física ou em outro componente escolar, ou seja, observamos essas relações pelo olhar histórico.

## A VIDA EM UM SÓ MOVIMENTO

*Dizem que a vida é um movimento preciso  
É a aprendizagem ao longo de seu caminho  
Mas dizem que a vida, está sempre girando  
E com ela, giramos e nos construímos  
Acho que o movimento da vida  
Nos ensina a nadar sobre a correnteza do rio  
nos ensina a entender as relações de afeto com  
outro, mas também, ensina a se adaptar a esse  
mundo louco.  
A vida tem dessas, de nos pregar peças,  
A vida tem dessas, de nos pegar  
desprevenidos  
Mas como ser humano, aprendo a jogar o jogo,  
a girar a roda, mesmo que tempo esteja  
passando.  
(Oliveira, 2024).*



Fonte: Imagem elaborado pelo pesquisador a partir do canva (2024).

### SEÇÃO III - A PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA: A VIDA EM UM SÓ MOVIMENTO

A epígrafe do autor é referente à constituição dos sujeitos em seu meio social, estando o movimento da vida presente no cotidiano dos sujeitos e com ela vão aprendendo “*a nadar sobre as correntezas do rio*”, compreendendo suas relações com o outro no processo constitutivo.

Esta seção tem como objetivo discutir os caminhos percorridos para escolha do método da pesquisa. Inicialmente, abordaremos a participação do projeto de pesquisa, que serviu para nos direcionar à escolha do método, em seguida descreveremos a perspectiva do método da Psicologia Sócio-Histórica, a concepção de humano em sua constituição como sujeito e as categorias definidas *a priori* para o referido estudo.

#### **3.1 Caminhos para a escolha do método: O projeto de pesquisa, pandemia da covid-19 e seus impactos na educação básica no brasil**

A participação do projeto de pesquisa “**Pandemia da COVID-19 e seus impactos na educação básica no Brasil: diagnóstico e proposições interventivas na escola**” vem por meio do vínculo da pesquisa de dissertação e pela bolsa da Capes concedida ao pesquisador (mestrando). A escolha do objeto de estudo se conecta com a proposta do projeto, já que ambos investigam os fenômenos relacionados ao ambiente escolar e pandemia da covid-19.

Este projeto é constituído por 4 instituições localizadas nas regiões Nordeste, Sudeste e Sul do Brasil. As universidades participantes são Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e Universidade Federal do Piauí (UFPI), compondo a região Nordeste; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) do Sudeste; e Universidade de Joinville (UNIVILLE) do Sul.

Dito isso, a participação no projeto de pesquisa foi fundamental para compreendermos detalhadamente nosso método de pesquisa, a psicologia Sócio-Histórica, como surgiu, seu embasamento e os caminhos e possibilidades para sua compreensão, visto que o grupo estuda os métodos utilizados neste trabalho.

Essas experiências, além de nos darem a possibilidade de compreender sua conexão com as categorias de análise, escolhidas *a priori*, bem como a análise da pesquisa, os Núcleos de Significação. Com uma visão ampliada sobre as categorias utilizadas neste estudo, compreendemos que elas surgem durante o texto e as falas dos participantes deste trabalho se

inserir nas categorias Historicidade, Totalidade, Mediação, Atividade, Vivência e, Sentidos e Significados. Contribui para nos aproximar da essência do fenômeno pesquisado.

Nas reuniões do grupo, tivemos discussões pertinentes sobre as categorias de análise, debatendo sua origem, que direcionamentos dão ao pesquisador sobre a pesquisa. As discussões não se limitaram às análises, abrangendo a Sócio-Histórica, a gênese, o materialismo histórico-dialético, dentre outras que foram importantes para nos direcionar acerca do nosso caminho metodológico.

Em novembro de 2023, no município da Parnaíba-PI, ocorreu uma palestra sobre o projeto de pesquisa, estando presentes alguns outros pesquisadores do grupo, que discutiram a intenção dos projetos, os objetivos alcançados até aquele momento, além de apresentar as pesquisas que estão vinculadas a diferentes áreas de conhecimento.

Outros eventos relacionados à Psicologia Sócio-Histórica foram realizados pela PUC-SP, UFRN e UERN. Estes eventos também foram essenciais para nos aprofundar ainda mais sobre o método de pesquisa, permitindo ter mais propriedade e, assim, seguirmos os caminhos metodológicos que norteiam o estudo.

Ademais, ressaltamos a importância de estarmos sempre em discussão sobre temas pertinentes, nos guiando para tomadas de decisões em relação à nossa pesquisa, em que caminho seguir sobre o método, categorias, análises e a obtenção das informações do fenômeno pesquisado. Portanto, iremos dialogar com a Psicologia Sócio-Histórica, com as categorias definidas para que contribuíssem para nossa pesquisa.

### **3.2 Reflexões acerca do método da pesquisa**

A Psicologia Sócio-Histórica tem sua origem marcada pelos estudos do psicólogo russo Vigotski (1896-1934) e seus colaboradores Leontiev (1903-1977) e Luria (1902-1977). A PSH foi criada em meio à Revolução Russa, tendo como base na Psicologia Sócio-Cultural de Vigotski (1896-1934), apresentando a possibilidade de superar as visões dicotômicas da realidade do sujeito (Bock, 2017).

Fundamentando-se na teoria marxista, o Materialismo Histórico-Dialético, Turmena (2014, p. 33) destaca que “o método de investigação - Materialismo Histórico-Dialético investiga as íntimas conexões, evidenciando as contradições, entre a forma pela qual a sociedade produz sua existência material e a instituição escolar que cria”. Assim, a PSH ganha importância nos anos 70, tornando-se uma referência para a psicologia do desenvolvimento, a psicologia social e para o meio educacional (Bock; Furtado; Teixeira, 2001). Vigotski utilizava

o pensamento marxista para informar que o ser humano se difere dos animais no exato momento em que o sujeito tem uma história social e coletiva (Veer; Valsiner, 2001).

Para Aguiar, Carvalho e Marques (2020), o Materialismo Histórico Dialético torna-se uma investigação científica da teoria e método a se aplicar, pois as condições da apreensão mais rígida da realidade serão investigadas, o que exige conhecer sua dinâmica, estrutura e, em seguida, desenvolver estratégias para a transformação da emancipação humana.

O materialismo Histórico-dialético nos dá a possibilidade de interpretar a realidade estudada, que tem uma construção lógica fundamentada no pensamento marxista, se constituindo nas possibilidades teóricas de interpretação do meio em que o sujeito se insere. A materialista histórica e dialética está num movimento do pensar por meio da materialidade histórica da vida dos homens perante a sociedade, ou seja, depara as leis fundamentadas que definem a organização do homem em sociedade por meio de sua história (Marques, 2014).

Dito isto, o método da PSH possibilita ir além da realidade do fenômeno pesquisado, não se concentrando apenas nos fatos, mas buscando explicar o processo da constituição do objeto estudado em seu percurso histórico (Aguiar, Ozella. 2013). Deste modo, Aguiar e Machado (2006) descrevem o sujeito na Psicologia Sócio-Histórica como alguém que se constitui nas relações dialéticas com o seu meio social e histórico, compreendendo a necessidade de entender a semelhança entre a história do sujeito e a história social do mundo.

A escolha de utilizar esse método vem do primeiro contato com a PSH no curso de graduação em Educação Física, da qual os NS foram propostos para análise no trabalho de conclusão de curso, e na disciplina ofertada pelo programa de pós-graduação que derivou de debates mais aprofundados do componente curricular opcional da Psicologia Sócio-Histórica e Educação, e do Método da Psicologia Sócio-Histórica ofertado no Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC como aluno regular.

Com isso, foi a partir das leituras, orientações e discussões com os demais sujeitos acerca das obras de Vigotski, especialmente sobre o Materialismo Histórico-Dialético e a Psicologia Sócio-Histórica, apresentamos nosso contato com o método e com os autores da base teórica e seus colaboradores que discutem a PSH para a construção do campo metodológico da nossa pesquisa.

Ao contribuir com o método pesquisado, Soares (2011) afirma que na Psicologia Sócio-Histórica é necessário que o método aponte condições ao pesquisador para apreender o seu processo, ou seja, a forma pelo qual o pensamento do sujeito, sempre emocionado, constitui-se numa relação dialética entre o ser humano com seu meio social e histórico.

Olhando para este contexto, Vigotski (2000) elucida que sem uma história o sujeito não existiria, pois se constitui e é constituído no desenvolvimento de sua história, se tornando um ser social, cultural e histórico. Assim, Aguiar e Machado afirmam que:

O sujeito, na Psicologia Sócio-histórica, é compreendido como aquele que se constitui na relação dialética com o social e a história. Nesse sentido, há necessidade de entender a relação entre a história de cada um, aquela que é diretamente experimentada pelo sujeito individual, e a história social, do mundo (Aguiar; Machado, 2006, p. 265).

A psicologia Sócio-Histórica compreende o sujeito em sua relação dialética com seu meio social e cultural, que contribui para o constituir do homem. Para Aguiar *et al.* (2020), em seus trabalhos Vigotski, ao realizar uma revisão das hipóteses da psicologia em seu tempo, evidenciou o mérito de um método que pudesse dar conta da complexidade do que se compreendia no objeto da psicologia, isto é, o homem e suas funções psicológicas.

A Psicologia Sócio-Histórica, por sua vez, se baseia nos fundamentos do Materialismo Histórico-Dialético. Para Vigotski (2004), a Psicologia não incide numa acumulação ilustrada em torno de conhecimentos da dialética materialista, mas aplica-se dentro do processo de investigação, ao descobrir a realidade psíquica por meio de outros procedimentos de obtenção e organização dos conhecimentos.

Assim sendo, a Psicologia Sócio-Histórica leva consigo uma possibilidade de crítica e não somente por uma intencionalidade de quem o produz, mas em seus fundamentos teóricos e epistemológicos (Bock, 2017). PSH e MHD carregam em si a importância para compreendermos o homem em seu desenvolvimento e como os constituem no meio social e cultural.

### **3.3 A concepção do homem e sua constituição como sujeito**

Discutir os processos do desenvolvimento histórico-cultural do homem em seu meio social leva-nos a pensar como a convivência em determinado grupo cultural e social constitui o sujeito professor no desenvolvimento de suas trajetórias profissional ou pessoal, que se conectam em uma linha de vida do docente. Da mesma forma, o sujeito se constitui em seu percurso histórico, tendo ampla visão da concepção do homem, diretamente atrelada ao convívio com o outro na sociedade.

Para Bock (2007), a história do sujeito articula-se como movimento do contraditório do ser humano, pois parte da base material e toda a sua produção de ideias para ser entendida.

Estas contradições têm o duplo sentido da aparência, e de ser imanente do desenvolvimento da realidade, e, capaz de se revelar subjetivamente pela categoria nesse processo (Cury, 1985).

A afirmação do homem como sujeito na modernidade está relacionada a uma experiência histórica, na qual a possibilidade vem pelo desenvolvimento da força produtiva do capitalismo. Diante disso, se trata da concepção contraditória e, no mesmo instante, afirma e nega o indivíduo que configura as vivências e experiências subjetivas no constituir como sujeito (Gonçalves; Furtado, 2016).

É de fundamental importância lembrá-los de que a dialética que estabelece uma relação entre o homem e seu meio de produção e cultural é motivadora para a constituição do sujeito em sua realidade no meio social. Assim, compreendemos que “todo o processo de constituição do humano é mediado pela história” (Soares *Et al*, 2016, p. 117).

Para Leontiev (1979), o desenvolvimento do homem ocorre por meio do processo social de trabalho, sobre a sua ação no meio social em duas espécies de leis: o primeiro consiste nas leis biológicas, em algum benefício de seus órgãos, que têm capacidade de se adaptar às condições e às necessidades de produção; no segundo, as leis sócio-históricas que desenvolvem a própria produção e os seus fenômenos que o produzem.

Nesse contexto, “São sínteses teóricas ou construções ideais (abstrações) que representam as determinações constitutivas do fenômeno; que expressam processos e têm a intenção de explicitá-los e explicá-los, nos ajudando a pensar as relações que os constituem” (Bock; Aguiar, 2016, p. 48). A compreensão do sujeito em parte de suas construções e históricas, constitui-se reciprocamente de geração a geração, e são constituídas por um processo histórico (Gomes, 2018).

Para Aguiar e Machado (2006), é compreensível que o homem se constitui nas relações dialéticas com o meio social e histórico. Há sempre uma necessidade de compreender as relações do sujeito entre a história e cada uma daquelas que diretamente se baseia nas experimentações do sujeito individual e seu percurso social no mundo.

Além disso, o homem se constitui por meio de sua historicidade no espaço social e cultural, carregando consigo afetos, sentidos e significados que contribuem no seu processo constitutivo. Dessa forma, compreendemos que as categorias que surgem durante a trajetória humana vêm para mostrar e reafirmar o quanto o sujeito em evolução torna-se importante para a compreensão da vida.

### 3.4 Categorias analíticas e teóricas do estudo

As constituições e as relações entre os sujeitos docentes nos espaços educacionais estão presentes em suas atividades escolares, assim como as vivências dentro do ambiente de atuação são de fundamental importância para o desenvolvimento não apenas de professores, como também dos estudantes e demais pessoas que fazem parte do contexto escolar, no que se refere à inclusão de todos os sujeitos em sala de aula.

Desta forma, a Psicologia Sócio-Histórica contextualiza as relações de vivências do docente de Educação Física em seu processo de inclusão nas práticas corporais nas aulas de EFE, favorecendo o desenvolvimento dos sujeitos inseridos no campo educacional. Com isso, faz-se necessária a utilização de categorias para que possamos alcançar o objetivo estabelecido por essa pesquisa.

Para Aguiar (2001), as **categorias** de análises são construídas com uma visão do movimento do fenômeno pesquisado, em sua materialidade, sua historicidade, e suas contradições. Além disso, nos fornecem bases da reprodução do concreto, que são mediadas pelo pensamento humano, reproduzindo o conhecimento sobre o real (Aguiar; Machado, 2016). Diante das questões expostas, ansiamos em apresentar as categorias de análise que se aproximam da realidade social e constituem o fenômeno do objeto pesquisado.

As categorias a serem apresentadas contribuirão para nortear essa pesquisa, para que possamos alcançar seus objetivos. Para este estudo, definimos *a priori* as categorias: Totalidade, Mediação, Vivência, Atividade, Historicidade, e, Sentidos e Significados.

A categoria **Totalidade** adentra nas relações que circulam e constituem o fenômeno, que precisa de investigação, pois a categoria vai além do que está à vista para ir em direção aos avanços dos mecanismos (Silva, 2022). Para Kahhale e Rosa (2009), a categoria totalidade se implica na articulação dialética no momento em que o singular e o plural estão imbricados dialeticamente um no outro. Em outras palavras, o singular demonstra as dimensões do plural ou até mesmo do todo que constitui, articulando dialeticamente as variadas possibilidades das singularidades do fenômeno.

Dessa forma, apreende o fenômeno pesquisado, ao considerar sua totalidade que significa apreender as mediações e determinações que se integram a ele, desvendando suas relações internas que os engendram e sustentam (Pasqualini, 2020). Portanto, se faz necessário pensarmos na atuação dos docentes de Educação Física como um fenômeno de fundamental importância para os processos de inclusão nos espaços educacionais, especialmente pós-pandemia da Covid-19.

Compreendendo isto, acreditamos que a categoria **Mediação** é advinda do meio social em que se relacionam para novos aprendizados e constituições. Sendo assim, “a categoria mediação não tem, portanto, a função de apenas ligar a singularidade e a universalidade, mas de ser o centro organizador objetivo dessa relação” (Aguiar; Ozella, 2013, p. 302). São reveladas relações concretas, que dialeticamente são momentos distintos de um todo (Cury, 1985).

Observando a teoria de Vigotski, existem tipos de elementos mediadores de instrumentos de signos. Aguiar (2000), partindo da ideia de Wertsch (1988), destaca que o signo como forma de instrumento psicológico influencia por o comportamento, ou seja, o signo é visto como um meio da atividade interna. Vigotski (2004, p. 480) ressalta que “graças aos signos, a estrutura psicológica da personalidade transforma-se radicalmente, adquire qualitativamente um caráter novo”.

Oliveira, Almeida e Arnoni (2007, p. 102-103) reforçam que “uma força negativa que une o imediato ao mediato e, por isso, também os separa e os distingue”. A mediação é um objeto que se relaciona com os processos ou situações entre si; partindo disso, o conceito é um elemento que viabiliza se concretizar de outro, embora garanta sua efetivação dando sua concretude (Severino, 2002).

Tendo como base esses pressupostos, entra a categoria **Historicidade** busca investigar e compreender o fenômeno. Estudar qualquer coisa historicamente significa pesquisar em seu processo de mudanças, requisito básico no método dialético (Vigotski, 2007). Ao estudar a historicidade do fenômeno desta pesquisa, adentramos nas transformações do sujeito em seu desenvolvimento e de sua realidade material, de suas contradições da ação, realizada perante as condições sociais.

Para Aguiar e Ozella (2013), o homem é constituído pela sua atividade, produzindo, dessa forma, sua forma de existência e revelando suas expressões – a historicidade – sua ideologia, relações sociais e modo de produzir. Para Gomes (2018), as construções históricas do homem em sociedade constituem-se reciprocamente, passando de geração a geração. O homem e suas determinações constitutivas, determinadas pelo convívio social com outros sujeitos, são constituídos no processo histórico em seu desenvolvimento.

Compreendendo isso, o sujeito tem sobre a realidade resulta das emoções e sentimentos que seguem as vivências e experiências, que se dão pela historicidade (Bock; Aguiar, 2016), tendo em vista que “[...] A história é o movimento de um conteúdo, engendrando diferenças,

polaridades, conflitos, problemas teóricos e práticos, e resolvendo-os [ou não]” (Lefebvre, 1975, p. 21-22).

Desse modo, temos a possibilidade de compreender o sujeito em suas relações nos meios sociais e históricos. A categoria historicidade nos possibilita compreender o processo de inclusão no espaço escolar em seu percurso histórico no campo de atuação, dando a oportunidade de transcorrer por memórias das vivências pessoais, formativas e profissionais, e as relações constitutivas com as demais pessoas no ambiente de ensino, possibilitando conhecer parte da historicidade dos sujeitos professores, especialmente no retorno das aulas presenciais, destacando a importância de suas atividades visando à inclusão de estudantes pós-pandemia da Covid-19.

Em conexão com a historicidade, a categoria **Vivência** é marcada por ações constitutivas no meio social dos sujeitos. Estas vivências, para Toassa (2011), envolvem qualidades emocionais, assim como sensações e percepções do sujeito no mundo. Toassa (2011, p. 215) acrescenta que “para Vygotsky, as vivências são os processos dinâmicos, participativos, que envolvem indivíduo e meio. Seus exemplos remetem a uma análise profunda da vivência humana e dos sentidos atribuídos a ela”.

Desse modo, as vivências se conectam com a categoria da **atividade** pode ser realizada de forma coletiva partindo dos conhecimentos constituídos historicamente. É por meio da atividade que o sujeito transforma o mundo natural para social (Moura, 2022). Assim, a atividade não é apenas uma reação, mas um sistema estruturado de passos internos ou convenções, podendo tornar pelo conjunto específico do sujeito, condicionado ao meio social, material e cultural (Leontiev, 1988).

Barbosa (2011) afirma que é na atividade que o homem se constitui e constitui o mundo. Níñez (2009) destaca a atividade como consciência do homem, mediada pelo coletivo, cujo processo vai ao encontro da realização do sujeito considerando outras posições de membros e a sua posição no coletivo.

A atividade, para Leontiev (1989), é uma unidade que não adiciona a vida do sujeito corporal e material, mas tem sentido mais estreito, isto é, no nível psicológico, a vida é mediada por reflexo psíquico do sujeito. A atividade, portanto, não é uma reação, mas um sistema de estrutura internos e em desenvolvimento. Portanto, o homem transforma a natureza com sua atividade por meio dos instrumentos, transformando a si próprio nesse processo (Aguiar, 2007).

Portanto, a categoria atividade é mediada e internacionalizada de modo coletivo por meio de conhecimentos constituídos historicamente e transmitidos às gerações futuras, nos

diferentes ambientes culturais e sociais (Barbosa, 2011). Diante disso, em relação a esta pesquisa, a atividade docente faz parte das constituições do pesquisador, dos colaboradores e do processo de inclusão, pois se conecta com a ideia de que a “escola deve ser para todos, sem exclusão nas práticas escolares”. Portanto, é necessário pesquisar sobre as significações de docentes de Educação Física na inclusão de estudantes em sala de aula pós-pandemia da Covid-19.

Além disso, pode nos direcionar a conhecer as necessidades e desafios que os docentes enfrentam no espaço educacional, principalmente no processo de inclusão em sala de aula. Desse modo, fomos levados a avaliar os aspectos teórico-metodológicos importantes na atividade docente, tendo como foco a atividade e a relação com outros sujeitos em seu contexto social, e a inclusão de estudantes no ambiente escolar, produzindo, assim, sentidos no desenvolvimento da atividade docente.

Por sua vez, a categoria **Sentidos e Significados** explica a essência da subjetividade do sujeito em sua realidade, visto que o sentido representa o meio social subjetivo da consciência do homem em seu processo constitutivo, e o significado objetiva a materialidade da realidade. Assim, mesmo sendo distintas, na dialética imbricam uma a outra sem se confundir e nem se diluírem (Gomes, 2018).

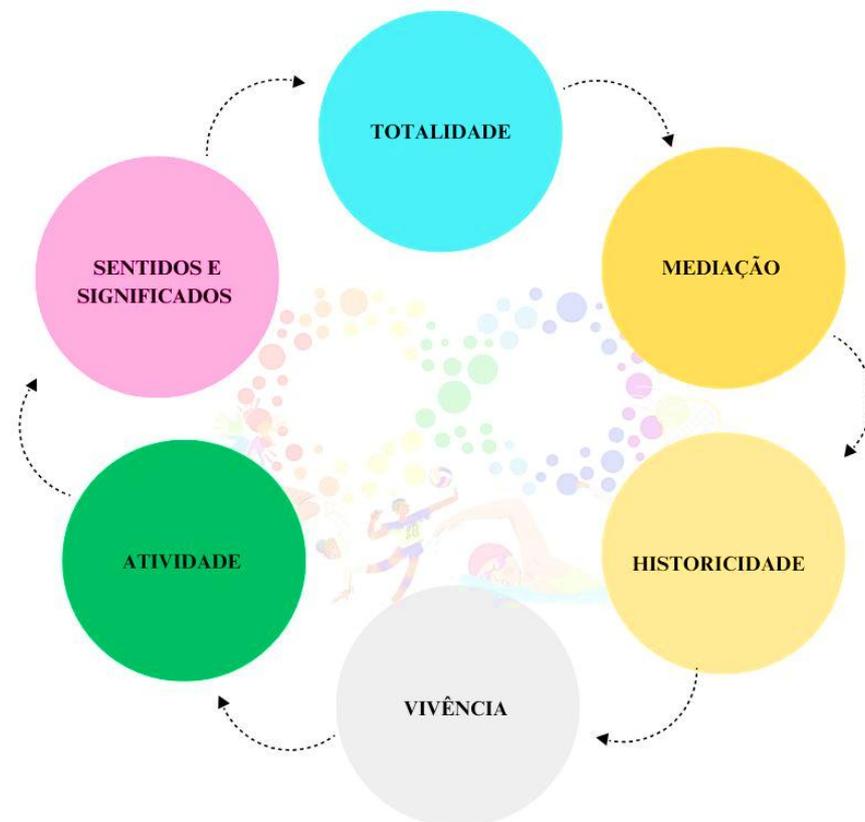
De igual modo, compreendemos que o significado é construído nas relações sociais do sujeito, vivenciadas e experimentadas em vários espaços e tempos. Para Marques e Carvalho (2009), o significado é ao mesmo tempo a linguagem e pensamento, pois é uma unidade que verbaliza o pensamento. Por sua vez, o sentido significa falar sobre a subjetividade de um sujeito não diluído de sua história e ao mesmo tempo singular (Aguiar *et al.*, 2009).

Assim, “Nesse trabalho de construção, utiliza, como matéria prima, os significados que estão disponíveis e toda sua sensibilidade e história pessoal. Sujeito e coletivo se encontram nos significados e sentidos” (Aguiar; Bock, 2008, p. 92). Os sentidos se constituem no momento de complexos arranjos e organizações, as vivências afetivas e cognitivas completamente imbricadas são ligadas e movimentadas (Aguiar *et al.*, 2009).

As categorias de sentidos e significados estão presentes nesta pesquisa, pois elas podem contribuir com os significados dos meios sociais de docentes de Educação Física no contexto educacional que os constitui. A partir das significações sociais dos sujeitos participantes e seus sentidos, podemos caminhar para uma compreensão mais ampliada sobre atividade docente no processo de inclusão pós-pandemia, assim como as dificuldades e desafios em sala de aula no retorno das aulas presenciais.

Aguiar e Soares (2008, p. 227) afirmam que “[...] os motivos estão associados aos sentidos, os quais se constituem a partir da unidade entre a dimensão simbólica e a dimensão afetiva na constituição do sujeito”. Partindo das relações do docente com sua atividade no espaço escolar, ele constitui sentidos para a vida profissional e ação pedagógica (Moura, 2022), tendo a atividade coletiva advinda dos saberes constitutivos do processo histórico. Apresentamos a seguir o movimento das categorias de análise na figura 5.

Figura 5: Movimento das categorias analíticas e teóricas do estudo.



Fonte: Elaborado pelo pesquisador a partir das categorias de análise (2024).

O método da pesquisa permitiu perceber a amplitude e a importância para nossa pesquisa, pois acreditamos que a Psicologia Sócio-Histórica, juntamente com as categorias de análises e sua compreensão da concepção do homem no processo de constituição, nos deu a possibilidade de compreender as vivências dos docentes de Educação Física e o processo de inclusão de estudante no espaço escolar em sua essência.

As relações entre os sujeitos em seu meio social, em especial ao professor de EF, foram analisadas com o surgimento das categorias em suas falas, o que nos deu um direcionamento para apreendermos as significações dos docentes e entender minimamente como a inclusão nas práticas corporais estava sendo direcionada.

Portanto, reitero a importância desse objeto de estudo a partir do método da Psicologia Sócio-Histórica, visto que sua originalidade se faz presente em estudar a Educação Física na visão da PSH. Até o presente momento, não foi possível encontrar nenhuma pesquisa publicada sobre a inclusão nas práticas corporais na EFE pós-pandemia da Covid-19, o que reforça a importância de ter novas perspectivas para o referido estudo.

## ICÓ, CIDADE CENTENÁRIA

*Icó, terra de um povo forte  
Banhado pelo rio salgado  
E abençoado pelo senhor Bomfim  
Velado pelas estrelas  
Do sertão, se tornou princesa  
Teus sobrados e casarões  
Marcado por um passado de herança  
Icó, cidade centenária  
Por um dia foi capital  
De um passado glorioso  
Tem o teatro mais antigo do Ceará  
Icó, terra do loiro, dos pés de  
Tamarineiros, de uma briga épica  
Do barão do Crato e a baronesa  
Icó, com sua história imortal  
Com seu passado retumbante  
Nos faz entender, sua história  
No movimento da vida.  
(Oliveira, 2024).*



Fonte: Imagem elaborado pelo pesquisador a partir do canva (2024).

## SEÇÃO IV – PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Escrever sobre o percurso metodológico nos remete à ideia de movimento, de que isso não ocorre de maneira isolada, porém existe um ponto de partida. Pensando nisso, elaboramos a epígrafe sobre o lugar onde tudo começou, a cidade de Icó/CE: foi lá onde realizamos os procedimentos da construção, análise e interpretação das informações. Assim como a história de Icó apresenta contradições determinadas pela sua realidade concreta, o percurso metodológico dessa pesquisa também apresentou contradições. Nesta seção, apresentamos o *locus* da pesquisa e os procedimentos de construção de informações, além do procedimento de análise e interpretação.

Para situar o leitor no percurso metodológico da pesquisa, descrevemos o município de Icó/CE como parte do estudo, escolhendo uma escola situada no município. Vale salientar que essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa sob o parecer número 6.667.642 emitido por este comitê (parecer em anexo I)

### 4.2 Icó/CE: A terra do loiro

Dizem que Icó tem um passado retumbante, uma herança que faz parte da essência da cidade. Icó que carrega vários significados, tem histórias e caminhos que encantam a todos que passa pelos seus sobrados, pelo teatro nunca inaugurado, até pelos contos e brigas que atravessaram gerações, por exemplo: a briga do barão do Crato e da baronesa dos pés de tamarineiros, intriga que deu origem às tradicionais bombas do senhor Bomfim. Icó tem séculos de história e lindo de viver e ouvir.

Com 286 anos de emancipação política, o município de Icó foi a terceira vila fundada no estado do Ceará, Brasil, depois de Aquiraz e Fortaleza. A cidade se localiza na região centro-sul, a cerca de 300 km de Fortaleza e 100 km de Juazeiro do Norte, fazendo limite com alguns municípios dos estados da Paraíba e Rio Grande do Norte.

Icó teve diversos nomes ao longo de sua história, mas sua denominação original era Arraial do povo, depois passou a ser chamada de Povoação do Salgado, Arraial da Senhora do Ó, Arraial Velho, Ribeira dos Icós, Arraial Novo, dentre outros nomes, até chegar à nomenclatura atual. A palavra Icó tem sua originalidade vinda dos indígenas, significando água ou rio da onça.

O município hoje tem pouco mais de 68 mil habitantes situados na sede rural e urbana. É centro de universidades privadas e públicas, sendo uma delas a Universidade Federal do

Cariri – UFCA, além do Centro Universitário Vale do Salgado – UNIVS. A seguir, na imagem 1, fotografias do município de Icó.

Imagem 1. Fotografia do Município de Icó/CE.



Fotografia 1



Fotografia 2

Fonte: Fotografias retiradas do Google (2024).

A educação básica do município conta com 46 escolas públicas, sendo 41 municipais. São 17 escolas dos anos finais do ensino fundamental, totalizando 3.314 alunos matriculados; na sede da cidade, há duas escolas dos anos finais do ensino fundamental, uma de tempo integral e outra de tempo integral híbrido. Entretanto, cabe colocar em pauta o impacto da pandemia da covid-19 sobre as escolas do município.

Alguns documentos foram criados: 1- decreto de suspensão as aulas presenciais, assinado pela gestão do município; 2- documentos de orientação, inspirados nos documentos do estado e o município, adotando todas as normativas que estes documentos colocam. Além do conselho da educação ser criado durante a pandemia para atender melhor, este está em funcionamento até o momento para atender melhor aos estudantes.

Durante o isolamento social, em seu primeiro momento, não havia uma plataforma híbrida de educação como hoje, então, em seu primeiro movimento, foram usadas ferramentas como WhatsApp para a frequência. Sobre a aprendizagem, foram criados grupos no WhatsApp para direcionar as atividades e esperar o retorno dos alunos, posteriormente foi implementada uma plataforma para o direcionamento de atividades e avaliação.

Com o retorno as aulas presenciais, as escolas do município estão passando por mudanças, sendo implementado o ensino presencial de tempo integral, exigindo uma reformulação e adaptação de todos os envolvidos a escola. Posto isso, a escola escolhida para esta pesquisa, até o presente momento, está em fase de transição para o ensino integral, inicialmente com os estudantes do nono ano, e agora com os sétimos e oitavos anos,

posteriormente o sexto ano fará parte, lembrando que a cidade segue o modelo de ensino do estado.

Posto isso, a definição do campo de pesquisa precisa estar em coesão com o objeto de estudo, porém é importante o pesquisador estabelecer algumas relações mediadoras com os docentes participantes e o espaço escolar. Em seguida, aparecem o esquema na figura 6 e a descrição do texto.

Figura 6: Esquema do campo de pesquisa.



Fonte: Elaborado pelo pesquisador (2024).

#### 4.2.1 Situando a escola

Para a escolha do *locus* da pesquisa, seguimos alguns critérios para sua realização: 1- por se concentrar no município de Icó, na região centro sul do estado do Ceará, Brasil; 2- escola de anos finais do ensino fundamental; e 3- a escola que se localize na sede da cidade pesquisada.

A instituição pesquisada oferta educação de ensino básico do sexto ano ao nono ano do ensino fundamental, que segue como obrigatória a disciplina de Educação Física e as demais componentes curriculares. A escola que fará parte desse estudo conta com doze salas de aula no prédio principal e oito salas no anexo (prédio alternativo para sextos anos), totalizando 20 salas.

A instituição a ser pesquisada é umas das escolas mais antigas da cidade e tem como proposta o ensino de tempo integral híbrido. Além disso, conta com mais de 40 funcionários, dentre eles professores formados, gestores e auxiliares, contando com salas climatizadas, sala de computação, programa de robótica, eletivas relacionadas às práticas de movimentos da cultura corporal, ao meio ambiente, gêneros textuais, dentre outros.

A disciplina de Educação Física na escola pesquisada segue como um componente curricular obrigatório, tendo duas aulas por semana em cada turma; além disso, o docente pode seguir como base para elaboração da aula o “livro de Práticas corporais” disponibilizado apenas para os docentes com apoio na Base Nacional Comum Curricular - BNCC para a realização e planejamento dos conteúdos (práticas corporais), tendo conteúdos como: jogos e brincadeiras, dança, ginástica, lutas, esportes e práticas corporais de aventura (Brasil, 2018).

Os professores de Educação Física da instituição podem trabalhar a inclusão dentro dos conteúdos estabelecidos para a disciplina numa perspectiva de melhorar o convívio dentro e fora da escola, trazendo para o estudante gestos atitudinais como empatia, respeito, solidariedade, além de uma convivência saudável com demais sujeitos do grupo social no qual estão inseridos. Vale ressaltar que a Educação Física como componente curricular aborda também conteúdos transversais que contribuem para o desenvolvimento integral dos estudantes.

Entretanto, em uma investigação mais detalhada, a escola não apresenta o plano político pedagógico (PPP) atualizado para o novo contexto educacional, pós-pandemia da covid-19, tampouco um documento visando à inclusão de todos os estudantes inseridos na escola, na Educação Física ou em outro componente, ficando a critérios dos docentes trabalhar ou não a inclusão em suas atividades escolares.

#### 4.2.2 Situando os docentes: José e Nativo, caminhos que os trouxeram até aqui

Para a escolha dos sujeitos participantes, priorizamos o contexto pessoal, social e profissional. Assim, para sua seleção, usamos alguns critérios: disponibilidade dos docentes para participar voluntariamente da pesquisa; leciona na instituição (escolas) públicas do ensino fundamental II do município de Icó-CE; formação em Educação Física, licenciatura ou licenciatura plena.

A participação dos docentes de EF foi voluntária, se dispendo os professores a colaborar com a pesquisa. O processo de participação deu-se por meio de encontros presenciais com os docentes de Educação Física em dias distintos nos meses de novembro e dezembro de 2023, com ambos os participantes, estabelecendo-se horários e dias.

A primeira entrevista ocorreu no dia 14 de novembro de 2023, de 13h30 às 14h50, e com o segundo participante, no dia 19 de dezembro de 2023, de 8h00 às 9h30, na escola pesquisada. Os docentes estavam em momento de planejamento pedagógico, contudo no contato anterior com o gestor e coordenadora escolar ficou acordado que os docentes estariam livres para o encontro, com dias e horários acertados com o gestor e professores.

Foram apresentados aos docentes o objeto, objetivos e a base teórico-metodológica da pesquisa, esclarecemos alguns critérios da escolha dos sujeitos da pesquisa, *lôcus* da pesquisa, os caminhos metodológicos, como a entrevista reflexiva, as oficinas pedagógicas e a elaboração da sequência didática direcionada às práticas inclusivas. Os docentes concordaram em participar de todas as etapas da pesquisa, deixando acordado no momento que explicamos o estudo.

Vale ressaltar que a escola tem quatro professores de Educação Física, sendo apenas um docente que não leciona em salas de aula, ocupando outro cargo, razão pela qual não está dentro dos critérios de seleção para participação, restando apenas três docentes que podem participar da pesquisa, porém apenas dois mostraram-se disponíveis para a participação.

Para atender os prazos desta pesquisa, vamos analisar as falas de apenas dois professores de Educação Física, exatamente pela complexidade do método de análise dos dados, pois os núcleos de significação exigem um debruçar minucioso sobre o material (as entrevistas).

Temos então, como sujeitos de pesquisa, dois docentes de Educação Física que lecionam nos anos finais do ensino fundamental de uma escola pública no município de Icó-CE. Os docentes participantes atuam na escola pesquisada, nos 6<sup>a</sup> ao 8<sup>a</sup> ano com o componente curricular de Educação Física. Sobre a escolha do nome dos participantes desta pesquisa, pedimos para que os próprios docentes escolhessem seus nomes para serem usados durante a análise de suas falas.

Desta forma, para a caracterização dos docentes, utilizaremos trechos de falas da entrevista reflexiva para situar seu percurso formativo e o que os trouxe para a Educação Física. Assim, a justificativa para escolha dos nomes veio de cunho pessoal ou por ser um nome popular. No caso do professor José, sua escolha se deu por ser um nome popular e pela facilidade de ser lembrado.

O professor **José** diz *“porque é um nome simples, fácil de se pronunciar e ser lembrado, mas nada de importante, só por isso mesmo”*. Por sua vez, **Nativo** optou por esse nome por lembrar sua juventude: *“usava muito esse nome quando era mais jovem, por isso o nome”*.

O docente José é natural da cidade de Icó, estado do Ceará, cresceu numa comunidade rural e estudou na educação pública de ensino fundamental e no ensino médio em uma escola profissionalizante (EP). José iniciou sua carreira acadêmica no curso de direito em uma universidade da cidade de Cajazeiras, no estado da Paraíba, a qual não se identificou com curso e optou transferido para a Educação Física. José (2023) expressa:

*Iniciei a minha vida acadêmica como estudante do curso de direito, e acabei não me identificando com o curso e aí, surgiu uma oportunidade aqui na cidade de Icó-CE para o curso de Educação Física aqui na universidade.*

O docente afirma que após surgirem vagas para o curso de Educação Física no Centro Universitário Vale do Salgado, no município de Icó-CE, fez o vestibular para ingressar como estudante, saindo de uma universidade onde estudava em outro município, para voltar a Icó e cursar EF em sua cidade natal. José conta que de cara se identificou com o curso de Educação Física: *“acabei me apaixonando pelo curso já assim de cara. Por ser dinâmico, muito interessante, eu permaneci lá, foi assim que eu conheci a Educação Física, claro que eu conheci a Educação Física como aluno do ensino médio, mas depois conheci como acadêmico do curso de EF”*.

O docente fala do desejo de ser professor, que derivou de suas vivências na graduação durante os estágios supervisionados: *“[...] a vontade de ser professor surgiu na graduação, com os estágios que eu comecei, como é que funcionava a disciplina, comecei a ver como funcionava a licenciatura, passando por turmas diferentes, daí, eu senti aquele prazer de ser professor”*. Sobre o início de sua carreira profissional, o docente contou: *“[...] iniciei minha vida profissional como estagiário de uma academia, já que sou formado em Educação Física, embora fosse licenciado, eu podia exercer esse cargo de estagiário”*.

Diante disso, José conta que logo em seguida surgiram vagas para professores de eletivas nas escolas municipais de Icó-CE. Quando soube, tentou uma vaga no processo de seletivo de professores contratados para exercer o cargo de professor de eletiva de uma escola do fundamental I, e alguns meses depois foi transferido para cargo de docente de Educação Física numa escola de ensino fundamental II, onde leciona até o momento. José (2023) conta:

*Surgiu vagas para professores de disciplinas eletivas aqui no município pela prefeitura e, eu fui contratado pela prefeitura, acabei ficando por um período de dois a três meses, e fui transferido pra uma escola de fundamental II, e estou até hoje como professor de Educação Física e também como professor de outros componentes curriculares, pra que fechasse a carga horaria que a gente tem aqui no município de Icó.*

José é professor iniciante, concluiu o curso de Educação Física em dezembro de 2020, no ano do ápice da pandemia da Covid-19 e do isolamento social, com a colação de grau no início de 2021. Ele passou, durante sua trajetória, pelos dois espaços que a Educação Física proporciona, mesmo sendo estagiário na academia, José sempre ansiava em ir para as escolas e assim que surgiu uma oportunidade para lecionar no ensino básico o docente preferiu ir pra sua área de ensino. O participante profere: *“[...] eu senti a necessidade já que meu curso é*

*licenciatura, embora estivesse atuando na academia, eu sempre gostei da escola, de ensinar, então, quando surgiu a oportunidade de ensinar em uma escola eu fiquei bastante feliz”.*

O docente Nativo nasceu na cidade de Icó, estado do Ceará, mora em comunidade Urbana do município, estudou em instituições públicas e desde sempre se manteve presente em sala de aula. De família humilde, Nativo concluiu a educação básica, e em suas vivências no espaço escolar o docente relatou sua proximidade com o esporte, quando se tornou atleta. Nativo (2023) diz:

*A princípio, eu era atleta, participava dos eventos que envolvia tanto o intraescolar como extraescolar, as modalidades que aconteciam que envolvia esportes, relação estadual, eu participava e, eu tinha um grande apreço pelo esporte e diante dessas condições me chamou atenção.*

O docente demonstrou grande interesse na Educação Física, tanto que hoje é formado e atua no espaço de ensino, porém, antes de se tornar docente de Educação Física, Nativo caminhou por caminhos diferentes devido à falta de oportunidade de ingressar no curso, tendo optado pela pedagogia, pois segundo o docente, havia necessidade de se aproximar da escola. O docente fala:

*[...] A princípio antes da graduação em Educação Física, como aqui na cidade não existia o curso de Educação Física, somente na capital, não tinha condições de fazer o curso de Educação Física, mas queria uma possibilidade de trabalhar na área e, abriu o curso de Pedagogia, eu acabei ingressando no curso de Pedagogia [...] (Nativo, 2023).*

Com isso, ao terminar sua graduação em pedagogia, o docente conseguiu ser aprovado para o concurso público no município de Icó – CE: **“concluindo o curso de Pedagogia e logo após, tive a satisfação de passar no concurso [...]”** No entanto, devido à falta de professores de Educação Física na escola que lecionava, Nativo relata que a carência pelo docente de EF no município de Icó na época era bastante larga em relação as demais disciplinas e, com isso, mesmo sendo pedagogo, ele acabou assumido a disciplina, **“[...] devido à carência de professores de Educação Física, eu com pedagogia acabei dando início à atuação como professor de Educação Física.”**

Graduado em Educação Física pela Universidade Regional do Cariri - URCA, o docente relata o longo prazo para cursar EF, fala que apenas ingressou no curso depois de 7 anos e, durante esse tempo fez provisionado, ele diz, **“Após 8 anos trabalhando como pedagogo, mas na área da Educação Física que eu ingressei na graduação [...] Antes mesmo de graduar em Educação Física, eu fiz provisionado, ainda passei 6 a 7 anos se não me engano como**

*provisionado e, depois que abriu a oportunidade na cidade vizinha, onde o curso é gratuito e tive as condições de ir, eu ingressei na graduação de Educação Física.”*

O participante relata sua escolha pela Educação Física, de tal forma, as práticas corporais do movimento, o estudo da EF como um todo despertou o interesse pela profissão e pela docência, ele diz:

*[...] eu escolhi a Educação Física por ter prazer nas práticas corporais, eu senti prazer na relação em volta do movimento, isso que me cativou, foi isso que me chamou atenção, não só pela condição do movimento em si, mas o conhecimento da parte intrínseca, não só a realização do movimento propriamente dito, mas o estudo do movimento, como ele acontece, porque acontece, e quais os benefícios que ele pode trazer.*

O docente relata sua relação com a profissão escolhida: “*eu tenho uma certa satisfação em ser professor, eu gosto de ser professor, eu me sinto muito bem lecionando [...]*”. Nativo tem anos de carreira na docência, hoje atua somente na disciplina de Educação Física na rede pública de ensino fundamental, anos finais, e no ensino médio no município de Icó, estado do Ceará.

Nas falas dos docentes de Educação Física, percebe-se o respeito e carinho pela profissão, que foi marcada por caminhos que os direcionaram a Educação Física. O ato de gostar de lecionar, colaborando para a formação dos estudantes, deixa os docentes animados para realizar suas práticas em sala de aula.

Os docentes têm histórias e caminhos diferentes, mas em algum momento, talvez conectados pela profissão e vivências na escola pós-pandemia, se atrelam em suas jornadas profissionais. Os dois professores de Educação Física compartilham as mesmas vivências escolares, embora suas significações se diferem uma da outra, o amor pela Educação Física e o desejo da disciplina ser bem vista (apresentado na seção V) se entrelaçam nesse caminho e afirmam o desejo de contribuir para o processo de ensino-aprendizagem.

### **4.3 Procedimentos de construção das informações**

A escolha dos procedimentos para essa pesquisa foi fundamental no direcionamento dos caminhos metodológicos do estudo, referente ao processo constitutivo dos sujeitos professores em seu desenvolvimento pessoal e profissional. Esse processo vai além das aparências de apreender as significações dos docentes de Educação Física sobre a inclusão de estudantes em suas práticas corporais na escola, de modo que utilizamos o método anteriormente descrito para explicar o fenômeno no seu percurso histórico, principalmente pós-pandemia da Covid-19.

Essa pesquisa tem como estrutura empregada na pesquisa formação e, na abordagem qualitativa, que nos fornece dados para desenvolvermos uma compreensão das relações dos sujeitos no meio social e das situações vivenciadas por eles (sujeitos). Seu objetivo é compreender detalhadamente as crenças, atitudes, valores e motivação em seus contextos sociais (Gaskell, 2002). Assim, a abordagem qualitativa nos apresenta uma “demonstração lógica das relações entre conceitos e fenômenos, com o objetivo de explicar a dinâmica dessas relações em termos intersubjetivos” (Mendes, 2006, p. 11).

#### 4.3.1 Entrevista Reflexiva

Estabelecemos alguns objetivos para a elaboração da entrevista reflexiva: 1 – caracterizar os professores de Educação Física em seus aspectos pessoais, profissionais e sociais; 2 – compreender, por meio das falas dos docentes sobre as atividades em sala de aula, o processo de inclusão de estudantes no espaço escolar; 3 – refletir sobre os impactos da pandemia de Covid-19 no sistema educacional, principalmente na inclusão no ambiente educacional. No entanto, podem surgir durante a coleta outras questões que podem ajudar a apreender as significações dos docentes nesse percurso.

A entrevista reflexiva é um instrumento de método de grande potencial para que possamos compreender a importância da trajetória e construção das significações dos sujeitos professores: “entrevistar é uma das formas mais comuns e poderosas de tentar compreender outros seres humanos” (Fontana; Frey, 1994, p. 361). Portanto, por meio das entrevistas reflexivas o sujeito pode revelar em sua narrativa novos aspectos e nos dar uma possibilidade de refletir sobre como o processo de inclusão de estudantes está sendo desenvolvido ou ofertado em sala de aula.

Por meio da entrevista, poderemos perceber que “ninguém se forma no vazio e que formar-se supõe trocar, experiência, interações sociais, aprendizagens, um sem fim de relações” (Nóvoa, 1992, p. 115). Nesta conjuntura, entende-se que o processo acontece no seio das experimentações e experiências dos sujeitos no convívio social (Nóvoa, 1995), razão pela qual constitui um dos meios mais importantes para obter as informações para uma pesquisa que envolve as vivências e experiências do sujeito.

A entrevista ganha vida quando se inicia por meio do diálogo entre o pesquisador (entrevistador) e o participante (entrevistado) (Lüdke; André, 1986). Assim, a entrevista reflexiva será o instrumento utilizado para construir os conhecimentos da pesquisa: em diálogo

com os professores de Educação Física, serão levantadas algumas questões relacionadas ao objeto da pesquisa. De acordo com Szymanski (2003, p. 195),

[...] a entrevista face a face é fundamentalmente uma situação de interação humana, na qual estão em jogo as perspectivas do outro e de si, expectativas, sentimentos, preconceitos, interpretações e constituição de sentidos para os protagonistas – entrevistador/es e entrevistado/s.

No momento das entrevistas, as significações dos sujeitos professores são constituídas por meio das interações e experiências com o ser humano em seu convívio social e educacional. São levadas em considerações a sua subjetividade, as peculiaridades do sujeito numa construção de conhecimento partindo da representatividade na forma de reflexão sobre a prática docente.

Antes de entrar em contato com os participantes da pesquisa, é necessário que o pesquisador siga as etapas da entrevista reflexiva. Em seu primeiro movimento, deve-se elaborar o roteiro para sua entrevista, buscando produzir reflexões acerca do objeto de estudo. A primeira etapa da entrevista reflexiva consiste na elaboração do roteiro, no qual foram construídas as perguntas reflexivas da entrevista.

No segundo movimento, o contato inicial foi de fundamental importância para que os docentes participantes ficassem cientes de como acontecerá a entrevista; foram informados os dados do pesquisador e a origem do tema pesquisado. Foi apresentada a solicitação de participação das entrevistas, o uso do material coletado. Para Rey (1999), a participação começa com intercâmbios informais que favorecem a participação dos sujeitos na pesquisa, trazendo suas reflexões sobre o objeto estudado.

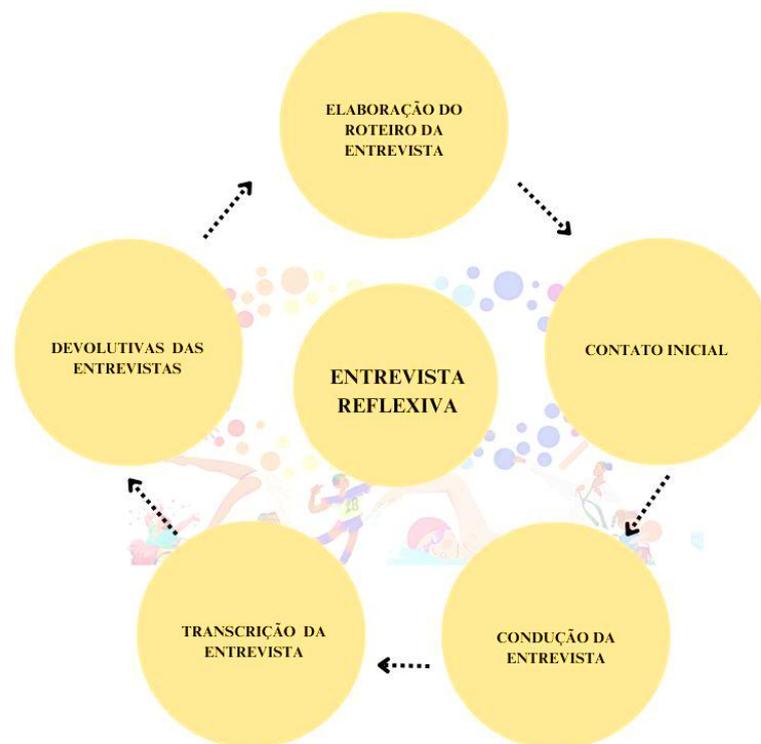
No terceiro movimento, começamos com a condução da entrevista, ponto em que apresentamos formalmente a pesquisa aos participantes. Nesse momento, são obtidas as informações necessárias, por meio do roteiro da entrevista (Szymanski, 2003). Em seguida, no quarto movimento, fizemos a transcrição das entrevistas para seguir para o movimento da devolutiva. Para Szymanski (2003), a devolutiva é a exposição anterior do pesquisador acerca das falas dos sujeitos da pesquisa, são apresentadas a transcrição das entrevistas e uma pré-análise para a consideração dos entrevistados.

Desta forma, o roteiro (apêndice C) da entrevista foi elaborado em uma sequência lógica, partindo de sua complexidade, tendo como objetivo conhecer a historicidade dos docentes participantes, as vivências nos espaços escolares e as práticas corporais em relação ao processo de inclusão de estudantes em suas aulas, tendo foco o período pós-pandemia da Covid-

19. Foi buscada a compreensão das falas que carregam sentidos e momentos de emoção, que envolveram por meio delas reflexões sobre a prática do docente de Educação Física na escola.

Em seguida, fizemos as transcrições das falas dos docentes participantes e logo depois realizamos a devolutiva para que os docentes pudessem fazer a leitura, refletir sobre a transcrição e entender a veracidade do pensamento colocado durante a entrevista, acrescentaram alguns trechos, algumas modificações, sem retirar trechos de falas. Na figura 7, apresentaremos as etapas de realização da entrevista reflexiva.

Figura 7: Etapas da realização da entrevista reflexiva.



Fonte: Elaborada pelo pesquisador a partir das etapas da entrevista reflexiva (2024).

#### 4.3.2 Oficinas Pedagógicas: um olhar para a inclusão

A proposta da intervenção pedagógica para esta pesquisa torna-se de fundamental importância para que possamos contribuir nas atividades escolares de professoras e professores de Educação Física. Portanto, a intervenção tem como intuito trazer atividades visando à inclusão de estudantes em sala de aula, refletindo, a partir delas, sobre sua importância para o meio social, dentro ou fora dos muros escolares.

Desta forma, chamaremos nossa intervenção de “**oficinas pedagógicas**”, realizadas na escola em que os docentes atuam. As oficinas foram realizadas presencialmente, com base no resultado das entrevistas (reflexivas), sistematizadas dos núcleos de significações.

#### **4.4 Procedimento de análise e interpretação das informações: Os Núcleos de Significação**

Para análise e interpretação, aderimos à proposta dos núcleos de significação elaborada por Aguiar e Ozella (2006, 2013) e reelaborada por Aguiar, Soares e Machado (2015). O motivo da escolha dos núcleos de significações se dá justamente pela intenção desta pesquisa, a qual pretende ir além da realidade dos docentes sobre a inclusão de estudantes nas práticas corporais no ambiente escolar no retorno das aulas presenciais pós-isolamento social causado pela pandemia da Covid-19.

Os núcleos de significação buscam superar o discurso aparente da realidade dos sujeitos que fazem parte dessa pesquisa, tendo como finalidade compreender o processo dialético da apreensão do significado produzido por determinada pessoa ou grupo no meio social (Aguiar; Soares; Machado, 2015), expressando, desse modo, um movimento de abstração do empírico, permitindo-lhe caminhar na direção do concreto, partindo do que o sujeito fala para compreender o que não foi dito (Aguiar; Ozella, 2013).

Esse procedimento metodológico deve-se à preocupação em dar diversas possibilidades para o pesquisador “apreender esse processo para além do empírico e que, assim, permita-lhe passar da aparência das palavras (significados) para sua dimensão concreta (sentidos)” (Aguiar; Soares; Machado, 2015, p. 61). Dessa forma, ocorre aproximação da dimensão concreta da realidade em que o sujeito está inserido, buscando figurar o percurso investigativo para a apreensão dos sentidos do objeto do estudo em seu processo.

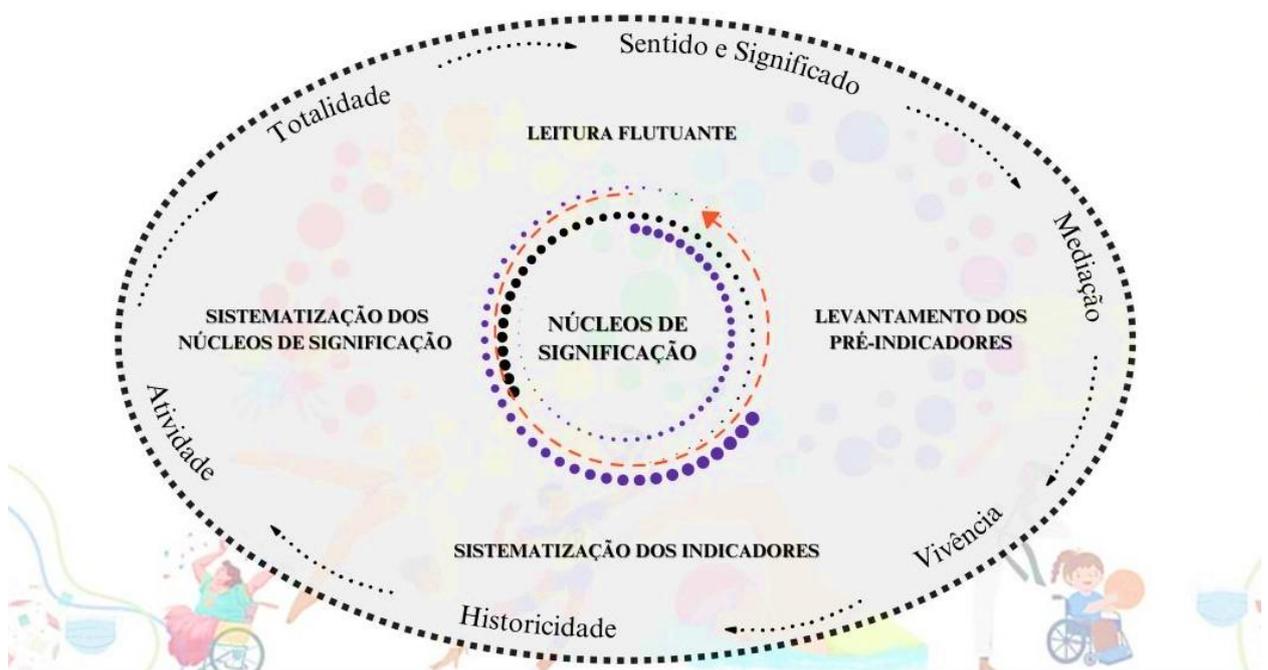
Vigotski (2001, p. 398) aponta que os significados são, “ao mesmo tempo, um fenômeno de discurso e intelectual”. Sua proposta teórico-metodológica permite ao pesquisador apreender as significações dos docentes de Educação Física que fizeram parte deste estudo, a partir dos movimentos de constituição dos núcleos de significação.

Por meio desse percurso metodológico, buscaremos **apreender as significações de docentes sobre a inclusão de estudantes de uma escola dos anos finais do ensino fundamental, nas práticas corporais da Educação Física escolar pós-pandemia da Covid-19**. Dessa forma, os núcleos de significação apresentam quatro etapas para análise: 1 - **Leitura flutuante**; 2 - **Levantamento de pré-indicadores**; 3 - **Sistematização de indicadores**; 4 - **Sistematização dos núcleos de significação** (Aguiar; Soares; Machado, 2015). Desta forma,

são apreendidos e explicados os significados, por meio das categorias metodológicas de análise para o estudo apresentado na seção anterior.

Apresentaremos a seguir uma ilustração na figura 8, o movimento dos NS, na qual, além das etapas dos Núcleos de Significação, estão inseridas as nossas categorias de análise, pois compreendemos que caminham juntas como um só movimento, na medida em que fazem parte da constituição e das significações dos docentes em seu processo de inclusão de estudantes nas práticas corporais no retorno das aulas presenciais.

Figura 8 – Movimento dos Núcleos de Significação.



Fonte: Elaborado pelo autor com base em Aguiar, Soares, Ozella, Machado e Aranha (2024).

#### 4.4.1 Leitura Flutuante

Para Aguiar, Aranha e Soares (2021), a leitura flutuante é, primeiramente, uma leitura minuciosa sobre as informações coletadas na pesquisa, quando o pesquisador irá ler e reler o material, realizando o que chamamos de leitura flutuante, sem o intuito de encontrar aspectos únicos ou até mesmo categorizar as informações, mas aprofundar do conhecimento de todo o material coletado de sua realidade específica.

Em seu primeiro movimento, realizamos uma leitura rápida das informações coletadas dos docentes participantes para nos aprofundarmos sobre o material com o intuito de ter conhecimento sobre a realidade de cada docente no espaço escolar, ou seja, na instituição onde os docentes lecionam. Em um segundo movimento, voltamos à leitura das falas, desta vez tendo

o objetivo de destacar as características que despertaram o interesse em pesquisar o objeto do estudo.

#### 4.4.2 Levantamento dos pré-indicadores

No levantamento dos pré-indicadores, demos os primeiros passos para sistematizar os núcleos de significação. De acordo com Aguiar e Ozella (2013, p. 309), os pré-indicadores estão direcionados aos “trechos de fala compostos por palavras articuladas que compõem um significado”. Dessa forma, “as palavras consideradas unidades de análise, aquelas que compõem uma unidade de significação, ou seja, palavras inseridas em um contexto que as qualificam e, nessa condição, revelam algo específico do sujeito” (Aguiar; Aranha; Soares, 2021, p. 7).

Em nossa pesquisa, sistematizamos as informações obtidas logo após a leitura flutuante, depois as leituras aprofundadas das falas dos docentes de Educação Física a partir da entrevista reflexiva. Assim, organizamos os trechos de falas e palavras que são compostas por significados em um quadro, contendo as questões norteadoras e as falas dos docentes participantes.

Os trechos de falas que compõem significados são destacados em *itálico*. A partir daí, demos início ao movimento dialético para o levantamento dos pré-indicadores, falas dos participantes. Obtivemos o total de 173 pré-indicadores, apresentamos uma prévia no quadro 2 (disponível no apêndice E no quadro dos pré-indicadores completo). Vale lembrar que os pré-indicadores são falas que compõem um significado, levando em consideração não apenas da fala dito, mas todo o seu contexto real.

O quadro ilustrativo dos pré-indicadores conta com um tema central e contém as significações dos professores de Educação Física; os trechos de falas apresentados no quadro demonstram o movimento da dialética, vários significados referentes à sua prática em sala de aula sobre a inclusão. Para a identificação dos pré-indicadores, foram adicionadas as duas primeiras letras dos PI (pré-indicadores) e o número (representa a quantidade de trechos).

Este processo ocorreu no momento da leitura das falas, sendo retirados trechos acompanhados por significados, é nesse momento que é preciso estar atento, pois é possível deixar alguns trechos importantes para trás, razão pela qual os pré-indicadores foram feitos em várias versões até chegar à versão final. A seguir, exemplo ilustrativo do levantamento dos pré-indicadores no quadro 3.

Quadro 3: Exemplo ilustrativo do levantamento dos pré-indicadores.

LEVANTAMENTO DOS PRÉ-INDICADORES	
MUDANÇA COM A CHEGADA DA COVID-19 E O RETORNO DAS AULAS PRESENCIAIS NO PROCESSO DE INCLUSÃO	
JOSÉ	NATIVO
PI-118: <i>A Educação Física entra no pós-pandemia com a necessidade de socializar essas pessoas [...]</i>	PI-157: <i>[...] se tratando da prática atual, às vezes a gente se sente um pouco castrado, limitado diante da falta de material [...]</i>
PI-84: <i>[...] eu acho que o professor de Educação Física, não só na pandemia, mas em toda vida, ele é importante na vida dos alunos.</i>	PI-93: <i>[...] depois da pandemia, os meninos, principalmente os mais novos não tiveram a iniciação as práticas corporais, eles apresentam uma certa dificuldade para participar, eles apresentam uma certa recusa, eu acredito, que deve ser pelo tempo que eles passaram isolados, pelo tempo que passaram em telas, em aparelhos eletrônicos e isso gerou um comodismo [...]</i>
PI-70: <i>[...] quando a gente voltou para as aulas presenciais, que eu iniciei como professor nas escolas, eu percebi o desinteresse dos alunos pelas práticas corporais, e isso vem permanecendo [...]</i>	PI-137: <i>[...] o professor de Educação Física é um trunfo que a escola tem para atrair ainda mais os alunos [...]</i>
PI-3: <i>o professor de Educação Física, a gente querendo ou não, tem uma realidade não tão interessante, falta recurso. Essa realidade eu acho que é de todas as escolas da região do município [...]</i>	PI-102: <i>[...] se de forma presencial a gente enfrenta uma certa dificuldade pra poder trazer esse aluno de volta às práticas que aconteciam antes da pandemia, a distância ainda era mais complicada.</i>
PI-33: <i>[...] a gente tem que ter a inclusão não apenas levando pro lado da deficiência, mas também para o lado do gênero feminino e masculino [...]</i>	

Fonte: Elaborado pelo pesquisador (2024)

#### 4.4.3 Sistematização dos indicadores

A segunda etapa incide na sistematização dos indicadores, que consiste em apreender o modo como os pré-indicadores vão se articulando, constituindo formas de significação da realidade (Aguiar; Soares; Machado, 2015). Assim, para Aguiar, Aranha e Soares (2021, p. 7), “a articulação dos pré-indicadores, culminando na constituição de indicadores, cria a possibilidade do surgimento de um conjunto com outro potencial explicativo”.

Dito isto, o movimento dialético partindo dos pré-indicadores para a sistematização dos indicadores vai no momento em que as falas e trechos vindos dos pré-indicadores compõem um tema central, ou seja, as falas que se conectam com determinado tema formam um indicador. A título de exemplo, as falas que trazem o tema inclusão de gênero nas práticas corporais da Educação Física ou a inclusão nas práticas corporais pós pandemia da covid-19; os trechos que abordam estes temas formam um indicador. No caso deste estudo, foram feitos indicadores com

temas centrais até chegar ao nosso objeto de estudo, mas todos os indicadores se conectam com nossa pesquisa.

Para que possamos chegar à sistematização dos indicadores, primeiramente realizamos uma leitura aprofundada dos pré-indicadores, construímos a primeira versão dos indicadores, em seguida fizemos a releitura e refizemos os indicadores finalizando sua segunda versão, logo depois relemos os indicadores, identificando algumas falas que precisavam ser remanejadas para outros indicadores, finalizando a terceira e última versão.

Posto isto, estes indicadores foram construídos por meio da dialética advinda dos pré-indicadores, são falas que necessariamente não estão em ordem, mas, que compõe significados importantes para a pesquisa. Portanto, entre idas e vindas, e inúmeros caminhos que percorremos, obtivemos o total de 12 indicadores (apêndice F). Apresentamos um exemplo ilustrativo do recorte dos indicadores no quadro 4.

Quadro 4: Exemplo ilustrativo da sistematização dos indicadores.

<b>SISTEMATIZAÇÃO DOS INDICADORES</b>	
<b>INDICADORES</b>	<b>PRÉ – INDICADORES</b>
<b>INCLUSÃO NAS PRÁTICAS CORPORAIS NO RETORNO DAS AULAS PRESENCIAS: desinteresse pelas práticas corporais, tentar resgatar o aluno</b>	<p>PI-80: [...] <i>eu consigo levar bem essas práticas, tranquilo para mim, mas eu só sinto falta da participação, do interesse e da motivação que eles têm e em relação às práticas estão sendo tranquilo.</i> (José)</p> <p>PI-70: [...] <i>quando a gente voltou para as aulas presenciais, que eu iniciei como professor nas escolas, eu percebi o desinteresse dos alunos pelas práticas corporais, e isso vem permanecendo [...]</i> (José)</p> <p>PI-169: [...] <i>através das práticas corporais, através das aulas de Educação Física, a gente pode tentar trazer esse aluno de volta, resgatar esse aluno, tentar fazê-lo ter uma vida ativa novamente, participar das aulas [...]</i> (José)</p> <p>PI-168: [...] <i>diante que a gente vem do pós-pandemia, passou muito tempo afastado, eram realmente jovens pequenos e não tiveram essa iniciação às práticas corporais e acabaram desenvolvendo esse desinteresse pelas práticas corporais [...]</i> (Nativo)</p> <p>PI-95: <i>Os alunos passaram muito tempo acomodados, muito tempo sem a realização das práticas corporais, é notório [...]</i>(Nativo)</p> <p>PI-57: [...] <i>a inclusão na escola existe, mas ainda enfrentamos alguns jovens que não têm afinidade com as práticas corporais [...]</i> (Nativo)</p>

Fonte: Elaborado pelo pesquisador (2024).

#### 4.4.4 Sistematização dos Núcleos de Significação

A quarta etapa, a sistematização dos núcleos de significação, é o momento especialmente concentrado na síntese e análise do trabalho. Nesse ponto, há necessidade de superar o discurso aparente do sujeito em seu meio social e cultural, visando, por meio do “processo de articulação dialética” (Aguiar; Soares; Machado, 2015), à superação do discurso aparentemente descolado da realidade social e histórica.

Para Aguiar, Aranha e Soares (2021), a constituição dos núcleos de significação coincide em uma abstração de maior proporção das informações obtidas, visto que é o momento em que os indicadores e seus conteúdos vindos dos pré-indicadores se articulam dialeticamente com formas de apresentar uma nova síntese.

Inicia-se, dessa forma, “um processo de articulação que resultará na organização dos núcleos de significação através de sua nomeação” (Aguiar, Ozella, 2006, p. 231). É nesse ponto que “o processo de análise” tem um avanço do empírico para a interpretação, caminhando-se para a análise dos Núcleos (Aguiar, Ozella, 2006).

Esse movimento dialético é advindo da sistematização dos indicadores; nesse ponto, é necessário conectar os indicadores que abrangem um núcleo, isto é, pegamos os indicadores com temas semelhantes para formar um núcleo de significação. A título de exemplo, o indicador referente ao professor de Educação Física se conecta ao indicador da Educação Física, que posteriormente se liga às estratégias e ao uso do material didático. Esse movimento resultou na formação do primeiro núcleo.

Para a formação dos núcleos, tivemos que fazer um movimento dialético por meio do qual seria possível conectar todos os indicadores em vários núcleos, fazendo-se uma primeira versão e, posteriormente, a segunda versão (final) contendo 3 núcleos de significação (completo em apêndice G). Exemplo ilustrativo de um núcleo de significação consta no quadro 5.

Quadro 5: Ilustração da sistematização dos núcleos de significação.

<b>SISTEMATIZAÇÃO DOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO</b>	
<b>INDICADORES</b>	<b>NÚCLEO</b>
INCLUSÃO NA ESCOLA: deveria existir, mas não consegue atingir a todos	Inclusão na Educação Física e pandemia da covid-19: do ensino remoto ao retorno das aulas presenciais
INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA: nas aulas remotas, é bem pior.	
INCLUSÃO NO RETORNO DAS AULAS PRESENCIAS: a educação física é a chave para resgatar os alunos.	

Fonte: Elaborado pelo pesquisador (2024).

As informações obtidas nos núcleos (apresentados na próxima seção) nos deram a possibilidade de compreender a importância da Educação Física para a inclusão de estudantes nos espaços escolares. A partir das falas dos docentes, percebemos que a falta de material é um obstáculo para a inclusão de todos os alunos em sala de aula.

Preocupam-se também com a falta de valorização da profissão no município, não apenas como componente curricular que visa às vivências às práticas corporais, mas como uma disciplina de formação dos sujeitos e contribuição para a inclusão pós-pandemia da covid-19. Portanto, discutiremos estas questões e outras sobre o estudo na próxima seção, na qual nos aprofundaremos sobre as significações dos docentes expostas no pré-indicadores, indicadores e núcleos de significação.

## SOMOS HISTÓRIAS

*Dizem que somos histórias  
Somos o que somos, pela nossa vivência  
Pelos caminhos que trilhamos, e os sonhos  
Que buscamos, há, os sonhos  
Constituídos pelo mundo, mas com a essência  
De ser nós mesmos, sim, somos vivência  
Mas também, somos histórias de um passado  
Não tão distante, somos o hoje e o futuro?  
Não faço ideia como será  
Mas hoje, contamos histórias, vivências  
De quem viu muita coisa nesse mundo  
Onde os significados são histórias  
Que vivenciamos ao longo desse caminho  
(Oliveira, 2024).*



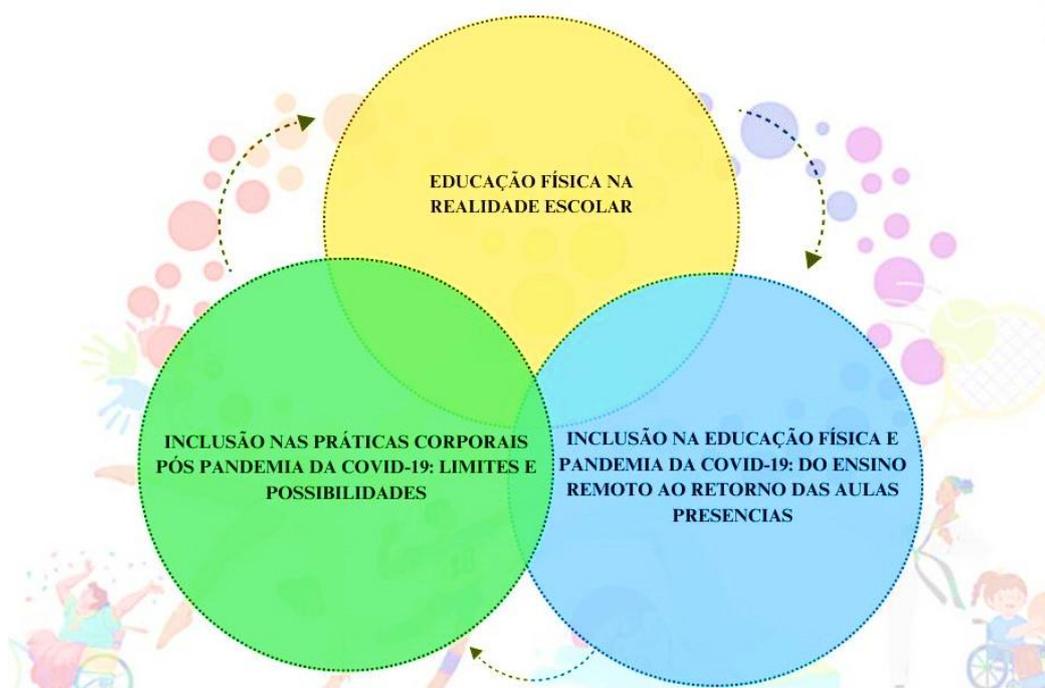
Fonte: Imagem elaborado pelo pesquisador a partir do canva (2024).

## SEÇÃO V – O MOVIMENTO INTERPRETATIVO DOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO: SOMOS HISTÓRIAS DE UM PASSADO NÃO TÃO DISTANTE

A epígrafe autoral “Somos Histórias” se refere às nossas constituições nas vivências na sociedade, se conectando às significações apresentadas nesta seção, na qual “*contamos histórias, vivências de quem viu muita coisa nesse mundo, onde os significados são histórias*”. Essa seção é referente à discussão do movimento de análise e interpretação das informações produzidas e sistematizadas em núcleos de significação; foi necessário irmos além das aparências, não nos contentando apenas com as descrições dos fatos, buscando a explicação do processo constitutivo dos sujeitos professores.

Dialogamos com as informações sistematizada em cada núcleo, neles realizamos uma interpretação inter e intranúcleos, guiada essencialmente pelas categorias: Totalidade, Historicidade, Mediação, Sentidos e Significados, Atividade e Vivência. O objetivo foi não apenas descrever o que está presente nas falas dos participantes, mas explicar a dimensão empírica para o concreto real. O movimento da articulação dos NS se constituiu no levantamento de 161 pré-indicadores, que contêm significados de acordo com o objeto desse estudo; estes foram aglutinados em 12 indicadores e sistematizados em três núcleos. Na figura 10 é apresentado na figura 9.

Figura 9 – Os Núcleos de Significação.



Fonte: Elaborado pelo pesquisador através do Canva (2024).

Apresentamos o primeiro núcleo como ponto de partida, e os demais navegaremos por meio das falas dos docentes de Educação Física, suas vivências no campo escolar, seus modos de pensar, sentir e agir; com vistas à apreensão das suas significações referentes à inclusão de estudantes nas práticas corporais da EFE pós-pandemia, sendo necessário, porém, compreendermos a realidade escolar dos professores para que avancemos no objetivo desse estudo.

Para melhor compreensão das falas e trechos que compõem significado, metodologicamente destacamos em **negrito** aquelas falas e trechos que carrega significado e em *itálico* para explicitar as falas dos docentes. Foi analisado e escrito um indicador por vez. No início de cada núcleo, é apresentada uma fala do docente para ilustrar sua totalidade.

### 5.1 Núcleo de Significação 1: Educação Física na realidade escolar

*O professor de Educação Física, a gente querendo ou não tem uma realidade não tão interessante, falta recurso, essa realidade eu acho que é de todas as escolas da região do município [...] (José).*

O primeiro núcleo de significação aborda as significações dos docentes de Educação Física no ambiente escolar referentes aos desafios nas práticas corporais e a importância do componente curricular para a formação dos estudantes, além de conter estratégias feitas pelos professores mesmo com a falta de material, o que dificulta a realização de uma prática sólida e satisfatória. Este núcleo foi constituído por quatro indicadores, conforme apresentado na figura 10. Estes indicadores são resultados da aglutinação de 56 pré-indicadores.

Figura 10 – Núcleos de Significação 1.



Fonte: Elaborado pelo pesquisador (2024).

O indicador “**Professor de Educação Física: é um trunfo, não é bem visto, precisa se reinventar, não tem formação continuada**” aponta os sentidos e significados dos docentes de Educação Física em relação à sua vivência no campo escolar. Os desafios de se reinventar na prática docente, principalmente quando se refere ao componente curricular que ainda preciso ser visto pelas demais instâncias educacionais, se fazem presentes no cotidiano do docente. Sobre isso, o docente diz:

*a nossa profissão ainda tem que ser muito bem visto dentro das escolas principalmente dentro das escolas públicas né, devido aquela importância de que algumas pessoas do núcleo gestor e as demais pessoas da escola, tratam a disciplina de Educação Física, mas, diante disso eu acredito muito na minha profissão tanto nos dois caminhos, bacharel e licenciatura (José, 2023).*

*A dificuldade está mais na questão da escola se adaptar aos professores de Educação Física e propor isso para os alunos. (José, 2023).*

*A maior dificuldade que tem é esse mesmo, de não ter um amparo maior para o professor de Educação Física (José, 2023).*

As falas expressam significações sobre como a *profissão não é bem vista* pela comunidade escolar, onde o docente acaba tendo *dificuldade por não ter amparo aos professores de Educação Física*. Diante disso, o docente coloca em questão sua vivência na escola que resulta no não acolhimento, quando se fala em gestores, compreende-se que não são apenas aqueles que estão ligados ao espaço escolar, mas todas as instâncias da educação.

Isso nos leva à “realidade como um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um fator poder a vir a ser racionalmente compreendido” (Kosik, 2010, p. 44); a realidade envolve a necessidade de ser reconhecido, ser visto como profissional que busca da melhor forma possível contribuir para formação humana e como seu componente curricular é tratada no meio educacional.

Inferimos que o docente passa por momentos de vivências no espaço escolar e carregam consigo significados que foram construídos ao longo de suas experiências. Esse processo constitutivo na escola advém de relações com os outros que determinam sentimentos de insatisfação em relação ao tratamento que a comunidade escolar dá à sua profissão. Estas relações e vivências nos levam a entender as lacunas que ainda precisam ser preenchidas, uma das quais está ligada ao não reconhecimento do docente de Educação Física no campo escolar.

Compreendemos que é de fundamental importância os professores formados na área de conhecimento serem motivados e valorizados dentro do campo escolar; mesmo que existam

barreiras, é preciso garantir por meio do PPP da escola ou por outras propostas que completem a proposta do componente na escola e que possam ser pensadas coletivamente. Ainda acerca da valorização, os docentes relatam a necessidade de formação continuada:

*Eu sinto essa falta das formações continuadas que nem você explicou, para os professores de Educação Física, querendo ou não, a gente não tem aqui, e se tem eu não lembro de ter participado de nenhuma de ser voltado para a Educação Física, tá certo? [...]* (José, 2023).

*A gente tem aí as formações, sempre tem formações pra matemática, sempre tem formações pra português e ciências e, a gente não tem as formações continuada pra poder tá se aprimorando, para poder tá buscando novas ideias com outras pessoas da área que possam tá auxiliando a gente em como trabalhar numa escola pública, como trabalhar com os nossos alunos, com a realidade que a gente tem [...]* (José, 2023).

*Infelizmente, faz muito tempo a área da Educação Física que eu não participei de nenhuma formação continuada direcionada pelo município. É importante, toda formação, inovação que vem agregar conhecimento ao professor [...]* (Nativo, 2023).

*A formação continuada ela acontece em partes, gostar de participar, sim, quanto mais informações, melhor, eu agradeço, mas, ultimamente isso vem acontecendo por motivo do Conselho (da Educação Física) a universidade daqui convida o conselho [...] mas por parte da instituição a qual trabalho, não.* (Nativo, 2023)

As falas indicam as significações dos docentes sobre a *formação continuada*, enfatizando que acontece apenas para outros componentes como *matemática, português, ciências*, porém para a *Educação Física* estas formações não se fazem presentes onde trabalham. Os participantes relatam a *falta* de formação continuada como fator constituinte da não valorização do seu trabalho, pois é preciso se sentirem motivados a buscar *novas ideias* e planejar as aulas de acordo com a *realidade*. Nesse sentido, as formações vêm *agregar conhecimento* aos docentes e contribuir para uma aula dinâmica e inovadora.

Nesse caso, os docentes carregam significados que precisam ser levados em consideração em sua totalidade, que afeta sua prática na escola por se sentirem afastados das demais disciplinas no ambiente educacional. Por isso, a formação continuada tem papel em proporcionar aos docentes atualizações recentes de pesquisas sobre as práticas escolares em várias áreas de conhecimento, além de trazer reflexões da prática pedagógica diante da realidade escolar (Martins, 2008).

Candau (2003, p. 52-53) escreve que a formação continuada é “[...] como um processo constante e não pontual, estando sempre interligada com as atividades e as práticas profissionais

que estão sendo desenvolvidas dentro da escola”. Diante dessa questão, compreendemos que é preciso termos em vista o quanto os professores do componente curricular são importantes dentro da escola e que, mesmo com avanços, os docentes ainda vêm enfrentando obstáculos não apenas com os estudantes, mas com a própria formação. Talvez se fossem valorizados, não encontrariam tantas dificuldades em sua prática.

É preciso reconhecer o docente de Educação Física como outros da educação: se em outros componentes curriculares existem formações para os profissionais, por que para os professores de Educação Física não existe? Eles também contribuem para a constituição dos estudantes nos espaços escolares. A falta de formações para estes professores é advinda de um fator histórico que ainda vem permanecendo dentro das escolas.

Historicamente, os professores de Educação Física são tidos apenas como sujeitos que contribuem para o desenvolvimento das condições físicas dos estudantes; mesmo com o passar do tempo, com as reformas curriculares para esta área de conhecimento direcionada à formação integral dos alunos, os profissionais ainda encontram obstáculos à sua valorização. Não adianta apenas o docente reconhecer seu valor, é necessária também a valorização por aqueles que estão à frente dos sistemas de educação, sejam eles municipais, estaduais ou federais, ou seja, um olhar para estes docentes e seu componente como uma disciplina importante para o meio escolar. Em outras palavras, não basta o docente sair de sua zona de conforto e buscar novos métodos de ensino: é preciso ter suporte e apoio dos órgãos competentes.

Diante disso, o docente precisa se reinventar constantemente, não por motivação ou valorização de sua profissão, mas em virtude das necessidades e dificuldades encontradas no campo escolar. Sobre isto, o docente destaca:

*[...] é um desafio, o professor tem que se reinventar em todas as aulas, tentar levar aquela aula adaptada à realidade, tipo, tentar seguir uma grade que é proposta para o professor de Educação Física, pra que ele trabalhe isso com os alunos (José, 2023).*

*[...] a gente precisa se reinventar, tá se reinventando e querendo ou não, quando a gente tá no ambiente que só é a nossa realidade, a gente acaba que, se fechando somente aquilo, quando se tem uma formação ou um formador, seja quem for, vem e traz novas ideias, de novas experiências que ele teve fora da realidade e passa para nós professores, você acaba meio que despertando algo novo que você possa trazer pra sua formação acadêmica, como exemplo; experiência que você precisa passar para sua sala de aula (José, 2023).*

As falas de José indicam significações sobre sua prática no espaço escolar, sentindo a necessidade de *se reinventar* diariamente para que as atividades em sala de aula possam ser

*adaptadas à realidade* dos alunos. Diante disso, a possibilidade de buscar novos métodos pode vir da *formação* que, de certo modo, auxilia o docente a ter *novas ideias* e não se limitar às práticas repetitivas.

A reinvenção da prática docente não acontece de um dia para outro, mas num processo de vivência na escola. Para Lima e Pimenta (2005), é necessário buscar novos conhecimentos em relação às explicações existentes e os novos da realidade escolar, que o real impõe e são percebidas dentro da postura investigativa. Isto é, deve sempre estar atento aos meios que compõem a escola para que possa se reinventar diante da realidade do campo educacional.

A capacidade do sujeito ser ativo e criar diversas possibilidades em sua realidade que superam as necessidades em múltiplos espaços de sua convivência faz o professor ir além de suas atividades escolares, o tornando “[...] capaz de se adaptar às condições constantes e habituais do meio exterior” (Vigotski, 2014, p. 3). O ato de se reinventar vem das possibilidades que são proporcionadas aos docentes diariamente, sejam elas pontos positivos ou negativos vindos de precisões da realidade.

O ato de “[...] (re)construir, reinventar sua prática com referência em ações/experiências e em reflexões/teorias” (Caparroz; Bracht, 2007, p. 27) para a nova realidade escolar tornar-se um espaço que possibilite a direção para que o estudante conheça a Educação Física em seus diversos aspectos de suas práticas escolares na realidade social (Soares *et al.*, 2012). Nesse sentido, é necessário refleti-las para que sejam ponto de partida de novos caminhos de uma prática satisfatória, principalmente quando o docente se sente limitado para realizar as atividades escolares. Sobre isso, Nativo relata: “[...] *se tratando da prática atual, às vezes a gente se sente um pouco castrado, limitado diante da falta de material [...]*”.

Nativo expressa significações sobre a *prática* escolar e enfrenta algumas dificuldades em relação à realização das atividades na sala de aula. Diante da realidade, sem auxílio de material por parte dos gestores é natural que o professor se sinta limitado em planejar e realizar as práticas pedagógicas. Inferimos que isso pode ocorrer quando não se tem amparo e, conseqüentemente, o docente não é tratado com devida importância no meio escolar. Sobre a importância da Educação Física, José profere:

*Acho que aflige todo professor de Educação Física, que é a importância de nós professores de Educação Física na escola, ser reconhecido, ter propostas para que possamos melhorar nossas aulas, recursos para que a gente possa trabalhar de uma forma digna [...]* (José, 2023).

Esta fala expressa significados sobre o sentimento de desamparo que *aflige* o docente, retrata a falta de reconhecimento e de *propostas* para *melhorar* suas *aulas*. Isso se torna uma barreira para o professor, pois é necessário que tenha motivação a realizar as atividades, trabalhar de maneira digna e que os desafios possam ser minimizados para contribuir dentro da escola.

Para Bozok; Bressan (2023), os desafios enfrentados pelos docentes são inerentes ao cotidiano escolar, que vivenciam condições desfavoráveis, principalmente em escola pública. Percebemos que o professor de Educação Física ainda passa por dificuldades e que “[...] nos deixa entregues a um subjetivismo impotente frente aos grandes desafios da EFE” (Bagnara; Fensteiseifer, 2020, p. 07).

Inferimos que as questões levantadas sobre a falta de amparo levam o docente a ter dificuldades no planejamento de suas atividades escolares, cabendo à escola (gestores) trabalhar em conjunto para que os professores de Educação Física se sintam acolhidos, capacitados e, conseqüentemente, melhorem sua prática. Sobretudo, é fundamental, além do acolhimento, o docente ser motivado para realizar suas atividades escolares, por meio das mediações, das contradições determinadas pela realidade concreta da escola. A “Mediação não é uma questão de opção, ela está intrínseca ao movimento da realidade” (Oliveira, 1988, p. 81). É uma compreensão profunda das relações entre os sujeitos em seu meio social, constituindo a chave para capturar a totalidade concreta do real, sem riscos de armadilhas idealistas (Pontes, 1989).

Estas relações fazem parte do convívio entre os sujeitos; mesmo com os desafios intensificados no contexto do isolamento social e pós-pandemia, a EFE tem sido um aliado importante para a formação dos estudantes em sala de aula. Sobre isso, os docentes expressam;

*[...] eu acho que o professor de Educação Física não só na pandemia, mas em toda vida, ele é importante na vida dos alunos.* (José, 2023).

*[...] o professor de Educação Física é um trunfo que a escola tem para atrair ainda mais os alunos [...]* (Nativo, 2023).

As falas expressam significações sobre a importância do *professor* de *Educação Física* no campo escolar, que, por meio de suas atividades, *atrai* os estudantes para a escola. Diante disso, os docentes da disciplina têm sido um *trunfo*, principalmente no retorno às aulas presenciais, denominado pós-*pandemia* da covid-19. Estas falas carregam vivências que nos levam a pensar numa Educação Física Escolar como um dos elementos importantes para o processo de desenvolvimento dos alunos.

Inferimos que o professor e a EFE, como aliados durante e após a pandemia da covid-19, precisam reinventar suas atividades escolares, mesmo não tendo suporte necessário para realizar suas atividades, tais vivências e relações nesse período de isolamento tiveram que colocar o professor de Educação Física em um novo papel, que pudesse, por meio das atividades físicas e das práticas corporais, incentivar os sujeitos a praticá-las em casa. No retorno das aulas presenciais, a EF se reafirma como um dos componentes que necessariamente podem despertar o interesse dos alunos na escola.

Entendemos que os professores de Educação Física são importantes na contribuição de uma prática que permita ser realizada por uma visão crítica sobre suas ações e atitudes, instigando os alunos a despertar novos interesses dentro e fora dos muros escolares. Pensando na vivência dos docentes referente aos desafios intensificados pela pandemia da covid-19, consideramos que os professores e a disciplina têm sido aliados para que os alunos não sejam prejudicados, especialmente no que diz respeito à realização das práticas corporais na escola.

Portanto, cabe colocarmos como fator histórico o quanto a Educação Física tem atravessado mudanças principalmente em sua proposta curricular, que passa de uma disciplina individual para um componente que visa às questões humanas e as relações de afetos, que mediam os sujeitos na comunidade escolar ou em outros grupos sociais, se conectando com a disciplina atualmente. Isso nos direciona à Educação Física como disciplina que contribui para a formação dos alunos em diversos direcionamentos, conhecimento pessoal, grupal e até mesmo as relações mediadas e vivenciadas com as demais pessoas, afirmando mais a importância do componente curricular para a escola.

No indicador **“Educação Física: é crucial para a formação do indivíduo, mas não é valorizada”**, são discutidos os significados dos docentes sobre o papel da Educação Física no processo de formação e aprendizagem dos estudantes, além de conter falas importantes sobre a não valorização do componente curricular como uma disciplina formativa.

A Educação Física exerce papel importante na formação integral dos estudantes, sejam eles dos anos fundamentais ou do ensino médio. Entretanto, é relevante pensar a EF como componente curricular que potencializa os alunos à socialização em seu meio social. Sobre isto, os docentes dizem:

*[...] a Educação Física como já tinha dito, ela é de suma importância para a formação de um aluno né, tanto para levar para cidadania como pessoa, também como aluno [...]* (José, 2023).

*[...] acredito que a Educação Física é uma disciplina crucial pra essa formação, se você parar pra pensar, não ver o desenvolvimento de certas*

*qualidades humanas, como também corporais, da cultura corporal em outras disciplinas [...]* (Nativo, 2023).

Os docentes expressam em suas falas a relevância da **Educação Física** ser um componente curricular para a **formação** dos estudantes, sendo **crucial** para desenvolver valores humanos e aprendizagem inseridos dentro das práticas **corporais, da cultura corporal** do movimento, contribuindo para a formação da **cidadania**. Visto isso, de acordo com a proposta curricular, este componente contribui para o processo constitutivo dos educandos, atribuindo em suas atividades valores como respeito, companheirismo e outros, isto é, vai além da realização de atividades recreativas.

Palma e Palma (2005) ponderam que a disciplina de Educação Física contribui no processo de formação de estudantes no ambiente escolar, levando os alunos a refletirem sobre sua corporeidade, ver o corpo em seu pleno movimento e conhecer seus limites. Desta forma, a EF, além de oportunizar a aprendizagem por meio do movimento, não se isola de forma individual; pelo contrário, tem como foco também a coletividade entre os sujeitos. No entanto, as falas dos professores indicam que isto não se efetiva plenamente.

As contribuições da Educação Física Escolar se referem à “educação corporal”, entretanto a construção pedagógica da EFE se refere a um duplo aspecto, da qual tem a dimensão das relações hierárquicas, observância de preceitos, a conduta do corpo e suas normas e os aspectos de conhecimento que envolvem a escola e aprendizagem, promovendo dentro do espaço a “educação corporal” (Bracht, 1999).

Dito isso, compreendemos a disciplina como instrumento no processo de mediação, que vai do ensino infantil até o ensino médio. A Educação Física Escolar por meio do movimento atribui diversos valores e atitudes aos estudantes, refletidos diretamente nas ações dos sujeitos na escola e fora de seus muros, entretanto é importante colocarmos em pauta como a EF pode contribuir ainda mais para a formação integral do indivíduo.

Estes pressupostos condizem com as significações sobre esse componente curricular, enunciadas pelos docentes participantes da pesquisa. Para Nativo, a Educação Física tem contribuído para o processo formativo dos sujeitos: “[...] **é importante para o desenvolvimento, não só das condições motoras, como também das condições cognitivas, das qualidades humana, entre elas, o respeito, a amizade, companheirismo, solidariedade e entre outras qualidades [...]**”. Nesse sentido, a importância da Educação Física para a vida dos estudantes do ensino básico vai além do **desenvolvimento** das **condições motoras** dos alunos, envolvendo questões **cognitivas**, perpassando por valores como **o respeito, amizade, companheirismo e solidariedade**.

Considerando que a Educação Física faz parte da totalidade do processo educativo, inferimos que o processo dialético possibilita constantes mutações na disciplina, devendo a dimensão social e histórica da EFE ser considerada de modo a proporcionar aprendizagem que vai além das habilidades motoras, mobilizando aspectos afetivos, sociais, dentre outros.

Sobre a contribuição da Educação Física na aprendizagem dos alunos, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs da EF afirmam

A Educação Física propicia uma experiência de aprendizagem peculiar ao mobilizar os aspectos afetivos, sociais, éticos e de sexualidade de forma intensa e explícita, o que faz com que o professor de Educação Física tenha um conhecimento abrangente de seus alunos. Levando essas questões em conta e considerando a importância da própria área, evidencia-se cada vez mais, a necessidade de integração (Brasil, 1997, p. 22).

Mesmo que os PCNs tenham sido publicado há quase 3 décadas, percebemos sua atualidade no que diz respeito à contribuição da Educação Física para o meio escolar, advindas de uma lacuna que até o momento a escola/educação não preencheu. Não podemos negar que com o avançar do tempo a disciplina de Educação Física tenha adquirido novos direcionamentos para a formação dos sujeitos, um deles relacionado às práticas que compreendem os aspectos afetivos, sociais e senso crítico (Coletivo de autores, 1992). Ainda assim, a realidade das escolas não se aproxima efetivamente do que está prescrito nos PCNs e outros documentos referentes à disciplina, isso talvez seja uma das consequências das contradições que envolvem a dimensão histórica da EF, caracterizada de forma limitada distanciando-se da sua essência.

Desse modo, a disciplina de Educação Física não pode ser concebida de forma limitada, mas como disciplina de caráter formativo, compreendendo as dimensões afetiva, social, cognitiva, que podem ser desenvolvidas com as práticas corporais. Sobre isso, o docente profere:

*[...] eu sinto isso como uma falta muito grande, que era pra ser bem mais vista pelas pessoas que comandam a Educação da nossa cidade.”* (José, 2023).

*[...] a gente deve tirar daquele conceito que a Educação Física é jogar bola né, querendo ou não, a gente tem muito disso aqui na nossa cidade, na nossa região, as escolas que já passei, os alunos não querem muito enxergar a Educação Física como uma disciplina de formação [...]* (José, 2023)

*[...]a gente como professor e tem entendimento disso, tem que passar essas questões para eles, explicar que a Educação Física não é só aquilo, que envolve outros requisitos também, como outras práticas corporais.* (José, 2023).

José expressa em suas falas significações sobre como a *Educação Física* não é *bem vista* pela comunidade escolar, é tida como uma disciplina que apenas para jogar *bola*, sem colaborar no processo de *formação* dos alunos. Essas compreensões talvez venham de um viés histórico e de um pensamento equivocado sobre o papel da EFE nos espaços de ensino. A falta de entendimento e informação ainda prevalece entre os alunos e em autoridades. Porém, esta disciplina não deve estar limitada a certas práticas; pelo contrário, vai além da teoria do brincar, pois trabalha com o corpo humano e é nesse sentido que se deve pensar sua construção na escola:

os educandos e todos os que fazem parte do corpo escolar conseguirão usufruir do que realmente ela é, tendo uma visão e um conhecimento positivo e correto da disciplina, de suas diversidades de conteúdos e ainda mais de ter um conhecimento além do que se vê através de cada atividade elaborada pelo professor, levando em conta as aulas teóricas e práticas (Santos, 2021, p. 8).

Entendemos que é necessário colocar em prática novas concepções sobre a Educação Física Escolar, afastar a concepção de que a disciplina está relacionada apenas à recreação: ela é muito mais, é conhecimento sobre o corpo, construção do senso crítico, movimento, é compreender as ações e atitudes de um grupo no meio social. É nesse caminho de trabalharmos a Educação Física por completo que conseguiremos ter novos olhares sobre o componente curricular. Com as vivências das práticas nos espaços escolares, mesmo faltando a compressão de uma parcela da comunidade escolar, os docentes seguem na linha de frente para que a EF seja vista na sua realidade atual, que traz, além dos desafios conhecidos, os causados pelos impactos da pandemia.

Sobre o contexto atual da Educação Física no retorno das aulas presenciais, o denominado de pós-pandemia da covid-19, tem sido um desafio na volta às aulas. Os docentes relatam:

*A Educação Física entra pós-pandemia com a necessidade de socializar essas pessoas* (José, 2023).

*[...] a Educação Física, por ser uma disciplina que permita um contato maior, seja elas nas aulas, seja na recreação, é de suma importância para que isso aconteça, para que pós-pandemia tenha uma cara diferente, que a gente consiga resgatar os nossos alunos como era antes* (José, 2023).

*[...] a Educação Física em si, independentemente do professor ela atrai o aluno pra escola, e eu acho de fundamental importância, é um elemento crucial no resgate dos alunos* (Nativo, 2023).

*[...] só que ainda tem alguns pontos a serem melhorados, não com relação com o professor, mas sim, a atenção do aluno, do respeito e isso tá faltando* (Nativo, 2023).

As falas expressam significados sobre a *Educação Física* no denominado *pós pandemia*; o componente curricular contribui para *socializar* e *resgatar* os alunos de volta à escola, porém, mesmo que a EF seja uma disciplina atrativa, os docentes ainda enfrentam algumas dificuldades em relação ao *respeito* e *atenção* dos estudantes em sala de aula. Isso nos leva a uma compreensão de que as mediações constitutivas da ação docente dos professores participantes os levam a um pensamento sobre determinada situação vivenciada por eles durante o processo de vivência com outro, o que pode induzir o ser humano a uma visão de sua realidade e ter dificuldade em vivenciar novas experiências, no caso o retorno das aulas.

Para Neuenfeldt, Oliveira e Baumgarten (2022), no retorno das aulas pós-pandemia os docentes perceberam a necessidade de trabalhar a socialização dos estudantes e resgatar a Educação Física como prática visando à comunidade escolar. Posto isso, o professor de EF precisa ser um sujeito capaz de “[...] (re)construir, reinventar sua prática com referência em ações/experiências e em reflexões/teorias” (Caparroz & Bracht, 2007, p. 27), tendo em vista que a EFE precisa proporcionar aos estudantes conexões entre os sujeitos no seu meio social (Batista; Moura, 2019).

Inferimos que a Educação Física, como elemento fundamental para a volta às aulas, pode atrair os estudantes para a sala de aula, porém é preciso ter em mente que ela pode despertar o interesse dos estudantes para a escola, não perdendo de vista que, mesmo a Educação Física sendo bem aceita pelos alunos, ainda existem aqueles que ficam à margem, seja pela não afinidade ou por não saberem praticar alguns esportes; a EFE se encontra na linha de frente para o enfrentamento de impactos da pandemia.

Entendemos também que a pandemia da covid-19 causou uma comoção em toda a população mundial, especificamente nas comunidades escolares que sofreram impacto no que se refere à prática docente. Isto nos faz refletir sobre como a Educação Física tem sido uma das disciplinas na linha de frente para enfrentamento dos efeitos da pandemia, visto que boa parte dos alunos é mais próxima da disciplina. Essa talvez seja uma das estratégias a prosseguir e atrair os alunos para a escola.

No entanto, existem outras estratégias que o docente pode utilizar para que os alunos sintam interesse nas atividades escolares, elas estão ligadas nas relações de afetos entre os sujeitos, contribuindo para a urgência de se pensar em novas estratégias, somando com aulas diferenciadas e que possam buscar novos métodos.

O indicador “**Estratégias realizadas: aula diferenciada desperta o interesse dos alunos**” contém significações sobre o caminho e busca de uma prática pedagógica mais sólida e realista com a realidade dos estudantes; os docentes relatam as buscas de novas metodologias de ensino, usando os poucos recursos disponíveis para que suas aulas sejam igualitárias e satisfatórias. Os docentes relatam:

*[...] professor tem que saber diferenciar isso, para que ele cativa aquele aluno pra que não seja só uma aula dada, só por mais 50 minutos que você jogou ali e foi embora, não, a gente tem que ter todo um contexto, tem que ter toda uma disciplina para que eles permaneça na aula, sinta interesse, por isso que é bom a gente sempre está trazendo conteúdos atuais, de acordo com a realidade deles, trazendo também para a realidade da Educação Física [...](José, 2023).*

*[...] eu costumo ver qual a realidade que eles vivem, porque mesmo diante de uma abordagem pré-estabelecida e dependendo do conteúdo a ser abordado, eles têm uma visão diferente, assim posso trabalhar em cima da visão deles [...](Nativo, 2023).*

As significações dos docentes se referem à busca de novos métodos de ensino, que fazem o professor buscar aulas diferenciadas, trazer *conteúdos atuais* que estejam de acordo com a *realidade da Educação Física* e dos alunos. Compreendemos que as relações afetivas entre o aluno e professor são de fundamental importância para que as aulas possam se aproximar não apenas das relações afetivas, como também das culturais, sociais e históricas dos sujeitos, valorizando as experiências dos estudantes dentro e fora da escola.

Inferimos que as estratégias de aproximação dos estudantes para os conteúdos e componentes curriculares permitem várias possibilidades para que os docentes busquem aulas diversificadas e se conectem ao aluno no meio educacional e social. Porém, é necessário que o professor olhe a realidade dos estudantes, os espaços culturais, suas histórias, sua comunidade e outros, trazendo estes caminhos e métodos para a Educação Física.

Contudo, é notável a importância de um planejamento de aula para a Educação Física que seja diversificada e, ao mesmo instante, atrelada ao meio social, principalmente voltado para os aspectos culturais e históricas dos estudantes dentro das práticas corporais. Em relação a isso, os docentes relatam sobre.

*[...] quando começo meu plano, eu já penso logo o que vou usar, se eu tenho aquele recuso, e se eu posso adaptar para meninos e meninas, para pessoas com deficiência e isso vem desde da nossa formação, a gente aprende a fazer, e eu com certeza faço isso. (José, 2023).*

*Eu tento sempre buscar aqueles conteúdos, claro que seguido os parâmetros, buscar aqueles conteúdos cativantes, como brincadeiras para que todos possam participar [...] que cativa o aluno para participar de uma forma geral* (José, 2023).

*[...] a Educação Física é isso, é você entregar não só para um grupo de pessoas, mas para todas as pessoas, sejam elas quem for, a gente tem que entregar por igual* (José, 2023).

*[...] a gente se depara com situações que realmente você precisa se envolver com planos e estratégias para resgatar esse aluno que está fora e se sente excluído”* (Nativo, 2023).

*[...] necessita de uma manobra, de algum planejamento mais específico diante da introdução de atividades que possam atrair o aluno que não quer mais participar das atividades [...]* (Nativo, 2023).

As falas expressam sobre atividade docente em relação ao *planejamento* para *buscar conteúdos cativantes* que possa *atrair o aluno que não quer participar*, adaptando *atividades para todos*, para que o aluno não *se sinta excluído* em sala de aula. Nesse sentido, o planejamento docente é uma atividade constante na rotina escolar; para Leontiev (2021), a atividade constitui uma questão decisiva e foca no método de conhecimento cinético da consciência, do psíquico. Assim, tais planejamentos dos docentes são atividades “determinadas pelas condições sociais e circunstâncias concretas que cabe a cada um deles” (Leontiev, 2021, p. 46).

Desse modo, a atividade docente requer estratégias pedagógicas visando à participação de todos, razão pela qual é necessário olhar para a inclusão de forma detalhada e compreender que “há particularidades dos contextos sociais, educativos, familiares, entre muitos outros” (Silveira *et al.*, 2023, p. 163). Portanto, a atividade docente deve ser planejada, antes de tudo, pensando nas individualidades dos estudantes, levando em consideração as características e potencialidades dos educandos (Manzini, 2010).

Compreendemos que no planejamento para as aulas de Educação Física devem ser levados em consideração os aspectos que envolvem o cotidiano dos alunos; é preciso também considerar o objetivo de cada aula. Entretanto, é compreensível que o sucesso de um planejamento bem executado não está apenas ligado à cultura corporal do movimento, mas à forma como foi realizado no espaço de ensino.

Isto nos faz refletir sobre como se deve planejar as estratégias para garantir uma aula eficaz e satisfatória, ou seja, precisam ser levado em consideração os diversos fatores para seu planejamento; recursos didáticos, ambientes, alunos, objetivos e conteúdo, podendo-se iniciar

a estratégia pensando na comunidade escolar. Dito isto, deve-se pensar num plano que dê a oportunidade de todos estarem inseridos na aula.

De modo específico ao docente de Educação Física, a falta de material didático dificulta o planejamento das atividades escolares, além de limitar sua prática, exigindo também pensarmos em estratégias em uma amplitude maior.

No último indicador deste núcleo, denominado “**Material didático: a escola não tem, mas é adquirido pelo professor**”, há significações de docentes sobre o material didático direcionado para a Educação Física Escolar. O docente de Educação Física vem enfrentando sérias dificuldades em relação ao uso de materiais didáticos: a falta de recurso para o componente curricular tem impactado diretamente na realização das práticas corporais. Sobre esta questão, o docente profere:

*[...] tem tornando muito difícil e, outros aspectos, a falta de material, a falta de recurso, a onda de calor [...] e muitos outros fatores [...] você tendo esse material você tá amparado por uma certeza [...]* (José, 2023).

*[...] todos os materiais que eu uso nas minhas aulas de Educação Física, são didáticos que a escola não tem [...]* (José, 2023).

As significações de José indicam as dificuldades em relação à *falta de material* para a *Educação Física*, utilizando os próprios materiais porque *a escola não tem*. Visto isso, as falas expressam a preocupação da falta de materiais específicos para a disciplina, impactando diretamente nas práticas realizadas pelo docente, principalmente quando se refere a conteúdos diferentes para os alunos vivenciarem.

Nesse sentido, a atividade do docente é pautada em práticas mediadas por instrumentos que facilitam contato mais próximo do aluno com a prática realizada pelo professor, relacionando-se com a teoria e verbalização que pode estar de acordo a realidade do estudante (Moura, 2022). Compreendemos, assim, que as constituições e as relações do docente em relação ao material didático estão presentes no contexto de suas atividades, assim como as vivências e mediações são determinadas por ações advindas do cotidiano escolar.

Para Farias e Impolcetto (2020), o material didático tem mostrado uma importância significativa nas práticas da Educação Física Escolar, pois não se encontra na disciplina apesar de existir algumas iniciativas para sua elaboração. Com isso, a produção do livro ou qualquer material didático para a Educação Física ainda se faz ausente nas atividades escolares dos professores, e isso de alguma forma pode dificultar a metodologia no espaço escolar (Rodrigues; Darido, 2011).

Com a nossa vivência no campo escolar, entendemos que o docente não deve se prender a tais materiais e, ao mesmo tempo, compreendemos como o material didático auxilia o professor a planejar, a buscar meios para inovar em suas práticas pedagógicas. Visto isto, as nossas vivências envolvem dimensões que vão além do ensino-aprendizagem, se relacionando às dimensões sociais e culturais que devem se fazer presentes no espaço educacional.

Para enfrentar a falta de material, os professores participantes desta pesquisa sentem necessidade de desenvolver alguns materiais para utilizar em suas práticas na escola. Diante disso, é notável a dificuldade de realizar certas práticas corporais no espaço escolar como, por exemplo, a ginástica. Sobre isso, os docentes proferem:

*[...] a gente não tem tanta essa cultura da ginástica, mas é um conteúdo que eu gosto de trabalhar, o atletismo, eu sinto muita falta de recursos pra que pudesse entregar para os alunos aquilo que é proposto (José, 2023).*

*[...] eu tento improvisar com material descartável, qualquer coisa pra que a gente possa vivenciar de maneira integra a cultura corporal (Nativo, 2023).*

As falas indicam significações sobre a falta de determinadas práticas corporais em sala de aula, em virtude da **falta de recursos: a ginástica** na escola não se faz presente, mas é importante que os estudantes vivenciem as diversas **culturas corporais** do movimento.

As dificuldades vivenciadas pelos docentes no campo escolar estão cada vez mais explícitas em suas falas: é a falta recursos, impasses para realizar tais práticas corporais, trazer para a sala de aula outras modalidades, propostas pelo componente curricular. As falas evidenciam preocupação em várias dimensões que percorre sobre os materiais, recursos e agora, a não cultura de certa PC, o que nos faz pensar em como esses obstáculos fragilizam a prática da Educação Física Escolar.

Os docentes de Educação Física, no ambiente escolar, de modo geral, não desfrutam das condições necessárias para efetuar sua prática em sala de aula, sendo mais comum a falta de recursos, espaço e a precariedade de materiais essenciais para as práticas corporais. Estes problemas geram e reforçam atividades engessadas de professores (Souza, 2013).

Isso gera consequências diárias na realização das práticas corporais. Diante da falta de estrutura e ambiente inadequado, como realizar certo conteúdo da Educação Física Escolar se sua prática é limitada? Esta limitação é resultado da desvalorização do docente e da disciplina no espaço escolar; não adianta discutirmos o processo de formação e socialização dos estudantes dentro da EFE se sua prática é desvalorizada.

É comum nas nossas vivências ouvir relatos de que a falta de material está fazendo com que os docentes gastem recursos próprios para comprar materiais e dar a oportunidade dos estudantes vivenciarem as práticas corporais. Dessa forma, é necessário não apenas discutir, mas colocar em prática a valorização do componente curricular dentro da escola.

Inferimos então os achados deste núcleo, que tem como sua centralidade a não valorização dos professores e do componente curricular de Educação Física. Esta desvalorização constitui cenários materializados na falta de formação continuada, falta de material didático, compreensão equivocada da EFE, desencadeando dificuldades para o desenvolvimento das atividades escolares.

Desse modo, a desvalorização da Educação Física está relacionada às questões levantadas nesse núcleo, portanto cabe-nos refletir e buscar nas falas dos docentes possíveis soluções para aumentar as práticas que valorizem diariamente o docente e a disciplina. Precisamos também olhar para o contexto atual, no retorno das aulas presenciais pós-pandemia, e intensificar as discussões sobre a nova realidade que a EF vem vivenciado em relação ao processo de inclusão de estudantes nas práticas corporais.

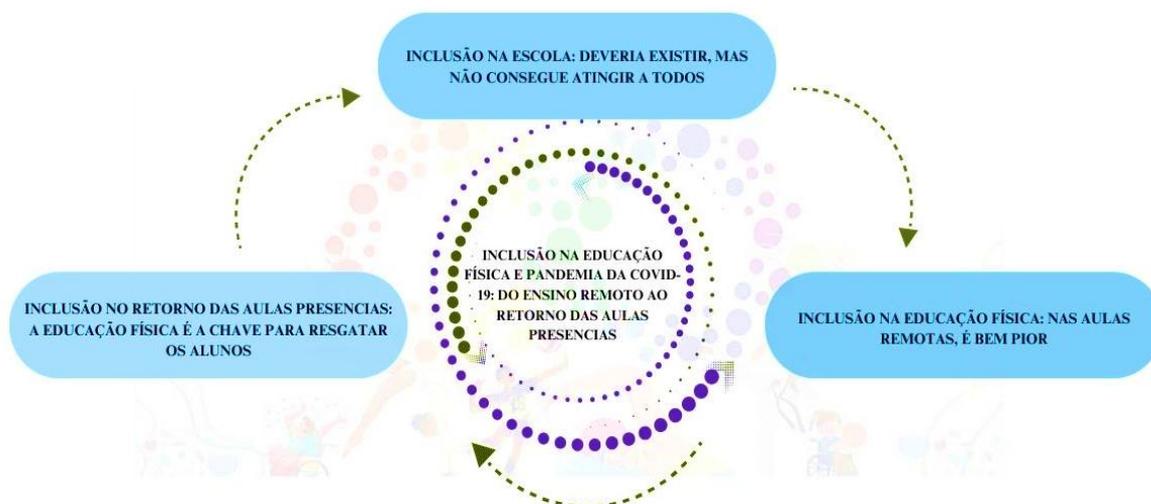
## **5.2 Núcleo de Significação 2: Inclusão na Educação Física e pandemia da covid-19: do ensino remoto ao retorno das aulas presenciais**

*[...] você fez seu papel, realizava, programava, mandava vídeo, vídeos de exercícios, no caso a gente executando, pessoas executando também, para que eles pudessem ver as várias formas que poderiam executar o movimento, só que não tinha esse feedback (Nativo).*

*[...] acho que a pandemia tornou as pessoas mais individualistas, acho que pelo fato do isolamento social (José).*

Este núcleo contém significações de docentes de Educação Física sobre a inclusão de estudantes no ambiente escolar, durante o ensino remoto e no retorno às aulas presenciais nos anos finais do ensino fundamental. Dessa forma, os professores expressam as dificuldades durante as aulas on-line e os desafios enfrentados no retorno dos alunos à escola. O núcleo é composto por três indicadores sucedidos de 39 pré-indicadores, apresentados na figura 11.

Figura 11 – Núcleos de Significação 2.



Fonte: Elaborado pelo pesquisador (2024).

O indicador denominado “**Inclusão na escola: deveria existir, mas não consegue atingir a todos**” se refere aos sentidos e significados dos professores sobre a inclusão no espaço escolar, havendo falas e trechos acerca dos processos inclusivos como um todo no ambiente educacional.

A escola precisa de certo ponto pensar e discutir a inclusão, para que a prática docente possa ser satisfatória e igualitária, sendo necessária, porém, atenção ao ambiente escolar, ouvindo as preocupações dos professores, tratando a inclusão na escola como importante, trazendo a necessidade de olhar para além do papel da participação de todos antes da pandemia. Sobre esta questão, os docentes falam:

*[...] não adianta falar de inclusão, sem que há o que se fazer, é muito bonito falar, é muito bonito tá no papel, mas tem que ser feito [...]* (José, 2023).

*[...] essa preocupação deve existir de incluir, fazer com que o aluno faça parte de todo o processo, mesmo se não tivesse acontecido a pandemia e isso já deveria existir [...]* (Nativo, 2023).

*[...] eu percebo a intenção vinda tanto dos gestores, quanto dos professores, em incluir ela existe, de fato existe, mas só que assim, ela acaba não sendo tão eficiente quanto deveria [...]* (Nativo, 2023).

*[...] foi intensificado as formas de incluir antes da situação que a gente se deparou, pós pandemia, que era visível a ausência dos alunos na escola, foi intensificado, mas isso não quer dizer que realmente não tenha incluído* (Nativo, 2023).

As falas evidenciam a *inclusão* no espaço escolar, onde é necessário não apenas *falar* sobre as formas de incluir, como também colocar em prática o planejado, mesmo a *intenção*

vinda dos gestores, foi *intensificada a preocupação* para que os alunos estejam incluídos em sala de aula, mas não *quer* dizer que aconteça, principalmente *pós-pandemia*.

Diante destas falas, é necessário colocar em questão as formas de mediação para a inclusão dentro dos espaços de ensino, visto que os sujeitos, na escola ou em outro grupo social, estão sempre mediados pelas relações com outras pessoas, símbolos, instrumentos e outros que fazem parte do processo constitutivo que contribui para a inclusão. Dito isso, a estrutura da realidade em que os sujeitos se inserem concebem como uma totalidade concreta de seus processos medicativos (Pontes, 1989).

Nesse sentido, a inclusão requer pensar por um prisma que possa possibilitar enxergar a escola como um todo. Contudo, Costa (2007) discute a necessidade de promover a inclusão a todos os estudantes, sendo que a escola precisa ter demanda, estar preparada com recursos pedagógicos para atender as diversidades que dentro do seu espaço e lidar com as diferenças no campo de atuação.

Inferimos que a inclusão na escola não pode ser pensada e realizada apenas pelo docente: é preciso que os gestores e todos que compõem a escola devem discutir a questão, pensar na diversidade, nas peculiaridades e subjetividades de cada estudante, ressaltando que todos devem permitir e criar juntos possibilidades de que a inclusão na escola de fato aconteça.

Isso requer uma atividade mais intensiva na escola que esteja ligada às relações entre os sujeitos, professores, gestores e alunos, para que possam mediar as pessoas a inclusão. Porém, é importante frisar que a escola precisa ter propostas concretas para incluir todos no campo escolar e para que os professores dos componentes curriculares possam mediar a inclusão em sala de aula.

Desse modo, se faz necessário pensarmos na inclusão como um dos fatores importantes para que avancemos não apenas na aprendizagem, mas na igualdade, trabalho em equipe, devendo existir a intenção de incluir os estudantes para que alcancemos todos na escola; mesmo sendo uma tarefa difícil, é preciso dar o ponta pé inicial e pôr em prática a inclusão.

A escola precisa ter a necessidade de olhar para os estudantes e reconhecer suas potencialidades e ter recursos para garantir a inclusão não apenas na prática docente, mas a escola como um todo. Sobre isso, José afirma: “[...] *a necessidade de ter esses alunos incluídos na sala de aula, ter os recursos para que possa trabalhar, muitos falam que é importante, mas não tem isso aqui na nossa realidade [...].*”

José expressa significações acerca da necessidade de *recursos* para exercer seu *trabalho*, mas a *realidade* na escola não é a esperada. A fala do docente nos leva a uma

dimensão que está presente em sua vivência na escola, onde as significações demonstram preocupação em incluir os alunos e a falta de recursos para suas aulas.

Tais vivências na escola contribuem para o desenvolvimento de saberes e caminhos a seguir, levando em consideração a realidade concreta do ambiente e sujeitos que fazem parte de determinado local. Desse modo, entendemos que “todas as formas de realidade objetiva fazem parte das vivências por constituição [...] O que é real é vivenciado e o que é vivenciado é real” (Amaral, 2004, p. 53).

Inferimos que a necessidade de discutir pautas sobre a inclusão de modo mais aberto, isto é, começar pela escola em si, sua capacidade de atender a todos os estudantes, seus planos, a proposta dos componentes curriculares, os sujeitos inseridos na escola, a preparação dos docentes para suprir a necessidade de aprendizagem, dentre outras questões importantes.

Discutindo de modo mais específico a Educação Física Escolar tem mostrado em sua prática uma significância para a inclusão, podendo compartilhar estas significâncias com outras áreas, a partir da socialização das suas vivências com determinadas metodologias de ensino, de forma que o diálogo entre os sujeitos pode mediar processos de inclusão na escola.

Portanto, deve-se considerar a realidade escolar e também da disciplina, principalmente quando se refere à inclusão nas aulas da Educação Física Escolar, perpassando pelo ensino remoto até o retorno das aulas presenciais. Para isso, porém, precisamos olhar para dentro da EF nesse período e discutir os desafios para a inclusão dentro do componente curricular.

O indicador “**Inclusão na Educação Física: nas aulas remotas, é bem pior**” discute o processo de inclusão na Educação Física Escolar no período do ensino remoto, as significações dos docentes expressam as dificuldades durante a pandemia da Covid-19, que mostra os desafios enfrentados para que as práticas corporais sejam realizadas de forma remoto.

A pandemia da covid-19 pegou o mundo todo de surpresa, fazendo com que reorganizássemos nossas rotinas, principalmente de modo presencial: tivemos de mudar a rota e direcionar as atividades de forma remotas, para a educação não foi diferente. Em relação a essa questão, os docentes relatam:

*[...] já era difícil trabalhar presencialmente a inclusão quando se tem diferentes pessoas em sala de aula, imagina aí quando era online, quando você não estava com aquela pessoa [...] para poder estimular essas crianças a participarem [...] (José, 2023).*

*[...] a gente tem outra realidade porque querendo ou não, eles estavam online, e como se trabalha a Educação Física no mundo virtual? É difícil, é você se reinventar enquanto professor [...] (José, 2023).*

*[...] se no presencial a gente enfrenta dificuldade, no virtual é bem pior, pior mesmo, porque a gente sabe que alguns alunos simplesmente diz que não vai participar e pronto, por mais que você se esforce, convide, chame, vamos participar dessa aula, vamos participar dessa vídeo aula, todo mundo presente e tal, mas alguns recusavam, não sei o real motivo [...]* (Nativo, 2023).

José e Nativo expressam significações acerca das dificuldades enfrentadas no ensino remoto. Para os docentes, *trabalhar a inclusão* na *Educação Física* de forma presencial *é difícil*, no *virtual* ficou mais complicado, obrigando todos a *se reinventar* mesmo quando *alguns* alunos se *recusavam* a participar das aulas. A pandemia fez os docentes direcionarem suas atividades a um novo caminho, o que fez os estudantes se adaptarem à nova realidade de ensino.

A atividade humana produz objetivações em diferentes dimensões, que estão ligadas, diretamente como objetos do próprio sujeito, à sua linguagem e às relações entre os sujeitos (Martins e Eidt, 2010). Dessa forma, “a atividade criadora, então, transforma a própria realidade, já que leva a uma reação estética” (Vigotski, 1997). Isso cria novas formas de atividades para o meio escolar no ensino remoto, mesmo que seja temporário.

Nesse contexto, a atividade docente foi mediada por ações remotas, e como garantir a inclusão de todos no mundo virtual? Os docentes tiveram que se reinventar para buscar novas formas de administrar suas atividades escolares, principalmente as relações que tinham com o outro de forma presencial. De certo modo, estas relações sofreram uma quebra devido à falta de convivência com os demais.

Dito isso, o ensino remoto foi uma mudança temporária para a situação a qual vivenciamos. Para Oliveira, Silva e Silva (2020), o professor teve que observar as mudanças e compreendê-las para que o trabalho pedagógico tivesse uma nova ressignificação no contexto atual. Assim, “[...] com a suspensão das aulas, o ensino remoto entra em cena como reposta à crise e o professor, sem tempo de parar para refletir, precisou agir na urgência” (Oliveira, Silva e Silva, 2020, p. 31).

Inferimos que os docentes tiveram dificuldades em se adaptar à nova realidade escolar. Como a pandemia pegou todos de surpresa, foi necessário recorrermos aos notebooks, celulares e a outros dispositivos para que o ensino não parasse; o sistema educacional teve que se modificar para atender às necessidades do novo contexto.

Isso tornou o ensino remoto desafiador: a Educação Física teve uma queda não apenas na participação dos alunos, como também na sua socialização dentro e fora dos muros escolares. Essa realidade escolar no contexto da pandemia sofreu diversos problemas para conseguir

alcançar todos os estudantes. Além das dificuldades em realizar as práticas corporais de modo virtual, uma parte dos estudantes não tinha condições de ter acesso às aulas. Sobre isso, os docentes expressam:

*As mudanças vêm [...] com a perda da presença desses alunos [...] a gente tem sim um número de alunos que tem alguma dificuldade, que precisa ser incluído [...]* (José, 2023).

*[...] diante da realidade [...] a gente se deparou com muitos alunos que não tinha condições financeira de ter o acesso a média entendeu? Não tem acesso às informações, alguns alunos iam pegar o material na escola, material que era tipo, fazer uma pesquisa direcionada porque não tinha aparelho celular, não tinha nem uma tela pra poder fazer, acompanhar as aulas entendeu, também tinha esse ponto acaba dificultando [...]* (Nativo, 2023).

As falas expressam significações sobre a realidade da educação remota: que o *ensino a distância* não foi satisfatório já que *muitos alunos não* tinham *condições financeiras* para *ter acesso a mídias*/aulas, isso resultou em *mudanças* e na *perda da presença* e do deslocamento dos estudantes de suas casas à escola para ter acesso ao *material*.

Diante disso, os sentidos e significados dos docentes retratam a realidade, que ao mesmo tempo representa a realidade de uma sociedade desigual quando pensamos sobre o acesso a determinada coisa e a realidade subjetiva da educação, que ainda não alcança todos os inseridos na escola.

Isso nos leva perceber as contradições inerentes à realidade concreta deste fenômeno nos aproximando da sua totalidade, onde “perceber, concretamente, as bases sociais, os objetivos e vínculos dos grupos sociais que dão origem e movimento a diversos conflitos estabelecido por grupos sociais” (Tales, 2018, p. 74). Estes conflitos durante a pandemia se referem também a como a escola conseguiu ligar com a ausência do ensino presencial.

Compreendemos que ausência das aulas presenciais fez a educação ir para um novo caminho e pensar como as práticas pedagógicas não estão alcançando todos os alunos. Ora, o sistema de ensino sofreu mudanças devido ao isolamento social causado pela pandemia da covid-19, o que afetou principalmente o processo de inclusão, criando barreiras e obstáculos para que os estudantes pudessem estar presentes nas aulas.

A perda da presença dos estudantes no ensino remoto derivou das condições em que os sujeitos se encontravam durante o isolamento - por questões financeiras - não ter um aparelho para pesquisar as atividades ou assistir às aulas ampliou a desigualdade na escola, isto é, a pandemia da covid-19 aumentou as ações de exclusão nos espaços de ensino.

Nesse sentido, o ensino remoto não só mudou o sistema educacional, como também os sujeitos que fazem parte dela. Por essa razão, precisamos traçar caminhos e métodos para

minimizar os efeitos que o isolamento social causou, criando novas lacunas que fizeram os docentes e a escola passassem por barreiras para que todos os alunos tivessem a oportunidade de fazer parte das aulas.

Para que estas barreiras possam ser superadas, é preciso que olhemos para a Educação Física em sua realidade mais pura, aceitando os problemas existentes para enfim traçar caminhos e possibilidades de inclusão dentro e fora do componente curricular. Deve ser levado em consideração todo e qualquer sujeito que se insere na escola, principalmente quando se refere ao retorno das aulas presenciais, quando os alunos voltam a se socializar no espaço escolar.

O último indicador deste núcleo, denominado “**Inclusão no retorno das aulas presenciais: a Educação Física é a chave para resgatar os alunos**”, se refere às significações dos professores sobre a inclusão no retorno das aulas presenciais no período pós-pandemia. Os docentes destacam em suas falas a importância da Educação Física no resgate ao aluno para a sala de aula e como inclusão está sendo direcionada nesse retorno:

*Consigo perceber essas diferenças na escola, você consegue perceber o desinteresse como falei antes, e, eles não têm mais aquela vontade de participar [...] (José 2023).*

*[...] na minha realidade ela retrocedeu (inclusão), justamente por isso, porque se vinha fazendo um trabalho, teve essa grande pausa, a realidade mudou, o ensino mudou e as crianças mudaram, e a gente teve a perda, tem ainda da presença dessas crianças na escola (José, 2023).*

*[...] depois da pandemia os meninos, principalmente os mais novos não tiveram a iniciação as práticas corporais, eles apresentam uma certa dificuldade para participar, eles apresentam uma certa recusa, eu acredito, que deve ser pelo tempo que eles passaram isolados, pelo tempo que passaram em telas, em aparelhos eletrônicos e isso gerou um comodismo [...] (Nativo, 2023).*

As falas evidenciam significações sobre o retorno das aulas presenciais: ao retornarem à escola, os estudantes *apresentaram dificuldades para participar* das aulas, fazendo os docentes perceberem que a educação teve um *retrocesso*, havendo *perda de interesse* e falta de vontade de *participar* das aulas, gerando, assim, o *comodismo*.

Desse modo, as falas mostram vivências de uma nova realidade dentro da educação, ora, os estudantes passaram cerca de dois anos à margem do convívio social, o que gerou diversas consequências relacionadas às relações afetivas entre os sujeitos em vários espaços sociais, se distanciando das práticas esportivas, entrando a Educação Física nesse período como fator

importante para motivar as pessoas a praticarem atividades físicas, que, mesmo assim, não chegaram a todos.

No retorno à normalidade, ficou evidente uma mudança no processo de inclusão, que retrocedeu. Os estudantes não se encontram tão presentes nas aulas, reforçando como a inclusão na escola está frágil, principalmente quando os alunos se afastaram das práticas presenciais durante o período da pandemia da covid-19. Isso fez a educação recalcular a rota para a nova realidade escolar.

Para que recalculamos a rota novamente, “(...) precisamos romper com as práticas da realidade de antes da pandemia e nos darmos conta das mudanças que esse momento nos traz, bem como as mudanças que ainda surgirão no futuro das gerações” (Almeida, Jung, Silva, 2021, p. 101). Estas mudanças fazem as relações dos sujeitos com o mundo intermediarem a relação do homem e outros seres humanos (Leontiev, 1978).

A pandemia gerou um impacto no trabalho docente, que desencadeou novos desafios para o contexto atual da educação, as mudanças chegam ao espaço escolar dentro de um aspecto social, cultural e econômico, que instiga em todos uma preocupação da rotina escolar, intensificando as crises no campo educacional, principalmente no Brasil (Sousa; Moura e Santos, 2024).

Outrossim, percebemos que a falta de interesse dos alunos já existia antes do isolamento social, porém foi intensificada com a chegada da pandemia e do ensino remoto, fazendo os estudantes se afastarem das práticas corporais da Educação Física, ocasionando no retorno às aulas o comodismo. Conseguimos perceber que antes e após a pandemia ocorre mudança no interesse dos estudantes com as PC, esses comportamentos são advindos de hábitos criados durante a pandemia, ou seja, os alunos se ficaram à margem das atividades relacionadas à Educação Física.

Do ponto de vista pedagógico na Educação Física, a dificuldade em trabalhar a inclusão dentro da escola se torna um desafio para os docentes na medida em que atrair os alunos às práticas corporais tem sido desafiador, o que nos leva ao questionamento sobre como os professores têm feito para que a inclusão possa avançar novamente. Entendemos que é importante buscar caminhos, maneiras que estejam dentro das atividades docentes para que os estudantes possam se interessar novamente pelas PC – vindas diretamente de práticas corporais que despertem no aluno a vontade de participar e, conseqüentemente, avançar na inclusão.

Portanto, é preciso ter discussões sobre o retrocesso da inclusão no retorno das aulas, considerando o novo contexto da educação e principalmente da Educação Física Escolar para

que possamos pensar nas práticas corporais de maneira mais igualitária. Porém, é necessário rever as atividades, comparar o antes e depois e, por fim, buscar métodos que estimulem a curiosidade dos estudantes para realizar e voltar a gostar das práticas escolares.

Nesse sentido, a participação dos estudantes e as suas relações com os sujeitos nos espaços escolares têm se tornado um problema no espaço de ensino, resultando no afastamento das suas relações sociais e afetivas. Sobre isso, José fala a seguir: “[...] *acho que a pandemia tornou as pessoas mais individualistas, acho que pelo fato do isolamento social*”. É imprescindível que estas relações sofrem impactos no processo de inclusão, e a escola como um todo enfrenta dificuldades no retorno das aulas. Sobre isso, o docente prossegue:

*[...] embora a gente já tenha um período de pós-pandemia [...] mas o convívio deles não é como era antes, digamos assim, eles tinham aquela necessidade de estar com outras pessoas, muitos alunos hoje não se importam com o colega, se ele está bem ou não, se vai participar da atividade ou não [...]* (José, 2023).

As falas expressam significações acerca das relações afetivas entre os estudantes na escola *pós-pandemia*: os alunos ficaram *individualistas*, afetando o *convívio* em sala de aula, embora haja um *período* pós-isolamento social, os alunos não têm mais a *necessidade* de estar presentes na vida dos colegas, não se importando se vão ou não *participar* das atividades ou se *estão bem*.

De acordo com Joenk (2007, p. 9), “[...] as interações sociais no contexto escolar passam a ser entendidas como condição necessária para a apropriação e produção dos conhecimentos por parte dos alunos”. Nesta perspectiva, a escola é um lugar de interação entre os sujeitos que nela se inserem, razão pela qual é importante que possibilite em sua proposta pedagógica ações que aproximem os alunos, na Educação Física ou em outro componente curricular.

Contudo, compreendemos que o retorno às aulas presenciais, depois de um período longo apresentou uma quebra das relações afetivas entre os alunos no espaço escolar. Isso foi a causa do isolamento social que colocou estes estudantes e professores fora do eixo da convivência com outros sujeitos aos longos dos dois anos. E quando estas relações são quebradas, o processo de inclusão se torna uma tarefa difícil, já que a relação com o outro contribui para a socialização.

Estas relações não estão inexistentes; pelo contrário, existem caminhos para resgatar os alunos de volta à sala de aula, assim como diz José: “*O professor de Educação Física é a chave para o retorno desses alunos [...]*”. Isso faz o docente pensar em seu papel no contexto atual:

*“[...] eu, como professor, preciso resgatar a essência desses alunos, a importância que se dá em trabalhar em sociedade, em conjunto”.*

As falas de José indicam significações sobre *a importância do professor de Educação Física* no *retorno* às aulas presenciais, entra como aliado para *resgatar a essência* dos estudantes e *trabalhar em conjunto* na *sociedade*. Desse modo, para que o docente possa trazer o aluno de volta à sala de aula, é necessário que sua atividade na escola perpassasse dimensões que vão além da prática pedagógica, devendo buscar por meio dela um equilíbrio entre a relação entre os sujeitos e atividade dentro do campo escolar, resgatando os alunos em sua essência no retorno das aulas. Porém, esse resgate tem sido difícil, pois, além de proporcionar a inclusão, o docente entra como mediador para atrair os alunos às atividades docentes.

Inferimos que o docente como meio facilitador para mediação dos estudantes em sala de aula, em especial, os professores de Educação Física, é um importante aliado na busca de alunos, é por meio da prática docente na EF que se pode trabalhar diversas dimensões pedagógicas, como oportunizar aos alunos vivenciar as práticas corporais, intensificar as relações para que todos possam vivenciar as práticas corporais.

Percebemos em seu movimento dialético entre os núcleos que as falas sobre o resgate do aluno para as práticas corporais se conectam diretamente com o próximo núcleo (Núcleo 3). Isso nos direciona a uma compreensão mais ampla sobre a inclusão no retorno das aulas presenciais e que, independentemente do assunto, elas se ligam dialeticamente.

Dito isso, é importante que os docentes sejam motivados no retorno das aulas presenciais para que possam oportunizar aos alunos vivenciar as práticas corporais. Para isso, é necessário preparar o professor para as aulas pós-pandemia, oferecendo a possibilidade de buscar novos meios didáticos para os estudantes voltarem a gostar de participar das atividades escolares. Sobre isso, Nativo expressa;

*[...] eu acredito que necessitaria de uma formação direcionada para o professor, trazendo informações que agregue conteúdos que provavelmente funcione, para que os alunos possam voltar a gostar das práticas pós pandemia [...] (Nativo, 2023).*

Nativo expressa a necessidade de *formação* que esteja *direcionada* ao contexto atual, *pós-pandemia* da covid-19, a fim de possibilitar aos docentes buscar *conteúdos* visando ao resgate do interesse dos alunos nas *práticas*. Assim, pensamos que tais condições podem criar diversas possibilidades para outros meios qualitativos, sendo promovidas pela atividade dentro

do campo escolar, que pode ser caracterizada pelas ações com finalidade de aguçar o interesse dos alunos nas atividades escolares.

As significações expressas pelo docente nos levaram ao encontro do ~~em o~~ primeiro indicador do núcleo 1, que se refere à necessidade de uma formação continuada para que o docente possa contribuir cada vez mais no desenvolvimento dos alunos. Estas falas dialeticamente se conectam por meio das vivências na escola antes e depois do isolamento social, reforçando a necessidade de formação específica dos professores de Educação Física.

Deste modo, “[...] as ações passam a integrar uma atividade orientada por um motivo” (Leontiev, 1978, p. 680). Do ponto de vista da Educação Física, compreendemos que as atividades devem ser mediadas e orientadas por um motivo, com intuito de oportunizar aos estudantes vivenciar tais conteúdos para seu desenvolvimento integral e, mesmo no retorno das aulas presenciais, os docentes vêm enfrentando sérias dificuldades não apenas em relação às práticas, como elas podem contribuir para o processo de inclusão dos alunos. Esta inclusão pode acontecer quando as atividades docentes forem orientadas por um motivo.

Pensamos o docente como mediador que facilita o processo de inclusão dos alunos no espaço escolar, mas para isto aconteça é preciso perceber o quanto precisamos estar atentos ao ambiente atual da educação. Trabalhar a inclusão no retorno às aulas presenciais faz parte do resgate dos estudantes, no entanto, para que a inclusão aconteça de fato, é necessário pensarmos em três momentos da educação; o antes – o durante – e o pós-isolamento social causado pela pandemia da covid-19.

Isto pode levar por caminhos de uma compreensão em que a inclusão em si não é uma tarefa fácil, exigindo trabalho e propostas para serem realizadas na prática atual; ora, foram dois anos no ensino remoto, então, muita coisa mudou, os professores, alunos, agentes educacionais e outros elementos mudaram, o próprio ensino sofreu mudanças e não devemos apenas partir de onde paramos, mas construir novas ideias para que a prática seja realizada atualmente.

Estas ideias podem vir das falas dos docentes, proporcionar práticas diferenciadas que os estudantes ainda não vivenciaram, por exemplo; intensificar a ginástica artística, rítmica e outras na escola, as danças, as lutas, ou seja, reinventar as atividades no intuito de atrair os estudantes, assim, talvez possamos caminhar para o caminho da inclusão, intensificando as práticas corporais na escola e oportunizando aos docentes trabalhar suas atividades de maneira a contribuir na socialização dos alunos.

Dessa forma, é comum que nas nossas vivências escutemos relatos sobre a educação e como os docentes sentem a necessidade de se reinventar, principalmente quando o sistema de

ensino sofreu mudanças no retorno das aulas presenciais. Posto isto, estas falas são importantes para que tenhamos direcionamentos a fim de que a inclusão na escola e nas aulas de Educação Física não seja apenas intensificada, mas praticada diariamente.

Deste modo, inferimos que os achados deste núcleo nos deram alguns direcionamentos interessantes que precisam ser discutidos e levados para a escola. A inclusão dos estudantes constitui ponto central destes achados, surgindo outros assuntos que não se diferem, como o modo pelo qual a inclusão retrocedeu no retorno das aulas presenciais – que é o efeito de uma nova realidade no sistema educacional, já que a educação mudou – além da mudança dos estudantes nesse retorno, havendo desinteresse nas atividades escolares e as estratégias que os docentes vêm traçando para atrair os estudantes e trabalhar a inclusão na escola.

Estes assuntos nos remetem à realidade de angústia, receios e desafios que fazem o professor pensar em novos caminhos para suas práticas, de modo mais específico os docentes de Educação Física, que vêm enfrentando diversas dificuldades para que todos estejam inseridos nas práticas corporais no denominado pós-pandemia da covid-19.

### **5.3 Núcleos de Significação 3: Inclusão nas práticas corporais pós-pandemia da covid-19: limites e possibilidades**

*[...] ainda existe uma certa resistência as práticas não por motivo da falta de inclusão, mas por resistirem mesmo a prática, porque a condição de propiciar a inclusão pra todos ela existe (Nativo).*

Este núcleo discute as significações dos docentes sobre a inclusão nas práticas corporais da Educação Física Escolar pós-pandemia da covid-19. Em síntese, as significações dos professores revelam os limites e possibilidades no campo escolar, estando a inclusão inserida na busca de resgatar os estudantes de volta à escola e para a EF. O núcleo contém cinco indicadores, advindos de 66 pré-indicadores, apresentados na figura 12.

Figura 12 – Núcleos de Significação 3.



Fonte: Elaborado pelo pesquisador (2024).

O primeiro indicador, denominado “**Práticas corporais: movimento, envolve ludicidade, cria elo de proximidade, necessita de recursos**”, aponta as significações dos docentes sobre as práticas corporais da Educação Física Escolar. Nele, os professores falam sobre reinventar as práxis em sala de aula, apontando a EF como um movimento que envolve os estudantes no que se refere à contribuição das práticas para a socialização, aproximação e a relação com os demais. Sobre isso, os docentes dizem:

*[...] as práticas corporais devem ser reinventadas diariamente, frequentemente contínuas, porque os alunos, eles precisam dessa empolgação para que eles adaptam-se às aulas de Educação Física [...]* (José, 2023).

*[...] aqueles que resistem a prática, não, não quero participar e tal, mas, a gente tenta relacionar algumas atividades que possam atraí-los, possibilitando a participação [...]* (Nativo, 2023).

As falas indicam significações sobre *as práticas corporais* da Educação Física Escolar; segundo eles, é necessário reinventar *diariamente* as atividades para adaptar as práxis e instigar os estudantes a terem interesse nas práticas corporais, além de *atraí-los* para participar das aulas, incentivando *aqueles* estudantes que *resistem a prática*.

As falas dos docentes relatam suas vivências com as práticas corporais, sendo necessário, segundo os docentes, agir de modo a cativar os estudantes para aulas de Educação Física. Isso os leva a uma compreensão em que os professores devem sempre estar buscando se reinventar para incentivar os alunos a participarem das atividades. A vivência com os estudantes

em uma nova realidade faz o educando adquirir novas experiências para lidar melhor com os desafios existentes em sala de aula.

Dessa forma, é importante destacar as vivências para que possamos avançar nas práticas corporais da Educação Física. Assis, Ayoub e Cunha (2022) descrevem que é preciso refletir sobre as experiências com as práticas corporais, que devem ter como base os saberes e conhecimentos em uma relação mais abrangente que não esteja apenas ligada ao lazer e saúde, mas permita olhar a formação dos estudantes.

Compreendemos que é de fundamental importância trazer a Educação Física Escolar em sua realidade subjetiva, permitir olhar para o componente curricular por uma visão dos professores de EF, de sua realidade para que possamos enxergar o interior da prática docente. Isto é, olharmos as possibilidades de se reinventar diariamente as práticas corporais para avançarmos no processo de ensino do componente.

O movimento está presente nas práticas corporais da Educação Física Escolar, seja pela dança, ginástica, lutas, práticas corporais de aventuras, enfim, qualquer prática relacionada ao componente curricular da disciplina precisa ter a cultura corporal do movimento inserido na EFE. Sobre isso, os docentes discorrem a seguir:

*[...] envolve momento de ludicidade, não é só a prática esportiva em si, a prática do movimento, mas intrinsecamente envolve um momento de ludicidade onde eles se divertem, você se diverte e aí, acaba criando um elo de troca de informação e de a proximidade.* (Nativo, 2023).

*[...] as práticas corporais têm que estar presentes no curso de Educação Física, até porque o nosso curso é movimento né, acho que é, acho não, entendo que é uma das mais importantes pra gente, é a questão do movimento, trazer, trabalhar com esses alunos a questão do movimento, da conscientização corporal desses alunos, através da dança, dos esportes radicais, até mesmo do futsal e do futebol que é o que eles mais gostam de fazer.* (José, 2023).

As falas indicam que a Educação Física Escolar não está relacionada apenas às práticas esportivas; pelo contrário, com as demais práticas corporais criam **elo** entre os sujeitos na escola e os aproximam uns dos outros: o **movimento** é essencial à realização das práticas na escola, dada a necessidade do desenvolvimento da **consciência corporal** dos estudantes e, por meio dela, formar o sujeito social e cultural, oportunizando vivenciar e experimentar as Práticas Corporais em sala de aula e fora dela. Com isto, entendemos a relevância da prática em movimento, pois é por meio das práticas corporais que podemos criar afetos, contribuindo para que os estudantes possam levar valores e compreensões sobre si e o mundo.

Nesse sentido, as práticas corporais e sua expressão criativa formam um conjunto de

possibilidades de interação e comunicação que buscam possibilitar vínculos e relações entre si e com a natureza humano quando chamamos de corporeidade, resulta na prática social partindo das relações dos sujeitos com o trabalho e com a sociedade (Taborda de Oliveira, 1999).

Inferimos que os docentes carregam significações importantes para compreendermos minimamente o processo da realização das práticas corporais. Assim, entendemos a relevância da prática em movimento, pois é por meio delas (práticas corporais) que podem ser criadas relações de afeto com o outro em sala de aula, contribuindo para que os estudantes levem valores e compreensões sobre si e do mundo por meio das atividades ofertadas pela Educação Física.

As relações dos sujeitos com seu meio social e escolar impactam diretamente no convívio e vínculos com os demais, posto isso, as práticas corporais vêm contribuindo para a proximidade dos alunos no campo educacional. Sobre a importância das práticas corporais da Educação Física para a inclusão, o docente discorre a seguir:

*[...] as práticas corporais elas atraem, elas são atrativas [...] despertam nos estudantes um certo prazer, uma certa alegria e isso atrai, isso faz com que eles venham permanecer na escola, desperta o interesse de participar de eventos em que a escola realiza e acaba por fim contribuindo com a inclusão* (Nativo, 2023).

A fala manifesta o lugar e a importância da Educação Física para a formação de estudantes, que vai além dos muros escolares. Talvez pelo fato da disciplina ser uma das favoritas, *atraindo e despertando nos estudantes* uma satisfação nas práticas corporais, oportuniza por meio delas a permanência na escola e *desperta o interesse de participar* das atividades proposto pelo docente, tonando possível a *inclusão*.

Assim, a inclusão na escola precisa ser um espaço que possibilite ter sensibilidade para acolher todos os sujeitos que fazem parte dela (Paula; Kochhann, 2020). Desse ponto de vista, ressalta papel importante para a inclusão. Mantoan (1999, p. 23) descreve que o processo de inclusão provoca incômodo, visto que é necessária uma formação de professores adequada para o contexto escolar, além da necessidade de se modernizar atendendo a todos os sujeitos sem preconceitos ou qualquer discriminação entre povos, culturas ou seres humanos.

Compreendemos a necessidade dos docentes, em especial de Educação Física, ter possibilidades para realizar suas atividades escolares, mas para isso é necessária uma política de iniciativa de partes maiores, que asseguram aos docentes recursos para que as práticas corporais possam contribuir na formação dos estudantes. Posto isso, precisamos refletir as

práticas corporais como elemento de fundamental importância não apenas para aptidão física, mas para a socialização dos sujeitos em seu meio social e cultural.

Por isso, é importante trazermos a Educação Física Escolar em sua realidade subjetiva, permitindo olhar para seu componente curricular na visão de professores de EF, de sua realidade escolar enxergando o interior da prática docente, na qual, dentre outros limites, existe a falta e recursos didáticos.

Nas palavras de Nativo (2023), [...] *não tem condições da gente praticar certas práticas corporais sem material, existe uma carência, o aluno vai ficar descoberto dessas informações e para isso, requer uma maior participação, um maior investimento*. Essa fala evidencia que a falta de material dificulta a realização de certas práticas, tornando-se necessário pensarmos na realização da EF como um todo, para o estudante não ficar *descoberto* sobre o conteúdo, sendo necessário, portanto, mais investimento na Educação Física no espaço escolar, pois o uso do material didático tem se mostrado significativo na realização das práxis pedagógicas da Educação Física (Farias e Impolcetto, 2020).

Nesse sentido, entendemos que os gestores dos sistemas educacionais devem garantir recursos para que o docente realize as práticas corporais ou quaisquer outras atividades da Educação Física Escolar de forma a contribuir para o desenvolvimento dos estudantes. Em síntese, apreendemos que as significações dos docentes sobre como as práticas corporais sinalizam para a contribuição para o processo de inclusão, tendo as práticas corporais como aliadas do desenvolvimento das relações com o outro, o trabalho em conjunto, a empatia, dentre outros.

Os significados evidenciam as práticas corporais, as quais envolvem movimento, ludicidade e proximidade. Estas significações resultam não apenas da vivência como professores, mas sobretudo do processo formativo. Os docentes revelam o conhecimento acerca da Educação Física, no entanto a efetivação de tais práticas é mediada pelas condições materiais, o que fica evidente quando os professores pesquisados relatam a falta de materiais fundamentais para a realização de suas atividades. É nesse sentido que podemos afirmar que nossa atividade profissional, assim como a nossa consciência, não se descola da realidade social mais ampla.

O indicador **“Inclusão nas práticas corporais: não é tarefa fácil, crianças com laudo, companheirismo do conjunto”** se refere ao processo de inclusão de estudantes nas práticas corporais da Educação Física Escolar, contendo significações dos docentes sobre as vivências

escolares e como as práticas corporais têm sido aliadas importantes para que as atividades pedagógicas possam alcançar a todos em sala de aula. Sobre isso, os docentes dizem:

*[...] você tem que ter um olhar diferente, um olhar de respeito e de inclusão, você tem que colocar essas pessoas para participar, trazê-los pra perto da escola [...]* (José, 2023).

*A inclusão de forma, eu sempre defendi que todos tem direito, independentemente da sua capacidade, ninguém nasce sabendo de tudo, todos tem direito a participação independentemente da capacidade física, então, pra mim, a inclusão é crucial [...]* (Nativo, 2023).

As falas apresentam significações dos docentes sobre a inclusão de estudantes, evidenciando a necessidade de **ter um olhar diferente**, perceber as diferentes subjetividades e peculiaridades dentro da sala de aula, visando ao **respeito** e à **inclusão**, buscando atividades que incluam a participação de todos os estudantes. Para isso, é necessário que o princípio da igualdade de oportunidades seja respeitado, independentemente de qualquer condição dos estudantes, considerando a **inclusão crucial** para a efetivação da educação para todos, isto é, a garantia do acesso e a permanência do estudante na escola.

Para Glat e Blanco (2007), é necessário que a escola (não apenas os professores, mas todos que estão envolvidos) possa acolher os estudantes, sobretudo modificando as finalidades e escolhas curriculares, para que ofereçam um ensino que favoreça o desenvolvimento do aluno e a inclusão não apenas escolar, como também social. Desse modo, afirmam que “A Educação Inclusiva pode ser considerada uma nova cultura escolar: uma concepção de escola que visa ao desenvolvimento de respostas educativas que atinjam a todos os alunos” (Glat; Blanco, 2007, p. 16).

Compreendemos que as falas dos docentes mostram significados de que inclusão precisa ser pensada nos gestos mais simples sobre os estudantes. Tendo em vista que a escola deve ser um ponto de acolhimento e cabe a todos aqueles que fazem parte da comunidade escolar respeitar as diversidades e acolher para que o ensino, juntamente com todos envolvidos possam pensar na inclusão para além do horário de sala de aula.

A inclusão nas práticas corporais da Educação Física deve assegurar a participação de todos os alunos. Sobre isso, José diz: *[...] é nas aulas de Educação Física que a gente precisa incluir as pessoas, não só incluir, como também saber conviver com os alunos, com a realidade do outro, com as diferenças [...]*. O docente diz que é necessário pensar a inclusão de todos os alunos dentro da escola, aprender a lidar e conviver com as **diferenças**, devendo-se olhar **a realidade** dos estudantes em sala de aula.

Para Manzini (2010), é essencial que o professor esteja atento aos diversos espaços e pessoas que permeiam os mecanismos de ensino, em relação que deve acontecer no momento de atuação. O docente deve estar bem preparado para lidar com as diferentes situações dentro da sala de aula, sem sair do seu foco principal de mediador (Brito; Texeira, 2020).

Compreendemos que é importante pensarmos a inclusão em uma visão mais ampla, que não se restrinja a prática docente, pensando na escola e olhando para dentro – os sujeitos que fazem parte da escola, as suas subjetividades, as peculiaridades de cada aluno, seus contextos sociais e culturais para que possamos planejar as aulas visando ao processo de inclusão.

A Educação Física como componente curricular tem sido aliada fundamental para a socialização dos estudantes dentro e fora da escola. Sobre isso, Nativo pondera que:

*[...] a Educação Física [...] ela realmente **tem contribuído**, mas mesmo diante da contribuição que ela vem dando no processo de inclusão de alunos, não só na disciplina, como também na participação de eventos que a escola atribui, mesmo diante desses valores que existem dentro da disciplina, que possa **atrair os alunos [...]**” (Nativo, 2023).*

A fala evidencia o papel importante da Educação Física para a **inclusão** no âmbito escolar, que tem **contribuído** por meio de sua proposta curricular prática, que possibilita a inclusão dos estudantes. Esta contribuição vem por meio das práticas corporais e por conteúdos transversais, visando ao processo de formação dos alunos.

Em vista, a Educação Física, juntamente com as práticas corporais, tem sido aliada importante para a socialização dos estudantes em sala de aula, fazendo com que a inclusão tenha um avanço, contudo é “nessa direção, o objetivo último das práticas corporais escolares em geral, e da Educação Física em particular, deve ser a humanização das relações sociais” (Oliveira; Vaz, 2008, p. 306). Compreende-se que é importante destacar a EF como fator contribuinte para as relações entre os alunos, que por meio das práticas corporais os estudantes têm a oportunidade de socializar, ajudando no processo de inclusão como um todo.

As práticas corporais estão presentes no componente curricular da Educação Física: elas podem ser realizadas de diversas formas para que os estudantes possam vivenciar no campo escolar, permitindo, assim, o docente trabalhar a inclusão em suas atividades escolares. Os docentes discorrem a seguir:

*[...] uma vez até passei um vídeo para eles, que era uma corrida, foi até **sobre o atletismo**, quando o atleta caiu, aí **pausei** o vídeo e falei para eles **que é muito importante não só ver pelo lado instinto de que poderia vencer a corrida, ele poderia vencer, mas o outro atleta parou, e ajudou o colega, então, para ele aquilo foi mais gratificante até mesmo ganhar a medalha,***

*então, voltando pro lado da inclusão, é isso, você resgatar os valores das pessoas, e da importância do outro, de resgatar a essência do aluno, resgatar aquelas práticas corporais em que seja atrativo pra ele, e tentando buscar aquela essência do aluno, o companheirismo, do conjunto* (José, 2023).

*[...] a inclusão nas atividades, [...] acontece, não vai ser diferente das práticas em quadra, em um ambiente aberto, vai ter aqueles que costumam evitar, sempre vai existir, um ou dois que evitam a participação* (Nativo, 2023).

As falas relatam a necessidade *resgatar os valores* e *a essência do aluno*, buscando por meio das práticas corporais trabalhar o *companheirismo* de forma conjunta. Mesmo assim, tendo a inclusão na sala de aula alguns estudantes que *evitam* participar das atividades propostas pelos docentes. Desse modo, isso nos instiga a pensar que a escola precisa estar aberta às possibilidades, ou seja, deve olhar para todos que estão nela inseridos (Martins *et al.*, 2008).

Inferimos que a inclusão nas práticas corporais não é uma tarefa fácil; pelo contrário, é um processo duradouro que precisa ter uma atenção sobre como está sendo ofertada, em que sujeitos vão vivenciar as aulas da EFE. É necessário que a escola e o corpo docente estejam numa constante mudança para que o aluno se sinta confortável em participar das aulas. Dessa forma, o docente fala sobre:

*Não é uma tarefa fácil, a gente também tem um grande número de criança que tem problemas né, e está cada vez mais aparecendo o número de crianças com dificuldades cognitivas e outros aspectos como autismo, transtorno[...]* (José, 2023).

*[...] eu gosto de quando falo de inclusão, de falar mais desses que tem problemas mais difíceis de se trabalhar, como por exemplo, os problemas cognitivos ou alguma deficiência, a gente não tem um aluno aqui que tenha uma deficiência como paralisia, é mais dificuldades cognitivas mesmo.* (José, 2023).

*[...] você tem que se reinventar tendo as práticas corporais, incluindo os alunos com deficiência, incluindo as meninas, tratando todos por igual para que dessa forma você possa ter uma Educação Física para todos* (José, 2023).

As falas indicam significações sobre a inclusão nas PC, que acontece com a possibilidade de se *reinventar* diariamente, mas mesmo se reinventando *não é uma tarefa fácil*, pois os limites que o docente tem estão presentes no espaço escolar, como, por exemplo, *o grande número* de alunos com laudos ou algum tipo de deficiência ou com problemas cognitivos.

Sobre estas dificuldades de docentes de Educação Física em relação às práticas corporais, Gonçalves, Santos e Júnior (2007) esclarecem que boa parte dos problemas existentes

na Educação Física Escolar são: a falta de identidade do professor, a falta de clareza de sua atuação e o não reconhecimento da sociedade, o que vem acompanhado da falta de recursos e de espaços inadequados.

Estas dificuldades impactam no processo de inclusão nas práticas corporais, na medida em que são necessários, além de bom planejamento pedagógico, recursos para executar as atividades. Dito isto, Crochick (2011, p. 569) destaca que “não basta a escola pensar as contradições existentes fora dos muros escolares, deve também reconhecê-las dentro de si [...]”

Para Blanco (2003), a educação inclusiva tem um significado importante, devendo-se pensar na escola como um espaço onde são possíveis o acesso e a permanência de todos os alunos, onde os mecanismos de seleção e discriminação devem ser substituídos por ações que identifiquem e removam as barreiras de exclusão.

Isso nos revelou significações dos docentes acerca da inclusão dos estudantes, sobretudo aqueles que têm algum tipo de deficiência ou transtorno. Tais significações ressaltam como os professores pesquisados estão se apropriando da atual realidade, uma vez que se torna cada vez mais frequente a presença de alunos atípicos. Porém, também destacam a necessidade de incluir todos, considerando as múltiplas subjetividades presentes no espaço escolar.

Daí a relevância de compreendermos a Educação Física no que se refere à inclusão de estar direcionada às ações, atitudes, valores que visam ao respeito, solidariedade e companheirismo entre aqueles que vivenciam as práticas na escola. No contexto mais amplo sobre a inclusão, é importante frisar que, em especial na Educação Física Escolar, a inclusão de gênero nas práticas corporais ainda se faz presente no meio educacional: mesmo com diversos avanços, encontram-se barreiras a serem superadas para garantir a inclusão.

O indicador desse núcleo, denominado **“Inclusão e gênero na Educação Física: meninos têm mais interesse nas práticas corporais, atividades não diferenciadas”**, refere-se ao processo de inclusão de gênero nas práticas corporais, ainda encontrando a resistência dos estudantes em determinadas atividades realizada pelos docentes na escola. Sobre isso, os docentes relatam:

*[...] ainda existe aquele tabu que futebol é para meninos, e que menina não joga esse tipo de coisa, que querendo ou não, são coisas enraizadas e cabe a nós professores de Educação Física tentar mudar isso, não é tão fácil, mas a gente tenta (José, 2023).*

*[...] a gente começou a trabalhar nas aulas de Educação Física de que não existe isso, de que é esporte para meninos e esporte para meninas [...] (José, 2023).*

*[...] ainda existe em alguns lugares uma certa exclusão do público feminino nas práticas corporais [...].* (Nativo, 2023).

Os docentes expressam significações sobre a inclusão de gênero nas práticas corporais da Educação Física, afirmando que os estudantes vêm tendo dificuldades em participar das atividades em virtude da existência de um *tabu* acerca de alguns esportes. Consideremos o título de exemplo, *futebol é para meninos* e para **meninas**, o que talvez essa ideia ocasiona a *exclusão do público feminino nas práticas corporais*. Porém, não cabe ao professor de *Educação Física mudar* essa concepção, sendo possível orientar, por meio das práticas corporais, que *nas aulas de Educação Física de que não existe isso* e todos podem praticar qualquer modalidade.

Essa retomada de discussão ainda se encontra presente nos espaços escolares, principalmente em relação à Educação Física Escolar, que pelo contexto histórico traz um viés sobre quem pode realizar tal esporte. Precisamos colocar em pauta esta discussão diariamente para que as práticas corporais, seja elas quais forem, sejam vivenciadas por todos os gêneros, sem excluir nenhum aluno dentro e fora da escola, porém é necessário que a escola, juntamente com os docentes de EF, conscientize os estudantes para que a concepção do esporte e outras práticas seja substituída por práticas igualitárias. Ressalvamos que

As construções de homens e mulheres, meninos e meninas são reforçadas em diversos aspectos e âmbitos sociais ao longo da vida, o que os/as aproxima e distancia de muitos espaços e práticas, como na escola e nas aulas de Educação Física. Essas polarizações dentro do contexto das aulas condiciona e salienta as desigualdades existentes (Amorim; Fonseca; Brito, 2022, p. 98).

Compreendemos que este debate precisa ir além, pois é na escola que encontramos uma diversidade de sujeitos com realidades distintas. É preciso colocarmos em pauta as práticas corporais como aliadas que não se restringem a um grupo de pessoas ou um gênero específico, permitindo a participação de todos em quaisquer práticas dentro e fora da escola.

Nesse sentido, as práticas corporais se inserem na escola como aliadas na socialização entre os sujeitos, contribuindo, assim, em seu processo de inclusão, se afastando da ideia de que apenas determinado grupo pode realizá-las nos espaços formais e não formais. Ainda sobre a inclusão de gênero:

*os meninos têm mais interesse pelas práticas corporais do que as meninas [...] é de suma importância levar para todos [...] eu não diferencio atividade de menino e atividade de menina, embora eles queiram taxar isso como futebol de meninos e carimbada de meninas, mas eu não deixo, se a menina quer participar eu dou espaço a ela e se não quer eu não pego na mão e*

*obrigo ela a participar, eu não participar digo somente ela, mas no sentido geral* (José, 2023).

O docente profere que é preciso ter um olhar de *inclusão*, visto que todos os sujeitos que fazem parte do espaço educacional devem ser incluídos, independentemente de gênero. Mesmo com a resistência das meninas e o interesse maior dos meninos, o professor deve *levar* a inclusão *para todos*, não trazendo atividades diferentes para *menino* e para *menina*, mas buscar atividades que englobam todos *no sentido geral*.

É importante relacionar a Educação Física no esporte, na inclusão de gênero na escola e nos espaços em seu meio social, visto que é necessário criar laços e relações com os sujeitos para que as práticas corporais não se limitem a um grupo ou gênero; pelo contrário, devem ser direcionadas pelas relações sociais dos alunos e professores para que possam atingir a todos.

Inferimos que o debate sobre a questão de gênero nas escolas, em especial nas aulas de Educação Física, nos leva a entender que tem sido cada vez mais disseminada e visibilizada a sua importância para que então possamos colocar em pauta as lutas pelos direitos igualitários entre os sujeitos. Dessa forma, a Educação Física e sua prática escolar não deve ser limitada, precisa estabelecer em sua proposta curricular a garantia de uma prática para todos.

Podemos citar o quanto o esporte evoluiu: atualmente, vemos destaques não apenas do sexo masculino, as mulheres vêm se destacando cada vez mais com o passar do tempo. A título de exemplo, nas Olimpíadas de Paris 2024 as atletas da delegação brasileira foram cruciais para a conquista de medalhas, algumas delas foram inéditas para o esporte no Brasil, destaques como o Futebol feminino, que pela primeira vez ficou no pódio, assim como outras medalhas importantes conquistadas por mulheres no vôlei, ginástica artística por equipe (primeira vez no pódio) e individual, skate, surfe e Judô.

Essas informações evidenciam significações de inclusão no sentido mais amplo, que envolve incluir todos na atividade esportiva e nas demais práticas da Educação Física, independentemente da raça, etnia, gênero, na medida em que os professores de EFE colaboram para a superação de tabus constituídos historicamente e que persistem ainda no modo como as pessoas significam determinadas práticas esportivas, a exemplo do futebol.

Reafirmamos, portanto, com base em Vigotski (2009), que os significados são produzidos historicamente na relação dialética com a realidade. Nesse sentido, ressaltamos a necessidade de que as práticas corporais de EFE colaborem para o desenvolvimento das significações do sujeito e, por meio delas, as pautas sociais se inserem, pois a EFE não se desloca da realidade dos estudantes, com a prática e a realidade social caminhando juntas.

Dito isso, é necessário pensar nas práticas corporais como caminho para a inclusão,

ofertadas a todos os sujeitos inseridos na sala de aula, incentivando os estudantes e mostrando que é possível realizar tal prática dentro e fora dos muros escolares. Portanto, é cogente incentivar as práticas corporais no contexto atual, principalmente no retorno às aulas presenciais, para que os estudantes possam se sentir instigados a participar das atividades escolares.

O indicador denominado **”Inclusão nas práticas corporais no retorno das aulas presenciais: desinteresse nas práticas corporais, tentar resgatar o aluno”** se refere a falas de docentes de Educação Física sobre o desafio de trabalhar a inclusão nas práticas corporais no retorno às aulas presenciais pós-pandemia da Covid-19. Os professores expressam a importância das práticas corporais da Educação Física para esse retorno.

As relações com os sujeitos no espaço escolar contribuem não apenas para o processo de ensino-aprendizagem, como também para a socialização dos estudantes em seu meio social. A pandemia da Covid-19 causou diversos problemas para o ambiente educacional; em primeiro lugar, fomos pegos de surpresa e tivemos que migrar imediatamente do ensino presencial para o ensino remoto; em segundo lugar, os docentes não foram formados para o ensino remoto; em terceiro lugar, tivemos um distanciamento social, intensificando cada vez mais a exclusão, tendo em vista as desigualdades sociais persistentes no Brasil.

Nesse sentido, os docentes têm enfrentado no retorno das aulas presenciais dificuldades ao realizar as práticas corporais, pois, entende-se que a pandemia da covid-19 deixou novas lacunas na educação, que resultam no comportamento dos estudantes no campo escolar. Sobre o retorno das aulas, o docente diz:

*[...] a gente vem pós-pandemia, passou muito tempo afastado, eram realmente jovens pequenos e não tiveram essa iniciação as práticas corporais e acabaram desenvolvendo esse desinteresse pelas práticas corporais (Nativo, 2023).*

*[...] tive a oportunidade de estar trabalhando na mesma instituição que estou trabalhando hoje, estava trabalhando antes da pandemia e continuou trabalhando pós pandemia e isso eu consigo perceber que teve uma mudança, alguns alunos, apresentam uma certa dificuldade em participar das práticas corporais. (Nativo, 2023).*

Nativo expressa significações acerca da preocupação sobre o isolamento social causado pela pandemia da Covid-19. Para ele, os estudantes ficaram *muito tempo afastados* da escola, razão pela qual, nesse período, não *tiveram a iniciação às práticas corporais*, o que de alguma forma resultou no *desinteresse* nas aulas. Percebe-se *uma mudança* dos estudantes no retorno das aulas presenciais, havendo *dificuldade em participar das práticas*.

Assim, o isolamento social impactou diretamente na rotina dos alunos, seja na educação básica ou no ensino superior, ocasionando talvez o comodismo sobre as práticas corporais. De certo modo, os “impactos da pandemia tendem a agudizar as diferenças de percurso, aprofundadas também pelas próprias soluções propostas” (Pronko, 2020, p. 123).

Dito isso, inferimos que é importante destacar não apenas a importância das práticas corporais para resgatar os alunos, mas colocar em pauta os desafios que estes docentes enfrentam diariamente no espaço de atuação, a fim de que possamos trazer discutir as possibilidades para que a inclusão aconteça de fato no retorno das aulas pós-isolamento social.

As dificuldades existentes nas práticas corporais no retorno das aulas presenciais têm sido desafiadoras para o docente, pois é preciso estar em constante mudança de suas práticas para despertar o interesse dos alunos. Sobre isso, os professores afirmam:

*[...] quando a gente voltou para as aulas presenciais, que eu iniciei como professor nas escolas, eu percebi o desinteresse dos alunos pelas práticas corporais, e isso vem permanecendo [...]* (José, 2023).

*[...] a gente enfrentou certas dificuldades, porque os alunos não queriam voltar pro ensino presencial, tanto o ensino presencial, como a gente acabou de falar, como para as práticas corporais* (Nativo, 2023).

As falas revelam as dificuldades que os docentes enfrentam(ram) no retorno às aulas presenciais; depois de voltarem para a escola, notou-se *o desinteresse dos alunos nas práticas corporais*, que ainda *vem permanecendo*. Isso resultou em *certas dificuldades* na prática docente, pois os estudantes encontram-se resistentes a *voltar pro ensino presencial*, o que se reflete diretamente no processo de inclusão, justamente porque a evasão escolar está acontecendo com frequência. De acordo com Oliveira, Silva e Silva (2020, p. 27), “[...] a educação se vê na urgência de reinventar-se para acompanhar essas transformações e, ao mesmo tempo, precisa pensar numa nova concepção da ação pedagógica, de sala de aula”.

Desse modo, pensamos que o retorno às aulas precisa ser pensado sob uma ótica que nos permita enxergar os novos desafios na escola, sendo necessário olhar para as práticas corporais no seu interior como ferramentas para aguçar novamente a curiosidade dos estudantes nas aulas de Educação Física, que podem despertar nos estudantes interesse em virtude de serem dinâmicas e lúdicas; por meio delas, os estudantes apreendem valores que possam não apenas ter o conhecimento sobre si, como também respeitar e conviver com a diversidade: *[...] através das práticas corporais, através das aulas de Educação Física, a gente pode tentar trazer esse aluno de volta, resgatar esse aluno, tentar fazê-lo ter uma vida ativa novamente, participar das aulas [...]*” (José, 2023).

A inclusão de estudantes precisa estar presente em toda a esfera do ambiente escolar, mesmo que ainda haja alguns obstáculos a serem superados. Nativo fala sobre a questão: “[...] *a inclusão na escola existe, mas ainda enfrentamos alguns jovens que não têm afinidade com as práticas corporais [...]*”. Os docentes destacam que, apesar da *inclusão na escola* existir e apesar da disciplina ser importante, algumas dessas dificuldades estão no fato dos alunos não se identificarem com as *práticas corporais* e não terem a dimensão da relevância da EFE para sua formação, pois por meio das PC pode *trazer o aluno de volta a participar* das aulas.

A Educação Física exerce papel importante no retorno das aulas presenciais, permitindo aos estudantes vivenciar as práticas corporais na escola e, por meio delas, se comunicarem entre si, contribuindo para o bem-estar e a formação integral. Nesse sentido, a pandemia da Covid-19 impactou diretamente no retorno às aulas presenciais pós-isolamento social e deixou em evidência não apenas os problemas existentes na escola, como também os novos resultantes da falta de interesse e afinidade dos alunos com as práticas corporais, o que impõe um desafio que pode limitar a prática docente.

O desinteresse relatado pelos docentes revela como as significações têm potencial para transformar as experiências que vivemos, sejam transformações que aumentam ou diminuem nossa potência de ser. Em outras palavras, a afetação vivida pelos estudantes modificou a forma deles se relacionarem com a realidade, na medida em que foram estabelecidas novas relações com o meio e consigo. As falas nos permitem compreender como os estudantes se relacionam com o mundo social e como, ao significá-lo, o tornamos subjetivo, isto porque a relação entre o ser e o mundo é uma relação mediada pelos afetos: são os afetos que medeiam a constituição dos sentidos.

Para Alencar e Carvalho (2017), fundamentadas em Vigotski (2003), os sentidos demonstram motivos que impulsionam os sujeitos a agir, sua ação pode ser de atividade ou passividade, o que vai depender da natureza de suas relações afetivas. Isso nos ajuda a compreender a passividade dos estudantes em relação às práticas corporais de EFE, pois a forma deles se relacionarem com a atividade mudou em razão de como a realidade mediou a produção de afetos que diminuíram sua potência de ser, ou seja, eles não produziram motivos para as práticas corporais de EFE.

Neuenfeldt, Baumgarten e Cavalheiro (2023) evidenciam a relevância da Educação Física Escolar, apontam as formas de vivências da disciplina para a socialização entre os sujeitos e as contribuições para a saúde, tornando a EFE um lugar de resistência a práticas que

visam à exclusão de estudantes, indo contra quaisquer ações que não reconhecem as diversidades da cultura corporal do movimento.

Posto isto, cabe não apenas trazeremos discussões, como também colocarmos em prática possíveis soluções para despertar o interesse do aluno nas atividades escolares. Dessa forma, compreendemos que as práticas corporais contribuem no resgate dos estudantes para a escola, além da relação entre aluno e professor exercer papel importante neste retorno, que pode ser um aliado para despertar o interesse dos educandos nas práticas corporais.

O último indicador desse núcleo, “**Relação aluno-professor pós-pandemia: via de troca, certas barreiras**”, evidencia a relação fundamental entre o estudante e o docente para vencer limites que a pandemia da Covid-19 trouxe para o ambiente escolar. É importante lembrarmos que o docente necessariamente precisa estabelecer vínculos afetivos positivos com seus alunos para que sua prática em sala de aula flua de forma saudável e respeitosa.

Nativo diz que “*A relação é uma via de troca muito próxima [...]*.” Compreendemos que a relação de aluno-professor, além de ser uma troca de vínculo, envolve acima de tudo o respeito entre as partes, com docente entendendo o papel do aluno para buscar métodos que contribuem no processo de ensino-aprendizagem, ao mesmo tempo em que o discente entenda o papel importante do educador para sua formação.

Para Nativo, o retorno das aulas presenciais, no contexto denominado pós-pandemia, tem implicado nestas relações:

*[...] infelizmente pós pandemia, eles têm uma certa barreira, eles têm um certo obstáculo a ser superado pra voltar a dar mais atenção aos professores, ter respeito, porque esse tempo que passamos afastados eles perderam, isso na minha opinião, eles perderam essa relação de estar presente com professor [...]* (Nativo, 2023).

A fala expressa as relações com os alunos no retorno das aulas presenciais, as quais têm **uma certa barreira** nas relações entre os alunos e professores. Talvez o tempo em telas fora da sala aula tenha causado esse **obstáculo**, tornando a **relação** mais distante, principalmente em relação às práticas corporais. Desse modo, é necessário se aproximar do aluno para que as práticas corporais sejam realizadas de forma a contribuir nas relações afetivas ou sociais.

Miranda (2008) destaca que é fundamental entender a interação aluno-professor, pois é necessário superar todos os limites tanto profissionais e escolares para ter uma relação de afeto dentro do ambiente escolar. De certo ponto, essa relação de troca de vínculo nas práticas corporais no espaço escolar vai além de conhecimentos pedagógicos; é a partir da aproximação entre eles que podem superar as barreiras tanto nas PC quanto na convivência na escola.

As relações que os docentes têm com seus alunos são presentes, mesmo que ainda existam barreiras que precisa ser melhorada. Sobre isso, os docentes dizem:

*Eu gosto de ser um professor presente, embora pegue muito no pé, mas a minha relação com os alunos é tranquila, graças a Deus tenho pouco tempo de atuação e pouco tempo de formação, mas eu consigo levar pra eles uma boa imagem como professor (José, 2023).*

*[...] só que ainda tem alguns pontos a serem melhorados, não com relação com o professor, mas sim, a atenção do aluno, do respeito e isso tá faltando. (Nativo, 2023).*

As significações expressam a relação do docente com os alunos, na qual o **professor** precisa estar **presente** para levar uma boa imagem das práticas corporais aos alunos; é necessário ter uma **relação com os alunos** mesmo que ainda tenha **alguns pontos a serem melhorados**, como, por exemplo, **a atenção do aluno** e afinidade com as atividades ofertadas pelos professores do componente curricular. Nessa relação, os docentes, como pares mais experientes, devem se permitir caminhar junto com os estudantes, para que as atividades sejam realizadas de modo garantir a formação. Freire (1996, p. 96) sugere que

o bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas imaginações, suas dúvidas, suas incertezas.

Dessa forma, a relação aluno-professor precisa ser marcada pelo bi-direcionalidade, existindo o efeito de reciprocidade no espaço escolar (Bariani; Pavani, 2008). Assim, compreendemos que o professor é a ponte não apenas para o processo de aprendizado, mas aliado para a formação dos alunos no retorno das aulas presenciais.

Desse modo, entendemos que com desafios a serem enfrentados é necessário olharmos para os limites e também possibilidades para a educação, especialmente a Educação Física no retorno às aulas presenciais pós-pandemia da Covid-19, que tem impactado o processo de inclusão de estudantes nas práticas corporais no ambiente educacional, consequentemente causando efeito negativo na participação e nas relações com outros.

Temos como achados neste núcleo a sua centralidade em torno da inclusão nas práticas corporais no retorno às aulas presenciais, pós pandemia da covid-19, surgindo sentidos e significados importantes sobre a falta de interesse dos alunos nas práticas corporais, a relação de aluno e professor como ponto relevante para a inclusão, a inclusão de gênero que ainda se faz presente na Educação Física, assim como o trabalho do professor para romper esse tabu.

Isso coloca em evidência o valor das relações interpessoais no processo de significação, pois a relação com os outros pode ser fonte de afeto e, por conseguinte, mediar a produção de sentidos, o que colabora para que os estudantes produzam motivos para as práticas corporais. Dito de outro modo, as relações interpessoais constituem mediações afetivas necessárias para que o ensino provoque a necessidade do estudante aprender.

As falas dos docentes nos deram a possibilidade de ir além da aparência, permitindo explicar o fenômeno estudado a partir da apreensão das suas significações, sem perder de vista sua totalidade, além de termos novos horizontes para discutirmos com mais propriedade não apenas as práticas corporais da Educação Física Escolar, como também a forma como elas, mesmo com os desafios, podem contribuir para a inclusão no ambiente escolar.

Dito isso, os núcleos de significação se articulam em um só movimento, indicando os desafios docentes; sua prática não valorizada, incompreensão da Educação Física, as estratégias, a inclusão no ensino remoto e na volta às aulas, assim como a inclusão de estudantes nas práticas corporais pós pandemia da covid-19. Estas significações nos dão ampla compreensão de como a EFE enfrenta obstáculos nos espaços escolares e, ao mesmo tempo, caminhos a seguir por uma Educação Física mais inclusiva.

Portanto, estas discussões são inacabadas, pois a Educação Física Escolar sempre está em movimento, se modificando com seu tempo real e com novas concepções de contribuições para a inclusão. As falas dos docentes nos permitiram caminhar por possíveis soluções, criando as possibilidades para que a prática docente seja mais consistente, valorizada, sólida e inclusiva no espaço escolar.

Isso nos faz pensar que a intervenção do docente de Educação Física juntamente com as práticas corporais se faz necessária, pois suas propostas interventivas na escola podem cooperar para o processo de inclusão dos estudantes e atrair os alunos para a escola e para a EFE.

**BRINCAR**

*É no ato do brincar  
Que aprendemos a viver  
Sorrisos, construímos laços  
Ganhamos amigos  
Estreitamos nossos afetos  
Nossas relações com outros  
Dizem que no brincar  
Nos constituímos, mas também  
Nos ensina a nada no rio  
A correr com os pés no chão  
Eu sei, é necessário brincar  
Para que possamos evoluir  
(Oliveira, 2024).*



Fonte: Imagem elaborado pelo pesquisador a partir do canva (2024).

## SEÇÃO VI: OFICINAS PEDAGÓGICAS: UMA INTERVENÇÃO NECESSÁRIA

A epígrafe autoral “Brincar” é referente às nossas constituições com outros sujeitos no meio social, se conectando com as narrativas apresentadas nesta seção, pois com as práticas corporais “*Estreitamos nossos afetos, nossas relações com outros*”. O objetivo desta seção é realizar um relato sobre as oficinas realizadas durante a pesquisa, as quais denominamos intervenção.

O termo oficina nos remete a pensar em algo prático. Neste estudo, utilizamos a expressão “oficinas pedagógicas” para realizar uma intervenção junto a docentes de Educação Física com o objetivo de planejar, executar e refletir sobre os resultados das sequências didáticas a partir das significações dos docentes sistematizadas nos núcleos de significação.

A proposta das oficinas para elaborar a sequência didática vem com o foco de construir um material com professores de Educação Física que estejam atrelados às atividades que buscam promover a inclusão no ambiente educacional e auxiliar os docentes em sua prática pedagógica, especificamente nas práticas corporais.

Na perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica e tendo o corpo em movimento como centro da Educação Física, pensamos nas oficinas que permitiram elaborar a sequência didática pensando nos estudantes em seu pleno desenvolvimento, que foram elaboradas tendo como ponto de partida significações dos docentes e, por meio delas, nos permitiu pensar no processo constitutivo dos alunos em sua socialização dentro das práticas corporais da Educação Física Escolar.

Dito isso, entendemos que a Educação Física não está atrelada somente às questões biológicas, como também à construção do sujeito como um todo, de forma que a disciplina vai além de suas práticas corporais, mas são através delas, que as questões sociais e culturais vêm ao encontro dos conteúdos no processo de inclusão.

### 6.1 O planejamento: Início de tudo

No momento da entrevista reflexiva, foi acordada com os docentes a realização de oficinas pedagógicas (realizadas de junho a outubro de 2024); posteriormente, entramos em contato, elaboramos o cronograma e apresentamos o quadro da sua estrutura, trazendo temas, objetivos e ações a serem realizadas.

Posteriormente, discutimos a estrutura das oficinas, explicamos cada etapa e como seria

realizada para que os docentes ficassem cientes. Em seguida, os professores acordaram com as oficinas. Apresentamos no quadro 6 a estrutura das oficinas.

Quadro 6: Estrutura das oficinas.

Tema	Objetivo	Ações
Significações de professores sobre inclusão nas práticas corporais de Educação Física Escolar	Refletir sobre os resultados identificados na entrevista reflexiva	<b>Discussão</b> sobre os resultados; <b>Definição</b> do(s) tema(s) para construção da sequência didática com base nas falas dos docentes.
Sequência didática	Elaborar sequência(s) didática(s) a partir das significações dos docentes	<b>Elaboração</b> da sequência(s) didática(e)
<i>Feedback</i> sobre a realização da sequência didática	Refletir sobre a realização da sequência didática	<b>Identificação</b> de limites e possibilidades sobre a realização da sequência didática <b>Avaliação</b> sobre todo o processo das oficinas

Fonte: Elaborada pelo pesquisador (2024).

## 6.2 Oficina 1: Significações de professores sobre inclusão nas práticas corporais de Educação Física Escolar

A oficina 1 teve como objetivo Refletir sobre os resultados identificados na entrevista reflexiva. No primeiro momento, discutimos os resultados, ou seja, os pré-indicadores (falas dos sujeitos) levantados na entrevista reflexiva. É importante resaltar que a discussão foi posterior à leitura dos pré-indicadores. Durante a reflexão, sobre os trechos de suas falas os docentes relataram:

*[...] É interesse vermos nossas falas para que possamos perceber as lacunas que ainda precisam ser preenchidas não apenas em questão da Educação Física, mas a inclusão como um todo [...] (José, 2024).*

*[...] Acredito que podemos caminhar por meio delas (falas) para buscarmos atividades que estejam na nossa realidade [...] usar nossas falas a nosso favor [...] (Nativo, 2024).*

Estes trechos nos leva a uma compreensão sobre a importância de refletir as falas dos docentes acerca do que foi dito na entrevista reflexiva, pois é fundamental oportunizar ao sujeito ouvir a própria narrativa e, através dela, enxergarmos as necessidades dentro dos espaços de ensino. Acreditamos que tais vivências dos professores participantes desta pesquisa podem proporcionar diversos caminhos a seguir para uma prática mais inclusiva e suas narrativas nas oficinas podem ser ponto inicial para avançarmos no processo de inclusão de estudantes nas práticas corporais da Educação Física Escolar.

O segundo o momento da oficina 1 foi a definição do(s) tema(s) para construção da sequência didática. Durante a leitura, os docentes foram pontuando alguns temas como a falta de material para a inclusão, desvalorização e inclusão de gênero, refletindo sobre cada um deles.

Esse momento foi de suma importância para olharmos a Educação Física em sua realidade concreta, ou seja, o real da EF no campo escolar, pois nossas vivências na escola nos permitem perceber os desafios presentes na área de atuação, principalmente quando as vivências narradas pelos professores são refletidas para seguirmos a atividades que estejam de acordo com a realidade do componente curricular. Os professores relatam:

*[...] Vejo aqui que nossas falas se direcionaram para a inclusão de gênero também e, querendo ou não, é algo bastante presente aqui na escola. Eu acredito que possamos ir por esse caminho, quer queira ou não, infelizmente ainda se torna com frequência a questão do gênero na escola, principalmente nas aulas de Educação Física [...]* (Nativo, 2024).

*Verdade viu, acredito que possamos pensar em um assunto que ainda se encontra presente no nosso cotidiano, quer queira ou não, ainda existe um tabu entre meninos e meninas em relação algumas práticas corporais [...]* (José, 2024).

Nesse ponto de vista, a perspectiva dos docentes vai ao encontro de sua totalidade, que se insere diretamente com as atividades no campo escolar. Através da reflexão sobre suas falas, identificamos temas importantes presentes na Educação Física Escolar; nesse caso, as falas sobre inclusão de gênero nas práticas corporais da EFE permitem olhar para os tabus ainda presentes nas práticas corporais. Posto isso, inferimos que suas narrativas revelam a realidade concreta no componente curricular na escola.

Nesse sentido, estas narrativas demonstram aspectos da realidade da Educação Física, definimos, portanto, como tema para a elaboração da sequência didática a “**inclusão de gênero nas práticas corporais**”, apresentada na oficina 2.

### **6.3 Oficina 2: A sequência didática**

A oficina 2 teve como objetivo Elaborar sequência(s) didática(s) a partir das significações dos docentes. Em seu primeiro momento, discutimos as possibilidades de quais atividades poderiam fazer parte da sequência didática, trazendo os jogos cooperativos, jogos e brincadeiras e jogos pré-desportivos. Para os docentes, estes jogos visam ao trabalho em equipe, coletividade que coopera no processo de inclusão de gênero nas práticas corporais.

Esse momento nos deu uma visão mais ampla sobre como inserir as atividades com o propósito de promover a inclusão na sala de aula. Por essa razão, compreendemos que esta ocasião permitiu ver a Educação Física como componente facilitador da inclusão na escola e sob o viés histórico da disciplina: a EFE, em relação à inclusão de gênero, tem se mostrado seletiva a quem deveria participar das atividades, e ao longo desse período é notória a luta para romper o pensamento de quem pode praticar determinado esporte na EF.

Pensando na coletividade e na inclusão, os docentes discutem caminhos que podem facilitar a participação de todos nas práticas corporais. Sobre isso, os docentes relatam:

*Estava pensando em a gente trabalhar os jogos e brincadeiras, trazer atividades de recreação, que aí seria mais fácil inserir os meninos e meninas (José, 2024).*

*Acho que seria interessante irmos por esse caminho, de trazer jogos cooperativos ou jogos e brincadeiras para trazer todos para as atividades (Nativo, 2024).*

Desse modo, inferimos que nossas vivências e experiências, na escola ou fora de seus muros, carregam aprendizagens que facilitam a prática pedagógica nos espaços escolares. Isso talvez derive dos processos constitutivos dos professores, que buscam meios para que a inclusão possa de fato acontecer em sala de aula, e estas reflexões sobre como a elaboração das atividades deve ser direcionada propõe um caminho inicial para que a inclusão seja efetivada no ambiente de ensino.

Portanto, foram elaboradas atividades capazes de possibilitar a participação de todos em sala; em seu segundo momento, pensamos em quais atividades fariam parte da sequência didática. Discutimos as possíveis atividades, bem como o intuito de cada uma delas, o trabalho em conjunto para a inclusão de todos. Os docentes relatam:

*[...] a gente pode direcionar alguns papéis para aqueles que não se sintam confortável, perguntamos o que gostam de fazer para colocá-los dentro da aula, aí já é trabalhado a inclusão, pensei numa atividade interessante que podemos confeccionar para estar trabalhando de modo coletivo [...] e aí a gente confecciona o material de modo coletivo, realizar a atividade de modo coletivo (José, 2024).*

*A gente pode trabalhar os jogos pré-desportivos, a carimbada e outros conteúdos relacionados as práticas corporais. Eu pensei em trazer a carimbada, de modo que todos possam participar, trazer uma carimbada diferente do que já estamos acostumados a ver [...] (José, 2024).*

*[...] a gente pode caminhar mais para algo esportivo, podemos trazer algumas atividades de jogos cooperativos trazendo o voleibol como o centro de uma*

*das atividades, sem ser uma evolução de atividades, mas que seja algo pra vivenciar e entender que todos pode participar* (Nativo, 2024).

As falas dos docentes surgem no momento crucial para a elaboração da sequência didática, possibilitando desenvolver atividades de modo coletivo visando ao processo de inclusão de gênero nas práticas corporais da Educação Física Escolar. É por meio destas narrativas que percebemos o quanto a atividade docente está sempre em movimento na direção de desenvolver os sujeitos, para suas interações sociais com outros seres humanos.

Dessa forma, as atividades elaboradas foram desenvolvidas de modo a serem realizadas em conjunto, trabalhando a cooperação e a participação dos estudantes. Posteriormente, desenvolvidas pelos docentes e estudantes em suas respectivas turmas, de acordo com as necessidades de cada uma dessas turmas. Para Vygotski (2007), cada estudante possui desenvolvimento real ou potencial, determinados por meio de soluções independentemente de obstáculos e de solução de problemas sobre uma orientação em colaboração com os demais. Nesse sentido, cada turma tem suas características próprias, de modo que as atividades foram desenvolvidas e orientadas pelos docentes de acordo com a realidade concreta de cada um.

A sequência didática contém os objetivos estabelecidos para desenvolver as atividades, conteúdos previstos, tempo da aula, turmas, previsão de material, habilidades que podem ser desenvolvidas, o desenvolvimento das atividades e a avaliação. A seguir, no quadro 4 apresentamos os títulos das aulas elaboradas da sequência didática. O plano completo se encontra no apêndice H.

Quadro 7: Aulas da Sequência Didática.

<b>Aula 1</b>	Confecção de material
<b>Aula 2</b>	Acerte o balde
<b>Aula 3</b>	Vôlei infinito
<b>Aula 4</b>	Pega-pega o fugitivo
<b>Aula 5</b>	Flashmob – movimentos corpóreos

Fonte: Elaborada/adaptada pelo pesquisador e participantes da pesquisa (2024).

As atividades elaboradas não visam a trazer algo em inédito, mas buscam atividades que possam ser realizadas em conjunto, trabalho em equipe sem dividir gênero nas práticas corporais. O intuito é fazer adaptações para a realidade dos professores participantes no espaço de atuação.

### 6.4 Oficina 3: *Feedback* sobre a realização da sequência didática

A oficina 3 teve com objetivo Refletir sobre a realização da sequência didática. Nessa etapa, identificamos os limites e possibilidades sobre a aplicação das atividades, bem como sobre sua avaliação acerca de todo o processo de construção das atividades no início até o fim das oficinas pedagógicas. Durante a reflexão sobre a aplicação da sequência didática, os docentes relatam:

*[...] de imediato os alunos não queriam participar, porque não sabiam até então como ia acontecer as atividades e depois que expliquei atividade eles ficaram animado [...] eu notei que eles se sentiam bastante empolgados com o passar das atividades [...] foi nítido o trabalho em equipe para que todos possam chegar no mesmo objetivo [...]* (José, 2024).

*[...]as atividades dentro da temática da inclusão de gênero foram satisfatórias né, porque tivemos a participação de todos, é claro que no início assim como José falou, teve uma certa resistência, mas com o explicar e realizar todos teve curiosidade de estar dentro da atividade [...]* (Nativo, 2024).

José e Nativo expressam pontos importantes sobre o desenvolvimento das sequências didáticas, afirmando que os alunos têm se mostrado inicialmente resistentes por não saberem que atividades realizariam, mas com o decorrer da explicação da aula e com o passar das atividades se interessaram nas práticas. Isso nos leva às significações dos docentes na seção V, dando conta de que durante as falas os alunos resistiam às práticas corporais, não se interessavam nas atividades escolares e logo depois da elaboração desta sequência, assim como a sua realização tivemos uma faísca em relação à participação de todos nas aulas.

Isto leva a um processo mediativo sobre as atividades que os docentes realizaram, ora, as estratégias utilizadas para chamar atenção dos alunos foram simples, com atividades sem complicação, colocando os estudantes como protagonistas durante as aulas. Compreendemos que a mediação sobre as atividades realizadas com o propósito de incluir todos foi intensificada e alcançada, propondo aos alunos trabalhar em conjunto.

Estas atividades tiveram importância para o meio escolar, direcionando o docente para trabalhos futuros sobre a inclusão de gênero nas práticas corporais. Portanto, nossas vivências com os professores nesse processo foram importantes para percebermos o quanto a inclusão na escola precisa ser intensificada diariamente. Sobre a importância das SD, os docentes relatam:

*[...] é importante destacar a importância desse processo de construção das atividades, desde do momento que sentamos juntos para trazer algumas atividades que possa agregar a inclusão e serem encaixadas com a realidade da nossa escola, com o público da escola, com os poucos materiais disponíveis, o que a gente poderia adaptar, então eu acredito que essa*

*sequência didática foi pensada de acordo com nossa realidade [...] (José, 2024).*

*[...] a sequência didática é de extrema importância para que você possa se programar independentemente como será direcionada, principalmente na relação à prática pedagógica. Então acredito que precisamos de sequências didáticas que possam agregar condições para a inclusão e, para atender as necessidades dos alunos (Nativo, 2024).*

As falas evidenciam a importância do processo de elaboração da sequência didática, a necessidade de planejar atividades que possam oferecer a inclusão dos estudantes, com a realidade da escola e os materiais disponíveis. Inferimos a importância de ouvirmos estas narrativas, pois permite enxergar a Educação Física como componente curricular que necessita de atenção, isto é, a EFE precisa de condições para realizar sua atividade na escola.

Nesse sentido, as práticas realizadas pelos docentes transformam o ser humano, pois sua “atividade externa que se produz as possibilidades da atividade interna [...] o homem transforma o seu entorno e se transforma num processo dialético de criação e re-criação de ferramentas, instrumentos que possibilitaram a sua relação com outros sujeitos” (Barbosa, 2011, p. 28).

Isso nos leva à compreensão de que as histórias, as condições e vivências fazem os sujeitos dessa pesquisa avaliarem as diversidades existentes em sua prática e colocarem a relevância em trabalhar atividades pedagógicas no intuito de incluir todos os gêneros nas práticas corporais. Sobre a escolha da inclusão de gênero, os docentes relatam:

*A gente pode trabalhar com todos os públicos na escola, meninos e meninas, porque são atividades que a gente consegue dá a oportunidade que todos participem e essa forma de atividade conseguimos trabalhar a inclusão, trazer todos os estudantes para as atividades (José, 2024).*

*Fomos felizes em buscar a inclusão de gênero porque é uma temática abordada nos dias atuais, principalmente na Educação Física [...] (Nativo, 2024).*

Estas falas mostram a importância de pensarmos na prática pedagógica como um todo, ou seja, pensar nas subjetividades das diversas pessoas que integram o contexto escolar. Para Dornelles e Fraga (2009), é necessário entender as condições dos sujeitos, com suas histórias e espaços culturais, para que tenham resultados de uma prática mais afetiva, não restrita a apenas um grupo, abraçando a diversidade existente na escola.

O trabalho docente na escola vem trazendo reflexões sobre como o processo de inclusão no campo de atuação profissional vem sendo direcionado. Historicamente, vem crescendo a preocupação dos pesquisadores em encontrar alternativas que possibilitem uma melhoria e qualidade de ensino dos profissionais da educação que atuam em diferentes níveis de ensino

(Marques *et al.*, 2020). Portanto, entendemos que estas alternativas podem se relacionar diretamente ao desenvolvimento de atividades que abracem todos em sala de aula.

Dito isso, desenvolver estas atividades nos proporciona uma interação de todos os envolvidos. Foi preciso reconhecermos os alunos e a escola em sua realidade concreta para então planejarmos as atividades que proporcionam a inclusão gênero nas práticas corporais da Educação Física Escolar. Consideramos que as atividades elaboradas atingem o objetivo proposto para a pesquisa, pois além das significações dos docentes, conseguimos, através da sequência didática, trazer possíveis caminhos para minimizar a exclusão na escola. Na imagem 2, apresentamos uma das atividades realizada pelos docentes.

Imagem 2: Desenvolvimento de sequência didática.



Fonte: Imagem feita pelo pesquisador durante o desenvolvimento de uma sequência didática (2024).

A fotografia acima mostra a realização de uma das atividades denominado “acerte o balde”, que faz parte da sequência didática. Nota-se pela imagem que todos os estudantes estão em círculo trabalhando em conjunto para mover a cesta até o outro lado da quadra, para colocar todas as bolinhas de papel no cesto vazio. Percebemos que esta atividade proporcionou aos alunos uma aproximação com as práticas corporais e também as suas relações com os demais durante a aula.

Inferimos que o relato sobre as oficinas pedagógicas se conecta às significações dos docentes na seção anterior, pois em ambas trazem assuntos sobre a inclusão nas práticas corporais, a desvalorização quando os docentes se referem a buscar atividades com os poucos recursos, a prática atual da EF e o resgate do aluno para a sala de aula. Visto isso, as oficinas possibilitaram aos professores novas ideias para que sua prática pedagógica seja mais inclusiva e para todos.

Nas falas dos docentes nesta seção, se encontram suas significações, porém as oficinas nos trazem a possibilidade de desdobrarmos sobre a inclusão nas práticas corporais. Dessa forma, os achados desse relato se encontram na prática docente; a título de exemplo, os jogos e brincadeiras/cooperativos/e pré-desportivos permitem a inclusão de todos, havendo participação dos estudantes nas atividades realizadas, o outro se refere ao momento da elaboração da sequência didática, onde os professores realizam atividades com os materiais disponíveis na escola, sendo poucos buscamos atividades para as quais os materiais sejam confeccionados ou até mesmo algo simples como balde e bolinha de papel.

Nesse sentido, as atividades da sequência didática surtiram efeito em relação à participação e socialização dos estudantes nas práticas corporais da Educação Física. Talvez possamos pensar em atividades como estas (visando ao trabalho em conjunto) para contribuir no desenvolvimento dos alunos, mas é necessário antes ressignificar a prática docente e buscar soluções dentro da escola para avançarmos na inclusão.

Tais soluções se encontram nas falas dos professores participantes desta pesquisa: as oficinas pedagógicas trouxeram meios de buscar, planejar atividades que, além de despertarem os estudantes, possibilitaram sua inclusão nas práticas escolares. Citamos os achados dos núcleos e também dessas oficinas. Em outras palavras, buscamos materiais de fácil acesso, construir o mesmo, trazer para a sala de aula atividades aplicáveis em equipe, sempre visando à participação e socialização de todos.

## O FIM É INÍCIO DE TUDO

*Como não temer o fim  
De um ciclo? Os anseios de uma  
Nova jornada sempre nos deixa  
Pensativos, eu sei, cheguei onde queria  
E tenho sede em chegar mais longe.  
Dizem, quando chegamos  
Onde queremos, novas portas se abrem  
para iniciar novos ciclos.  
Confesso que tenho medo  
Mas entendo que em nossas vidas  
É preciso ter início e fim  
E o fim desse ciclo chegou  
Não há como negar.  
O que sei, é que tenho levado comigo  
Tudo aquilo que me constitui  
E aqueles que sempre estiveram  
Presentes na minha vida.  
(Oliveira, 2024).*



Fonte: Imagem elaborado pelo pesquisador a partir do canva (2024).

## SEÇÃO VII – REFLEXÕES FINAIS: O FIM É INÍCIO DE TUDO! ENCERRANDO CICLOS PARA INICIAR OUTROS

A prosa autoral “O fim é início de tudo” inicia contando sobre o encerramento de um ciclo, o que, de certo, se conecta com esta seção, na qual todo o processo de construção desse trabalho por ora se conclui, trazendo, por outro lado, a consciência do pesquisador de que novas portas poderão ser abertas e novos caminhos sobre o referido estudo podem direcioná-lo a novos ciclos. Porém, compreendemos que as discussões sobre objeto de estudo são inacabadas, apenas expressando o encerramento desse ciclo.

Inicialmente, nessa seção refletimos sobre as contribuições deste estudo, sobre os caminhos que nos trouxeram até aqui, as contribuições advindas desta pesquisa e também da nossa constituição pessoal e profissional como sujeitos. Em seguida, apresentamos a síntese dos achados do trabalho, discutimos sobre eles e apresentamos algumas possíveis possibilidades de alguns desdobramentos para a pesquisa.

A Psicologia Sócio-Histórica, ao mesmo tempo, mediou a constituição de significações sobre a inclusão de estudantes nas práticas corporais da Educação Física Escolar pós-pandemia e a apreensão das significações dos professores, possibilitando, assim, compreendermos as constituições dos sujeitos em diversos espaços no meio social, nas mais mutáveis de nossas vivências individuais ou coletivas. Fica imbricado em nós o movimento de constituir-nos a partir das relações e vivências, os novos aprendizados, experiências que vão além do sentir os afetos, mas significar o que construímos no processo.

Ponderamos que a base teórica-metodológica empregada e o percurso dessa pesquisa nos permitiram atingir o objetivo de **aprender as significações de docentes sobre a inclusão de estudantes de uma escola dos anos finais do ensino fundamental nas práticas corporais da Educação Física escolar pós-pandemia da Covid-19**. Entretanto, compreendemos que esse processo foi longo e difícil, pois exigiu de nós a criação de diversas possibilidades para conseguirmos conciliar as nossas demandas acadêmicas, os receios de não conseguir chegar até aqui, afetações que fizeram parte desse processo constitutivo.

Dito isso, em cada etapa da realização dessa pesquisa percebemos as contribuições para o nosso desenvolvimento pessoal e profissional. As seções apresentadas nos deram uma visão ampla sobre o referido trabalho, além de nos permitirem novas perspectivas sobre nosso processo constitutivo.

As vivências no mestrado permitiram ir além da prática, olhar para o nosso desenvolvimento como sujeito histórico por um novo prisma, que possibilitou não apenas

identificar os achados, como também nossos sentimentos, relações de afetos, o modo de agir, pensar e sentir, perceber que o tema desse estudo sempre esteve atrelado às nossas vivências no meio social.

Pensando em como as relações afetivas impactam diretamente na relação com o outro, surge a primeira seção, que tem como título um trecho da epígrafe, “eu, protagonista da minha história”, relatamos os caminhos e desafios que o sujeito pesquisador vivenciou em seu processo constitutivo. Esse processo foi fundamental para o desenvolvimento do estudo e de nossa compreensão sobre o tema discorrido, pois ao mesmo tempo em que usamos os caminhos percorridos para o objeto dessa pesquisa utilizamos as categorias para nos aproximarmos da sua realidade concreta para compreender minimamente o que nos trouxe até aqui.

Nesse contexto, durante o caminho do estudo, a definição da pesquisa exigiu de nós uma dedicação e reflexão para pensar em questões como “o que escrever? Qual direção iremos seguir? De qual tipo de inclusão estamos falando?”. Essas indagações foram constantes, já que buscávamos escolher um tema que nos permitisse ir além do proposto e ao mesmo tempo estivesse atrelado às nossas vivências na escola. Um tema precisava ter relevância social e pessoal que provocasse inquietações sobre objeto de estudo e, que estivesse fundamentada na Psicologia Sócio-Histórica para que a originalidade do estudo fosse mais concreta.

O texto sobre a Educação Física Escolar e o processo de inclusão em tempos de pandemia nos proporcionaram refletir sobre seu percurso histórico desde as tendências pedagógicas até os dias atuais (pós-pandemia), nos revelando que “o tempo muda a todo tempo”, o que não é diferente com a Educação Física. Nesse sentido, estudar o processo de inclusão na EF tem nos proporcionado compreender que nem sempre ela ocorre na escola e que a pandemia nos desafiou à reinvenção de práticas em todas as áreas do conhecimento, e com os profissionais da EF não foi diferente, pois para refletir um assunto recente e com poucos estudos foi necessário enxergarmos a EFE na sua atualidade.

A Psicologia Sócio-Histórica esteve presente em toda a estrutura do texto, das vivências do pesquisador até chegarmos ao encerramento deste estudo. Acreditamos que a PSH ficará permanente em nossas práticas, na escola ou em outro meio de constituição em sociedade. A epígrafe destacada nesta seção nos fez entender em que “a vida é um movimento preciso” e com ela “nos ensina a nadar sobre a correnteza do rio”, nos constituindo a cada instante.

Dessa forma, encontramos nesse caminho muitos conflitos que nos marcaram afetivamente no processo de construção dessa pesquisa, nos constituíram como sujeitos em pleno desenvolvimento. Então, colocamos como parte constitutivo de nosso processo as

dificuldades em relação à escrita sobre o objeto de estudo que precisava estar relacionadas à linguagem do Materialismo Histórico-Dialético e da Psicologia Sócio-Histórica, dialogando com algumas de suas categorias. Desse modo, compreendemos que estes conflitos sobre o método de pesquisa foram a linha inicial para nos aprofundarmos e compreendermos como a PSH se insere não apenas na vida dos sujeitos, mas como usá-la para explicar no texto.

Nesse contexto, os esforços para compreender e sistematizar as ideias de nosso método/estudo contribuíram para que pudéssemos decidir sobre quais procedimentos podemos utilizar como produção de informações que contemplem o método de pesquisa. Esta etapa nos levou a diversas direções, entre idas e vindas, entendendo o novo contexto da Educação Física, pós-pandemia da covid-19. Isso deu a escolha do campo de pesquisa, porém os procedimentos das informações sofreram mudanças antes de fecharmos definitivamente. Entretanto, compreendemos que a subjetividade dos sujeitos participantes dessa pesquisa e sua relação com a objetividade fazem parte de uma interação social e individual; suas relações são contraditórias e dialéticas.

Lembramos que o momento da obtenção das informações (entrevista e oficinas) foi um período crucial para termos novas ideias e criações referentes à prática docente, pois esse processo deu a possibilidade dos sujeitos envolvidos no referido trabalho ressignificarem suas atividades escolares sobre a inclusão. Consideramos que este momento foi importante para o processo constitutivo do pesquisador e dos docentes participantes.

Diante disso, entendemos que nossos objetivos pessoais e para a pesquisa têm sido alcançados e até superado nossas expectativas, a partir da interpretação das informações (as significações dos docentes nos NS), e com as oficinas pedagógicas identificamos outras possibilidades para a inclusão na prática docente. Nos limites desse estudo, identificamos cinco achados:

- 1- As significações dos docentes revelam a desvalorização de sua profissão no campo escolar, que gera vários problemas para realizar as práticas corporais, além de não terem formação continuada e poucos recursos para trabalhar em sala;
- 2- Os docentes buscam estratégias com os poucos materiais na escola para realizar a inclusão nas práticas corporais;
- 3- A nova realidade escolar, durante o isolamento social causado pela pandemia da covid-19, resultou na falta de acesso de estudantes as aulas remotas, o retrocesso da inclusão na volta às aulas e a mudança dos alunos em relação às práticas corporais;

- 4- Dificuldade em realizar a inclusão de estudantes nas práticas corporais pós-isolamento social, com ênfase na falta de interesse dos alunos nas atividades e na relação com os estudantes como elemento crucial para resgate do interesse;
- 5- Os professores foram afetados de forma positiva na ocasião da socialização e reflexão sobre suas falas;
- 6- O planejamento e desenvolvimento de sequências didáticas nas oficinas, além de nos possibilitarem a reflexão sobre e na prática, revelam os jogos e brincadeiras, jogos cooperativos e jogos pré-desportivos como uma via para a participação de todos nas práticas corporais, permitindo despertar o interesse dos alunos e promover a inclusão nas atividades.

As significações apontam contribuições para que possamos refletir e debater sobre a inclusão de estudantes nas práticas corporais da Educação Física Escolar no retorno das aulas presenciais pós-pandemia da covid-19, pois o processo de inclusão é dinâmico, exigindo dos docentes e demais educadores estratégias de adaptação às novas demandas no novo contexto escolar, além de nos revelarem a Educação Física em sua realidade concreta, isso é, mostra que a desvalorização do docente e do componente enfraquece a inclusão nas PC.

Sobre o desdobramento do estudo, sua contribuição aponta que: a) é necessário olhar para a EF como uma disciplina formativa e dar aos docentes condições de realizar as atividades escolares de maneira a contribuir para o desenvolvimento dos alunos; b) possibilidades de intervenções com as práticas corporais que visam ao trabalho em equipe, participação de todos; c) potencializar estudos e a inclusão na prática sobre esse tema, d) Ampla divulgação da experiência da elaboração de sequências didáticas considerando as necessidades de cada contexto, e) a continuidade deste estudo no nível de pós-graduação, bem como a divulgação do estudo em periódicos qualificados.

Compreendemos que estes resultados devem ser compartilhados com a comunidade acadêmica, pois assim teremos mais debates e reflexões sobre o referido estudo, podendo surgir a partir deles novas inquietações acerca da inclusão nas práticas corporais, novos direcionamentos e novas demandas escolares da atual realidade do componente na escola.

Enfim, ressaltamos a importância do grupo de estudo “Educação e Subjetividade” e a nossa participação no projeto “Pandemia da COVID-19 e seus impactos na educação básica no Brasil: diagnóstico e proposições interventivas na escola”, financiado pela Capes, nos proporcionando discussões sobre assuntos diversos e contribuindo para a constituição do pesquisador. Ressaltamos também o Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) e

o apoio da Capes, por terem colaborado para nosso desenvolvimento pessoal e profissional, oferecendo o suporte necessário para avançarmos em nossa pesquisa.

Somos imensamente gratos por esse processo constitutivo, as nossas relações, vivências com outro, tendo sem dúvidas contribuído para tecer o conhecimento constituído em cada etapa de novas aprendizagens. Portanto, encerramos este ciclo cheios de gratidão e com a consciência de que os novos caminhos estão por vir; daremos continuidade à nossa pesquisa por onde formos e tentaremos, por meio de nossas vivências, contribuir para uma Educação Física mais igualitária, pois tudo que foi vivido até aqui nos leva diretamente aos nossos percursos históricos e refletir sobre eles foi necessário para entender não apenas os processos que nos mediaram, mas como nossa constituição está sempre conectada entre a pesquisa e o pesquisador. Assim, temos a consciência de que podemos ir além e nos novos ciclos podemos nos constituir cada vez mais.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, W. M. J. Consciência e atividade: categorias fundamentais da Psicologia Sócio-Histórica. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (org.). **Psicologia Sócio-Histórica– uma perspectiva crítica em Psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 95-112.
- AGUIAR, W. M. J. Reflexões a partir da psicologia sócio-histórica sobre a categoria consciência. **Cadernos de Pesquisa**, n. 110, p. 125-142, jul. 2000.
- AGUIAR, W. M. J.; ARANHA, E. M. G.; SOARES, J. R. Núcleos de significação: Análise dialética das significações produzidas em grupo. **Cadernos de Pesquisa**, 51, 2021.
- AGUIAR, W. M. J.; BOCK, A. M. B. (org.). **A Dimensão Subjetiva do Processo Educacional: uma leitura sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2016.
- AGUIAR, W. M. J.; BOCK, A. M. B. Contribuições da Psicologia Sócio-Histórica ao estudo da teoria das Representações Sociais. **Educação e Cultura Contemporânea**, v. 5, n. 11, jul./dez. 2008.
- AGUIAR, W. M. J.; MACHADO, V. C. Psicologia Sócio-Histórica como fundamento para compreensão das Significações da atividade docente. **Estudos de Psicologia**, Campinas, p. 261-270, abr.-jun. 2006.
- AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **R. Bras. Est. Pedag.**, Brasília, v. 94, n. 236, p. 299-322, jan./abr. 2013.
- AGUIAR, Wanda M. Junqueira de; BOCK, Ana M. Bahia (org.). **Psicologia sócio-histórica e educação: tecendo redes críticas e colaborativas na pesquisa**. São Paulo: Cortez Editora, 2020.
- AGUIAR, Wanda Maria Junqueira *et al.* Reflexões sobre sentido e significado. In: BOCK, Ana Mercês B.; GONÇALVES, Maria da Graça M. (org.). **A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 54-71.
- ALMEIDA, L.; FENSTERSEIFER, P. E. O lugar da experiência no âmbito da Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 4, p. 247-263, out./dez. 2011.
- ALMEIDA, P. R.; JUNG, H. S.; SILVA, Lde Quadros da. Retorno às aulas: entre o ensino presencial e o ensino a distância, novas tendências. **Revista Práxis**, Novo Hamburgo, ano 18, n. 3, set./dez. 2021.
- AMARAL, M. N. C. P. Dilthey – conceito de vivência e os limites da compreensão nas ciências do espírito. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 51-73, 2004.
- AMORIM, J. R. S.; FONSECA, M. P. S.; BRITO, L. T. “Bruna fechou o gol hoje”: o futebol como tecnologia sexo política na Educação Física escolar. **Periferia**, Duque de Caxias, v. 14, p. 88-109, 2022.

ARANHA, M. L. A. **Filosofia da Educação**. 3 ed. São Paulo: Moderna, 2006.

ASSIS, Marília del Ponte de; AYOUB, Eliana; CUNHA, António Camilo Teles Nascimento. CORPO, PRÁTICAS CORPORAIS E O FAZER SENSÍVEL NA FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA: narrativas de docentes das universidades públicas paulistas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 38, n. 26172, p. 1-21, jul. 2022.

BAGNARA, Ivan Carlos; FENSTEISEIFER, Paulo Evaldo. Responsabilidade da educação física escolar: concepções dos professores que atuam na formação inicial. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 42, e2029, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2019.03.003>. Acesso em: 10 mar. 2024.

BARBOSA, S. M. C. **Atividade do professor em sala de aula**: uma análise das estratégias de ensino a partir da psicologia Sócio-Histórica. 2011. 225 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

BARIANI, I. C.; PAVANI, R. Sala de aula na universidade: espaço de relações interpessoais e participação acadêmica. **Revista Estudos de Psicologia**, v. 25, n. 1, p. 67-75, jan./mar. 2008.

BERWANGER, F.; BICHELS, A.; OLIVEIRA, V.; VAGETTI, G. C. Educação Física escolar no ensino remoto durante a pandemia de Covid-19: uma revisão sistemática. **Revista Eletrônica de Educação**, [S. l.], v. 17, p. e6137056, 2023. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/6137>.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. 13. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 1999.

BOZOKI, K. S.; BRESSAN, J. C. M. Os desafios da prática pedagógica em educação física e suas soluções apresentadas por professores. **Conexões**, Campinas, SP, v. 21, n. 00, p. e023013, 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8671865>. Acesso em: 16 jul. 2024.

BRACHT, V. **Educação Física & ciência**: cenas de um casamento (in) feliz. 4. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2014.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos cedes**, Campinas, p. 69-88, ago. 1999.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CES n. 7**, de 5 de abril de 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR**. Brasília: Ministério da Educação, v. 1, n. 1, 1º dez. 2018. II. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_20dez\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf).

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Nacionais Curriculares**. Educação Física. Brasília: 1997.

BRASIL. Presidência da República. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – Lei nº. 9.394. Brasília, 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 10 jun. 2023.

BRITO, J. S.; TEIXEIRA, V. R. L. Educação Inclusiva e o Papel do Professor. Id on Line **Rev. Mult. Psic.**, v. 14, n. 52, p. 718-728, out. 2020.

CANDAU, Vera Maria. **Magistério: construção cotidiana**. Rio de Janeiro: Vozes, 4 edição, 2003.

CAPARROZ, Francisco Eduardo; BRACHT, Valter. O tempo e o lugar de uma didática da educação física. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 28, n. 2, p. 21-37, jan. 2007.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. 8a ed. Campinas: Papyrus, 2003.

CASTELLANI FILHO, Lino (org.). **Gestão Pública e políticas de lazer: a formação de agentes sociais**. Campinas-sp: Autores Associados, 2007.

CIDADE, R. E. A.; FREITAS, P. S. **Noções sobre Educação Física e desportos para portadores de deficiências: uma abordagem para professores de 1º e 2º grau**. Uberlândia: INDESP, 2002.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

COSTA, V. A. **Os processos de inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais: políticas e sistemas**. Rio de Janeiro: Editora da UNIRIO, 2007.

CURY, C. R. J. **Educação e Contradição**. São Paulo: Cortez, 1985.

DA SILVA, R. R. C. *et al.* A importância da Educação Física no desenvolvimento motor e cognitivo da criança. **Anais da Jornada de Educação Física do Estado de Goiás**, v. 1, n. 1, p. 40-43, 2018.

DAOLIO, J. A antropologia social e a Educação Física: possibilidades de encontro. In: CARVALHO, Y. M.; RUBIO, K. (org.). **Educação Física e ciências humanas**. São Paulo, SP: Hucitec, 2001. p. 27-38.

DAOLIO, J. Por uma educação física plural. Ponto de vista Motriz, v. 1, n. 2, p. 134-136, dez. 1995. Disponível em: [http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/01n2/1\\_2\\_Jocimar.pdf](http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/01n2/1_2_Jocimar.pdf). Acesso em: 26 maio 2023.

DARIDO, S. C. Diferentes concepções sobre o papel da Educação Física na escola. Universidade Estadual Paulista. Prograd. **Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 34-50. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/41548>. Acesso em: 07 ago. 2023.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017.

DARIDO, Suraya. Futebol feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica. **Motriz**, Rio Claro, v. 8, n. 2, 2002.

DIAS, A. A.; SANTOS, I. S.; ABREU, A. R. P. Crianças com Transtorno do Espectro Autista em tempos de Pandemia: contextos de inclusão/exclusão na educação infantil. **Zero-a Seis**, Florianópolis, v. 23, n. Especial, p. 101-124, jan./ jan., 2021.

DIAS, L. B. **Base Nacional Comum Curricular**: análise documental da perspectiva interdisciplinar do ensino de ciências. 2018. 57f. Monografia (Graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas) – Universidade Federal da Paraíba, Areia, 2018.

DORNELLES, Priscila Gomes; FRAGA, Alex Branco. Aula mista versus aula separada? Uma questão de gênero recorrente na educação física escolar. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física**, v. 1, n. 1, p. 141-156, ago. 2009.

DUBAR, Claude. Para uma teoria sociológica da identidade. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FERREIRA, Vera Lúcia Costa. **Prática de educação física no 1º grau**: modelo de reprodução ou perspectiva de transformação? São Paulo: IBRASA, 1984.

FONSECA, M. P. S.; RAMOS, M. Inclusão em movimento: discutindo a diversidade nas aulas de educação física escolar. In: PONTES JUNIOR, J. A. F. (org.). **Conhecimentos do professor de Educação Física escolar**. Fortaleza: EDUECE, 2017. p. 184-208.

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 42, p. 259-268, ago. 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, Tânia Cristina Meira; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz; ZAROS, Lilian Giotto; RÊGO, Maria Carmem Freire Diógenes. **Ensino remoto emergencial**: proposta de design para organização de aulas. 2020. 17 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

GASPARI, Telma Cristiane *et al.* A Realidade Dos Professores De Educação Física Na Escola: Suas Dificuldades e Sugestões. **Universidade Federal de Educ. Fís. de Viçosa**, v. 14, n. 1, p. 109-121, 2006.

GLAT, R.; BLANCO, L. M. V. Educação Especial no Contexto de uma Educação Inclusiva. In: GLAT, R. (org.). **Educação Inclusiva**: cultura e cotidiano escolar. Rio de Janeiro, Letras, 2007. p. 15-35.

GODOI, M.; BERALDO KAWASHIMA, L.; ALMEIDA GOMES, L.; CANEVA, C. As práticas do ensino remoto emergencial de educação física em escolas públicas durante a pandemia de covid-19: reinvenção e desigualdade. **Revista Prática Docente**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. e012, 2021. Disponível em:

<https://periodicos.cfs.ifmt.edu.br/periodicos/index.php/rpd/article/view/375>. Acesso em: 17 nov. 2023.

GOMES, E. M. A. **Significações do professor acerca da inclusão escolar de alunos com deficiência no Ensino Médio**. 2018. 145 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2018.

GRANDO, B. S. CORPO E CULTURA: A educação do corpo em relações de fronteiras étnicas e culturais e a constituição da identidade bororo em Meruri-Mt. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 8, n. 2, p. 163–180, 2006. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/112>. Acesso em: 17 nov. 2023.

GUEDES, D. P. Educação para a saúde mediante programas de educação física escolar. **MOTRIZ**, v. 5, n. 1, p. 10-15, jun. 1999. Disponível em: [http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/05n1/5n1\\_ART04.pdf](http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/05n1/5n1_ART04.pdf). Acesso em: 07 ago. 2023.

HODGES, Charles; MOORE, Stephanie; LOCKEE, Barb; TRUST, Torrey; BOND, Aaron. As diferenças entre o aprendizado online e o ensino remoto de emergência. Tradução de Danilo Aguiar, Américo N. Amorim e Lídia Cerqueira. **Revista da Escola, Professor, Educação e Tecnologia**, v. 2, jun. 2020.

JOENK, Inhelora Kretzschmar. Uma Introdução ao Pensamento de Vygotsky. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 3, n.1, 2007. UDESC/UNIDAVI – Rio do Sul – SC. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1276>. Acesso em: 08 ago. 2023.

KAHHALE, E. M. P.; ROSA, E. Z.; SANCHEZ, S. G. Sobre o método. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; ROSA, E. Z. (org.). **Dimensão subjetiva: uma proposta para uma leitura crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez Editora, 2020. p. 115-156.

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. 28. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2008.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 6ª ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.

LEFEBVRE, H. **Lógica Formal/Lógica Dialética**. São Paulo: Ed. Civilização Brasileira 1975.

LEITE, S. A. S. **Afetividade e práticas pedagógicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Moraes, 1985.

LEONTIEV, A.N. **Atividade. Consciência. Personalidade**. Bauru-SP: Mireveja, 2021.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poiésis**, v. 3, n. 3-4, p. 5-24, 2005/2006.

LUKÁCS, G. **Ontologia do Ser Social - Os Princípios Ontológicos Fundamentais de Marx**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

MACEDO, L. M. M.; NEVES, L. E. O. Práticas de educação física na pandemia por covid-19. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 3, p. 1-5, 2021.

MACHADO, R. B.; FONSECA, D. G.; MEDEIROS, F. M.; FERNANDES, N. Educação Física Escolar Em Tempos De Distanciamento Social: Panorama, Desafios E Enfrentamentos Curriculares. **Movimento**, [S. l.], v. 26, p. e26081, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/106233>. Acesso em: 1º dez. 2023.

MACHADO, Roseli Belmonte; FONSECA, Denise Grosso da. Docência em Educação Física Inclusiva: esgotamentos vividos no contexto do ensino remoto brasileiro. **Educ. fís. cienc.**, Ensenada, v. 23, n. 3, e188, 2021.

MACIEL DA SILVA, C.; MACHADO, R.; GROSSO DA FONSECA, D. Educação física e aulas remotas: um olhar para o trabalho com alunos com deficiência em escolas do Rio Grande do Sul. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 24, p. 1-19, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/66039>. Acesso em: 2 fev. 2024.

MAKIGUTI, Tsunessaburo. **Educação para uma vida criativa. Ideias e propostas de Tsunessaburo Makiguti**. Trad. Eliane Carpenter. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MANZINI, E. J. Recurso pedagógico adaptado e estratégias para o ensino de alunos com deficiência física. In: MANZINI, E. J.; FUJISAWA, D. S. (org.). **Jogos e recursos para comunicação e ensino na educação especial**. Marília: ABPEE, 2010. p. 117-138.

MARTINELLI, M. L. Notas sobre mediações: alguns elementos para sistematização da reflexão sobre o tema. **Serviço Social e Sociedade**, n. 43, p. 136-141, 1993.

MARTINS, Ana Rita. Eles podem inspirar a busca por soluções. **Revista Nova Escola**, n. 216, Ano XXIII, p. 58, 2008.

MARTINS, L. A. R. *et al.* **Inclusão: compartilhando saberes**. 3. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

MARTINS, Lígia Márcia; EIDT, Nádia Mara. Trabalho e atividade: categorias de análise na psicologia histórico-cultural do desenvolvimento. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 15, n. 4, p. 675-683, out./dez. 2010.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2008.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Tradução de Luís Cláudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MENDES, E. G. A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 33, p. 1-20, set./dez, 2006.

MIRANDA, E. A influência da relação professor-aluno para o processo de ensino aprendizagem no contexto afetividade. In: **Anais do 8º Encontro de Iniciação Científica e 8ª Mostra de Pós-Graduação**. FAFIUV. 2008.

MOLON, Susana Inês. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vigotski**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com apoio de tecnologias. In: MORAN, J. M.; MASSETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. (org.). **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papirus. 2013. p. 11-72.

MOTA, R. S. *et al.* Evasão escolar em tempos pandêmicos: um estudo sobre o ensino remoto emergencial no município de Sant'ana do Livramento. **Revista Latino-Americana de Estudos Científico - Relae**, Bahia, v. 3, p. 1-20, fev. 2022.

NEUENFELDT, Derli Juliano; BAUMGARTEN, Macgregor; NUNES CAVALHEIRO, Claudionor. Lugar da escola e da educação física no retorno às aulas presenciais pós-pandemia. **Revista Didática Sistêmica**, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 218–233, 2023.

NEUENFELDT, Derli Juliano; OLIVEIRA, Elzanira Sousa de; BAUMGARTEN, Macgregor. Educação física escolar: desafios, superação e retorno às aulas presenciais. **Linhas Críticas**, [S. l.], v. 28, p. e44216, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/44216>. Acesso em: 10 abr. 2024.

NÓVOA, A (org.). **Vidas de Professores**. Portugal: Porto, 1992.

NÚÑEZ, I. B. **Vygotsky, Leontiev, Galperin**: formação de conceitos e princípios didáticos. Brasília: Liber Livro, 2009.

OLIVEIRA, E. M.; ALMEIDA, J. L. V.; ARNONI, M. E. B. **Mediação dialética na educação escolar**: teoria e prática. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

OLIVEIRA, H. V.; SOUZA, F. S. Do conteúdo programático ao sistema de avaliação: reflexões educacionais em tempos de pandemia (COVID19). **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 2, n. 5, p. 15-24, 2020.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda; OLIVEIRA, Luciane Paiva Alves; VAZ, Alexandre Fernandez. Sobre corporalidade e escolarização: contribuições para a reorientação das práticas escolares da disciplina de educação física. **Pensar a prática**, n. 11, v. 3, P. 303-318, set./ dez., 2008.

OLIVEIRA, R. N. C. (1988). **A mediação na prática profissional do assistente social**. Serviço Social e Sociedade. (Nº 26).

OLIVEIRA, Sidimar da Silva; SILVA, Obdália Santana; e SILVA, Marcos José de Oliveira. Educar na incerteza e na urgência: Implicações do ensino remoto ao fazer docente e a reinvenção da sala de aula. **Interfaces Científicas - Educação**, v. 10, n. 1, p. 25-40, 2020.

PADILHA, L. O. **Educação Física e estudantes com deficiência**: desafios da inclusão. 2017. 87 p. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

PALMA, Â. P. T. V.; PALMA, J. A. V. O ensino da educação física: princípios fundamentais para uma relação pedagógica construtivista na educação infantil e ensino fundamental. **Fiep Bulletin**, Brasil, v. 75, n. edição especial, p. 91-94, 2005.

PAULA, M. V. G. de; KOCHHANN, A. Práticas corporais de aventura na Educação Física Escolar e a inclusão da criança com deficiência. **Olhar de Professor**, [S. l.], v. 23, p. 1–17, 2020. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/15118>. Acesso em: 29 maio 2024.

PINHEIRO, R. C.; SOUZA, Á. R. S.; OLIVEIRA, A. S.; MONT'ALVERNE, A. L. N.; FERNANDES, C. Y. P.; OLIVEIRA, D. F. L.; VALE, T. S.; COSTA, J. E. F. Educação física escolar através da abordagem saúde renovada: práticas que norteiam a formação de professores / School physical education through the renewed health approach: practices that guide teacher training. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 7, n. 9, p. 92967–92980, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/36481>. Acesso em: 29 maio 2024.

PINTO, F. M., BASSANI, J. J., VAZ, A. F. Sentidos das práticas corporais fora da escola para alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. **Revista Brasileira Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 34, n. 4, p. 909-923, out./dez. 2012.

PONTES, R. N. (1989). **A propósito da categoria de mediação**. Serviço Social e Sociedade. (nº 31).

RODRIGUES MOISES, R.; DE FREITAS LOPES, E. M. A Organização do Trabalho Didático da educação física em tempos de pandemia: alternativas inclusivas ante o isolamento social do estudante com deficiência. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 20, p. e–28986, 2022. DOI: 10.36453/cefe.2022.28986. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfísica/article/view/28986>. Acesso em: 29 maio 2024.

SANTOS, A. N. S.; ARRUDA, Ítalo R. P.; AZEVEDO, L. F. A.; SOUSA, C. A. M.; CEZARIO, D. S.; NEVES, C. R.; LIMA, E. R.; MELO, T. C. S.; PESSOA, I. A.; SILVA, R. F. Experiência, inclusão escolar e pandemia: desafiando os limites da aprendizagem a partir da experiência dos alunos em tempos de ensino remoto e híbrido. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, [S. l.], v. 16, n. 5, p. e4216, 2024. DOI: 10.55905/cuadv16n5-060.

SANTOS, Mônica de Souza. **Educação Física Escolar**: a importância da atividade física e a conscientização corporal do educando. 2021. 58 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Centro Universitário Ages, Paripiranga, 2021.

SCHMITZ, Egídio. **Fundamentos da didática**. São Leopoldo –RJ: Unisinos, 2000.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Educação, Sujeito e História**. São Paulo: Ed. Olho d'Água, 2002.

SILVEIRA, Ana Aparecida Tavares *et al.* Educação física escolar e estratégias pedagógicas inclusivas: uma revisão integrativa. In: MEDEIROS, Janiara de Lima (Org.). **Ensino e Educação: contextos e vivências**. Campina Grande: Licuri, 2023, p. 154-171. v. 1.

SMOLKA, A. L. B. Múltiplas vozes em sala de aula: aspecto da construção coletiva do conhecimento na escola. **Revista de Trabalhos de Linguística Aplicada**, Campinas, n. 18, p. 15-28, jul./dez. 1991.

SOARES, C. L. Educação Física escolar: conhecimento e especificidade. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, supl. n. 2, p. 6-12, 1996.

SOARES, Carmen Lúcia *et al.* **Metodologia do ensino de educação física**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SOARES, J. R.; ARAÚJO, D. S.; PINTO, R. D. C. **Aprendizagem escolar**: desafios do professor na atividade docente. **Psic. da Educação**, São Paulo, v. 51, p. 72-84, 2º sem. de 2020.

SOUSA, R. P.; MOITA, F. M. C. S. C.; CARVALHO, A. B. G. (org.). **Tecnologias Digitais na Educação**. Campina Grande: EdUEPB, 2011. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/6pdyn/pdf/sousa-9788578791247.pdf>. Acesso: 11 nov. 2023.

SOUSA, Ruth de Oliveira; MOREIRA, Antônio Domingos; SANTOS, Arlete Ramos dos. Impactos da pandemia na educação e nas práticas do trabalho docente: desafios dos novos tempos. **Revista Humanidades e Inovação**. V. 20, n. 20, p 168-184, 2024.

SOUZA, Túlio Vinícius Andrade; TORRES, Gilvaní Alves Pilé; NETO, Mário Duarte Barros. **Educação Física Escolar: Soluções Pedagógicas Para As Principais Dificuldades Encontradas Pelos Professores Da Educação Básica**. Vol. 01, Nº 01 – Setembro, 2013 Associação Brasileira de Incentivo à Ciência – ABRIC.

SZYMANSKI, Heloisa. **A relação família/escola**: desafios e perspectivas. 1. reimp. Brasília: Plano Editora, 2003.

TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. Existe espaço para o ensino de educação física na escola básica? **Revista Pensar a Prática**, Goiânia, v. 02, p. 119-135, jun. 1999. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/152/138>. Acesso em: 15 abr. 2024.

TANI G. *et al.* **Educação Física escolar**: Fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: EPU: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

TANI, G. Educação Física Desenvolvimentista: 20 Anos Depois. **Revista da Educação Física/UEM Maringá**, v. 19, n. 3, p. 313-331, 2008.

TELES, G. As contribuições da categoria da totalidade para a análise dos movimentos sociais. **Alamedas, [S. l.]**, v. 6, n. 2, 2018. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/alamedas/article/view/19001>. Acesso em: 19 out. 2024.

TEZANI, Thaís C. R. **Os caminhos para a construção da escola inclusiva**: a relação entre a gestão escolar e o processo de inclusão. 2004. 207f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

UNESCO. **Impacto da COVID-19 na educação.**2020. Disponível em:  
<http://pt.unesco.org/covid19/educationreponse>; Acesso em: 15 de set de 2023.

VEER, R. van der; VALSINER, J. **Vygotsky: uma síntese** (4a ed., C. Camargo Bartalotti, trad.). São Paulo: Edições Loyol. 2001.

VIGOTSKI, L. S. (1926) **Psicologia Pedagógica.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VIGOTSKI, L. S. **A Formação Social da Mente:** o desenvolvimento dos processos superiores. 7ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZEICHNER, K. **The struggle for the soul of teacher education.** New York and London: Routledge, 2017.

## ANEXOS

### ANEXO I – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA DE PESQUISA

#### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

##### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** A INCLUSÃO DE ESTUDANTES NAS PRÁTICAS CORPORAIS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR PÓS-PANDEMIA DA COVID-19: SIGNIFICAÇÕES DE DOCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL DE ICÓ-CE

**Pesquisador:** Airton de Lima Oliveira

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 74279923.0.0000.5294

**Instituição Proponente:** UERN

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

##### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 6.667.642

##### **Apresentação do Projeto:**

A pesquisa fundamenta-se nas bases teórico-metodológicas da pesquisa da Psicologia Sócio-Histórica, com fundamentos no Materialismo Histórico-Dialético e na Pesquisa Formação. O instrumento de coleta de dados será a entrevista semiestruturada. Logo após as entrevistas, será realizada uma intervenção pedagógica, na qual serão realizadas atividades sobre a inclusão em seu contexto atual na escola. Pretende-se junto aos docentes colaboradores a criação de uma sequência didática que estejam focados nos processos de inclusão em sala de aula. Para o procedimento de análise e interpretação dos dados, serão utilizados os Núcleos de Significação elaborados por Aguiar e Ozella (2006, 2013) e reelaborados por Aguiar, Soares e Machado (2015).

##### **Objetivo da Pesquisa:**

###### OBJETIVO GERAL

Apreender as significações constituídas por docentes sobre o processo de inclusão de estudantes de uma escola do ensino fundamental nas práticas corporais da Educação Física Escolar pós-pandemia da Covid-19.

###### OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar as significações de docentes sobre o processo de inclusão;
- Desenvolver junto com os docentes uma sequência didática que possa promover o processo de inclusão;

Continuação do Parecer: 6.667.642

- Contribuir para a reflexão sobre o processo de construção de práticas inclusivas nas aulas de Educação Física.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Os riscos e benefícios foram avaliados

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa é relevante, uma vez que se busca compreender as significações constituídas por docentes sobre o processo de inclusão de estudantes de uma escola do ensino fundamental nas práticas corporais da Educação Física escolar pós pandemia da Covid-19, com ênfase na sequência didática e práticas corporais.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os termos de apresentação obrigatória foram avaliados

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

O protocolo de pesquisa não apresenta óbices éticos

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2203926.pdf	01/12/2023 11:41:19		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_alterado_.pdf	01/12/2023 11:40:54	Airton de Lima Oliveira	Aceito
Outros	ANUENCIA_Alterado.pdf	11/10/2023 16:30:34	Airton de Lima Oliveira	Aceito
Outros	DECLARACAO_Alterado.pdf	11/10/2023 16:29:52	Airton de Lima Oliveira	Aceito
Outros	TERMO_alterado.pdf	11/10/2023 16:26:50	Airton de Lima Oliveira	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_Alterado.pdf	11/10/2023 16:22:54	Airton de Lima Oliveira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	TCLE_Alterado.pdf	11/10/2023 16:22:19	Airton de Lima Oliveira	Aceito

Continuação do Parecer: 6.667.642

Ausência	TCLE_Alterado.pdf	11/10/2023 16:22:19	Airton de Lima Oliveira	Aceito
----------	-------------------	------------------------	----------------------------	--------

Folha de Rosto	FOLHA_Alterado.pdf	11/10/2023 16:18:58	Airton de Lima Oliveira	Aceito
Outros	TERMO.pdf	30/08/2023 18:16:46	Airton de Lima Oliveira	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	30/08/2023 18:03:33	Airton de Lima Oliveira	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

MOSSORO, 23 de fevereiro de 2024

---

**Assinado por:**  
**JOÃO BEZERRA DE QUEIROZ NETO**  
**(Coordenador(a))**

## APÊNDICE A - SÍNTESE COMPLETA DOS ESTUDOS NO PERIÓDICO DA CAPES/SCIELO

### Síntese completa dos estudos selecionados no periódico da Capes/SciElo

Autor/Ano/Tipo	Título	Objetivo	Resultados
Ferreira; Patton; Parker. (2022) Artigo  SciELO	Do isolamento à colaboração: desenvolvimento de uma comunidade de professores de educação física em tempos de pandemia	Explorar o desenvolvimento de um grupo de professores de Educação Física (EF), que enfrentaram dificuldades com o ensino remoto, em uma comunidade de prática (CdP) durante a pandemia da COVID-19.	Notavelmente, auto-organização dos professores foi fundamental para guiar a CdP ao longo de estágios de desenvolvimento. São discutidos outros aspectos que contribuíram para o desenvolvimento da CdP em um cenário de pandemia.
Esper <i>et al.</i> (2022) Artigo  SciELO	Atuação do Professor de Educação Especial no Cenário da Pandemia de Covid-19	Analisar a atuação do professor de Educação Especial no cenário da pandemia da Covid-19.	Considera-se que os professores de Educação Especial se perceberam implicados no processo inclusivo, ainda que não haja implicação total das equipes educacionais, o que os faz se sentirem isolados e desamparados em algumas situações desafiadoras. Compreender o olhar dos professores de Educação Especial oferece subsídios para o planejamento da Educação Especial, na perspectiva da inclusão.
Machado; Fonseca (2021) Artigo  Periódicos Capes	Docência em Educação Física Inclusiva: esgotamentos vividos no contexto do ensino remoto brasileiro	Problematizar a docência de professores de Educação Física escolar no contexto das aulas remotas no Brasil, focando no trabalho com alunos considerados de inclusão	Considera-se que a falta do contato com os alunos na escola e as desigualdades do contexto social e econômico brasileiros podem ocasionar práticas de exclusão e contribuir para um esgotamento docente.
Moises; Lopes (2022) Artigo  Periódicos Capes	Organização do Trabalho Didático da educação física em tempos de pandemia: alternativas inclusivas ante o isolamento social do estudante com deficiência	Propor a discussão de alternativas para a Educação Física Inclusiva em tempos de COVID-19 voltadas para os estudantes público-alvo da educação especial	Conclui-se que, apesar da COVID-19, a OTD da Educação Física e da escola permanece a mesma, pois atende as imposições do capitalismo, anunciando maiores necessidades de flexibilização curricular por meio da utilização de tecnologias virtuais sem, todavia, romper com um modelo que ainda não atende os estudantes com deficiência e/ou transtornos globais dentro das condições equânimes.
Erika Galvão Figuerêdo (2021) Tese	Prática educativa de Educação Física no instituto federal do Piauí: ensino remoto no contexto da pandemia de covid-19	Compreender o ensino remoto na Educação Física, mediado pelo uso de Tecnologias Digitais de Informação e	O presente estudo proporciona reflexões sobre a ressignificação da PE dos docentes, rompendo as barreiras de padrões

Banco de dados de Teses e Dissertação da Capes		Comunicação visando à ressignificação da prática educativa.	estabelecidos e impulsionado em novas direções para a Educação Física plural, a qual considera o corpo físico para além do movimento e vivenciar como linguagem na expressão cultural e social.
Maria Paula Cintra Naves (2021) Dissertação  Banco de dados de Teses e Dissertação da Capes	O corpo por detrás da tela: o ensino remoto na educação física do ensino médio	Investigar como os professores de Educação física do Ensino Médio trabalham e percebem o corpo do aluno nas aulas remotas devido ao isolamento social ocasionado pela pandemia da COVID-19.	A Educação Física é uma das disciplinas que se encaixam no combate à imersão da cultura virtual. Entende-se que o corpo ainda está envolvido apenas nas questões biológicas e não na perspectiva filosófica, histórica, espiritual, mental e social. Desta forma, é preciso realizar trabalhos na relação do ensino-aprendizagem, na percepção do corpo, dos sentimentos e significados.
Silvana Telma de Lima Fritoli (2022) Dissertação  Banco de dados de Teses e Dissertação da Capes	Ensino inclusivo em tempos de isolamento social devido a covid-19: um olhar nos desafios da docência	Analisar as repercussões do ensino remoto para a educação especial e inclusiva, com foco na atuação docente e seus desafios.	Diante das descobertas, de forma a contribuir para o enfrentamento de dificuldades e espaços que a pandemia causou na educação especial e inclusiva, são necessárias táticas para um apoio educacional no período pós-pandemia e enfrentamento de novas pandemias.
Maria Quitéria da Silva (2022) Dissertação  Banco de dados de Teses e Dissertação da Capes	Dimensão Subjetiva da realidade educacional dos universitários com deficiência visual em tempos de pandemia da COVID-19	Apreender a Dimensão Subjetiva da realidade educacional dos universitários com deficiência visual durante o ensino remoto implantado em decorrência da Pandemia de COVID-19	No ensino remoto, o protagonismo foi dado à tecnologia digital, sendo o estudante com deficiência visual mero figurante quase sempre invisibilizado. Assim, as necessidades educativas dos universitários com deficiência visual foram negligenciadas, sendo a realidade desigual e excludente aplaudida pela meritocracia, havendo uma estrutura de exclusão atingindo os estudantes com deficiência visual.
Marcos Eduardo dos Santos (2022). Tese  Banco de dados de Teses e Dissertação da Capes	A dimensão subjetiva da educação na perspectiva inclusiva: significações de professores diante dos processos de inclusão escolar	Compreender as significações constituídas por professores sobre os processos da inclusão escolar nos quais atuam, permitindo apontar para elementos da dimensão subjetiva dos fenômenos da educação inclusiva.	Foram desvendados elementos de significação que serviram como norte e mobilização para pensar, sentir e agir dos professores, desenvolvidos nas relações do meio social e histórica, subjetivados e objetivados de uma realidade objetiva e concreta, contribuindo para o fenômeno pesquisado, que denominamos dimensão subjetiva de perspectiva inclusiva.

**APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Governo do Estado do Rio Grande do Norte  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE / DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC  
Campus Central – BR 110 – KM 46 – Rua Prof. Antônio Campos, s/n - Costa e Silva. CEP:  
59.633- 010 - Caixa Postal 70 - Mossoró – RN Tel: (84) 3314-3452 – FAX: (84) 3314-3452

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu \_\_\_\_\_, na condição de Professor no Município de Icó/CE afirmo que: 1) Fui convidado (a) participar como voluntário (a) da pesquisa intitulada “A INCLUSÃO DE ESTUDANTES NAS PRÁTICAS CORPORAIS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR PÓS-PANDEMIA DA COVID-19: SIGNIFICAÇÕES DE DOCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL II DE ICÓ-CE”, realizada por Airton de Lima Oliveira, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Antônia Batista Marques no Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC/UERN), cujo objetivo geral consiste em apreender as significações de docentes sobre a inclusão de estudantes de uma escola do ensino fundamental II, nas práticas corporais da Educação Física escolar pós pandemia da Covid-19. 2) O projeto de pesquisa foi apresentado a mim Professor e, além do objetivo geral, seus procedimentos metodológicos foram devidamente esclarecidos; 3) Foi garantido a mim o livre acesso a todos os dados produzidos por meio dos procedimentos metodológicos utilizados na realização do citado trabalho de pesquisa, assim como terei direito ao esclarecimento acerca das informações das quais eu possa ter dúvidas com relação ao meu envolvimento nesse processo; 4) Além de estar ciente de todo o processo metodológico da pesquisa e de sua publicação, sei também que serão resguardados todos os dados referentes à minha privacidade, de modo que jamais o pesquisador criará meios que possibilitem a minha identificação nesse trabalho. Tudo aquilo o que diz respeito à minha identidade sei que será mantido sob sigilo; 5) Caso decida por não mais participar dessa pesquisa, poderei retirar-me dela a qualquer momento sem que isso signifique nenhum tipo de prejuízo para mim. Não há, inclusive, necessidade de justificar tal desistência. Ciente de que o referido projeto não apresenta nenhuma perspectiva de desconforto ou risco à minha participação no seu desenvolvimento, ACEITO, DE FORMA LIVRE E ESCLARECIDA, participar dessa pesquisa com o intuito de contribuir com a sua realização naquilo o que me couber como professora.

Mossoró/RN, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

\_\_\_\_\_  
Participante da pesquisa

## APÊNDICE C - ROTEIRO DA ENTREVISTA REFLEXIVA



Governo do Estado do Rio Grande do Norte  
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE / DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC  
 Campus Central – BR 110 – KM 46 – Rua Prof. Antônio Campos, s/n - Costa e Silva. CEP:  
 59.633- 010 - Caixa Postal 70 - Mossoró – RN Tel: (84) 3314-3452 – FAX: (84) 3314-3452

**Objetivo:** Conhecer os aspectos pessoal e profissional do docente em sua jornada formativa, assim como suas práticas corporais no espaço de sala de aula, visando no processo de inclusão pós-pandemia da covid-19.

Para iniciar, por motivo ético de pesquisa científica e profissional, peço a você professor(a) que lhe dê um nome fictício que contém sua característica para que possamos a partir de agora chamá-lo(a) e preservar sua identidade como participante dessa pesquisa.

### Questões

I – O objetivo desse estudo é: Aprender as significações de docentes sobre a inclusão de estudantes de uma escola do ensino fundamental II, nas práticas corporais da Educação Física escolar pós-pandemia da Covid-19. Sabemos que nossa trajetória formativa proporciona diversas vivências, experiências que nos constituem não apenas como sujeito pessoal, mas também como professores. Diante disso, entendendo que estamos sempre em movimento. Como a pesquisa envolve o desenvolvimento pessoal e profissional, é necessário recolhermos algumas informações sobre a sua história de vida como: sua vida estudantil, acadêmica e como você se constituiu professor(a). Você poderia relatar sobre sua trajetória profissional e pessoal? Como você se sente em relação à sua profissão?

- Como foi sua escolha pela Educação Física?
- Como foi sua iniciação à docência?
- Fale sobre sua formação inicial e o ensino da Educação Física
- Em relação às práticas corporais, como elas se deram em sua formação e atuação?
- A formação continuada tem ajudado na sua práticas corporais? Você gosta de participar?

2 - Tornar-se professor(a) não é uma tarefa fácil, já dizia Paulo Freire, não nascemos professores, nos tornamos professores com nossas experiências no espaço de atuação docente.

Entendendo nosso papel significativo na vida dos estudantes, a forma como nós professores de Educação Física, por meio das práticas corporais em sala de aula, trabalhamos diversas práticas da cultura corporal do movimento para constituir os estudantes, seja elas para o crescimento pessoal, social e convivo com as demais pessoas. Como você descreveria a Educação Física nesse processo?

- Você percebe a sua relação com seus alunos? E quanto às aprendizagens?
- Em relação à inclusão nas práticas corporais da Educação Física, como você descreveria?
- Para você, como ocorre a inclusão, caso ela exista?
- Como você faz o planejamento ou rotina da sua aula? Você pensa na inclusão de estudantes na construção desse planejamento?
- Você já aplicou alguma sequência didática voltado para a inclusão de estudantes nas práticas corporais?
- E quanto as unidades temáticas da Educação Física postam pela BNCC, o que você tem a dizer?
- Você faz uma abordagem prévia do conteúdo com seus alunos verificando se eles já sabem algo sobre o assunto?
- No dia a dia, você consegue perceber a inclusão entre os alunos? Quando eles (alunos) pensam no outro colega?
- Como tem sido lidar com as práticas corporais em sala de aula, em especial com a inclusão?

3 – Professor(a), sabemos que a pandemia da covid-19 pegou a todos nós de surpresa, justo que não estávamos preparados para o isolamento social, fora o receio de ter contato com outro por medo de contrair a covid-19. Tendo isso em mente, a Educação Física se destaca como componente curricular de fundamental importância para o desenvolvimento dos sujeitos, seja ela a saúde mental, física e para o convívio social. Para você, o que mudou com a chegada da covid-19 em relação às práticas corporais no período de isolamento social? Principalmente no retorno das aulas presenciais.

- Você consegue perceber alguma mudança em suas práticas em sala de aula, no retorno das aulas presenciais? Quais são?
- Como tem sido lidar com as práticas corporais no período do isolamento social causado pela pandemia da covid-19?
- E como está lidando com as práticas hoje, quando as aulas retornaram pós-isolamento?
- Em sua visão como docente, como foi a inclusão de estudantes no período da pandemia da covid-19?
- O processo de ensino e aprendizagem foi ou está sendo satisfatório?
- Para você, como vem sendo o papel do professor de Educação Física no retorno das aulas presenciais?

- E a relação com os alunos no retorno das aulas, como você descreveria?
- Para você, como a escola tem lidado com o retorno das aulas presenciais?
- E como a escola tem lidado com a inclusão de estudantes nesse retorno?

4 – A educação teve diversas mudanças e transformações para melhorar o ensino e aprendizado dos estudantes, com isso, destaque o avanço da educação inclusiva, a qual vem melhorando ou tentando alcançar uma inclusão plena e de equidade, no entanto a educação, especialmente a educação inclusiva, tem sofrido diversas mudanças no retorno das aulas presenciais pós-pandemia. Como você descreveria essa mudança quando se pensa na inclusão de estudantes em sala de aula?

- Poderia relatar o que mudou no antes e pós-covid-19?
- A inclusão para você, pós-pandemia da covid-19 teve impacto nas relações escolares? Como você descreveria esse impacto?
- Para você, qual é o papel da Educação Física na inclusão de estudantes pós-pandemia da covid-19?
- Em sua visão, a inclusão escolar retrocedeu ou avançou? Como você descreveria?
- Para você, o que significam as práticas corporais para a inclusão?
- Para você, como a Educação Física pode contribuir para a inclusão pós-pandemia da covid-19?

5 - Para encerrar, gostaria de saber se você quer falar mais alguma, fique à vontade.

## APÊNDICE D – ENTREVISTA REFLEXIVA COM OS DOCENTES



Governo do Estado do Rio Grande do Norte  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE / DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC  
Campus Central – BR 110 – KM 46 – Rua Prof. Antônio Campos, s/n - Costa e Silva. CEP:  
59.633- 010 - Caixa Postal 70 - Mossoró – RN Tel.: (84) 3314-3452 – FAX: (84) 3314-3452

Data: 14/11

Tempo de Duração: 1h27min16seg.

### ENTREVISTA PROFESSOR JOSÉ

**ENTREVISTADOR:** Para iniciar, por motivo ético de pesquisa científica e profissional, peço a você professor(a) que sugira um nome fictício para que possamos a partir de agora chamá-lo(a) e preservar sua identidade como participante dessa pesquisa.

- Entrevistado: **José**
- Entrevistador: tem uma justificativa para a escolha do nome?
- Entrevistado: Prof **José** “Não, porque é um nome simples, fácil de se pronunciar e ser lembrado, mas nada de importante, só por isso mesmo.”

**ENTREVISTADOR:** Você poderia relatar sobre sua trajetória profissional e pessoal? Como você se sente em relação à sua profissão?

**PROF. JOSÉ:** Bom, iniciei a minha vida acadêmica como estudante do curso de direito e acabei não me identificando com o curso e surgiu uma oportunidade aqui na cidade de Icó-CE para o curso de Educação Física que a universidade estava ofertando. Aí eu me inscrevi no vestibular, passei e entrei no curso, me formei nesse curso graças a Deus e iniciei minha vida acadêmica, minha vida profissional, desculpa, como estagiário de uma academia, já que sou formado em Educação Física. Embora fosse licenciado, eu podia exercer esse cargo de estagiário. Diante disso, eu senti a necessidade, já que meu curso é licenciatura, embora

estivesse atuando na academia, eu sempre gostei da escola, de ensinar, então, quando surgiu a oportunidade de ensinar em uma escola eu fiquei bastante feliz, e a vontade de ser professor surgiu na graduação, com os estágios que eu comecei a saber como é que funcionava a disciplina, comecei a ver como funcionava a licenciatura, passando por turmas diferentes, daí eu senti aquele prazer de ser professor... surgiu vagas para professores de disciplinas eletivas aqui no município pela prefeitura e eu fui contratado pela prefeitura, acabei ficando por um período de dois a três meses, e fui transferido para uma escola de fundamental II e estou até hoje como professor de Educação Física e também como professor de outros componentes curriculares, pra que fechasse a carga horária que a gente tem aqui no município de Icó.

**PROF. JOSÉ:** Eu me sinto tranquilo, embora a nossa profissão ainda tem que ser muito bem visto dentro das escolas, principalmente dentro das escolas públicas, né? Devido àquela importância de que algumas pessoas do núcleo gestor e as demais pessoas da escola tratam a disciplina de Educação Física, mas diante disso eu acredito muito na minha profissão tanto nos dois caminhos, bacharel e licenciatura. E eu acredito que a Educação Física é de suma importância para todos os alunos.

**ENTREVISTADOR:** Como foi sua escolha pela Educação Física?

**PROF. JOSÉ:** Pois bem, como falei no começo, eu conheci a Educação Física através do vestibular mesmo, que tinha mais vagas, tinha a questão da bolsa do FIES, que eu precisava pra eu poder cursar a faculdade e acabei me apaixonando pelo curso já assim de cara. Por ser dinâmico, muito interessante, eu permaneci lá, foi assim que eu conheci a Educação Física. Claro que eu conheci a Educação Física como aluno do ensino médio, mas depois conheci como acadêmico do curso de Educação Física.

**PROF. JOSÉ:** É, eu consigo entender como um desafio para o professor de Educação Física, a gente querendo ou não tem uma realidade não tão interessante, falta recurso, essa realidade eu acho que é de todas as escolas da região do município aqui, não posso falar em outros lugares porque não sei, porque só trabalho aqui nessa cidade. E é um desafio, o professor tem que se reinventar em todas as aulas, tentar levar aquela aula adaptada à realidade, tipo, tentar seguir uma grade que é proposta para o professor de Educação Física, pra que ele trabalhe isso com os alunos e, eu acho que a maior dificuldade que tem é essa mesma, de não ter um amparo maior para o professor de Educação Física.

**ENTREVISTADOR:** Fale sobre sua formação inicial e o ensino da Educação Física

**PROF. JOSÉ:** Pronto, minha formação inicial, como disse no começo, entrei como professor de eletiva, né?, que era só com uma função de carga horária baixa, mas tinha como função segurar uma escola que tinha como tempo integral, que estava se adaptando ao tempo integral, né?, ensino fundamental I, alunos do 5º ano e tudo começou a partir disso ai.

**PROF. JOSÉ:** Pra mim, o ensino da Educação Física ele está de acordo com que os alunos precisam. Tudo que eles precisam a gente tem como garantir a eles, dificuldade está mais na questão da escola se adaptar aos professores de Educação Física e propor isso para os alunos.

**ENTREVISTADOR:** Em relação às práticas corporais, como elas se deram em sua formação e atuação?

**PROF. JOSÉ:** Bom, as práticas corporais têm que estar presente no curso de Educação Física, até porque o nosso curso é movimento, né? Acho que é, acho não, entendo que é uma das mais importantes pra gente, é a questão do movimento, trazer, trabalhar com esses alunos a questão do movimento, da conscientização corporal desses alunos, através da dança, dos esportes radicais, até mesmo do futsal e do futebol, que é o que eles mais gostam de fazer.

**PROF. JOSÉ:** Bom, Airton, eu sinto essa falta das formações continuadas que nem você explicou, para os professores de Educação Física, querendo ou não, a gente não tem aqui e se tem eu não lembro de ter participado de nenhuma de ser voltado para a Educação Física, tá certo? A gente tem aí as formações, sempre tem formações pra matemática, sempre tem formações pra português e ciências, e a gente não tem as formações continuadas pra poder tá se aprimorando, para poder tá buscando novas ideias com outras pessoas da área que possam tá auxiliando a gente em como trabalhar numa escola pública, como trabalhar com os nossos alunos, com a realidade que a gente tem, e eu sinto isso como uma falta muito grande, que era pra ser bem mais vista pelas pessoas que comandam a Educação da nossa cidade.

**ENTREVISTADOR:** Então pra você, a formação continuada pode contribuir para sua atuação docente?

**PROF. JOSÉ:** Com certeza, não só com a minha, mas para todos os professores aquilo, a gente precisa se reinventar, tá se reinventando e querendo ou não, quando a gente tá no ambiente que só é a nossa realidade, a gente acaba que se fechando somente aquilo, quando se tem uma

formação ou um formador, seja quem for, vem e traz novas ideias, de novas experiências que ele teve fora da realidade e passa para nós professores, você acaba meio que despertando algo novo que você possa trazer pra sua formação acadêmica, como exemplo: experiência que você precisa passar pra sua sala de aula.

**ENTREVISTADOR:** II Tornar-se professor(a) não é uma tarefa fácil, já dizia Paulo Freire, não nascemos professores, nos tornamos professores com nossas experiências no espaço de atuação docente. Entendendo o nosso papel significativo na vida dos estudantes, a forma como nós professores de Educação Física por meio das práticas corporais em sala de aula trabalhem diversas práticas da cultura corporal do movimento para constituir os estudantes, sejam elas para o crescimento pessoal, social e convívio com as demais pessoas. Como você descreveria a Educação Física no processo de formação de estudantes no ensino fundamental?

**PROF. JOSÉ:** Bom, a Educação Física, como já tinha dito, ela é de suma importância para a formação de um aluno, né? tanto para levar pra cidadania como pessoa, também como aluno. As práticas corporais devem ser reinventadas diariamente, frequentemente contínuas porque os alunos, eles precisam dessa empolgação para que eles se adaptem às aulas de Educação Física, a gente deve tirar daquele conceito que a Educação Física é jogar bola, né? Querendo ou não, a gente tem muito disso aqui na nossa cidade, na nossa região, as escolas que já passei, os alunos não querem muito enxergar a Educação Física como um disciplina de formação, que é necessário pra eles que está no currículo, que tá na BNCC, embora eles não entendam isso, mas a gente como professor e tem entendimento disso, tem que passar essas questões para eles, explicar que a Educação Física não é só aquilo, que envolve outros requisitos também, como outras práticas corporais. Eu volto a falar sobre as questões das formações contínuas que é aí que as formações poderiam entrar, como nós professores que está em sala de aula, poderia ter essa ajuda [sic], essas formações, esses momentos para que pudesse estimular esses alunos, aprender e para trazer a sala de aula, né?

**ENTREVISTADOR:** Você percebe a sua relação com seus alunos? E quanto às aprendizagens?

**PROF. JOSÉ:** A relação com meus alunos é bem afetuosa, claro que dando sempre aquele espaço de professor e aluno, professor que tá sempre à frente e aluno como segundo, certo? Eu gosto de ser um professor presente, embora pegue muito no pé, mas a minha relação com os alunos é tranquila, graças a Deus tenho pouco tempo de atuação e pouco tempo de formação,

mas eu consigo levar pra eles uma boa imagem como professor. Procuo sempre saber como eles estão, é, tá fazendo uma aula diferenciada pra tirar daquela zona de quadra, pra que possa trazer também outros aspectos da sociedade pra dentro da sala de aula, e é isso, acho que é um convívio bem saudável com alguns alunos, claro.

**ENTREVISTADOR:** Professor, dentro dessas relações, e quanto à aprendizagem dos alunos, você acredita que sua relação com o aluno dentro da sala de aula possa contribuir para o processo de aprendizagem?

**PROF. JOSÉ:** Com certeza, se você tem um bom convívio com o aluno ele passa a ter uma boa imagem sobre você, passa a te respeitar e automaticamente ele passa a participar das aulas, não é? É... a gente enquanto professor tem que saber diferenciar isso, para ele cativar aquele aluno pra que não seja só uma aula dada. Só por mais 50 minutos que você jogou ali e foi embora, não, a gente tem que ter todo um contexto, tem que ter toda uma disciplina para que eles permaneça na aula, sintam interesse, por isso que é bom a gente sempre está trazendo conteúdos atuais [sic], de acordo com a realidade deles, trazendo também para a realidade da Educação Física, porque se torna mais interessante a aula, se torna uma aula mais conversada e, querendo ou não você cria um convívio com aluno, claro que não é uma realidade para todas as turmas, porque a gente tem turmas diferentes, crianças e jovens diferentes, que pensam diferente, aí tem a indisciplina, até porque a gente tá lidando com pessoas e, pessoas pré-adolescentes e crianças; como costume dizer, “tem que saber dosar” “tem que diferenciar professor-aluno”, mas tem que ter aquele convívio familiar com ele, porque a gente passa uma boa parte do dia com eles aqui (na escola).

**ENTREVISTADOR:** Em relação à inclusão nas práticas corporais da Educação Física, como você descreveria?

**PROF. JOSÉ:** Aqui na nossa escola, Airton, em relação à inclusão, eu posso dizer que é mais a questão de crianças que têm laudo, que têm autismo, a gente tem um grande número de alunos com deficiência, e também tem um número significativo de meninos e meninas, a gente tem que ter a inclusão não apenas levando pro lado da deficiência, mas também para lado do gênero feminino ou masculino, e até então, é tranquilo, os meninos são mais adeptos das práticas corporais do que as meninas, isso já um fato desde a minha formação até agora pra realidade de sala de aula, mas eu não diferencio atividade de menino e atividade de menina, embora eles queiram taxar isso como futebol de meninos e carimbada de meninas. Mas eu não deixo, se a

menina quer participar, eu dou espaço a ela e se não quer participar eu não pego na mão e obrigo ela a participar, eu não digo somente ela, mas no sentido geral.

**ENTREVISTADOR:** Então pra você dentro das práticas corporais da Educação Física é importante que todos os alunos estejam envolvidos e inclusos nas práticas?

**PROF. JOSÉ:** Certeza, com certeza, a Educação Física é isso: é você entregar não só para um grupo de pessoas, mas para todas as pessoas, sejam elas quem forem, a gente tem que entregar por igual. Embora ainda seja uma coisa assim, como eu posso dizer, como acabei de falar na verdade, né? Os meninos têm mais interesse nas práticas corporais do que as meninas, mas aí a gente tem de suma importância levar para todos eles.

**ENTREVISTADOR:** Para você, como ocorre a inclusão, caso ela exista?

**PROF. JOSÉ:** A inclusão na sala acontece, nas minhas aulas, acontece desde a hora que entro, a questão de tratar todo mundo por igual, não ter aquela diferença nas práticas em quadra, levar sempre atividades em que eles sintam gosto de participar, que abranja tanto os meninos como as meninas e, que seja harmônico, que não seja uma coisa forçada, tem que ser uma coisa que seja boa para todos.

**ENTREVISTADOR:** Como você faz o planejamento ou rotina da sua aula? Você pensa na inclusão de estudantes na construção desse planejamento?

**PROF. JOSÉ:** Sim, eu tenho como obrigação, todo professor deve fazer isso não apenas na disciplina de Educação Física, mais ainda na disciplina de Educação Física já que a gente vai trabalhar com o movimento corporal, com práticas corporais e outras coisas, sim, quando começo meu plano, eu já penso logo o que vou usar, se eu tenho aquele recurso, e se eu posso adaptar para meninos e meninas, pessoas com deficiência e isso vem desde a nossa formação, a gente aprende a fazer, e eu com certeza faço isso.

**ENTREVISTADOR:** Você já aplicou alguma sequência didática voltada para a inclusão de estudantes nas práticas corporais?

**PROF. JOSÉ:** Recentemente a gente teve, é, embora não tenha sido tão aceito pelas meninas, que eu volto a falar de novo das meninas e meninos que é a inclusão que tenho mais aqui, é, recentemente a gente teve os jogos intercalasse aqui na escola e foi dito que as meninas poderiam jogar desde que tivesse um número x de meninas e elas acabaram nem participando

pois só queriam jogar carimbada, aí alguns meninos pediram pra jogar carimbada porque não se identificavam com o futsal. E aí a gente começou a trabalhar nas aulas de Educação Física de que não existe isso, de que é esporte para meninos e esporte para meninas, desde que esteja adaptado para os dois, eles podem participar... só que ainda existe aquele tabu que futebol é para meninos, e que menina não joga esse tipo de coisa, que querendo ou não, são coisas enraizadas e cabe a nós professores de Educação Física tentar mudar isso, não é tão fácil, mas a gente tenta.

**ENTREVISTADOR:** Em relação ao material didático que esteja voltado para a inclusão nas práticas corporais, você já utilizou algum material?

- R. Prof. José: Não, todos os materiais que eu uso nas minhas aulas de Educação Física são didáticos que a escola não tem, né? Eu uso o livro que eu tenho do professor de Educação Física, a qual os alunos não têm, mas os professores têm. Então tento seguir aquela sequência que é bem-feita, é muito interessante, que é dividida por anos, sexto ano, sétimo ano, oitavo ano e nono ano. Então eu tento seguir aquela sequência, embora a realidade daquele livro é totalmente diferente da nossa, a gente não tem aqueles recursos que eles têm, então de fora ou da escola mesmo eu não usei nenhum recurso; uso meu computador pessoal ou pesquiso pelo da escola, faço anotações, imprimo algum documento que eu vá usar em sala de aula, mas recurso mesmo didático eu não tenho.

**ENTREVISTADOR:** Então, professor, você sente falta de um material didático que esteja voltado para a inclusão?

**PROF. JOSÉ:** Sim, é interessante porque, você tendo esse material, você tá amparado por uma certeza de seguir, porque ali vai ter relatos de pessoas que já presenciaram, de estudiosos e de pessoas que vão trazer ciência para isso. Então, nós professores de Educação Física se deparando com um material desse, é como se estivesse abrindo uma luz na cabeça, daí você começa a desbloquear várias ideias e várias outras coisas, então acho muito importante e sinto falta disso.

**ENTREVISTADOR:** E quanto às unidades temáticas da Educação Física postam pela BNCC, o que você tem a dizer?

**PROF. JOSÉ:** É, gosto das unidades temáticas, inclusive sigo elas, e só que eu sinto muita falta de ser aquela realidade, por exemplo: eu posso citar aqui como a ginástica, é... aqui na nossa região, a gente não tem tanta essa cultura da ginástica, mas é um conteúdo que eu gosto

de trabalhar, o atletismo, eu sinto muita falta de recursos pra que pudesse entregar para os alunos aquilo que é proposto.

**ENTREVISTADOR:** Então para você as unidades temáticas que são postas pela BNCC precisam estar mais direcionadas à realidade escolar?

**PROF. JOSÉ:** Sim, ela tem que tá voltada mais para realidade escolar, principalmente pelas escolas públicas do nosso país, porque a escola pública é onde que eu costumo dizer que o professor de Educação Física aprende a ser professor, porque ele sai da universidade com aquela cabeça cheia de coisas boas, principalmente quem veio de universidade privada que nem eu, pois a gente tinha todos os recursos lá, como na ginástica, recurso, paralela tudo no mundo a gente tinha e, quando você para numa escola pública, você se depara com simplesmente com nada, simplesmente com uma quadra que nem coberta é, e você sente aquela necessidade de ter vivenciado aquilo, de ter aprendido aquilo.

**ENTREVISTADOR:** Você faz uma abordagem prévia do conteúdo com seus alunos? Verificando se eles já sabem algo sobre o assunto?

**PROF. JOSÉ:** Sim, sim, é o que a gente chama de introdução, né? A gente introduz, vai começando a falar sobre o assunto em sala de aula, depois a gente parte para uma vivência e aí a gente tem no final aquela avaliação pra saber se foi de fato como queria, se não foi, o que pode ser mudado.

**ENTREVISTADOR:** No dia a dia, você consegue perceber a inclusão entre os alunos? Quando eles (alunos) pensam no outro colega?

**PROF. JOSÉ:** Eu tenho muita dificuldade em ver isso aqui na minha realidade como professor de ensino fundamental II, principalmente dos alunos do sexto ano, querendo ou não eles são crianças, a gente tem que entender o contexto da criança. Que a gente tenta mudar aqui na escola, mas a gente não sabe como é em casa, como é na rua e eu vejo que eles não são muito de incluir o coleguinha, principalmente aquele que tem deficiência cognitiva ou outra dificuldade.

**ENTREVISTADOR:** Como tem sido lidar com as práticas corporais em sala de aula? Em especial com a inclusão?

**PROF. JOSÉ:** Eu tento sempre buscar aqueles conteúdos, claro que seguido os parâmetros, buscar aqueles conteúdos cativantes, como brincadeiras para que todos possam participar, que não gere uma confusão entre eles, que querendo ou não, quando se trata de alguma prática, alguma coisa a gente tem que estar esperto porque vai acontecer algumas coisas, tem sempre que ter um segundo plano, né? Mas eu tento sempre buscar algumas coisas que cativem o aluno para participar de uma forma geral.

**ENTREVISTADOR:** III – professor(a), sabemos que a pandemia da covid-19 pegou a todos nós de surpresa, justo que não estávamos preparados para o isolamento social, fora o receio de ter contato com outro por medo de contrair a covid-19. Tendo isso em mente, a Educação Física se destaca como componente curricular de fundamental importância para o desenvolvimento dos sujeitos, seja ela a saúde mental, física e para o convívio social. Para você, o que mudou com a chegada da covid-19 em relação às práticas corporais no período de isolamento social? E como têm sido essas práticas desde o retorno das aulas presenciais?

**PROF. JOSÉ:** É, como você falou, né? Airton, a chegada da pandemia pegou a gente de surpresa, na época da pandemia eu ainda não trabalhava como professor, eu trabalhava apenas como profissional de Educação Física na área de academia, nesse ramo *fitness*. Então, eu tenho duas visões desse período, a realidade que eu vivia que era nas academias e a realidade que eu estou vivendo agora pós-pandemia porque, querendo ou não, é recente, nas escolas, e com isso tudo eu posso dizer pra você sobre os dois, você quer saber sobre os dois?

**ENTREVISTADOR:** Como têm sido essas práticas desde o retorno das aulas presenciais?

**PROF. JOSÉ:** Bom, pois bem, quando a gente voltou para as aulas presenciais, que eu iniciei como professor nas escolas, eu percebi o desinteresse dos alunos pelas práticas corporais, e isso vem permanecendo, certo? Aí a gente tem outra realidade porque querendo ou não eles estavam online, e como se trabalha a Educação Física no mundo virtual? É difícil, é você se reinventar enquanto professor, eu não tenho essa realidade porque eu não fiz, e não posso dizer a você porque não presenciei. Mas voltando para escola e conversando com os outros professores de outras disciplinas que estavam quando iniciou a pandemia e pós-isolamento, tiveram uma queda no interesse de participar, tiveram uma queda na evolução do aprendizado, a gente tem um número aqui de alunos exorbitantes de alunos que não sabem ler e escrever ainda no sexto ano, sétimo ano, porque não se cobrava muito deles na pandemia, eles tinha o livre acesso às aulas, uns entravam, outros não, estou falando o que escutei de outros professores porque não trabalhei

nessa época. Nas academias, eu já vi outra realidade, mesmo com isolamento social quando foi dando mais leve as pessoas passaram a praticar muita atividade física, você via a rua cheia de gente, embora fosse uma pandemia, faziam caminhada mesmo distante, é, as pessoas ficaram tão ansiosas que passaram a buscar a prática de atividade física e nesse momento eu trabalhei porque eu dava aula online e eu vi a participação ele perguntava como era o exercício, a gente adaptou pra casa, isso foi muito interessante, pois era o recurso que o aluno tinha em casa. Mas já na escola eu vejo como outra vivência.

**Entrevistador:** Vamos pegar um pouco das experiencias dos docentes que você tem ouvido, com base na sua prática hoje no retorno das aulas presenciais, você consegue perceber alguma mudança em suas práticas em sala de aula nesse retorno?

**Prof. José:** Sim, com certeza, principalmente o fato da participação, eu não sei de fato o que aconteceu com essas crianças, mas eles não dão tanta importância como era antes, é, para as aulas, isso em todos componentes, tanto como minha experiência quando voltei da pandemia como esses professores que permanecem a gente às vezes reunidos conversando nas salas de professores no intervalo, eles sempre contam alguns relatos de algum aluno ou certos números de alunos que não têm mais interesse em participar, que a evolução caiu, que antes da pandemia eram bons alunos e hoje nem tanto por conta da falta de interesse. Então, é algo que precisa ser estudado, porque não se sabe ao certo o que está acontecendo, porque é uma gama de desinteresse, você não vê mais o interesse deles em participar, eles têm assim, tanto faz se participar ou não.

**ENTREVISTADOR:** Você disse que não vivenciou enquanto professor atuante antes pandemia da Covid-19, e em seu processo formativo na graduação nos estágios e intervenções escolares, que foram antes da chegada da covid-19, você consegue perceber essa diferença você antes como estagiário e agora como docente formado no retorno das aulas presenciais? Quais são?

**PROF. JOSÉ:** Sim, consigo perceber essas diferenças. Na escola, você consegue perceber o desinteresse como falei antes e eles não têm mais aquela vontade de participar como antes nos meus estágios, eu peguei época que não foi na pandemia, e eu percebia que os alunos eram muito à vontade em relação às práticas, principalmente que você chegava à escola, eles já perguntavam “hoje tem o quê, professor?”. Voltando depois da pandemia como professor, percebo que eles não têm interesse, desde que o interesse seja dele, o que ele quer fazer então

tem interesse, não quer fazer, então não tem importância, e eu não deixo ser o que eles querem, quer participar, é esse o assunto, entendeu? eu consigo ver essa diferença, o interesse no que eles querem e o que eles não querem.

**ENTREVISTADOR:** Como tem sido lidar com as práticas corporais no período do isolamento social causado pela pandemia da covid-19?

**PROF. JOSÉ:** É como eu falei, eu consigo levar bem essas práticas, tranquilo para mim, mas eu só sinto falta da participação, do interesse e da motivação que eles têm, e em relação as práticas estão sendo tranquilo.

**ENTREVISTADOR:** Em sua visão como docente, como foi a inclusão de estudantes no período da pandemia da covid-19?

**PROF. JOSÉ:** Bom, eu não sei falar como foi essa inclusão, porque eu não vivenciei a pandemia em sala de aula. Mas na minha visão, eu acho que foi mais decadente, ou seja, teve uma queda, porque já não se tinha... já era difícil trabalhar presencialmente a inclusão quando se tem diferentes pessoas em sala de aula. Imagina aí quando era online, quando você não estava com aquela pessoa querendo estimular ela, que você não tinha ajuda de outras pessoas pra poder estimular essas crianças a participarem e, querendo ou não, os pais também querem o conforto dos filhos, né? Não se sabe também como era que os pais tratavam a importância dessas aulas com os filhos em casa.

**ENTREVISTADOR:** Para você, como vem sendo o papel do professor de Educação Física no retorno das aulas presenciais?

**PROF. JOSÉ:** O professor de Educação Física é a chave para o retorno desses alunos. Por que? Porque através das práticas corporais, através das aulas de Educação Física a gente pode tentar trazer esse aluno de volta, resgatar esse aluno, tentar fazê-lo ter uma vida ativa novamente, participar das aulas, eu acho que o professor de Educação Física não só na pandemia, mas em toda a vida, ele é importante na vida dos alunos.

**ENTREVISTADOR:** E a relação com os alunos no retorno das aulas, como você descreveria?

**PROF. JOSÉ:** Eu poderia descrever em diversas formas, pegar personagem por personagem, mas numa forma geral eu percebo que eles estão muitos desinteressados, é... quero deixar registrado aqui, estou falando a minha realidade, mas na nossa escola aqui, não apenas eu, mas

outros professores conversando juntos, e ver o desinteresse deles, o tanto faz, eles também tem muita dificuldade em captar um conteúdo, seja da Educação Física ou não, e eu vejo mais isso, a dificuldade em participar e ter interesse em algo pra vida deles.

**ENTREVISTADOR:** Para você, como a escola tem lidado com retorno das aulas presenciais?

**PROF. JOSÉ:** É um desafio para a escola, tanto para a escola quanto para o núcleo gestor da escola, é desafiador, porque a gente tem vindo uma onda de indisciplina na escola, não todos mas a gente tem uma onda de indisciplina grande na escola e isso dificulta muito o andar da escola, porque querendo ou não você tem ali uma pessoa ou outra ou uma turma que desestabiliza todas as outras turmas e, tem tornando muito difícil e, outros aspectos, a falta de material, a falta de recurso, a onda de calor que vem tendo agora, nesse momento que está fazendo a entrevista comigo e muitos outros fatores.

**ENTREVISTADOR:** E como a escola tem lidado com a inclusão de estudantes nesse retorno?

**PROF. JOSÉ:** Deixando bem claro que todos somos iguais, que não existe essa diferença entre os alunos, passando para nós professores tentar sempre incluir as crianças, é ter um olhar diferente, você tem que ter um olhar diferente, um olhar de respeito e de inclusão, você tem que colocar essas pessoas para participar, trazê-los pra perto da escola e, as vezes você está na escola de corpo presente, mas não está na escola consegue entender isso, né? Então, eu acho que a escola tenta resgatar essas crianças.

**ENTREVISTADOR:** Para você, como tem sido lidar com a inclusão de estudantes no espaço escolar? É uma tarefa fácil?

**PROF. JOSÉ:** Não, não é uma tarefa fácil, a gente também tem um grande número de crianças que têm problemas, né? E está cada vez mais aparecendo o número de crianças com dificuldades cognitivas e outros aspectos como autismo, transtorno e, estão numerando as salas, mas eles não são tão presentes nas aulas, você vê o aluno hoje, talvez amanhã não, vem na segunda, talvez não venha na terça, na quarta, aí não vem a semana inteira e, querendo ou não, existe um contexto por trás desses problemas que eles têm, então é mais em torno dessa dificuldade em ter o aluno mais presente para que possa também acontecer a inclusão.

**ENTREVISTADOR:** A educação teve diversas mudanças e transformações para melhorar o ensino e aprendizado dos estudantes, com isso, destaco o avanço da educação inclusiva, a qual

vem melhorando ou tentando alcançar uma inclusão plena e de equidade, no entanto a educação, especialmente a educação inclusiva tem sofrido diversas mudanças no retorno das aulas presenciais pós-covid-19. Como você descreveria essa mudança quando se pensa na inclusão de estudantes em sala de aula?

**PROF. JOSÉ:** Sim, as mudanças vêm, como venho relatando nas outras perguntas, como a perda da presença desses alunos, por exemplo, é uma das mudanças que você não vê tanto. A gente tem um número de alunos que têm alguma dificuldade que precisa ser incluído, mas a gente não tem a permanência desses alunos na escola, ele tem uma frequência moderada, aparece passa um tempo e some, entendeu? Essa é a realidade aqui da gente, então esse é uma da realidade que eu percebo.

**ENTREVISTADOR:** A inclusão, para você, pós-pandemia da covid-19 teve impacto nas relações escolares? Como você descreveria esse impacto?

**PROF. JOSÉ:** Sim, teve sim, como as crianças estão amadurecendo agora pós-pandemia, né?, muitos alunos se tornaram adolescentes na pandemia e outras ficaram mais velhas na pandemia, entendeu? Então, não tiveram um convívio social entre eles, aprenderam com aquilo diante da situação que estava acontecendo, muitos não entendiam o que estava acontecendo, o que é pandemia? só se sabia que tinha um vírus... é tanto que hoje você conversando com eles, não sabem explicar o que foi a covid-19, eles sabem que foi o momento de prisão pra eles, tinha que ficar em casa, não podia ir para rua, tinha que usar máscara, então, essa inclusão não tive, porque não tinha conhecimento em relação às situações, ou seja, eles tinham um coleguinha que precisava ser incluído ou então o mesmo precisava ser, o convívio era para que eles pudessem entender as diferenças.

**ENTREVISTADOR:** Para você, o isolamento social, falando numa questão da inclusão escolar, afetou as relações dos alunos com o outro?

**PROF. JOSÉ:** Afetou sim, e isso é visto até hoje, embora a gente já tenha um período de pós-pandemia e que está com vírus controlado, graças a Deus pela vacina. Mas o convívio deles não é como era antes, digamos, assim, eles tinham aquela necessidade de estar com outras pessoas, muitos alunos hoje não se importam com o colega, se ele está bem ou não, se vai participar da atividade ou não. Eu acho que a pandemia tornou as pessoas mais individualistas, acho que pelo fato do isolamento social.

**ENTREVISTADOR:** Para você, qual é o papel da Educação Física na inclusão de estudantes pós-pandemia da covid-19?

**PROF. JOSÉ:** A Educação Física entra no pós-pandemia com a necessidade de socializar essas pessoas, como eu relatei anteriormente, é nas aulas de Educação Física que a gente precisa incluir as pessoas, não só incluir, como também saber conviver com os alunos, com a realidade do outro, com as diferenças do outro, com os problemas do outro, então a Educação Física, por ser uma disciplina que permite um contato maior, seja elas nas aulas, seja na recreação, é de suma importância para que isso aconteça, para que esse pós-pandemia tenha uma cara diferente, que a gente consiga resgatar os nossos alunos como era antes.

**ENTREVISTADOR:** Em sua visão, a inclusão escolar retrocedeu ou avançou? Como você descreveria?

**PROF. JOSÉ:** Ela retrocedeu, Airton, na minha realidade ela retrocedeu, justamente por isso, porque se vinha fazendo um trabalho, teve essa grande pausa a realidade mudou, o ensino mudou e as crianças mudaram, e a gente teve a perda, tem ainda da presença dessas crianças na escola, e também não apenas... falo muito dessas crianças, porque eu gosto de quando falo de inclusão de falar mais desses que tem problemas mais difíceis de se trabalhar, como, por exemplo, os problemas cognitivos ou alguma deficiência. A gente não tem um aluno aqui que tenha uma deficiência como paralisia, são mais dificuldades cognitivas mesmo.

**ENTREVISTADOR:** Então, para você a inclusão teve retrocesso no retorno das aulas presenciais? Como você tem lidado com isso?

**PROF. JOSÉ:** Tentando resgatar a essência de cada um, a gente tem que deixar bem clara na sala a importância do trabalho em equipe, a importância de ter o outro em sua aula, a importância de trabalhar em conjunto, então, é isso que acontece quando vem tentando e eu, como professor, resgatar a essência desses alunos, a importância que se dá em trabalhar em sociedade, em conjunto.

**ENTREVISTADOR:** Para você, o que significam as práticas corporais para a inclusão?

**PROF. JOSÉ:** As práticas corporais estão aí para que a gente tenha um aparato, para que você siga, aí você tem que se reinventar tendo as práticas corporais, incluindo os alunos com

deficiência, incluindo as meninas, tratando todos por igual pra que dessa forma você possa ter uma Educação Física para todos.

**ENTREVISTADOR:** Para você, como a Educação Física pode contribuir para a inclusão pós-pandemia da covid-19?

**PROF. JOSÉ:** A Educação Física deve contribuir justamente como disse agora, resgatando os alunos, dando a importância que é as aulas de Educação Física, mostrando a importância que é de se ter o coleguinha junto, uma vez até passei um vídeo para eles, que era uma corrida, foi até sobre o atletismo, ele caiu, aí pausei o vídeo e falei para eles que é muito importante não só ver pelo lado instinto de que poderia vencer a corrida, ele poderia vencer, mas ele parou e ajudou o colega, então para ele aquilo foi mais gratificante até mesmo ganhar a medalha, então, voltando pro lado da inclusão... é isso, você resgatar os valores das pessoas e da importância do outro.

**ENTREVISTADOR:** Então para você a Educação Física pode contribuir para a inclusão através de resgatar o aluno?

**PROF. JOSÉ:** De resgatar a essência do aluno, resgatar aquelas práticas corporais em que seja atrativo [sic] pra ele e tentando buscar aquela essência do aluno, do companheirismo, do conjunto.

**ENTREVISTADOR:** Para encerrar, gostaria de saber se você quer falar mais alguma coisa. Fique à vontade.

**PROF. JOSÉ:** Airton, eu queria falar, acho que aflige todo professor de Educação Física, que é a importância de nós professores de Educação Física na escola, ser reconhecido, ter propostas para que possamos melhorar nossas aulas, recursos para que a gente possa trabalhar de uma forma digna, para que a gente possa resgatar os alunos, não adianta se falar de inclusão, sem que há o que se fazer, é muito bonito falar, é muito bonito tá no papel, mas tem que ser feito, entendeu? Então, é isso. Sou novo na área, mas eu já tenho uma carga de decepções enormes da realidade. Os professores que são mais velhos que eu costumam dizer assim: “se acostume, é só o começo, você ainda é novo”, só que eu não queria me acostumar com isso porque eu não acredito que esse seja o caminho de nós professores, a gente batalha para o que é bom, não é ruim você pensar que quer uma melhoria para uma sala de aula, uma melhoria para a escola. Então, é isso: a importância que o professor de Educação Física tem, todos esses assuntos que

you addressed here in your research are of paramount importance, inclusion, the need to have these students included in the classroom, having the resources to be able to work, many say that it is important but it is not here in our reality. I leave it clear here that I am talking about my reality, I do not know the reality of other teachers. It is what I have to say.

## ENTREVISTA PROFESSOR NATIVO

Data: 19/12

Tempo de Duração: 1h5min10seg.

**ENTREVISTADOR:** Para iniciar, por motivo ético de pesquisa científica e profissional, peço a você professor(a) que sugira um nome fictício para que possamos a partir de agora chamá-lo(a) e preservar sua identidade como participante dessa pesquisa.

- Entrevistado: **Nativo**
- Entrevistador: tem uma justificativa para a escolha do nome?
- Entrevistado Prof. Nativo “usava muito esse nome quando era mais jovem, por isso o nome”.

**ENTREVISTADOR** Professor, o objetivo desse estudo é Apreender as significações de docentes sobre a inclusão de estudantes de uma escola do ensino fundamental II, nas práticas corporais da Educação Física escolar pós-pandemia da Covid-19. Sabemos que nossa trajetória formativa proporciona diversas vivências, experiências que nos constituem não apenas como sujeito pessoal, mas também como professores. Diante disso, entendendo que estamos sempre em movimento, como a pesquisa envolve o desenvolvimento pessoal e profissional, é necessário construirmos algumas informações sobre a sua história de vida como: sua vida estudantil, acadêmica e como você se constituiu professor(a). Você poderia relatar sobre sua trajetória profissional e pessoal? O que te trouxe até aqui, professor(a)?

**PROF. NATIVO:** Sim, bom dia, a princípio, eu era atleta, participava dos eventos que envolviam tanto o intra escolar como extra escolar, as modalidades que aconteciam que envolviam esportes, relação estadual, eu participava e eu tinha um grande apreço pelo esporte e diante dessas condições me chamou atenção. A princípio, antes da graduação em Educação Física, como aqui na cidade não existia o curso de Educação Física, somente na capital, não tinha condições de fazer o curso de Educação Física, mas queria uma possibilidade de trabalhar na área e, abriu o curso de Pedagogia, eu acabei ingressando no curso de Pedagogia, concluindo o curso de Pedagogia e logo após tive a satisfação de passar no concurso e devido a carência de professores de Educação Física, eu com pedagogia acabei dando início à atuação como professor de Educação Física. Após oito anos trabalhando como pedagogo, mas na área da Educação Física que eu ingressei na graduação. Antes mesmo de graduar em Educação Física eu fiz provisionado, ainda passei seis a sete anos se não me engano como provisionado e, depois

que abriu a oportunidade na cidade vizinha, onde o curso é gratuito e tive as condições de ir, eu ingressei na graduação de Educação Física.

**ENTREVISTADOR:** Como foi sua escolha pela Educação Física?

**PROF. NATIVO:** Assim, não sei se vai ser redundante, mas eu escolhi a Educação Física por ter prazer nas práticas corporais, eu senti prazer na relação em volta do movimento, isso que me cativou, foi isso que me chamou atenção, não só pela condição do movimento em si, mas o conhecimento da parte intrínseca, não só a realização do movimento propriamente dito, mas o estudo do movimento, como ele acontece, por que acontece e quais os benefícios que ele pode trazer.

**ENTREVISTADOR:** Como você se sente em relação à sua profissão?

**PROF. NATIVO:** Olha, alguns anos atrás eu poderia falar com mais satisfação, até mesmo porque a gente professor, a gente tinha uma atenção maior dos alunos, os educandos, eles davam mais atenção há uns cinco, seis, oito anos atrás eles tinham mais respeito, davam mais atenção do que nos dias atuais, infelizmente pós-pandemia eles têm uma certa barreira, eles têm um certo obstáculo a ser superado pra voltar a dar mais atenção aos professores, ter respeito, porque esse tempo que passamos afastados eles perderam, isso na minha opinião, eles perderam essa relação de estar presente com professor, de respeitar, de ver o tamanho da importância que o professor tem de elaborar uma aula, passar várias horas providenciando um material bacana pra que uma aula seja mais rica e eles não chegam a perceber isso, tipo, não dão real importância.

**PROF. NATIVO:** Respondendo sua pergunta agora, eu tenho uma certa satisfação em ser professor, eu gosto de ser professor, eu sinto muito bem lecionando, só que ainda tem alguns pontos a serem melhorados, não com relação com o professor, mas a atenção do aluno, do respeito e isso tá faltando.

**ENTREVISTADOR:** Em relação às práticas corporais, como elas se deram em sua formação e atuação?

**PROF. NATIVO:** Elas foram presentes, no curso, na graduação, a gente realmente teve, foi uma graduação que aconteceu, quando falo aconteceu, eu estou colocando a possibilidade de dizer em certas graduações, não são todas, existe assim não quero tirar o mérito de uma graduação em EAD, não quero tirar o mérito, mas a graduação em EaD em relação à Educação

Física às vezes deixa espaços porque as práticas corporais não acontecem propriamente ditas, entendeu? Na minha graduação, eu vivenciei toda a proposta feita pela universidade e pra mim, sou muito feliz diante daquilo que eu cursei, diante daquilo que pratiquei e, se tratando da prática atual, às vezes a gente se sente um pouco castrado, limitado diante da falta de material, mas mesmo assim, eu tento improvisar com material descartável, qualquer coisa pra que a gente possa vivenciar de maneira íntegra a cultura corporal.

**ENTREVISTADOR:** A formação continuada tem ajudado nas suas práticas corporais? Você gosta de participar?

**PROF. NATIVO:** Olha, a formação continuada ela acontece em partes, gostar de participar, sim, quanto mais informações, melhor, eu agradeço, mas ultimamente isso vem acontecendo por motivo do Conselho, a universidade daqui convida o conselho, o conselho vem e ministra alguns cursos, e diante desses cursos eles oferecem bons conteúdos, inovação, coisas que a gente ainda não tinha visto, coisas que não teve oportunidade de ver na graduação, excelentes profissionais, graças a universidade, uma vez ou outra o conselho vem aqui, uma vez no ano e tudo mais, nesses últimos três anos se não me engano aconteceu [sic] essas formações continuadas por parte do conselho, o conselho veio, estabeleceu alguns cursos, minicursos, a gente fazia a inscrição e participava, mas por parte da instituição a qual trabalho não.

**PROF. NATIVO:** Infelizmente, faz muito tempo a área da Educação Física que eu não participei de nenhuma formação continuada direcionada pelo município. É importante toda formação, inovação, que vem agregar conhecimento ao professor isso é automaticamente importante até mesmo porque eu acredito, o tempo do professor é um pouco resumido e o período de estudo, o tempo de plano que a maioria dos vezes é pra poder elaborar a aula e, em alguns casos, eu mesmo busco nas universidades por forma de EaD alguns cursos online pra tentar estar por dentro do que vem inovando, no que vem modificando, que vem aparecendo, para que eu possa ter uma possibilidade de administrar minhas aulas de forma a agregar mais conhecimento, participação, entusiasmo.

**PROF. NATIVO:** A Educação Física não é valorizada, não em questão financeira, até mesmo porque todos ganham, independentemente do professor de Educação Física e de outras disciplinas, eles dão o mesmo valor salarial, mas a gente precisa de material, você sabe que para as práticas corporais, principalmente que envolve ginástica, a gente precisa de material, não tem condições da gente praticar certas práticas corporais sem material, existe uma carência,

o aluno vai ficar descoberto dessas informações (dos conteúdos) e pra isso requer maior participação, mais investimento.

**ENTREVISTADOR:** Tornar-se professor(a) não é uma tarefa fácil, já dizia Paulo Freire, não nascemos professores, nos tornamos professores com nossas experiências no espaço de atuação docente. Entendendo o nosso papel significativo na vida dos estudantes, a forma como nós professores de Educação Física, por meio das práticas corporais em sala de aula, trabalhamos diversas práticas da cultura corporal do movimento para constituir os estudantes, seja para o crescimento pessoal, social e convívio com as demais pessoas. Como você descreveria a Educação Física no processo de formação de estudantes no ensino fundamental?

**PROF. NATIVO:** Eu acredito que a Educação Física em si, para esse processo de formação, vou dizer de formação completa do indivíduo, a Educação Física tem um papel crucial, a participação do educando desde sua entrada na escola é altamente importante para o desenvolvimento não só das condições motoras, como também das condições cognitivas, das qualidades humanas, dentre elas o respeito, a amizade, companheirismo, solidariedade e entre outras qualidades. Eu acredito que a Educação Física é uma disciplina crucial pra essa formação, se você parar pra pensar, você não vê o desenvolvimento de certas qualidades humanas, como também corporais, da cultura corporal em outras disciplinas, nós temos as artes que ela se aproxima, mas não como a Educação Física que pega todo o mundo relacionado à cultura corporal do movimento, eu acho crucial a participação da EF na formação do cidadão.

**ENTREVISTADOR:** Você percebe a sua relação com seus alunos? E quanto às aprendizagens?

**PROF. NATIVO:** A relação é uma via de troca muito próxima, eu acredito que você venha saber que isso não é novidade, mas, o professor de Educação Física quer queira ou não, acaba sendo mais queridinho da escola, até mesmo porque envolve momento de ludicidade, não é só a prática esportiva em si, a prática do movimento, mas intrinsecamente envolve um momento de ludicidade no qual eles se divertem, você se diverte e aí acaba criando um elo de troca de informação e de proximidade onde você consegue realmente se aproximar do aluno, conhecer o aluno, saber de suas deficiências, da sua dificuldades, falo de deficiência porque falo das dificuldades que eles enfrentam tanto dentro da escola quanto em sua realidade na sua comunidade.

**ENTREVISTADOR:** Em relação à inclusão nas práticas corporais da Educação Física, como você descreveria?

**PROF. NATIVO:** A inclusão de forma, eu sempre defendi que todos têm direito, independentemente da sua capacidade, ninguém nasce sabendo de tudo, todos têm direito à participação independentemente da capacidade física. Então, pra mim a inclusão é crucial; se não me engano, ano passado fiz um curso de inclusão por uma universidade, curso de inclusão, não apenas para quem tinha deficiência, mas da inclusão de forma geral e antes de ontem fiz uma inscrição no de inclusão, porque eles abriram o curso para meninas, quem quer queira ou não ainda existe em alguns lugares certa exclusão do público feminino nas práticas corporais. Diante disso, como forma de capacitar mesmo com um curto tempo, eu tendo eu procuro sempre estar fazendo uma formação, aos poucos porque quer queira ou não, vive agrega conhecimento, por mais que você venha a ter uma certa bagagem, sempre vem algo novo, algo que você pode utilizar que na maioria das vezes dá certo.

**ENTREVISTADOR:** Para você, como ocorre a inclusão, caso ela exista?

**PROF. NATIVO:** Existe, a inclusão na escola existe, mas ainda enfrentamos alguns jovens que têm certo, vou dizer assim, que não têm afinidade com as práticas corporais, principalmente diante que a gente vem do pós-pandemia, passou muito tempo afastado, eram realmente jovens pequenos e não tiveram essa iniciação às práticas corporais e acabaram desenvolvendo esse desinteresse pelas práticas corporais, ainda existe uma certa resistência por alguns às práticas não como motivo da falta de inclusão, mas por resistir mesmo à prática, porque a condição de que tá de buscar, de propiciar a inclusão pra todos ela existe [sic].

**ENTREVISTADOR:** Como você faz o planejamento ou rotina da sua aula? Você pensa na inclusão de estudantes na construção desse planejamento?

**PROF. NATIVO:** Sim, em algumas ocasiões eu até convido alguns estudantes para que juntos possamos analisar o que seria mais adequado à realidade em que a gente tá vivendo, e eu quero escutar o que eles pensam, quero ver o que eles têm a dizer, quero escutar a opinião deles, pra que possa ser construída uma aula que possa ser agradável para todos e que possa atrair, acabei de falar agora pouco aqueles que resistem à prática, não, não quero participar e tal, mas a gente tenta relacionar algumas atividades que possam atrair, fazer com que ela venha participar.

**ENTREVISTADOR:** Você já aplicou alguma sequência didática voltada para a inclusão de estudantes nas práticas corporais?

**PROF. NATIVO:** Sim, tanto na instituição quanto em outras instituições, principalmente no ensino médio, a gente se depara com situações que realmente você precisa se envolver com planos e estratégias para que você possa resgatar esse aluno que está fora e se sente excluído.

**ENTREVISTADOR:** Você faz uma abordagem prévia do conteúdo com seus alunos verificando se eles já sabem algo sobre o assunto?

**PROF. NATIVO:** Sempre, porque eu costumo ver qual a realidade que eles vivem, porque mesmo diante de uma abordagem que você venha, pré-estabelecida, que você preparou ali para repassar pra ele, dependendo do conteúdo a ser abordado eles têm uma visão diferente e que eu possa trabalhar em cima da visão deles, diante daquele conhecimento prévio que ele tem em sua vida, uma coisa que ele vivenciou que pode agregar um valor diante daquilo que até mesmo eu não conhecia, que aconteceu numa vivência, que pode ser a mesma coisa que venha trabalhar só que foi vista de forma diferente, que eu ache altamente importante, assim vou abrir um leque de informação para os demais. Chega uma aluna que conta uma maneira que vivenciou esse conteúdo, chegou aqui conta outro que vem totalmente diferente daquilo que eu iria aplicar e isso aqui pra mim é muito bacana, porque tanto vai agregar informação para os demais quanto pra mim. Que tem certas ocasiões que até mesmo não sabia, que vêm de uma cultura e outra cidade, de outro estado.

**ENTREVISTADOR:** No dia a dia você consegue perceber a inclusão entre os alunos? Quando eles (alunos) pensam no outro colega?

**PROF. NATIVO:** Sim, ainda, tanto a inclusão como a exclusão, dá pra perceber que existem alunos que motivam os demais na prática, a convidar, como também existem alunos que excluem.

**ENTREVISTADOR:** Como tem sido lidar com as práticas corporais em sala de aula, em especial com a inclusão?

**PROF. NATIVO:** Diante do espaço atual, a gente tem certa dificuldade em questão de espaço, mas as práticas em sala elas fluem facilmente; se fosse um ambiente mais espaçoso, eu acredito que poderia ser melhor, mas atualmente tem uma certa dificuldade em motivo do espaço, o

espaço ofertado tem algumas salas que a gente não consegue mover nem as cadeiras, mas em relação à inclusão nas atividades, dentro das salas de aulas ela acontece, não vai ser diferente das práticas em quadra, em um ambiente aberto vai ter aqueles que costumam evitar, sempre vai existir um ou dois que evitam a participação.

**ENTREVISTADOR:** Enquanto as unidades temáticas da Educação Física postam pela BNCC, o que você tem a dizer?

**PROF. NATIVO:** Eu concordo, porque, quer queira ou não, quando a gente segue as atribuições regidas por nossas leis, elas conseguem englobar, só que em algumas situações elas fogem da realidade da gente. Quer queira ou não, dá sim, dá trabalho, tem como pilar as nossas leis nacionais, mas em muitas ocasiões a gente tem que pautar na realidade da escola, que nem sempre é aquilo em que a gente se depara diante que é imposto, diante daquilo que a gente, que é pregado pra gente realizar e assim... diante da habilidade profissional em conjunto com a comunidade escolar a gente consegue desenvolver, tendo como pilares as nossas diretrizes.

**ENTREVISTADOR:** Professor(a), sabemos que a pandemia da covid-19 pegou a todos nós de surpresa, justo que não estávamos preparados para o isolamento social, fora o receio de ter contato com outro por medo de contrair a covid-19. Tendo isso em mente, a Educação Física como componente curricular de fundamental importância para o desenvolvimento dos sujeitos, seja ela a saúde mental, física e para o convívio social. Para você, o que mudou com a chegada da covid-19 em relação às práticas corporais no período de isolamento social? E como têm sido essas práticas desde o retorno das aulas presenciais?

**PROF. NATIVO:** Eu acredito que tenha falado um pouco sobre isso, mas vou reforçar, depois da pandemia os meninos, principalmente os mais novos, não tiveram a iniciação às práticas corporais, eles apresentam uma certa dificuldade para participar, eles apresentam uma certa recusa, eu acredito, não sei, mas deve ser pelo tempo que eles passaram isolados, pelo tempo que passaram em telas, em aparelhos eletrônicos e isso tipo gerou um comodismo e aí no meio dessa situação a gente em algumas ocasiões a gente enfrenta dificuldades na participação. Os alunos passaram muito tempo acomodados, muito tempo sem a realização das práticas corporais, é notório, eu tive a oportunidade de estar trabalhando na mesma instituição que estou trabalhando hoje, estava trabalhando antes da pandemia e continuei trabalhando pós-pandemia e isso eu consigo, teve uma mudança, alguns alunos, apresentam certa dificuldade em participar das práticas corporais.

**ENTREVISTADOR:** Como tem sido lidar com as práticas corporais no período do isolamento social causado pela pandemia da covid-19?

**PROF. NATIVO:** Era muito resumida, as práticas corporais realizadas no período da pandemia eram muito resumidas, e aconteciam em aberto, você não tinha a real certeza de que seus alunos estavam realizando as práticas que você direcionava, por mais que você criasse um vídeo, pessoal vamos fazer esse exercício hoje em casa, você não tinha resposta concreta, você não sabia se eles realizaram. Alguns até mandavam vídeo pra gente, oh professor, o vídeo que eu fiz, ficou bom e tal, a gente tinha aquele *feedback*, mas a maioria não, então a gente não tinha algo concreto, realmente eles participavam, eles davam o máximo de si para realizar essas atividades, mas só que a gente não tinha essas informações, era algo que ficava meio que aberto, você lia seu papel, realizava, programava, mandava vídeo, vídeos de exercícios, no caso a gente executando, no caso outras pessoas executando também, para que eles pudessem ver as várias formas que poderiam executar o movimento só que a gente não tinha esse *feedback*.

**ENTREVISTADOR:** Em sua visão como docente, como foi a inclusão de estudantes no período da pandemia da covid-19?

**PROF. NATIVO:** Olha, vou ser bem sincero, se no presencial a gente enfrenta dificuldade, no virtual é bem pior, pior mesmo, porque a gente sabe que alguns alunos simplesmente dizem que não vai participar [sic] e pronto, por mais que você se esforce, convide, chame, vamos participar dessa aula, vamos participar desse videoaula, todo mundo presente e tal, mas alguns recusavam, não sei o real motivo, diante da realidade, até mesmo vou até introduzir mais algumas informações, a gente se deparou com muitos alunos que não tinham condições financeiras de ter o acesso à mídia, entendeu? Não têm acesso às informações, alguns alunos iam pegar o material na escola, material que era tipo fazer uma pesquisa direcionada porque não tinha aparelho celular, não tinha nem uma tela pra poder fazer, acompanhar as aulas, entendeu? Também tinha esse ponto que isso acaba dificultando, então respondendo à sua pergunta, se de forma presencial a gente enfrenta certa dificuldade pra poder trazer esse aluno de volta às práticas que aconteciam antes da pandemia, a distância ainda era mais complicado.

**ENTREVISTADOR:** O processo de ensino e aprendizagem foi ou está sendo satisfatório?

**PROF. NATIVO:** Se você me desse a oportunidade de dar uma nota de zero a dez, seria mais fácil de dizer, mas na questão de ser satisfatório ou não, possivelmente ele possa ter seus pontos

positivos, mas diante da visão que vou lhe dar agora diante da possibilidade dele não ter nada e ter alguma coisa, teve pontos positivos, mas na condição de realmente atender às necessidades, não. Quer queira ou não, existiu a possibilidade do mundo ficar parado, de tipo eles nem verem a gente e, como aconteceu em alguns lugares, ficar sem acesso a nada, mas não ficou completamente sem nada de uma condição que poderia acontecer de alunos não terem acesso a nenhuma informação, mas tiveram; não foi aquilo, nossa como foi bom o ensino a distância, os alunos realmente absorveram tudo aquilo que a gente queria? Não, infelizmente.

**ENTREVISTADOR:** Para você, como vem sendo o papel do professor de Educação Física no retorno das aulas presenciais?

**PROF. NATIVO:** Pra mim, vou acabar sendo mais uma vez redundante, como a gente, professor de Educação Física é aquele professor que mais é querido na escola e tudo mais; em certas ocasiões, a gente não enfrenta tantos desafios, mas, como já foi tratado em vários pontos do seu trabalho, a gente se depara com alunos que não querem mais realizar práticas corporais e isso realmente necessita de uma manobra, de algum planejamento mais específico diante da introdução de atividades que possam atrair o aluno que está parado, que não quer mais participar das atividades, que passou mais de dois anos sem a realização das atividades voltadas para a cultura corporal e eu acredito que necessitaria de uma formação direcionada para o professor, trazendo informações que agreguem conteúdos que provavelmente funcionem, para voltar a gostar das práticas pós-pandemia, porque me deparei com alunos pequenos que participavam das práticas que agora dois anos depois no nono ano oitavo ano, eles não têm mais essa afinidade com as práticas corporais, se distanciou, se apegou mais no comodismo, a pegar num celular e pra ele é o suficiente.

**ENTREVISTADOR:** E a relação com os alunos no retorno das aulas, como você descreveria?

**PROF. NATIVO:** O distanciamento em si, o longo período de ausência da prática, das práticas corporais, esse longo período de ausência das práticas corporais acaba desenvolvendo o sedentarismo e, quer queira ou não, pra algumas pessoas o comodismo de ficar sem fazer nada é muito bom; para outras pessoas, a diversão, a prática de movimento, faz falta. Infelizmente, essa falta de movimento tem envolvido mais gente, muitas pessoas, muitos alunos, os educandos estão dentro dessa linha de sedentarismo.

**ENTREVISTADOR:** E como a escola tem lidado com a inclusão de estudantes nesse retorno?

**PROF. NATIVO:** No início, a escola... tanto nós professores quanto a escola, a gente enfrentou certas dificuldades porque os alunos não queriam voltar pro ensino presencial, tanto o ensino presencial, como a gente acabou de falar, como para as práticas corporais. A escola em si enfrentou algumas dificuldades, até mesmo porque não era do interesse deles, uma parte sim, vou colocar um percentual, acredito que uns 30% queriam voltar às práticas presenciais, mas o restante não, e diante disso a tanto a escola, e nós professores enfrentamos certa dificuldade pra conquistar o aluno ao retorno dessas aulas presencias, mas enfrentamos algumas dificuldades.

**ENTREVISTADOR:** A educação teve diversas mudanças e transformações para melhorar o ensino e aprendizado dos estudantes, com isso, destaco o avanço da educação inclusiva, a qual vem melhorando ou tentando alcançar uma inclusão plena e de equidade, no entanto a educação, especialmente a educação inclusiva, tem sofrido diversas mudanças no retorno das aulas presencias pós-covid-19. Como você descreveria essa mudança quando se pensa na inclusão de estudantes em sala de aula?

**PROF. NATIVO:** Antes da pandemia não havia essa preocupação, porque assim, eu acredito que essa preocupação deveria existir de incluir, fazer com que o aluno faça parte de todo o processo, mesmo se não tivesse acontecido a pandemia e isso já deveria existir. Atualmente a gente vê uma certa preocupação, alguns certos direcionamentos, mas infelizmente eles não conseguem atingir a todos.

**ENTREVISTADOR:** Poderia relatar o que mudou no antes e pós-covid-19?

**PROF. NATIVO:** O que eu posso relatar diante da minha vivência, infelizmente, é o desinteresse dos alunos, isso é fato, o ensino dos professores continua o mesmo, mas existe um grande desinteresse dos alunos em participar, a gente não ver aquelas motivação, é sempre criando situações que possam permanecer em casa, que possam ir pra casa, a palavra que vai mais é o desinteresse dos alunos.

**ENTREVISTADOR:** A inclusão para você, pós-pandemia da covid-19, teve impacto nas relações escolares? Como você descreveria esse impacto?

**PROF. NATIVO:** Existe um impacto porque a gente, como falei há pouco, existe uma certa preocupação porque a evasão ela acontece, é fato, a gente percebe que aluno desistindo, a quantidade de alunos em alguns casos reduziram e assim... o que eu percebo da intenção vinda tanto dos gestores, quanto dos professores em incluir ela existe, de fato existe, mas só que assim,

ela acaba não sendo tão eficiente quanto deveria, se existisse um mecanismo ou alguma maneira que a gente pudesse agregar mais em formações que pudessem facilitar ainda mais a condição do aluno despertar o interesse em permanecer na escola e em vir pra escola, isso seria de grande valor.

**ENTREVISTADOR:** Para você, qual é o papel da Educação Física na inclusão de estudantes pós-pandemia da covid-19?

**PROF. NATIVO:** Eu acredito que seja crucial, indispensável, a Educação Física seria algo que com toda a certeza seria uma carta especial, é um trunfo que a gente tem, que a gente não... que a escola tem, ou melhor dizendo, poderia dizer que o professor de Educação Física é um trunfo que a escola tem para atrair ainda mais os alunos. Imagina se, hipoteticamente, o professor de Educação Física tivesse mais horas aulas em cada turma, nós teríamos uma presença maior, eu acredito que sim, eu consigo perceber e eu escuto relatos de alunos, ah eu só vim hoje por causa da aula de Educação Física, ah, amanhã não venho, nem tem Educação Física, eu acredito que a Educação Física em si, independentemente do professor, ela atrai o aluno pra escola, e eu acho de fundamental importância, é um elemento crucial no resgate dos alunos.

**ENTREVISTADOR:** Em sua visão, a inclusão escolar retrocedeu ou avançou? Como você descreveria?

**PROF. NATIVO:** Partindo de gestores, ela teve um aumento, uma densificação na intenção de incluir, mas isso não quer dizer que a inclusão aconteceu. Foram intensificadas as formas de incluir de antes da situação que a gente deparou pós-pandemia, que via que era visível a ausência dos alunos na escola, foi intensificado, mas isso não quer dizer que realmente não tenha incluído.

**ENTREVISTADOR:** Para você, o que significam as práticas corporais para a inclusão?

**PROF. NATIVO:** Para mim as práticas corporais elas atraem, elas são atrativas, elas, quer queira ou não, despertam nos estudantes um certo prazer, uma certa alegria e isso atrai, isso faz com que eles venham permanecer na escola vir a escola, não só vir, como permanecer na escola, desperta o interesse de participar de eventos em que a escola realiza e acaba por fim contribuindo com a inclusão.

**ENTREVISTADOR:** Para encerrar, gostaria de saber se você quer falar mais alguma, fique à vontade.

**PROF. NATIVO:** Meu querido, só quero dizer o seguinte: a Educação Física ela realmente tem contribuído, mas mesmo diante da contribuição que ela vem dando no processo de inclusão de alunos, não só na disciplina, como também na participação de eventos que a escola atribui, mesmo diante desses valores que existem dentro da disciplina que possa atrair os alunos, nunca é descartada a possibilidade de uma formação, de uma formação continuada que possibilite o professor dar mais condições à inclusão dos alunos na escola, isso é fato, isso acontece em todo lugar e eu acho de alta relevância um processo de formação continuada.

## APÊNDICE E - QUADRO COM O LEVANTAMENTO DOS PRÉ-INDICADORES

LEVANTAMENTO DOS PRÉ-INDICADORES	
PERGUNTA GUIA: COMO VOCÊ SE SENTE EM RELAÇÃO À SUA PROFISSÃO?	
JOSÉ	NATIVO
<p>PI-1: [...] <i>a nossa profissão ainda tem que ser muito bem visto dentro das escolas principalmente dentro das escolas públicas, né? Devido aquela importância de que algumas pessoas do núcleo gestor e as demais pessoas da escola tratam a disciplina de Educação Física, mas diante disso eu acredito muito na minha profissão tanto nos dois caminhos, bacharel e licenciatura.</i></p> <p>PI-2: [...] <i>eu acredito que a Educação Física é de suma importância para todos os alunos.</i></p> <p>PI-3: <i>o professor de Educação Física, a gente querendo ou não, tem uma realidade não tão interessante, falta recurso, essa realidade eu acho que é de todas as escolas da região do município [...]</i></p> <p>PI-4: [...] <i>é um desafio, o professor tem que se reinventar em todas as aulas, tentar levar aquela aula adaptada à realidade, tipo, tentar seguir uma grade que é proposta para o professor de Educação Física, pra que ele trabalhe isso com os alunos.</i></p> <p>PI-5: [...] <i>a maior dificuldade que tem é esse mesmo, de não ter um amparo maior para o professor de Educação Física.</i></p> <p>PI-6: [...] <i>pra mim, o ensino da Educação Física, ele está de acordo com que os alunos precisam, tudo que eles precisam a gente tem como garantir a eles.</i></p> <p>PI-7: <i>A dificuldade está mais na questão da escola se adaptar aos professores de Educação Física e propor isso para os alunos.</i></p> <p>PI – 8: [...] <i>as práticas corporais têm que estar presentes no curso de Educação Física, até porque o nosso curso é movimento, né? Acho que é, acho não, entendo que é uma das mais importantes pra gente, é a questão do movimento, trazer, trabalhar com esses</i></p>	<p>PI-13: [...] <i>eu poderia falar com mais satisfação, até mesmo porque a gente professor, a gente tinha uma atenção maior dos alunos, os educandos, eles davam mais atenção há uns cinco, seis, oito anos atrás eles tinham mais respeito, davam mais atenção do que nos dias atuais [...]</i></p> <p>PI-160: [...] <i>infelizmente pós-pandemia, eles têm uma certa barreira, eles têm um certo obstáculo a ser superado pra voltar a dar mais atenção aos professores, ter respeito, porque esse tempo que passamos afastados eles perderam, isso na minha opinião, eles perderam essa relação de estar presente com professor [...]</i></p> <p>PI-14: [...] <i>a importância que o professor tem de elaborar uma aula, passar várias horas providenciando um material bacana pra que uma aula seja mais rica e, eles não chegam a perceber isso, tipo, não dão a real importância.</i></p> <p>PI-15: [...] <i>só que ainda tem alguns pontos a serem melhorados, não com relação com o professor, mas sim, a atenção do aluno, do respeito e isso tá faltando.</i></p> <p>PI-16: [...] <i>na minha graduação, eu vivenciei toda a proposta feita pela universidade e pra mim, sou muito feliz diante daquilo que eu cursei, diante daquilo que pratiquei [...]</i></p> <p>PI-157: [...] <i>se tratando da prática atual, às vezes a gente se sente um pouco castrado, limitado diante da falta de material [...]</i></p> <p>PI-158: [...] <i>eu tento improvisar com material descartável, qualquer coisa pra que a gente possa vivenciar de maneira integrada a cultura corporal.</i></p> <p>PI-17: <i>a formação continuada ela acontece em partes, gostar de participar, sim, quanto mais informações, melhor, eu agradeço, mas</i></p>

<p><i>alunos a questão do movimento, da conscientização corporal desses alunos, através da dança, dos esportes radicais, até mesmo do futsal e do futebol, que é o que eles mais gostam de fazer.</i></p> <p>PI-9: [...] <i>eu sinto essa falta das formações continuadas que nem você explicou, para os professores de Educação Física, querendo ou não, a gente não tem aqui, e se tem eu não lembro de ter participado de nenhuma de ser voltado para a Educação Física, tá certo? [...]</i></p> <p>PI- 10: [...] <i>a gente tem aí as formações, sempre tem formações pra matemática, sempre tem formações pra português e ciências e, a gente não tem as formações continuada pra poder tá se aprimorando, para poder tá buscando novas ideias com outras pessoas da área que possam tá auxiliando a gente em como trabalhar numa escola pública, como trabalhar com os nossos alunos, com a realidade que a gente tem [...]</i></p> <p>PI-11: [...] <i>eu sinto isso como uma falta muito grande, que era pra ser bem mais vista pelas as pessoas que comandam a Educação da nossa cidade.</i></p> <p>PI-12: [...] <i>a gente precisa se reinventar, tá se reinventando e querendo ou não, quando a gente tá no ambiente que só é a nossa realidade, a gente acaba que se fechando somente aquilo, quando se tem uma formação ou um formador, seja quem for, vem e traz novas ideias, de novas experiências que ele teve fora da realidade e passa para nós professores, você acaba meio que despertando algo novo que você possa trazer pra sua formação acadêmica, como exemplo; experiência que você precisa passar para sua sala de aula.</i></p>	<p><i>ultimamente isso vem acontecendo por motivo do Conselho, a universidade daqui convida o conselho [...] mas por parte da instituição a qual trabalho, não.</i></p> <p>PI-18: <i>Infelizmente, faz muito tempo a área da Educação Física que eu não participei de nenhuma formação continuada direcionada pelo município. É importante, toda formação, inovação, que vem agregar conhecimento ao professor [...]</i></p> <p>PI-19: [...] <i>eu mesmo busco nas universidades por forma de EAD alguns cursos online pra tentar estar por dentro do que vem inovando, no que vem modificando, que vem aparecendo, para que eu possa ter uma possibilidade de administrar minhas aulas de forma agregar mais conhecimento, participação, entusiasmo.</i></p> <p>PI-20: <i>A Educação Física não é valorizada, não em questão financeira [...] todos ganham o mesmo valor salarial [...] mas a gente precisa de material,</i></p> <p>PI-152: <i>nas práticas corporais, principalmente que envolve ginástica, a gente precisa de material [...]</i></p> <p>PI-153: [...] <i>não tem condições da gente praticar certas práticas corporais sem material, existe uma carência, o aluno vai ficar descoberto dessas informações e para isso, requer uma maior participação, um maior investimento.</i></p>
---	---

<b>LEVANTAMENTO DOS PRÉ-INDICADORES</b>	
<b>PERGUNTA GUIA: COMO VOCÊ DESCREVERIA A EDUCAÇÃO FÍSICA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE ESTUDANTES NO ENSINO FUNDAMENTAL?</b>	
<b>JOSÉ</b>	<b>NATIVO</b>
<p>PI-21: <i>Bom, a Educação Física como já tinha dito, ela é de suma importância para a formação de um aluno, né? Tanto para levar para cidadania como pessoa, também como aluno [...]</i></p> <p>PI-22: <i>[...] as práticas corporais devem ser reinventadas diariamente, frequentemente contínuas porque os alunos, eles precisam dessa empolgação para que eles se adaptem às aulas de Educação Física [...]</i></p> <p>PI-23: <i>[...] a gente deve tirar daquele conceito que a Educação Física é jogar bola, né? Querendo ou não, a gente tem muito disso aqui na nossa cidade, na nossa região, as escolas que já passei, os alunos não querem muito enxergar a Educação Física como uma disciplina de formação [...]</i></p> <p>PI-24: <i>[...] a gente como professor e tem entendimento disso, tem que passar essas questões para eles, explicar que a Educação Física não é só aquilo que envolve outros requisitos também, como outras práticas corporais.</i></p> <p>PI-25: <i>[...] volto a falar sobre as questões das formações contínuas que é aí que as formações poderiam entrar, como nós professores que estamos em sala de aula, poderia ter essa ajuda, essas formações, esses momentos para que pudesse estimular esses alunos, aprender e para trazer a sala de aula, né?</i></p> <p>PI-26: <i>A relação com meus alunos é bem afetiva, claro que dando sempre aquele espaço de professor e aluno, professor que tá sempre à frente e aluno como segundo, certo?</i></p> <p>PI-27: <i>Eu gosto de ser um professor presente, embora pegue muito no pé, mas a minha relação com os alunos é tranquila, graças a Deus tenho pouco tempo de atuação e pouco tempo de formação, mas eu consigo levar pra eles uma boa imagem como professor.</i></p>	<p>PI-49: <i>Eu acredito que a Educação Física em si contribui o processo de formação completa do indivíduo [...]</i></p> <p>PI-154: <i>[...] a Educação Física tem um papel crucial na participação do educando desde de sua entrada na escola [...]</i></p> <p>PI-155: <i>[...] é importante para o desenvolvimento, não só das condições motoras, como também das condições cognitivas, das qualidades humanas, dentre elas, o respeito, a amizade, companheirismo, solidariedade e entre outras qualidades [...]</i></p> <p>PI-50: <i>[...] eu acredito que a Educação Física é uma disciplina crucial pra essa formação, se você parar pra pensar, não vê o desenvolvimento de certas qualidades humanas, como também corporais, da cultura corporal em outras disciplinas [...]</i></p> <p>PI-156: <i>[...] temos as artes que se aproximam, mas não como a Educação Física que pega todo o mundo relacionado à cultura corporal do movimento [...]</i></p> <p>PI-51: <i>[...] acho crucial a participação da Educação Física na formação do cidadão.</i></p> <p>PI-52: <i>A relação é uma via de troca muito próxima [...]</i></p> <p>PI-157: <i>[...] só que ainda tem alguns pontos a serem melhorados, não com relação com o professor, mas sim, a atenção do aluno, do respeito e isso tá faltando.</i></p> <p>PI-53: <i>[...] acredito que você venha saber que isso não é novidade, mas o professor de Educação Física, quer queira ou não, acaba sendo mais queridinho da escola [...]</i></p> <p>PI-171: <i>[...] envolve momento de ludicidade, não é só a prática esportiva em si, a prática do movimento, mas intrinsecamente envolve um momento de ludicidade onde eles se divertem, você se diverte e aí acaba criando</i></p>

<p>PI-28: [...] <i>procuro sempre saber como eles estão, é, tá fazendo uma aula diferenciada pra tirar daquela zona de quadra, pra que possa trazer também outros aspectos da sociedade para dentro da sala de aula, e é isso, acho que é um convívio bem saudável com alguns alunos, claro.</i></p> <p>PI-29: [...], <i>se você tem um bom convívio com o aluno, ele pode ter uma boa imagem sobre você, passa a te respeitar e automaticamente ele passa a participar das aulas.</i></p> <p>PI-30: [...] <i>A gente enquanto professor tem que saber diferenciar isso, para ele que cative aquele aluno pra que não seja só uma aula dada, só por mais 50 minutos que você jogou ali e foi embora, não, a gente tem que ter todo um contexto, tem que ter toda uma disciplina para que eles permaneça na aula, sinta interesse [sic], por isso que é bom a gente sempre estar trazendo conteúdos atuais, de acordo com a realidade deles, trazendo também para a realidade da Educação Física [...]</i></p> <p>PI-31: [...] <i>você cria um convívio com o aluno, claro que não é uma realidade para todas as turmas, porque a gente tem turmas diferentes, crianças e jovens diferentes, que pensam diferentes, aí tem a indisciplina, até porque a gente tá lidando com pessoas e pessoas pré-adolescentes e crianças, como costume dizer, “tem que saber dosar, tem que diferenciar professor-aluno”, mas tem que ter aquele convívio familiar com ele, porque a gente passa uma boa parte do dia com eles aqui.</i></p> <p>PI-32: [...] <i>em relação à inclusão, eu posso dizer que é mais a questão de crianças que têm laudo, que têm autismo, a gente tem um grande número de alunos com deficiência [...]</i></p> <p>PI- 163: [...] <i>tem um número significativo de meninos e meninas [...]</i></p> <p>PI-33: [...] <i>a gente tem que ter a inclusão não apenas levando pro lado da deficiência, mas também para lado do gênero feminino e masculino [...]</i></p>	<p><i>um elo de troca de informação e de proximidade.</i></p> <p>PI-54: [...] <i>you consegue realmente se aproximar do aluno, conhecer o aluno, saber de suas deficiências, das suas dificuldades, falo da deficiência porque falo das dificuldades que eles enfrentam tanto dentro da escola, como em sua realidade na sua comunidade.</i></p> <p>PI-55: <i>A inclusão de forma, eu sempre defendi que todos têm direito, independentemente da sua capacidade, ninguém nasce sabendo de tudo, todos tem direito a participação independentemente da capacidade física, então, pra mim, a inclusão é crucial [...]</i></p> <p>PI-56: [...] <i>ainda existe em alguns lugares uma certa exclusão do público feminino nas práticas corporais [...]</i></p> <p>PI-166: [...] <i>eu procuro sempre estar me capacitando aos poucos porque, quer queira ou não, sempre agrega conhecimento, por mais que você venha a ter uma certa bagagem, sempre vem algo novo, algo que você pode utilizar que na maioria das vezes dá certo.</i></p> <p>PI-57: [...] <i>a inclusão na escola existe, mas ainda enfrentamos alguns jovens que não têm afinidade com as práticas corporais [...]</i></p> <p>PI-168: [...] <i>diante que a gente vem do pós-pandemia, passou muito tempo afastado, eram realmente jovens pequenos e não tiveram essa iniciação às práticas corporais e acabaram desenvolvendo esse desinteresse pelas práticas corporais [...]</i></p> <p>PI-58: [...] <i>ainda existe uma certa resistência às práticas não por motivo da falta de inclusão, mas por resistirem mesmo à prática, porque a condição de propiciar a inclusão pra todos ela existe.</i></p> <p>PI-59: [...] <i>algumas ocasiões eu até convido alguns estudantes para que juntos possamos analisar o que seria mais adequado a realidade em que a gente está vivendo, e eu quero escutar o que eles pensam, quero ver o que eles têm a dizer, quero escutar a opinião</i></p>
--	---

<p>PI-159: [...] <i>os meninos são mais adeptos às práticas corporais do que as meninas, isso já é um fato desde a minha formação até agora pra realidade de sala de aula [...]</i></p> <p>PI-164: [...] <i>eu não diferencio atividade de menino e atividade de menina, embora eles queiram taxar isso como futebol de meninos e carimbada de meninas, mas eu não deixo, se a menina quer participar eu dou espaço a ela e se não quer participar eu não pego na mão e obrigo ela a participar, eu não digo somente ela, mas no sentido geral.</i></p> <p>PI-34: [...] <i>a Educação Física é isso, é você entregar não só para um grupo de pessoas, mas para todas as pessoas, sejam elas quem for, a gente tem que entregar por igual [...]</i></p> <p>PI-165: <i>os meninos têm mais interesse pelas práticas corporais do que as meninas [...] é de suma importância levar para todos eles.</i></p> <p>PI-35: <i>A inclusão na sala acontece, nas minhas aulas, acontece desde a hora que entro, a questão de tratar todo mundo por igual, não ter aquela diferença nas práticas em quadra, levar sempre atividades em que eles sintam gosto de participar, que abranja tanto os meninos, como as meninas e, que seja harmônico, que não seja uma coisa forçada, tem que ser uma coisa que seja boa para todos.</i></p> <p>PI-36: [...] <i>quando começo meu plano, eu já penso logo o que vou usar, se eu tenho aquele recurso, e se eu posso adaptar para meninos e meninas, para pessoas com deficiência e isso vem desde da nossa formação, a gente aprende a fazer, e eu com certeza faço isso.</i></p> <p>PI-37: <i>Eu tento sempre buscar aqueles conteúdos, claro que seguido os parâmetros, buscar aqueles conteúdos cativantes, como brincadeiras para que todos possam participar [...] que cativa o aluno para participar de uma forma geral</i></p> <p>PI-38: [...] <i>recentemente a gente teve os jogos intercalasses aqui na escola e foi dito que as meninas poderiam jogar desde que tivesse um número x de meninas e elas acabaram nem participando pois só queriam jogar carimbada, aí alguns meninos pediram pra</i></p>	<p><i>deles, pra que possa ser construída uma aula agradável para todos [...]</i></p> <p>PI-60: [...] <i>aqueles que resistem à prática, não, não quero participar e tal, mas a gente tenta relacionar algumas atividades que possam atrair-los, possibilitando a participação [...]</i></p> <p>PI-61: <i>Diante da realidade atual, a gente tem uma certa dificuldade em questão de espaço, mas as práticas em sala elas fluem facilmente, se fosse um ambiente mais espaçoso, eu acredito que poderia ser melhor [...]</i></p> <p>PI-162: [...] <i>existem algumas salas que a gente não consegue mover nem as cadeiras [...]</i></p> <p>PI-62: [...] <i>a inclusão nas atividades [...] acontece, não vai ser diferente das práticas em quadra, em um ambiente aberto, vai ter aqueles que costumam evitar, sempre vai existir um ou dois que evitam a participação.</i></p> <p>PI-63: [...] <i>a gente se depara com situações que realmente você precisa se envolver com planos e estratégias para resgatar esse aluno que está fora e se sente excluído.</i></p> <p>PI-64: <i>quando a gente segue as atribuições regidas por nossas leis, elas conseguem englobar, só que em algumas situações elas fogem da realidade da gente, quer queira ou não, dá sim, dá trabalho, tem como pilar as nossas leis nacionais, mas em muitas ocasiões a gente tem que pautar na realidade da escola [...]</i></p> <p>PI-65: [...] <i>a gente se depara diante que é imposto, diante daquilo que a gente, que é pregado pra gente realizar e assim, diante da habilidade profissional em conjunto com a comunidade escolar, conseguimos desenvolver, tendo como pilar as nossas diretrizes.</i></p> <p>PI-66: [...] <i>eu costumo ver qual a realidade (ver a realidade do aluno) que eles vivem, porque mesmo diante de uma abordagem pré-estabelecida e dependendo do conteúdo a ser abordado, eles têm uma visão diferente,</i></p>
--	--

<p><i>jogar carimbada porque não se identificavam com o futsal [...]</i></p> <p>PI-39: [...] <i>a gente começou a trabalhar nas aulas de Educação Física de que não existe isso, de que é esporte para meninos e esporte para meninas [...]</i></p> <p>PI-40: [...] <i>ainda existe aquele tabu que futebol é para meninos, e que menina não joga esse tipo de coisa, que, querendo ou não, são coisas enraizados e cabe a nós professores de Educação Física tentar mudar isso, não é tão fácil, mas a gente tenta.</i></p> <p>PI-41: [...] <i>todos os materiais que eu uso nas minhas aulas de Educação Física são didáticos que a escola não tem [...]</i></p> <p>PI-170: [...] <i>uso o livro que eu tenho do professor de Educação Física, a qual os alunos não têm, mas os professores têm. Então tento seguir aquela sequência que é bem-feita, é muito interessante [...] embora a realidade daquele livro é totalmente diferente da nossa [...]</i></p> <p>PI-42: [...] <i>uso meu computador pessoal ou pesquisei pelo da escola, faço anotações, imprimo algum documento que eu vá usar em sala de aula, mas recurso mesmo didático eu não tenho.</i></p> <p>PI-43: [...] <i>you tendo esse material, você tá amparado por uma certeza [...] porque ali vai ter relatos de pessoas que já presenciaram, de estudiosos e de pessoas que vão trazer ciência para isso [...]</i></p> <p>PI-44: [...] <i>nós professores de Educação Física se deparando com um material desse, é como se estivesse abrindo uma luz na cabeça, daí você começa a desbloquear várias ideias e várias outras coisas, então acho muito importante e sinto falta disso.</i></p> <p>PI-45: <i>Gosto das unidades temáticas, inclusive sigo elas, e só que eu sinto muita falta de ser aquela realidade, por exemplo: eu posso citar aqui como a ginástica, é, aqui na nossa região [...]</i></p> <p>PI-167: [...] <i>a gente não tem tanta essa cultura da ginástica, mas é um conteúdo que eu gosto de trabalhar, o atletismo, eu sinto</i></p>	<p><i>assim posso trabalhar em cima da visão deles [...]</i></p> <p>PI-67: [...] <i>diante daquele conhecimento prévio que ele tem em sua vida, uma coisa que vivenciei que pode agregar um valor diante aquilo que até mesmo eu não conhecia, que aconteceu numa vivência, que pode ser a mesma coisa que venha trabalhar, só que foi vista de forma diferente, eu acho altamente importante, assim abrir um leque de informação para os demais [...]</i></p> <p>PI-68: [...] <i>isso aqui pra mim é muito bacana, porque tanto vai agregar informação para os demais quanto pra mim, que tem certas ocasiões que até mesmo não sabia, que vem de uma cultura de outra cidade, de outro estado.</i></p> <p>PI-69: [...] <i>tanto a inclusão como a exclusão, dá pra perceber que existem, alunos que motivam os demais na prática, a convidar, como também existem alunos que excluem.</i></p>
---	---

<p><i>muita falta de recursos pra que pudesse entregar para os alunos aquilo que é proposto.</i></p> <p>PI-46: [...] <i>tem que tá voltada mais para realidade escolar, principalmente pelas escolas públicas do nosso país, porque a escola pública é onde que eu costumo dizer, que o professor de Educação Física aprende a ser professor [...]</i></p> <p>PI-173: [...] <i>quando você para numa escola pública, você se depara com simplesmente com nada, simplesmente com uma quadra que nem é coberta, e você sente aquela necessidade de ter vivenciado aquilo, de ter aprendido aquilo.</i></p> <p>PI-47: [...] <i>é o que a gente chama de introdução, né? A gente introduz, vai começando a falar sobre o assunto em sala de aula, depois a gente parte para uma vivência e aí a gente tem no final aquela avaliação pra saber se foi de fato como queria, se não foi, o que pode ser mudado.</i></p> <p>PI-48: <i>Eu tenho muita dificuldade de ver isso aqui na minha realidade como professor de ensino fundamental II, principalmente dos alunos do sexto ano, querendo ou não eles são crianças, a gente tem que entender o contexto da criança, que a gente tenta mudar aqui na escola, mas a gente não sabe como é em casa, como é na rua e,</i></p> <p>PI-168: [...] <i>eu vejo que eles não são muito de incluir o coleguinha, principalmente aquele que tem deficiência cognitiva ou outra dificuldade.</i></p>	
--	--

LEVANTAMENTO DOS PRÉ-INDICADORES	
<b>PERGUNTA GUIA: PARA VOCÊ, O QUE MUDOU COM A CHEGADA DA COVID-19 EM RELAÇÃO ÀS PRÁTICAS CORPORAIS NO PERÍODO DE ISOLAMENTO SOCIAL? E COMO TÊM SIDO ESSAS PRÁTICAS DESDE O RETORNO DAS AULAS PRESENCIAIS?</b>	
<b>OSÉ</b>	<b>NATIVO</b>
PI-70: [...] <i>quando a gente voltou para as aulas presenciais, que eu iniciei como professor nas escolas, eu percebi o</i>	PI-93: [...] <i>depois da pandemia, os meninos, principalmente os mais novos, não tiveram a iniciação às práticas corporais, eles</i>

<p><i>desinteresse dos alunos pelas práticas corporais, e isso vem permanecendo [...]</i></p> <p>PI-71: <i>[...] a gente tem outra realidade porque, querendo ou não, eles estavam online, e como se trabalha a Educação Física no mundo virtual? É difícil, é você se reinventar enquanto professor [...]</i></p> <p>PI-72: <i>[...] eu não tenho essa realidade, porque eu não fiz, e não posso dizer a você porque não presenciei, mas voltando para escola e, conversando com os outros professores de outras disciplinas que estavam quando iniciou a pandemia e pós-isolamento, tiveram uma queda no interesse de participar, tiveram uma queda na evolução do aprendizado [...]</i></p> <p>PI-73: <i>[...] a gente tem um número aqui de alunos exorbitantes de alunos que não sabem ler e escrever, ainda no sexto ano, sétimo ano, porque não se cobrava muito deles na pandemia, eles tinham o livre acesso às aulas, uns entravam, outros não, estou falando o que escutei de outros professores, porque não trabalhei nessa época.</i></p> <p>PI-74: <i>[...] eu não sei de fato o que aconteceu com essas crianças, mas eles não dão tanta importância como era antes para as aulas, isso em todos componentes [...]</i></p> <p>PI-75: <i>[...] a gente às vezes reunidos conversando na sala de professores no intervalo, eles sempre contam alguns relatos de algum aluno ou certos números de aluno que não têm mais interesse em participar, que a evolução caiu, que antes da pandemia eram bons alunos e hoje nem tanto por conta da falta de interesse [...]</i></p> <p>PI-76: <i>[...] então, é algo que precisa ser estudado, porque não se sabe ao certo o que está acontecendo, porque é uma gama de desinteresse, você não vê mais o interesse deles em participar, eles têm assim, tanto faz se participar ou não.</i></p> <p>PI-77: <i>Consigo perceber essas diferenças na escola, você consegue perceber o desinteresse como falei antes, e, eles não têm mais aquela vontade de participar [...]</i></p>	<p><i>apresentam uma certa dificuldade para participar, eles apresentam uma certa recusa, eu acredito, que deve ser pelo tempo que eles passaram isolados, pelo tempo que passaram em telas, em aparelhos eletrônicos e isso gerou um comodismo [...]</i></p> <p>PI-94: <i>[...] a gente se depara com algumas ocasiões onde enfrentamos dificuldades na participação.</i></p> <p>PI-95: <i>Os alunos passaram muito tempo acomodados, muito tempo sem a realização das práticas corporais, é notório [...]</i></p> <p>PI-96: <i>[...] tive a oportunidade de estar trabalhando na mesma instituição que estou trabalhando hoje, estava trabalhando antes da pandemia e continuo trabalhando pós-pandemia e isso eu consigo perceber que teve uma mudança, alguns alunos apresentam uma certa dificuldade em participar das práticas corporais.</i></p> <p>PI-97: <i>[...] as práticas corporais eram realizadas no período da pandemia de maneira muito resumida, e acontecia em aberto, você não tinha a real certeza que seus alunos estavam realizando as práticas direcionava, por mais que você criasse um vídeo, pessoal vamos fazer esse exercício hoje em casa, você não tinha resposta [...]</i></p> <p>PI-98: <i>[...] a gente tinha aquele feedback, mas a maioria não, então não tinha algo concreto, se realmente eles participavam, alguns davam o máximo de si para realizar essas atividades, mas só que não tinha um retorno concreto dessas informações, ficava meio que vago [...]</i></p> <p>PI-99: <i>[...] você fez seu papel, realizava, programava, mandava vídeo, vídeos de exercícios, no caso a gente executando, pessoas executando também, para que eles pudessem ver as várias formas que poderiam executar o movimento, só que não tinha esse feedback.</i></p> <p>PI-100: <i>[...] se no presencial a gente enfrenta dificuldade, no virtual é bem pior, pior mesmo, porque a gente sabe que alguns alunos simplesmente dizem que não vão participar e pronto, por mais que você se esforce, convide, chame, vamos participar</i></p>
--	--

<p>PI-78: [...] <i>nos meus estágios, eu peguei na época que não foi na pandemia, e eu percebia que os alunos eram muito à vontade em relação às práticas, principalmente quando você chegava na escola, eles já perguntavam “hoje tem o quê, professor?” e voltando depois da pandemia como professor, percebo que eles não têm interesse, desde que o interesse seja dele, o que ele quer fazer então tem interesse, não quer fazer, então não tem importância [...]</i></p> <p>PI-79:[...] <i>eu não deixo ser o que eles querem, quer participar: é esse o assunto, entendeu? eu consigo ver essa diferença, o interesse no que eles querem e o que eles não querem.</i></p> <p>PI-80: [...] <i>eu consigo levar bem essas práticas, tranquilo para mim, mas eu só sinto falta da participação, do interesse e da motivação que eles têm e em relação às práticas está sendo tranquilo.</i></p> <p>PI-81: [...] <i>na minha visão, eu acho que foi mais decadente, ou seja, teve uma queda, porque, já não se tinha, já era difícil trabalhar presencialmente a inclusão quando se tem diferentes pessoas em sala de aula, imagina aí quando era online, quando você não estava com aquela pessoa, querendo estimular ela, que você não tinha ajuda de outras pessoas para poder estimular essas crianças a participarem [...]</i></p> <p>PI-82: [...] <i>os pais também querem o conforto dos filhos, né? Não se sabe também como era que os pais tratavam a importância dessas aulas com os filhos em casa.</i></p> <p>PI-83: <i>O professor de Educação Física é a chave para o retorno desses alunos [...] porque através das práticas corporais, através das aulas de Educação Física, a gente pode tentar trazer esse aluno de volta, resgatar esse aluno, tentar fazê-lo ter uma vida ativa novamente, participar das aulas [...]</i></p> <p>PI-84: [...] <i>eu acho que o professor de Educação Física não só na pandemia, mas em toda a vida, ele é importante na vida dos alunos.</i></p>	<p><i>dessa aula, vamos participar dessa videoaula, todo mundo presente e tal, mas alguns recusavam, não sei o real motivo [...]</i></p> <p>PI-101: [...] <i>diante da realidade [...] a gente se deparou com muitos alunos que não tinham condições financeiras de ter o acesso à mídia, entendeu? Não têm acesso às informações, alguns alunos iam pegar o material na escola, material que era tipo, fazer uma pesquisa direcionada porque não tinha aparelho celular, não tinha nem uma tela pra poder fazer, acompanhar as aulas entendeu, também tinha esse ponto que isso acaba dificultando [...]</i></p> <p>PI-102: [...] <i>se de forma presencial a gente enfrenta uma certa dificuldade pra poder trazer esse aluno de volta às práticas que aconteciam antes da pandemia, a distância ainda era mais complicada.</i></p> <p>PI-103: <i>se você me desse a oportunidade de dar uma nota de zero a dez seria mais fácil de dizer, mas na questão de ser satisfatório ou não, possivelmente ele possa ter seus pontos positivos, mas diante da visão que vou lhe dar agora diante da possibilidade dele não ter nada e ter alguma coisa, teve pontos positivos, mas da condição de realmente atender as necessidades, não.</i></p> <p>PI-104: [...] <i>não foi aquilo, nossa como foi bom o ensino a distância, os alunos realmente absorveram tudo aquilo que a gente queria? Não, infelizmente.</i></p> <p>PI-105: [...] <i>o professor de Educação Física é aquele professor que mais é querido na escola e tudo mais, em certas ocasiões a gente não enfrenta tantos desafios [...]</i></p> <p>PI-157: [...] <i>a gente se depara com alunos que não querem mais realizar as práticas corporais [...]</i></p> <p>PI-158: [...] <i>necessita de uma manobra, de algum planejamento mais específico diante da introdução de atividades que possam atrair o aluno que não quer mais participar das atividades [...]</i></p> <p>PI-106: [...] <i>eu acredito que necessitaria de uma formação direcionada para o professor, trazendo informações que agreguem</i></p>
---	---

<p>PI-85: <i>Eu poderia descrever em diversas formas, pegar personagem por personagem, mas numa forma geral, eu percebo que eles estão muito desinteressados [...]</i></p> <p>PI-86: <i>[...] não apenas eu, mas outros professores conversando juntos, e vê o desinteresse deles, o tanto faz, eles também têm muita dificuldade em captar um conteúdo, seja na Educação Física ou não, e eu vejo mais isso, a dificuldade em participar e ter interesse em algo pra vida deles.</i></p> <p>PI-87: <i>É um desafio para a escola, tanto para a escola quanto para o núcleo gestor da escola, é desafiador, porque a gente tem vindo de uma onda de indisciplina na escola, não todos, mas a gente tem uma onda de indisciplina grande na escola e</i></p> <p>PI-172: <i>[...] isso dificulta muito o andar da escola [...] uma pessoa ou outra, ou uma turma que desestabiliza todas as outras turmas e, tem tornando muito difícil e, outros aspectos, a falta de material, a falta de recurso, a onda de calor [...] e muitos outros fatores.</i></p> <p>PI-88: <i>Deixando bem claro que todos somos iguais, que não existe essa diferença entre os alunos, passando para nós professores tentar sempre incluir as crianças [...]</i></p> <p>PI-89: <i>[...] você tem que ter um olhar diferente, um olhar de respeito e de inclusão, você tem que colocar essas pessoas para participar, trazê-los pra perto da escola [...]</i></p> <p>PI-90: <i>[...] eu acho que a escola tenta resgatar essas crianças.</i></p> <p>PI-91: <i>Não é uma tarefa fácil, a gente também tem um grande número de crianças que têm problemas, né? E está cada vez mais aparecendo o número de crianças com dificuldades cognitivas e outros aspectos como autismo, transtorno [...]</i></p> <p>PI-92: <i>[...] é mais em torno dessa dificuldade em ter o aluno mais presente para que possa também acontecer a inclusão.</i></p>	<p><i>conteúdos que provavelmente funcionem, para que os alunos possam voltar a gostar das práticas pós-pandemia [...]</i></p> <p>PI-107: <i>[...] me deparei com alunos pequenos que participavam das práticas, que agora dois anos depois no nono ano, oitavo ano, eles não têm mais essa afinidade com as práticas corporais, se distanciou, se apegou [sic] mais no comodismo, o ficar no celular, pra ele é o suficiente.</i></p> <p>PI-108: <i>[...] esse longo período de ausência das práticas corporais acaba desenvolvendo o sedentarismo e, quer queira ou não, para algumas pessoas o comodismo de ficar sem fazer nada é muito bom, pra outras pessoas a diversão, a prática de movimento faz falta [...]</i></p> <p>PI-109: <i>[...] infelizmente, essa falta de movimento tem envolvido mais gente, muitas pessoas, muitos alunos, os educandos estão dentro dessa linha de sedentarismo.</i></p> <p>PI-110: <i>[...] a gente enfrentou certas dificuldades, porque os alunos não queriam voltar pro ensino presencial, tanto o ensino presencial, como a gente acabou de falar, como para as práticas corporais.</i></p> <p>PI-111: <i>A escola em si enfrentou algumas dificuldades, até mesmo porque não era do interesse deles, uma parte sim, vou colocar um percentual, acredito que uns 30% queriam voltar às práticas presenciais, mas o restante não, e diante disso tanto a escola, e nós professores enfrentamos certa dificuldade pra conquistar o aluno ao retorno dessas aulas presenciais, mas enfrentamos algumas dificuldades.</i></p>
--	--

<b>LEVANTAMENTO DOS PRÉ-INDICADORES</b>	
<b>PERGUNTA GUIA: COMO VOCÊ DESCREVERIA A MUDANÇA DA EDUCAÇÃO EM RELAÇÃO À INCLUSÃO DE ESTUDANTES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA PÓS-PANDEMIA DA COVID-19?</b>	
<b>JOSÉ</b>	<b>NATIVO</b>
<p>PI-112: <i>as mudanças vêm [...] com a perda da presença desses alunos [...] a gente tem sim um número de alunos que têm alguma dificuldade, que precisa ser incluído [...]</i></p> <p>PI-169: <i>[...] mas a gente não tem a permanência desses alunos na escola, eles têm uma frequência moderada, aparece, passa um tempo e some, entendeu? Essa é a realidade aqui da gente, então esse é uma da realidade que eu percebo.</i></p> <p>PI-113: <i>[...] como as crianças estão amadurecendo agora pós-pandemia, né?, muitos alunos se tornaram adolescentes na pandemia e outras ficaram mais velhas na pandemia, entendeu? Então, não tiveram um convívio social entre eles, aprenderam com aquilo diante da situação que estava acontecendo [...]</i></p> <p>PI-114: <i>[...] hoje você conversando com eles, não sabem explicar o que foi a covid-19, eles sabem que foi o momento de prisão pra eles, tinha que ficar em casa, não podia ir para rua, tinha que usar máscara [...]</i></p> <p>PI-115: <i>[...] essa inclusão não teve porque não tinha conhecimento em relação às situações, ou seja, eles tinham um coleguinha que precisava ser incluído ou então o mesmo precisava ser, eles não tiveram o convívio para que pudessem entender as diferenças.</i></p> <p>PI-116: <i>[...] embora a gente já tenha um período de pós-pandemia [...] mas o convívio deles não é como era antes, digamos assim, eles tinham aquela necessidade de estar com outras pessoas, muitos alunos hoje não se importam com o colega, se ele está bem ou não, se vai participar da atividade ou não [...]</i></p> <p>PI-117: <i>[...] acho que a pandemia tornou as pessoas maio individualistas, acho que pelo fato do isolamento social.</i></p>	<p>PI-130: <i>[...] essa preocupação deve existir de incluir, fazer com que o aluno faça parte de todo o processo, mesmo se não tivesse acontecido a pandemia e isso já deveria existir [...]</i></p> <p>PI-131: <i>[...] atualmente a gente vê uma certa preocupação, alguns certos direcionamentos, mas infelizmente eles não conseguem atingir a todos.</i></p> <p>PI-132: <i>[...] o ensino dos professores continua o mesmo, mas existe um grande desinteresse dos alunos em participar, a gente não vê aquela motivação, é sempre criando situações que possam permanecer em casa, que possam ir pra casa, a palavra que vai mais é o desinteresse dos alunos.</i></p> <p>PI-133: <i>Existe um impacto, porque a evasão ela acontece, é fato, a gente percebe o aluno desistindo, a quantidade de alunos em alguns casos reduziu [...]</i></p> <p>PI-134: <i>[...] eu percebo a intenção vinda tanto dos gestores quanto dos professores, em incluir ela existe, de fato existe, mas só que assim, ela acaba não sendo tão eficiente quanto deveria [...]</i></p> <p>PI-135: <i>[...] se existisse um mecanismo ou alguma maneira que a gente pudesse agregar mais informações, que pudessem facilitar ainda mais a condição do aluno, despertar o interesse em permanecer na escola e em vir pra escola, isso seria de grande valor.</i></p> <p>PI-136: <i>Eu acredito que seja crucial, indispensável, a Educação Física seria algo que com toda certeza seria uma carta especial, é um trunfo que a gente tem, que a gente não, que a escola tem [...]</i></p> <p>PI-137: <i>[...] o professor de Educação Física é um trunfo que a escola tem para atrair ainda mais os alunos [...]</i></p>

<p>PI-118: <i>A Educação Física entra no pós-pandemia com a necessidade de socializar essas pessoas [...]</i></p> <p>PI-119: <i>[...] é nas aulas de Educação Física que a gente precisa incluir as pessoas, não só incluir, como também saber conviver com os alunos, com a realidade do outro, com as diferenças [...]</i></p> <p>PI-120: <i>[...] a Educação Física, por ser uma disciplina que permite um contato maior, seja elas nas aulas, seja na recreação, é de suma importância para que isso aconteça, para que esse pós-pandemia tenha uma cara diferente, que a gente consiga resgatar os nossos alunos como era antes</i></p> <p>PI-121: <i>[...] na minha realidade ela retrocedeu, justamente por isso, porque se vinha fazendo um trabalho, teve essa grande pausa, a realidade mudou, o ensino mudou e as crianças mudaram, e a gente teve a perda, tem ainda da presença dessas crianças na escola.</i></p> <p>PI-122: <i>[...] eu gosto de quando falo de inclusão, de falar mais desses que tem problemas mais difíceis de se trabalhar, como, por exemplo, os problemas cognitivos ou alguma deficiência, a gente não tem um aluno aqui que tenha uma deficiência como paralisia, é mais dificuldades cognitivas mesmo.</i></p> <p>PI-123: <i>[...] a gente tem que deixar bem clara na sala a importância do trabalho em equipe, a importância de ter o outro em sua aula, a importância de trabalhar em conjunto [...]</i></p> <p>PI-124: <i>[...] eu como professor, preciso resgatar a essência desses alunos, a importância que se dá ao trabalho em sociedade, em conjunto.</i></p> <p>PI-125: <i>As práticas corporais estão aí para que a gente tenha um aparato, para que você siga [...]</i></p> <p>PI-126: <i>[...] você tem que se reinventar tendo as práticas corporais, incluindo os alunos com deficiência, incluindo as meninas, tratando todos por igual para que dessa</i></p>	<p>PI-138: <i>[...] imagina se, hipoteticamente, o professor de Educação Física tivesse mais horas aulas em cada turma, nós teríamos uma presença maior, eu acredito que sim, eu consigo perceber [...]</i></p> <p>PI-160: <i>[...] escuto relatos de alunos, “ah eu só vim hoje por causa da aula de Educação Física, ah, amanhã não venho, nem tem Educação Física” [...]</i> In-2</p> <p>PI-139: <i>[...] a Educação Física em si, independentemente do professor, ela atrai o aluno pra escola, e eu acho de fundamental importância, é um elemento crucial no resgate dos alunos.</i></p> <p>PI-140: <i>partindo de gestores, ela (inclusão) teve um aumento, uma intensificação na intenção de incluir, mas isso não quer dizer que a inclusão aconteceu [...]</i></p> <p>PI-141: <i>[...] foram intensificadas as formas de incluir antes da situação que a gente se deparou, pós-pandemia, que era visível a ausência dos alunos na escola, foi intensificado, mas isso não quer dizer que realmente tenha incluído.</i></p> <p>PI-142: <i>[...] as práticas corporais elas atraem, elas são atrativas [...] despertam nos estudantes um certo prazer, uma certa alegria e isso atrai, isso faz com que eles venham permanecer na escola, desperta o interesse de participar de eventos em que a escola realiza e acaba por fim contribuindo com a inclusão.</i></p>
--	--

<p><i>forma</i> você possa ter uma Educação Física para todos.</p> <p>PI-127: <i>A Educação Física deve contribuir justamente, como disse agora, resgatando os alunos, dando a importância que é as aulas de Educação Física, mostrando a importância que é de se ter o coleguinha junto [...]</i></p> <p>PI-128: <i>[...] uma vez até passei um vídeo para eles, que era uma corrida, foi até sobre o atletismo, quando o atleta caiu, aí pausei o vídeo e falei para eles que é muito importante não só ver pelo lado instinto de que poderia vencer a corrida, ele poderia vencer, mas o outro atleta parou, e ajudou o colega, então, para ele aquilo foi mais gratificante até mesmo do que ganhar a medalha, então, voltando pro lado da inclusão é isso, você resgatar os valores das pessoas, e da importância do outro, de resgatar a essência do aluno, resgatar aquelas práticas corporais em que seja atrativo pra ele, e tentando buscar aquela essência do aluno, o companheirismo, do conjunto.</i></p>	
--	--

LEVANTAMENTO DOS PRÉ-INDICADORES	
PERGUNTA GUIA: PARA ENCERRAR, GOSTARIA DE SABER SE VOCÊ QUER FALAR MAIS ALGUMA, FIQUE À VONTADE.	
JOSÉ	NATIVO
<p>PI-144: <i>acho que aflige todo professor de Educação Física, que é a importância de nós professores de Educação Física na escola, ser reconhecido, ter propostas para que possamos melhorar nossas aulas, recursos para que a gente possa trabalhar de uma forma digna, para que a gente possa resgatar os alunos [...]</i></p> <p>PI-145: <i>[...] não adianta falar de inclusão, sem que há o que se fazer, é muito bonito falar, é muito bonito tá no papel, mas tem que ser feito [...]</i></p> <p>PI-146: <i>[...] sou novo na área, mas eu já tenho uma carga de decepções enormes da realidade [...]</i></p> <p>PI-147: <i>[...] os professores que são mais velhos que eu costumam dizer assim, “se</i></p>	<p>PI-150: <i>[...] a Educação Física ela realmente tem contribuído, mas mesmo diante da contribuição que ela vem dando no processo de inclusão de alunos, não só na disciplina, como também na participação de eventos que a escola atribui, mesmo diante desses valores que existe dentro da disciplina que possa atrair os alunos [...]</i></p> <p>PI-151: <i>[...] nunca é descartado a possibilidade de uma formação, de uma formação continuada que possibilite o professor dá mais condições a inclusão dos alunos na escola, isso é fato, isso acontece em todo lugar e eu acho de alta relevância um processo de formação continuada.</i></p>

*acostume, é só o começo, você ainda é novo”, só que eu não queria me acostumar com isso, porque eu não acredito que esse seja o caminho de nós professores, a gente batalha para o que é bom, não é ruim você pensar que quer uma melhoria para uma sala de aula, uma melhoria para a escola [...]*

*PI-148: [...] a importância que o professor de Educação Física tem, todos esses assuntos que você abordou aqui na sua pesquisa são de suma importância, para a inclusão [...]*

*PI-149: [...] a necessidade de ter esses alunos inclusos na sala de aula, ter os recursos para que possa trabalhar, muitos falam que é importante, mas não tem isso aqui na nossa realidade [...]*

## APÊNDICE F - QUADRO COM A SISTEMATIZAÇÃO DOS INDICADORES

SISTEMATIZAÇÃO DOS INDICADORES	
INDICADORES	PRÉ – INDICADORES
<b>MATERIAL DIDÁTICO:</b> a escola não tem, mas é adquirido pelo professor	<p>PI-44: [...] <i>nós professores de Educação Física se deparando [sic] com um material (para inclusão) desse, é como se estivesse abrindo uma luz na cabeça, daí você começa a desbloquear várias ideias e várias outras coisas, então acho muito importante e sinto falta disso. (José)</i></p> <p>PI-41: [...] <i>todos os materiais que eu uso nas minhas aulas de Educação Física são didáticos que a escola não tem [...] (José)</i></p> <p>PI-43: [...] <i> você tendo esse material (para inclusão) você tá amparado por uma certeza [...] porque ali vai ter relatos de pessoas que já presenciaram, de estudiosos e de pessoas que vão trazer ciência para isso [...] (José)</i></p> <p>PI-42: [...] <i> uso meu computador pessoal ou pesquiso pelo da escola, faço anotações, imprimo algum documento que eu vá usar em sala de aula, mas recurso mesmo didático eu não tenho. (José)</i></p> <p>PI-170: [...] <i> uso o livro que eu tenho do professor de Educação Física, o qual os alunos não têm, mas os professores têm. Então tento seguir aquela sequência que é bem-feita, é muito interessante [...] embora a realidade daquele livro é totalmente diferente da nossa [...] (José)</i></p> <p>PI-172: [...] <i> isso dificulta muito o andar da escola [...] e tem tornando muito difícil e, outros aspectos, a falta de material, a falta de recurso, a onda de calor [...] e muitos outros fatores. (José)</i></p> <p>PI-167: [...] <i> a gente não tem tanta essa cultura da ginástica, mas é um conteúdo que eu gosto de trabalhar, o atletismo, eu sinto muita falta de recursos pra que pudesse entregar para os alunos aquilo que é proposto. (José)</i></p> <p>PI-151: [...] <i> nunca é descartada a possibilidade de uma formação, de uma formação continuada que possibilite o professor dar mais condições à inclusão dos alunos na escola, isso é fato, isso acontece em todo lugar e eu acho de alta relevância um processo de formação continuada. (Nativo)</i></p> <p>PI-158: [...] <i> eu tento improvisar com material descartável, qualquer coisa pra que a gente possa vivenciar de maneira íntegra a cultura corporal. (Nativo)</i></p> <p>PI-46: [...] <i> tem que tá voltada mais [sic] para realidade escolar (material didática) principalmente pelas escolas</i></p>

	<i>públicas do nosso país, porque a escola pública é onde que eu costumo dizer que o professor de Educação Física aprende ser professor [...]</i>
--	---

SISTEMATIZAÇÃO DOS INDICADORES	
INDICADORES	PRÉ – INDICADORES
<b>EDUCAÇÃO FÍSICA: é crucial para a formação do indivíduo, mas não é valorizada</b>	<p><b>PI-2:</b> [...] <i>eu acredito que a Educação Física é de suma importância para todos os alunos. (José).</i></p> <p><b>PI-11:</b> [...] <i>eu sinto isso como uma falta muito grande, que era pra ser bem mais vista pelas pessoas que comandam a Educação da nossa cidade. (José).</i></p> <p><b>PI-21:</b> <i>Bom, a Educação Física, como já tinha dito, ela é de suma importância para a formação de um aluno, né? Tanto para levar para cidadania como pessoa, também como aluno [...]</i> (José).</p> <p><b>PI-23:</b> [...] <i>a gente deve tirar daquele conceito que a Educação Física é jogar bola, né? Querendo ou não, a gente tem muito disso aqui na nossa cidade, na nossa região, as escolas que já passei, os alunos não querem muito enxergar a Educação Física como uma disciplina de formação [...]</i> (José).</p> <p><b>PI-24:</b> [...] <i>a gente como professor e tem entendimento disso, tem que passar essas questões para eles, explicar que a Educação Física não é só aquilo, que envolve outros requisitos também, como outras práticas corporais. (José)</i></p> <p><b>PI-127:</b> <i>A Educação Física deve contribuir justamente, como disse agora, resgatando os alunos, dando a importância que é as aulas de Educação Física, mostrando a importância que é de se ter o coleguinha junto [...]</i> (José)</p> <p><b>PI-118:</b> <i>A Educação Física entra no pós-pandemia com a necessidade de socializar essas pessoas (José).</i></p> <p><b>PI-120:</b> [...] <i>a Educação Física, por ser uma disciplina que permite um contato maior, seja elas nas aulas, seja na recreação, é de suma importância para que isso aconteça, para que esse pós-pandemia tenha uma cara diferente, que a gente consiga resgatar os nossos alunos como era antes. (José)</i></p> <p><b>PI-15:</b> [...] <i>só que ainda tem alguns pontos a serem melhorados, não com relação com o professor, mas sim, a atenção do aluno, do respeito e isso tá faltando. (Nativo)</i></p>

	<p>PI-20: <i>A Educação Física não é valorizada, não em questão financeira [...] todos ganham o mesmo valor salarial [...] mas a gente precisa de material. (Nativo)</i></p> <p>PI-49: <i>Eu acredito que a Educação Física em si contribui o processo de formação completa do indivíduo [...](Nativo)</i></p> <p>PI-154: <i>[...] a Educação Física tem um papel crucial na participação do educando desde sua entrada na escola [...](Nativo)</i></p> <p>PI-155: <i>[...] é importante para o desenvolvimento, não só das condições motoras, como também das condições cognitivas, das qualidades humanas, dentre elas o respeito, a amizade, companheirismo, solidariedade e entre outras qualidades [...] (Nativo)</i></p> <p>PI-50: <i>[...] eu acredito que a Educação Física é uma disciplina crucial pra essa formação, se você parar pra pensar, não vê o desenvolvimento de certas qualidades humanas, como também corporais, da cultura corporal em outras disciplinas [...] (Nativo)</i></p> <p>PI-51: <i>[...] acho crucial a participação da Educação Física na formação do cidadão.</i></p> <p>PI-139: <i>[...] a Educação Física em si, independentemente do professor, ela atrai o aluno pra escola, e eu acho de fundamental importância, é um elemento crucial no resgate dos alunos. (Nativo).</i></p> <p>PI-136: <i>Eu acredito que seja crucial, indispensável, a Educação Física, seria algo que com toda certeza seria uma carta especial, é um trunfo que a gente tem, que a gente não, que a escola tem [...] (Nativo).</i></p> <p>PI-160: <i>[...] escuto relatos de alunos, “ah eu só vim hoje por causa da aula de Educação Física, ah, amanhã não venho, nem tem Educação Física” [...] (Nativo).</i></p>
<b>SISTEMATIZAÇÃO DOS INDICADORES</b>	
<b>INDICADORES</b>	<b>PRÉ – INDICADORES</b>
<b>ESTRATÉGIAS REALIZADAS: aula diferenciada desperta o interesse dos alunos</b>	<p>PI-28: <i>[...] procuro sempre saber como eles estão, é, tá fazendo uma aula diferenciada pra tirar daquela zona de quadra, pra que possa trazer também outros aspectos da sociedade para dentro da sala de aula [...] (José)</i></p> <p>PI-30: <i>[...] professor tem que saber diferenciar isso, para que ele cativasse aquele aluno pra que não seja só uma aula dada, só por mais 50 minutos que você jogou ali e foi embora, não,</i></p>

*a gente tem que ter todo um contexto, tem que ter toda uma disciplina para que eles permaneçam na aula, sintam interesse, por isso que é bom a gente sempre estar trazendo conteúdos atuais, de acordo com a realidade deles, trazendo também para a realidade da Educação Física [...](José)*

PI-37: *Eu tento sempre buscar aqueles conteúdos, claro que seguido os parâmetros, buscar aqueles conteúdos cativantes, como brincadeiras para que todos possam participar [...] que cative o aluno para participar de uma forma geral (José).*

PI-36: *[...] quando começo meu plano, eu já penso logo o que vou usar, se eu tenho aquele recurso, e se eu posso adaptar para meninos e meninas, para pessoas com deficiência e isso vem desde da nossa formação, a gente aprende a fazer, e eu com certeza faço isso. (José).*

PI-25: *[...] volto a falar sobre as questões das formações contínuas que é aí que as formações poderiam entrar, como nós professores que está em sala de aula, poderia ter essa ajuda [sic], essas formações, esses momentos para que pudesse estimular esses alunos, aprender e para trazer a sala de aula, né? (José)*

PI-123: *[...]a gente tem que deixar bem clara na sala a importância do trabalho em equipe, a importância de ter o outro em sua aula, a importância de trabalhar em conjunto [...](José)*

PI-34: *[...] a Educação Física é isso, é você entregar não só para um grupo de pessoas, mas para todas as pessoas, sejam elas quem for, a gente tem que entregar por igual [...](José)*

PI-19: *[...] eu mesmo busco nas universidades por forma de EaD alguns cursos online pra tentar estar por dentro do que vem inovando, no que vem modificando, que vem aparecendo, para que eu possa ter uma possibilidade de administrar*

	<p><i>minhas aulas de forma agregar mais conhecimento, participação entusiasmo. (Nativo)</i></p> <p>PI-63: [...] <i>a gente se depara com situações que realmente você precisa se envolver com planos e estratégias para resgatar esse aluno que está fora e se sente excluído. (Nativo)</i></p> <p>PI-66: [...] <i>eu costumo ver qual a realidade que eles vivem, porque mesmo diante de uma abordagem pré-estabelecida e dependendo do conteúdo a ser abordado, eles têm uma visão diferente, assim posso trabalhar em cima da visão deles [...] (Nativo).</i></p> <p>PI-158: [...] <i>necessita de uma manobra, de algum planejamento mais específico diante da introdução de atividades que possam atrair o aluno que não quer mais participar das atividades [...] (Nativo).</i></p> <p>PI-67: [...] <i>diante daquele conhecimento prévio que ele tem em sua vida, uma coisa que vivenciou que pode agregar um valor diante aquilo que até mesmo eu não conhecia, que aconteceu numa vivencia, que pode ser a mesma coisa que venha trabalhar, só que foi vista de forma diferente, eu acho altamente importante assim... abrir um leque de informação para os demais [...] (Nativo)</i></p> <p>PI-166: [...] <i>eu procuro sempre estar me capacitando aos poucos porque, quer queira ou não, sempre agrega conhecimento, por mais que você venha a ter uma certa bagagem, sempre vem algo novo, algo que você pode utilizar que na maioria das vezes dá certo. (Nativo)</i></p>
--	--

SISTEMATIZAÇÃO DOS INDICADORES	
INDICADORES	PRÉ – INDICADORES
	<p>PI-8: [...] <i>as práticas corporais têm que estar presentes no curso de Educação Física, até porque o nosso curso é movimento, né? Acho que é, acho não, entendo que é uma das mais importantes pra gente, é a questão do movimento, trazer, trabalhar com esses alunos a questão do movimento, da</i></p>

**PRÁTICAS CORPORAIS:  
movimento, envolve  
ludicidade, cria elo de  
proximidade, necessita de  
recursos**

*conscientização corporal* desses alunos, através da dança, dos esportes radicais, até mesmo do futsal e do futebol, que é o que eles mais gostam de fazer. (José)

PI-22: [...] *as práticas corporais devem ser reinventadas diariamente, frequentemente contínuas, porque os alunos, eles precisam dessa empolgação para que eles se adaptem às aulas de Educação Física [...]* (José)

PI-125: *As práticas corporais estão aí para que a gente tenha um aparato, para que você siga [...]* (José)

PI-60: [...] *aqueles que resistem à prática, não, não quero participar e tal, mas, a gente tenta relacionar algumas atividades que possam atrain-los, possibilitando a participação [...]* (Nativo)

PI-152: *nas práticas corporais, principalmente que envolvem ginástica, a gente precisa de material [...]* (Nativo)

PI-153: [...] *não tem condições da gente praticar certas práticas corporais sem material, existe uma carência, o aluno vai ficar descoberto dessas informações e para isso, requer uma maior participação, um maior investimento.* (Nativo)

PI-58: [...] *ainda existe uma certa resistência às práticas não por motivo da falta de inclusão, mas por resistirem mesmo à prática porque a condição de propiciar a inclusão pra todos ela existe.* (Nativo)

PI-157: [...] *a gente se depara com alunos que não querem mais realizar as práticas corporais [...]* (Nativo)

PI-107: [...] *me deparei com alunos pequenos que participavam das práticas, que agora dois anos depois no nono ano oitavo ano, eles não têm mais essa afinidade com as práticas corporais, se distanciou, se apegou [sic] mais no comodismo, o ficar no celular pra ele é o suficiente.* (Nativo)

PI-142: [...] *as práticas corporais elas atraem, elas são atrativas [...]* *despertam nos estudantes um certo prazer, uma certa alegria e isso atrai, isso faz com que eles venham permanecer na escola, desperta o interesse em participar de eventos que a escola realiza e acaba por fim contribuindo com a inclusão.* (Nativo)

PI-171: [...] *envolve momento de ludicidade, não é só a prática esportiva em si, a prática do movimento, mas intrinsecamente envolve um momento de ludicidade onde eles se divertem, você se diverte e aí acaba criando um elo de troca de informação e de proximidade.* (Nativo)

PI-54: [...]  *você consegue realmente se aproximar do aluno, conhecer o aluno, saber de suas deficiências, das suas*

	<p><i>dificuldades, falo da deficiência porque falo das dificuldades que eles enfrentam tanto dentro da escola, como em sua realidade na sua comunidade. (Nativo)</i></p> <p>PI-156: [...] <i>temos as artes que se aproximam, mas não como a Educação Física, que pega todo o mundo relacionado à cultural corporal do movimento [...]</i> (Nativo)</p>
--	--

SISTEMATIZAÇÃO DOS INDICADORES	
INDICADORES	PRÉ – INDICADORES
<p><b>INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA: nas aulas remota, é bem pior</b></p>	<p>PI-81: [...] <i>na minha visão, eu acho que foi mais decadente, ou seja, teve uma queda porque se já não se tinha, já era difícil trabalhar presencialmente a inclusão quando se tem diferentes pessoas em sala de aula, imagina aí quando era online, quando você não estava com aquela pessoa, querendo estimular ela, que você não tinha ajuda de outras pessoas para poder estimular essas crianças a participarem [...]</i> (José)</p> <p>PI-71: [...] <i>a gente tem outra realidade porque, querendo ou não, eles estavam online, e como se trabalha a Educação Física no mundo virtual? É difícil, é você se reinventar enquanto professor [...]</i>(José)</p> <p>PI-82: [...] <i>os pais também querem o conforto dos filhos, né? Não se sabe também como era que os pais tratavam a importância dessas aulas com os filhos em casa. (José)</i></p> <p>PI-112: <i>as mudanças vêm [...] com a perda da presença desses alunos [...] a gente tem sim um número de alunos que tem alguma dificuldade, que precisa ser incluído [...]</i> (José)</p> <p>PI-115: [...] <i>essa inclusão não teve, porque não tinha conhecimento em relação às situações, ou seja, eles tinham um coleguinha que precisava ser incluído ou então o mesmo precisava ser, eles não tiveram o convívio para que pudessem entender as diferenças. (José)</i></p> <p>PI-100: [...] <i>se no presencial a gente enfrenta dificuldade, no virtual é bem pior, pior mesmo, porque a gente sabe que alguns alunos simplesmente diz que não vai participar [sic] e pronto, por mais que você se esforce, convide, chame, vamos participar dessa aula, vamos participar dessa videoaula, todo mundo presente e tal, mas alguns recusavam, não sei o real motivo [...]</i>(Nativo)</p> <p>PI-99: [...] <i>você fez seu papel, realizava, programava, mandava vídeo, vídeos de exercícios, no caso a gente executando, pessoas executando também, para que eles pudessem ver as várias formas que poderiam executar o movimento, só que não tinha esse feedback. (Nativo)</i></p>

	<p>PI-104: [...] <i>não foi aquilo, nossa como foi bom o ensino a distância, os alunos realmente absorveram tudo aquilo que a gente queria? Não, infelizmente. (Nativo)</i></p> <p>PI-101: [...] <i>diante da realidade [...] a gente se deparou com muitos alunos que não tinham condições financeiras de ter o acesso à mídia, entendeu? Não têm acesso às informações, alguns alunos iam pegar o material na escola, material que era tipo, fazer uma pesquisa direcionada porque não tinha aparelho celular, não tinha nem uma tela pra poder fazer, acompanhar as aulas entendeu, também tinha esse ponto que isso acaba dificultando [...]</i> (Nativo)</p> <p>PI-135: [...] <i>se existisse um mecanismo ou alguma maneira que a gente pudesse agregar mais informações, que pudessem facilitar ainda mais a condição do aluno, despertar o interesse em permanecer na escola e em vir pra escola, isso seria de grande valor. (Nativo)</i></p>
--	--

SISTEMATIZAÇÃO DOS INDICADORES	
INDICADORES	PRÉ – INDICADORES
<p><b>INCLUSÃO E GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA: meninos têm mais interesse nas práticas corporais, atividades não diferenciadas</b></p>	<p>PI-163: [...] <i>tem um número significativo de meninos e meninas [...]</i> (José)</p> <p>PI-33: [...] <i>a gente tem que ter a inclusão não apenas levando pro lado da deficiência, mas também para lado do gênero feminino e masculino [...]</i> (José)</p> <p>PI-159: [...] <i>os meninos são mais adeptos às práticas corporais do que as meninas, isso já é um fato desde a minha formação até agora pra realidade de sala de aula [...]</i> (José)</p> <p>PI-164: [...] <i>eu não diferencio atividade de menino e atividade de menina, embora eles queiram taxar isso como futebol de meninos e carimbada de meninas, mas eu não deixo, se a menina quer participar eu dou espaço a ela e se não quer participar eu não pego na mão e obrigo ela a participar, eu não digo somente ela, mas no sentido geral. (José)</i></p> <p>PI-165: <i>os meninos têm mais interesse nas práticas corporais do que as meninas [...] é de suma importância levar para todos eles. (José)</i></p> <p>PI-38: [...] <i>recentemente a gente teve os jogos intercalasses aqui na escola e foi dito que as meninas poderiam jogar desde que tivesse um número x de meninas e elas acabaram nem participando, pois só queriam jogar carimbada, aí alguns meninos pediram pra jogar carimbada porque não se identificavam com o futsal [...]</i>(José)</p>

	<p>PI-39: [...] <i>a gente começou a trabalhar nas aulas de Educação Física de que não existe isso, de que é esporte para meninos e esporte para meninas [...]</i> (José)</p> <p>PI-40: [...] <i>ainda existe aquele tabu que futebol é para meninos, e que menina não joga esse tipo de coisa, que querendo ou não, são coisas enraizadas e cabe a nós professores de Educação Física tentar mudar isso, não é tão fácil, mas a gente tenta.</i> (José)</p> <p>PI-56: [...] <i>ainda existe em alguns lugares uma certa exclusão do público feminino nas práticas corporais [...]</i> (Nativo)</p>
--	---

SISTEMATIZAÇÃO DOS INDICADORES	
INDICADORES	PRÉ – INDICADORES
<p><b>INCLUSÃO NAS PRÁTICAS CORPORAIS: não é tarefa fácil, crianças com laudo, companheirismo do conjunto</b></p>	<p>PI-35: <i>A inclusão na sala acontece, nas minhas aulas, acontece desde a hora que entro, a questão de tratar todo mundo por igual, não ter aquela diferença nas práticas em quadra, levar sempre atividades em que eles sintam gosto de participar, que abranja tanto os meninos como as meninas e que seja harmônico, que não seja uma coisa forçada, tem que ser uma coisa que seja boa para todos.</i> (José)</p> <p>PI-32: [...] <i>em relação à inclusão, eu posso dizer que é mais a questão de crianças que têm laudo, que têm autismo, a gente tem um grande número de alunos com deficiência [...]</i>(José)</p> <p>PI-88: <i>Deixando bem claro que todos somos iguais, que não existe essa diferença entre os alunos, passando para nós professores tentar sempre incluir as crianças [...]</i>(José)</p> <p>PI-89: [...] <i> você tem que ter um olhar diferente, um olhar de respeito e de inclusão, você tem que colocar essas pessoas para participar, trazê-los pra perto da escola [...]</i> (José)</p> <p>PI-91: <i>Não é uma tarefa fácil, a gente também tem um grande número de crianças que têm problemas, né?, e está cada vez mais aparecendo o número de crianças com dificuldades cognitivas e outros aspectos como autismo, transtorno [...]</i> (José)</p> <p>PI-119: [...] <i>é nas aulas de Educação Física que a gente precisa incluir as pessoas, não só incluir, como também saber conviver com os alunos, com a realidade do outro, com as diferenças [...]</i> (José)</p> <p>PI-122: [...] <i>eu gosto de quando falo de inclusão, de falar mais desses que tem problemas mais difíceis de se trabalhar, como, por exemplo, os problemas cognitivos ou alguma deficiência, a gente não tem um aluno aqui que tenha uma</i></p>

	<p><i>deficiência como paralisia, é mais dificuldades cognitivas mesmo. (José)</i></p> <p>PI-148: [...] <i>a importância que o professor de Educação Física tem, todos esses assuntos que você abordou aqui na sua pesquisa são de suma importância, para a inclusão [...]</i> (José)</p> <p>PI-128: [...] <i>uma vez até passei um vídeo para eles, que era uma corrida, foi até sobre o atletismo, quando o atleta caiu, ai pausei o vídeo e falei para eles que é muito importante não só ver pelo lado instinto de que poderia vencer a corrida, ele poderia vencer, mas o outro atleta parou, e ajudou o colega, então, para ele aquilo foi mais gratificante até mesmo ganhar a medalha, então, voltando pro lado da inclusão, é isso, você resgatar os valores das pessoas, e da importância do outro, de resgatar a essência do aluno, resgatar aquelas práticas corporais em que seja atrativo pra ele, e tentando buscar aquela essência do aluno, o companheirismo, do conjunto.</i> (José)</p> <p>PI-126: [...] <i> você tem que se reinventar tendo as práticas corporais, incluindo os alunos com deficiência, incluindo as meninas, tratando todos por igual para que dessa forma você possa ter uma Educação Física para todos.</i> (José)</p> <p>PI-55: <i>A inclusão de forma, eu sempre defendi que todos têm direito, independentemente da sua capacidade, ninguém nasce sabendo de tudo, todos têm direito à participação, independentemente da capacidade física, então, pra mim, a inclusão é crucial [...]</i> (Nativo)</p> <p>PI-150: [...] <i>a Educação Física ela realmente tem contribuído, mas mesmo diante da contribuição que ela vem dando no processo de inclusão de alunos, não só na disciplina, como também na participação de eventos que a escola atribui, mesmo diante desses valores que existe dentro da disciplina, que possa atrair os alunos [...]</i> (Nativo).</p> <p>PI-62: [...] <i>a inclusão nas atividades, [...] acontece, não vai ser diferente das práticas em quadra, em um ambiente aberto, vai ter aqueles que costumam evitar, sempre vai existir um ou dois que evitam a participação.</i> (Nativo)</p>
--	---

SISTEMATIZAÇÃO DOS INDICADORES	
INDICADORES	PRÉ – INDICADORES
	<p>PI-145: [...] <i>não adianta falar de inclusão, sem que há o que se fazer, é muito bonito falar, é muito bonito tá no papel, mas tem que ser feito [...]</i> (José)</p> <p>PI-90: [...] <i>eu acho que a escola tenta resgatar essas crianças.</i> (José)</p>

<p><b>INCLUSÃO NA ESCOLA:</b> deveria existir, mas não consegue atingir a todos</p>	<p>PI-149: [...] <i>a necessidade de ter esses alunos inclusos na sala de aula, ter os recursos para que possa trabalhar, muitos falam que é importante, mas não tem isso aqui na nossa realidade [...] (José)</i></p>
	<p>PI-168: [...] <i>eu vejo que eles (Alunos) não são muito de incluir o coleguinha, principalmente aquele que tem deficiência cognitiva ou outra dificuldade. (José)</i></p>
	<p>PI-87: <i>É um desafio (inclusão) para a escola, tanto para a escola quanto para o núcleo gestor da escola, é desafiador, porque a gente tem vindo de uma onda de indisciplina na escola, não todos, mas a gente tem uma onda de indisciplina grande na escola [...] (José)</i></p>
	<p>PI-69: [...] <i>tanto a inclusão, como a exclusão, dá pra perceber que existem, alunos que motiva os demais na prática, a convidar, como também existem alunos que excluem (Nativo)</i></p>
	<p>PI-130: [...] <i>essa preocupação deve existir de incluir, fazer com que o aluno faça parte de todo o processo, mesmo se não tivesse acontecido a pandemia isso já deveria existir [...] (Nativo)</i></p>
	<p>PI-134: [...] <i>eu percebo a intenção vinda tanto dos gestores quanto dos professores em incluir. Ela existe, de fato existe, mas só que assim, ela acaba não sendo tão eficiente quanto deveria [...] (Nativo)</i></p>
	<p>PI-131: [...] <i>atualmente a gente vê uma certa preocupação (de incluir) alguns certos direcionamentos, mas infelizmente eles não conseguem atingir a todos. (Nativo)</i></p>
	<p>PI-141: [...] <i>foram intensificadas as formas de incluir antes da situação que a gente se deparou, pós-pandemia, que era visível a ausência dos alunos na escola, foi intensificado, mas isso não quer dizer que realmente não tenha incluído. (Nativo)</i></p>
<p>PI-140: <i>partindo de gestores, ela (inclusão) teve um aumento, uma intensificação na intenção de incluir, mas isso não quer dizer que a inclusão aconteceu [...] (Nativo)</i></p>	

SISTEMATIZAÇÃO DOS INDICADORES	
INDICADORES	PRÉ – INDICADORES
	<p>PI-74: [...] <i>eu não sei de fato o que aconteceu com essas crianças, mas eles não dão tanta importância como era antes para as aulas, isso em todos componentes [...] (José)</i></p>

<p style="text-align: center;"><b>INCLUSÃO NO RETORNO DAS AULAS PRESENCIAS: a educação física é a chave para resgatar os alunos</b></p>	<p>PI-76: [...] então, é algo que precisa ser estudado, porque não se sabe ao certo o que está acontecendo, porque é uma gama de desinteresse, você não vê mais o interesse deles em participar, eles têm assim, tanto faz se participar ou não. (José)</p> <p>PI-77: <i>Consigno perceber essas diferenças na escola, você consegue perceber o desinteresse como falei antes, e, eles não têm mais aquela vontade de participar [...]</i> (José)</p> <p>PI-117: [...] acho que a pandemia tornou as pessoas mais individualistas, acho que pelo fato do isolamento social. (José)</p> <p>PI-78: [...] nos meus estágios, eu peguei na época que não foi na pandemia, e eu percebia que os alunos eram muito à vontade em relação às práticas, principalmente quando você chegava na escola, eles já perguntavam “hoje tem o quê, professor?” e voltando depois da pandemia como professor, percebo que eles não têm interesse, desde que o interesse seja dele, o que ele quer fazer então tem interesse, não quer fazer, então não tem importância [...] (José)</p> <p>PI-83: <i>O professor de Educação Física é a chave para o retorno desses alunos [...]</i> (José)</p> <p>PI-124: [...] eu, como professor, preciso resgatar a essência desses alunos, a importância que se dá ao trabalho em sociedade, em conjunto. (José)</p> <p>PI-108: [...] esse longo período de ausência das práticas corporais acaba desenvolvendo o sedentarismo e, quer queira ou não, para algumas pessoas o comodismo de ficar sem fazer nada é muito bom, pra outras pessoas a diversão, a prática de movimento faz falta [...] (Nativo)</p> <p>PI-109: [...] infelizmente, essa falta de movimento tem envolvido mais gente, muitas pessoas, muitos alunos, os educandos estão dentro dessa linha de sedentarismo. (Nativo)</p> <p>PI-93: [...] depois da pandemia, os meninos, principalmente os mais novos, não tiveram a iniciação às práticas corporais, eles apresentam uma certa dificuldade para participar, eles apresentam uma certa recusa, eu acredito, que deve ser pelo tempo que eles passaram isolados, pelo tempo que passaram em telas, em aparelhos eletrônicos e isso gerou um comodismo [...] (Nativo)</p> <p>PI-111: <i>A escola em si enfrentou algumas dificuldades até mesmo porque não era do interesse deles, uma parte sim, vou colocar um percentual, acredito que uns 30% queriam voltar às práticas presenciais, mas o restante não, e diante disso tanto a escola, e nós professores enfrentamos certa</i></p>
---	---

	<p><i>dificuldade pra conquistar o aluno ao retorno dessas aulas presenciais, mas enfrentamos algumas dificuldades. (Nativo)</i></p> <p>PI-132: <i>[...] o ensino dos professores continua o mesmo, mas existe um grande desinteresse dos alunos em participar, a gente não vê aquela motivação, é sempre criando situações que possam permanecer em casa, que possam ir pra casa, a palavra que vai mais é o desinteresse dos alunos. (Nativo)</i></p> <p>PI-116: <i>[...] embora a gente já tenha um período de pós-pandemia [...] mas o convívio deles não é como era antes, digamos assim, eles tinham aquela necessidade de estar com outras pessoas, muitos alunos hoje não se importam com o colega, se ele está bem ou não, se vai participar da atividade ou não [...]</i> (José)</p> <p>PI-121: <i>[...] na minha realidade ela retrocedeu (inclusão), justamente por isso, porque se vinha fazendo um trabalho, teve essa grande pausa, a realidade mudou, o ensino mudou e as crianças mudaram, e a gente teve a perda, tem ainda da presença dessas crianças na escola</i> (José)</p> <p>PI-92: <i>[...] é mais em torno dessa dificuldade em ter o aluno mais presente para que possa também acontecer a inclusão. (José)</i></p> <p>PI-133: <i>Existe um impacto, porque a evasão ela acontece, é fato, a gente percebe o aluno desistindo, a quantidade de alunos em alguns casos reduziu [...]</i> (Nativo)</p> <p>PI-106: <i>[...] eu acredito que necessitaria de uma formação direcionada para o professor, trazendo informações que agreguem conteúdos que provavelmente funcionem, para que os alunos possam voltar a gostar das práticas pós-pandemia [...]</i> (Nativo)</p> <p>PI-59: <i>[...] algumas ocasiões eu até convido alguns estudantes para que juntos possamos analisar o que seria mais adequado à realidade em que a gente está vivendo, e eu quero escutar o que eles pensam, quero ver o que eles têm a dizer, quero escutar a opinião deles, pra que possa ser construída uma aula agradável para todos [...]</i> (Nativo)</p> <p>PI-61: <i>Diante da realidade atual, a gente tem uma certa dificuldade em questão de espaço, mas as práticas em sala elas fluem facilmente, se fosse um ambiente mais espaçoso, eu acredito que poderia ser melhor [...]</i></p>
--	--

SISTEMATIZAÇÃO DOS INDICADORES	
INDICADORES	PRÉ – INDICADORES
	PI-80: <i>[...] eu consigo levar bem essas práticas, tranquilo para mim, mas eu só sinto falta da participação, do interesse</i>

<p style="text-align: center;"><b>INCLUSÃO NAS PRÁTICAS CORPORAIS NO RETORNO DAS AULAS PRESENCIAS: desinteresse pelas práticas corporais, tentar resgatar o aluno</b></p>	<p><i>e da motivação que eles têm, e em relação às práticas estão sendo tranquilas (José)</i></p> <p>PI-70: [...] <i>quando a gente voltou para as aulas presenciais, que eu iniciei como professor nas escolas, eu percebi o desinteresse dos alunos pelas práticas corporais, e isso vem permanecendo [...]</i> (José)</p> <p>PI-169: [...] <i>através das práticas corporais, através das aulas de Educação Física, a gente pode tentar trazer esse aluno de volta, resgatar esse aluno, tentar fazê-lo ter uma vida ativa novamente, participar das aulas [...]</i> (José)</p> <p>PI-168: [...] <i>diante que a gente vem do pós-pandemia, passou muito tempo afastado, eram realmente jovens pequenos e não tiveram essa iniciação às práticas corporais e acabaram desenvolvendo esse desinteresse pelas práticas corporais [...]</i> (Nativo)</p> <p>PI-102: [...] <i>se de forma presencial a gente enfrenta uma certa dificuldade pra poder trazer esse aluno de volta às práticas que aconteciam antes da pandemia, a distância ainda era mais complicada.</i> (Nativo)</p> <p>PI-94: [...] <i>a gente se depara com algumas ocasiões onde enfrentamos dificuldades na participação.</i> (Nativo).</p> <p>PI-95: <i>Os alunos passaram muito tempo acomodados, muito tempo sem a realização das práticas corporais, é notório [...]</i>(Nativo)</p> <p>PI-57: [...] <i>a inclusão na escola existe, mas ainda enfrentamos alguns jovens que não têm afinidade com as práticas corporais [...]</i> (Nativo)</p> <p>PI-96: [...] <i>tive a oportunidade de estar trabalhando na mesma instituição que estou trabalhando hoje, estava trabalhando antes da pandemia e continuo trabalhando pós-pandemia e isso eu consigo perceber que teve uma mudança, alguns alunos apresentam uma certa dificuldade em participar das práticas corporais.</i> (Nativo)</p> <p>PI-110: [...] <i>a gente enfrentou certas dificuldades porque os alunos não queriam voltar pro ensino presencial, tanto o ensino presencial, como a gente acabou de falar, como para as práticas corporais.</i> (Nativo)</p> <p>PI-97: [...] <i>as práticas corporais eram realizadas no período da pandemia de maneira muito resumida, e aconteciam em aberto, você não tinha a real certeza que seus alunos estavam realizando as práticas direcionadas, por mais que você criasse um vídeo, pessoal vamos fazer esse exercício hoje em casa, você não tinha resposta [...]</i> (Nativo)</p>
---	---

	<p>PI-98: [...] <i>a gente tinha aquele feedback, mas a maioria não, então não tinha algo concreto, se realmente eles participavam, alguns davam o máximo de si para realizar essas atividades, mas só que não tinha um retorno concreto dessas informações, ficava meio que vago [...]</i> (Nativo)</p>
--	--

SISTEMATIZAÇÃO DOS INDICADORES	
INDICADORES	PRÉ – INDICADORES
<p><b>RELAÇÃO ALUNO-PROFESSOR PÓS PANDEMIA:</b> via de troca, certas barreiras</p>	<p>PI-26: <i>A relação com meus alunos é bem afetuosa, claro que dando sempre aquele espaço de professor e aluno, professor que tá sempre à frente e aluno como segundo, certo?</i> (José)</p> <p>PI-27: <i>Eu gosto de ser um professor presente, embora pegue muito no pé, mas a minha relação com os alunos é tranquila, graças a Deus tenho pouco tempo de atuação e pouco tempo de formação, mas eu consigo levar pra eles uma boa imagem como professor</i> (José)</p> <p>PI-171: [...] <i>acho que é um convívio bem saudável com alguns alunos [...]</i> (José)</p> <p>PI-160: [...] <i>infelizmente pós-pandemia eles têm uma certa barreira, eles têm um certo obstáculo a ser superado pra voltar a dar mais atenção aos professores, ter respeito, porque esse tempo que passamos afastados eles perderam, isso na minha opinião, eles perderam essa relação de estar presente com o professor [...]</i> (Nativo).</p> <p>PI-157: [...] <i>só que ainda tem alguns pontos a serem melhorados, não com relação com o professor, mas sim, a atenção do aluno, do respeito e isso tá faltando.</i> (Nativo)</p> <p>PI-52: <i>A relação é uma via de troca muito próxima [...]</i> (Nativo)</p> <p>PI-53: [...] <i>acredito que você venha saber que isso não é novidade, mas o professor de Educação Física, quer queira ou não, acaba sendo mais queridinho da escola [...]</i> (Nativo)</p>

SISTEMATIZAÇÃO DOS INDICADORES	
INDICADORES	PRÉ – INDICADORES
<p><b>PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA:</b> é</p>	<p>PI-1: [...] <i>a nossa profissão ainda tem que ser muito bem vista dentro das escolas principalmente dentro das escolas públicas, né?, devido àquela importância de que algumas pessoas do núcleo gestor e as demais pessoas da escola, tratam a disciplina de Educação Física, mas, diante disso eu acredito muito na minha profissão tanto nos dois caminhos, bacharel e licenciatura</i> (José).</p>

<p><b>um trunfo, não é bem visto, precisa se reinventar, não tem formação continuada</b></p>	<p>PI-3: <i>o professor de Educação Física, a gente, querendo ou não, tem uma realidade não tão interessante, falta recurso, essa realidade eu acho que é de todas as escolas da região do município [...] (José).</i></p> <p>PI-4: <i>[...] é um desafio, o professor tem que se reinventar em todas as aulas, tentar levar aquela aula adaptada à realidade, tipo, tentar seguir uma grade que é proposta para o professor de Educação Física, pra que ele trabalhe isso com os alunos. (José).</i></p> <p>PI-7: <i>A dificuldade está mais na questão da escola se adaptar aos professores de Educação Física e propor isso para os alunos. (José).</i></p> <p>PI-9: <i>[...] eu sinto essa falta das formações continuadas que nem você explicou, para os professores de Educação Física, querendo ou não, a gente não tem aqui, e se tem eu não lembro de ter participado de nenhuma de ser voltado para a Educação Física, tá certo? [...] (José).</i></p> <p>PI-10: <i>[...] a gente tem aí as formações, sempre tem formações pra matemática, sempre tem formações pra português e ciências, e a gente não tem as formações continuada pra poder tá se aprimorando, para poder tá buscando novas ideias com outras pessoas da área que possam tá auxiliando a gente em como trabalhar numa escola pública, como trabalhar com os nossos alunos, com a realidade que a gente tem [...] (José).</i></p> <p>PI-12: <i>[...] a gente precisa se reinventar, tá se reinventando e, querendo ou não, quando a gente tá no ambiente que só é a nossa realidade, a gente acaba que se fechando somente aquilo, quando se tem uma formação ou um formador, seja quem for, vem e traz novas ideias, de novas experiências que ele teve fora da realidade e passa para nós professores, você acaba meio que despertando algo novo que você possa trazer pra sua formação acadêmica, como exemplo; experiência que você precisa passar para sua sala de aula. (José).</i></p> <p>PI-5: <i>[...] a maior dificuldade que tem é essa mesmo, de não ter um amparo maior para o professor de Educação Física. (José)</i></p> <p>PI-84: <i>[...] eu acho que o professor de Educação Física, não só na pandemia, mas em toda a vida, ele é importante na vida dos alunos. (José).</i></p> <p>PI-147: <i>[...] os professores que são mais velhos que eu costumam dizer assim: “se acostume, é só o começo, você ainda é novo”, só que eu não queria me acostumar com isso, porque eu não acredito que esse seja o caminho de nós professores, a gente batalha para o que é bom, não é ruim</i></p>
--	---

*você pensar que quer uma melhoria para uma sala de aula, uma melhoria para a escola [...] (José)*

*PI-144: acho que aflige todo professor de Educação Física, que é a importância de nós professores de Educação Física na escola, ser reconhecido, ter propostas para que possamos melhorar nossas aulas, recursos para que a gente possa trabalhar de uma forma digna, para que a gente possa resgatar os alunos [...] (José).*

*PI-157: [...] se tratando da prática atual, às vezes a gente se sente um pouco castrado, limitado diante da falta de material [...] (Nativo)*

*PI-17: A formação continuada ela acontece em partes, gostar de participar, sim, quanto mais informações, melhor, eu agradeço, mas ultimamente isso vem acontecendo por motivo do Conselho, a universidade daqui convida o conselho [...] mas por parte da instituição na qual trabalho, não. (Nativo)*

*PI-18: Infelizmente, faz muito tempo a área da Educação Física que eu não participei de nenhuma formação continuada direcionada pelo município. É importante, toda formação, inovação que vem agregar conhecimento ao professor [...] (Nativo)*

*PI-137: [...] o professor de Educação Física é um trunfo que a escola tem para atrair ainda mais os alunos [...] (Nativo).*

*PI-105: [...] o professor de Educação Física é aquele professor que mais é querido na escola e tudo mais, em certas ocasiões a gente não enfrenta tantos desafios [...] (Nativo).*

## APÊNDICE G - SISTEMATIZAÇÃO DOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO

<b>SISTEMATIZAÇÃO DOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO</b>	
<b>INDICADORES</b>	<b>NÚCLEO</b>
PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA: é um trunfo, não é bem visto, precisa se reinventar, não tem formação continuada.	Educação Física Na Realidade Escolar
EDUCAÇÃO FÍSICA: é crucial para a formação do indivíduo, mas não é valorizada.	
ESTRATÉGIAS REALIZADAS: aula diferenciada desperta o interesse dos alunos.	
MATERIAL DIDÁTICO: a escola não tem, mas é adquirido pelo professor.	
INCLUSÃO NA ESCOLA: deveria existir, mas não consegue atingir a todos.	Inclusão Na Educação Física E Pandemia Da Covid-19: Do Ensino Remoto Ao Retorno Das Aulas Presencias
INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA: nas aulas remotas, é bem pior.	
INCLUSÃO NO RETORNO DAS AULAS PRESENCIAIS: a educação física é a chave para resgatar os alunos.	
PRÁTICAS CORPORAIS: movimento, envolve ludicidade, cria elo de proximidade, necessita de recursos.	Inclusão Nas Práticas Corporais Pós-Pandemia Da Covid-19: Limites E Possibilidades
INCLUSÃO NAS PRÁTICAS CORPORAIS: não é tarefa fácil, crianças com laudo, companheirismo do conjunto.	
INCLUSÃO E GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA: meninos têm mais interesse nas práticas corporais, atividades não diferenciadas.	
INCLUSÃO NAS PRÁTICAS CORPORAIS NO RETORNO DAS AULAS PRESENCIAIS: desinteresse nas práticas corporais, tentar resgatar o aluno.	
RELAÇÃO ALUNO-PROFESSOR PÓS-PANDEMIA: via de troca, certas barreiras.	

## APÊNDICE H - PLANO – SEQUÊNCIA DIDÁTICA

### TEMA: INCLUSÃO DE GÊNERO NAS PRÁTICAS CORPORAIS

#### OBJETIVOS:

- Proporcionar a inclusão de gênero nas práticas corporais na Educação Física;
- Proporcionar a participação de todos os estudantes nas práticas corporais;
- Desenvolver habilidades motoras dos estudantes;
- Promover a inclusão de todos os alunos nas atividades;
- Promover o trabalho em equipe.

#### CONTEÚDOS:

- Conteúdos utilizados para as atividades seguirão como modelo as unidades temáticas da Educação Física postas pela BNCC, seguidas pelos docentes em suas atividades escolares.

#### ANO/TURMAS:

Anos finais do ensino fundamental (sexto ao nono ano).

#### TEMPO ESTIMADO:

Duas aulas por atividade

#### PREVISÃO DE MATERIAL:

barbante/corda; balde/cesto de lixo; bolinhas de papel, bolas (para os esportes), fitas, vendas, som.

#### HABILIDADES DESENVOLVIDAS

- Desenvolver no aluno o trabalho em equipe, empatia e socialização com as demais pessoas;
- Desenvolver habilidades criativas, permitindo que os alunos possam confeccionar materiais criativos de forma conjunta;
- Oportunizar os estudantes a terem comunicação, interação e compreensão sobre as atividades ministradas, propondo a ideia de que todos podem realizar quaisquer práticas corporais em sala de aula.

#### AULAS – SEQUÊNCIA DIDÁTICA:

Aula 1- Confeção de material:

Aula 2- Acerte o balde;

Aula 3- vôlei infinito;

Aula 4- Pega-pega fugitivo;

Aula 5- flashmob.

## DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES:

### **Aula 1-Confecção de material:**

Para realizar esta aula, o professor dividirá a turma em grupos, cada um ficando responsável por construir um determinado material; nesse ponto, o professor vai estar direcionando os grupos, como fazer e o que fazer. Aqui o docente vai deixar todos à vontade, fazendo a participação do aluno possível em algo que se interessa em fazer.

### **Aula 2- Acerte o balde**

O professor explicará como vai acontecer a atividade, pedindo que façam um círculo, cada aluno, segura uma corda, sendo que as cordas devem estar entrelaçadas, com o balde/certo no centro. A turma terá que carregar o cesto, guiado pelos cordões, e levá-lo a um determinado local, lembrando que o trabalho é em conjunto; portanto, todos devem cooperar.

Variação: para dificultar a atividade, o professor pode colocar dentro do balde/cesto confetes, bolinhas de papel ou até mesmo água.

### **Aula 3- vôlei infinito**

Nesta aula, o professor vai explicar como vai acontecer o vôlei. Inicialmente, o vôlei infinito é um jogo normal do voleibol, porém o objetivo não é apenas pontuar a equipe adversária, mas manter a bola no ar passando ao maior número de pessoas. O professor pode dividir a turma em dois, três ou mais grupos, estabelecendo um tempo limite como meta de número de passes ou passes por jogador.

Variação: Como forma de variação, pode-se trabalhar com toques de três na bola ou saques. Nesse momento, o professor vai pedir que os alunos, em conjunto, desenvolvam estratégias para que todos possam tocar na bola, sendo com três toques ou menos ou com saques. Nessa variação, o professor contará até determinado número ou segundos/minutos; com o passar do jogo, vai diminuindo o tempo.

### **Aula 4- Pega-pega o fugitivo**

O professor inicialmente explicará como a atividade será conduzida, dividindo a turma entre alguns alunos que serão os pegadores e os demais serão fugitivos. Os pegadores só poderão pegar o colega quando estiverem com a bola na mão, os alunos que forem pegos passam a ser pegadores, fazendo a troca com o colega de pegador para fugitivo.

Variação: Para a atividade ficar mais interessante, o professor pode aumentar ou diminuir o número de pegadores ou dividir a turma em quatro grupos e um pegador cada ou aumentar o grau de dificuldade de direcionamento da bola. Esta variação pode ir de acordo com que o docente deseja para sua aula.

### **Aula 5- *Flashmob* – movimentos corpóreos**

Para o *flashmob*, o professor junto, com a turma, escolherá um ritmo e uma música. A ideia é fazer que os alunos vivenciem determinado passo cultural, visando à inclusão de todos. O docente pede que cada um da turma faça um movimento específico de uma prática esportiva com a qual se identifica, em seguida, pegará estes passos e juntará com alguns passos culturais de um ritmo, formando uma coreografia. Depois de ensaiar e montar a coreografia, o professor trará como proposta de fazer um *flashmob* com as turmas no pátio da escola.

Obs. O docente pode fazer uma dinâmica antes para quebrar o gelo de alguns alunos. Esta dinâmica fica a critério do professor.

Varição: Para diferenciar, pode trazer alguns ritmos e fazer *medley* contendo vários estilos musicais, de modo a chamar atenção de todos.

### **AVALIAÇÃO:**

A avaliação das atividades proposta será por meio da participação dos estudantes, e suas interações com as atividades. No fim, teremos uma discussão sobre as aulas ouvindo os alunos sobre determinada atividade.

## APÊNDICE I - OFICINAS PEDAGÓGICAS: NARRATIVAS DOS DOCENTES



Governo do Estado do Rio Grande do Norte  
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE / DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC  
 Campus Central – BR 110 – KM 46 – Rua Prof. Antônio Campos, s/n - Costa e Silva. CEP:  
 59.633- 010 - Caixa Postal 70 - Mossoró – RN Tel: (84) 3314-3452 – FAX: (84) 3314-3452\\

### OFICINA 1- Significações de professores sobre inclusão nas práticas corporais de Educação Física

**PESQUISADOR:** Boa tarde, professores, voltamos rsrs. Bem, essa primeira fase da oficina está direcionada para refletirmos e discutirmos as significações expressadas por vocês durante as entrevistas reflexivas, então darei uma cópia a cada de vocês para a leitura e depois falarmos sobre. Ok?

**JOSÉ:** Olá, Airton. Boa tarde, por mim está tranquilo, que comecem os jogos rsrs

**NATIVO:** Boa tarde, professor. Tudo bem

**JOSÉ:** HUM, que interessante essa minha colocação sobre como a Educação Física não é bem vista pelos gestores da cidade, isso diz muito como a disciplina é tratada nas escolas não apenas do município, mas também no país.

**NATIVO:** Verdade, professor. Vejo que coloquei aqui também a questão, não apenas como é vista, mas também da própria valorização da disciplina nos espaços escolares.

**PESQUISADOR:** É, as falas de vocês mostram bastante esta questão, né? E isso não se resume ao ensino médio na verdade, mas no geral.

**JOSÉ:** Vejo aqui as minhas falas, e percebo o quanto é interessante vermos nossas falas para que possamos perceber as lacunas que ainda precisam ser preenchidas não apenas em questão da Educação Física, mas a inclusão como um todo, né? E aí vem a escola, os pais, e isso tem se tornado frequente. A Educação Física não é valorizada nem pelos os estudantes, mesmo sendo fundamental para a formação dos mesmos.

**NATIVO:** Há tanto a se discutir sobre isso professor, na verdade acredito que podemos caminhar por meio delas (falas) para buscarmos atividades que estejam na nossa realidade. Vejo

que seria uma boa ideia usar nossas falas a nosso favor, mesmo com os desafios que enfrentamos na escola, é notório que nosso papel é imponente e começarmos a elaborar atividades por meio delas pode até fortalecer as nossas práticas e posteriormente as demais pessoas que vão ler o trabalho do Airton.

**PESQUISADOR:** Rsr, acredito que temos um bom direcionamento e quem sabe podemos trazer novos pensamentos para a Educação Física, nada é impossível rsr

**JOSÉ:** Você leu a minha mente agora, Airton rsr

**NATIVO:** É sinal que estávamos entrando em sintonia, então, avante professores rsr

- Olhem, vejo aqui que nossas falas se direcionaram para a inclusão de gênero também e, querendo ou não, é algo bastante presente aqui na escola. Eu acredito que possamos ir por esse caminho, quer queira ou não, infelizmente ainda se torna com frequência a questão do gênero na escola, principalmente nas aulas de Educação Física, então podemos elaborar a sequência didática seguindo esse caminho e elencar as práticas corporais.

**JOSÉ:** Verdade, viu? Acredito que possamos pensar em um assunto que ainda se encontra presente no nosso cotidiano, quer queira ou não, ainda existe um tabu entre meninos e meninas em relação a algumas práticas corporais. E talvez seja esse o caminho pra gente seguir, principalmente quando vivenciamos isso de perto.

**PESQUISADOR:** Pronto, pensando nessa perspectiva de vocês, podemos seguir para a elaboração da sequência didática visando ao processo de inclusão de gênero nas práticas corporais.

**JOSÉ:** Para mim, tá ótimo. Aí podemos trazer essas atividades que possam ser inclusas nas práticas corporais, por exemplo; posto nas unidades temáticas, trazendo aulas para cada uma delas ou escolher aquelas que encontramos mais resistências dos alunos para quebrar esse tabu.

**NATIVO:** É uma boa, gostei. Ou podemos fazer uma sequência com o tema e trazendo como aula 1, aula 2, e a cada aula trazendo um conteúdo diferente.

**PESQUISADOR:** Olha aí, vocês já estão afiados no que pretendem propor para a elaboração da sequência didática rsr, bem, por mim, podemos seguir a linha de pensamento de vocês, de certo modo ela não se difere da minha linha de pensamento rsr. Então combinado, vamos elaborar com foco na inclusão de gênero. Vejo vocês em agosto para iniciarmos os trabalhos.

**JOSÉ:** Até em agosto, Airton. Bom que daqui pra lá dá para descansarmos nas férias rsr

**NATIVO:** Sim, sim, descansar a mente para voltarmos com energia e continuarmos aos trabalhos, mas acredito que Airton não terá férias tão cedo devido à demanda da pesquisa, até em agosto rsrs

**PESQUISADOR:** Acho difícil, viu? Mas vou tentar descansar um pouco, rsrs

## OFICINA 2 - Elaboração da sequência didática

**PESQUISADOR:** Boa tarde, professores. Estamos de volta rsrs, bem, hoje iniciaremos a elaboração da sequência didática, na qual juntos vamos pensar em algumas atividades que possam contribuir para a inclusão dentro das práticas corporais, então reitero que vocês optaram por elaborar atividades que estejam voltados para a inclusão de gênero.

**JOSÉ:** Boa tarde, Airton e Nativo. Depois de muita peleja, conseguimos enfim nos reunir para elaborarmos essa sequência.

**NATIVO:** Boa Tarde professores, enfim conseguimos nos reunir rsrs

**JOSÉ:** Estava pensando em a gente trabalhar os jogos e brincadeiras, trazer atividades de recreação, que aí seria mais fácil inserir os meninos e meninas.

**PESQUISADOR:** Eu pensei que podemos também trazer os jogos cooperativos, porque ele traz a coletividade e com isso podemos, por meio deles, trabalhar em cima do gênero, que todos podem participar das práticas corporais. Aí a gente pode também confeccionar matérias, que no caso seria uma aula e posteriormente realizar nas aulas seguintes as demais atividades.

**NATIVO:** Acho que seria interessante irmos por esse caminho, de trazer jogos cooperativos ou jogos e brincadeiras para trazer todos para as atividades.

**PESQUISADOR:** Poderíamos na primeira aula, por exemplo, confeccionar alguns materiais para realizar as atividades, a gente colocar o que será realizado e, juntamente com os alunos, construir alguns matérias, todos juntos, aí a gente já trabalha o princípio da inclusão onde todos estarão engajados na aula. O que acham?

**JOSÉ:** Como se fosse uma introdução, né?, onde a gente confecciona o material com os alunos. Gosto da ideia, estava pensando sobre isso também, aí a gente pode direcionar alguns papéis para aqueles que não se sintam confortáveis, perguntamos o que gostam de fazer para colocá-los dentro da aula, aí já é trabalhada a inclusão, pensei numa atividade interessante que podemos confeccionar para estar trabalhando de modo coletivo, não lembro do nome no momento, mas é tipo assim, você pega um balde, com várias cordas, faz um círculo, aí são várias cordas, elas são todas entrelaçadas, entendeu? Aí fica um balde no meio ou um cesto de lixo, a gente tem

que fazer de maneira que todos, em equipes, levem o cesto até um determinado local. E essa atividade será realizada em conjunto, e aí a gente confecciona o material de modo coletivo, realizar a atividade de modo coletivo.

**PESQUISADOR:** Gostei, e tem várias na verdade que a gente pode pensar em colocar, não necessariamente criar algo novo, entende? A gente pode pegar algo que exista e planejar pra nossa realidade. Pensei como uma sequência dessa atividade, trazer os jogos cooperativos, eles, além de trazer o trabalho em equipe, não trazem a ideia de quem pode participar, podemos passear por diversas práticas corporais com intuito de todos participar [sic] e, trazer os alunos para as práticas que nunca praticaram e assim aguçar a curiosidade.

**JOSÉ:** A aula 1 seria a confecção, né? E essa que falei seria a aula 2.

**PESQUISADOR:** Isso, a gente pode estar fazendo uma continuidade, já que é uma sequência, podemos trazer aulas que possam ter atividades de continuação. A gente parte da confecção e passa para o esporte, como se a aula 1 fosse uma iniciação.

**NATIVO:** Isso, para a terceira aula a gente pode caminhar mais para algo esportivo; podemos trazer algumas atividades de jogos cooperativos trazendo o voleibol como o centro de uma das atividades, sem ser uma evolução de atividades, mas que seja algo pra vivenciar e entender que todos podem participar.

**JOSÉ:** Tenho em mente algumas atividades pré-desportivas visando mais à inclusão de gênero

**PESQUISADOR:** Isso, na fala de vocês a questão do gênero é bem presente, em relação ao futebol e os demais esportes e práticas.

**NATIVO:** Seria interessante trazeremos algumas uma atividade pré-desportiva sobre o futsal ou futebol.

**JOSÉ:** A gente pode trabalhar os jogos pré-desportivos, a carimbada e outros conteúdos relacionados às práticas corporais. Eu pensei em trazer a carimbada, de modo que todos possam participar, trazer uma carimbada diferente do que já estamos acostumados a ver. Onde temos dez toques, por exemplo, divide a turma em duas etc.

**NATIVO:** Por exemplo, podemos fazer uma atividade que possa abraçar todas as unidades temáticas da Educação Física, ou colocar algumas delas, mas seguindo no que José está dizendo, podemos trazer estas atividades que sejam trabalhadas no coletivo, sem ser individual.

**PESQUISADOR:** Pensei em trazer aqui a dança, onde podemos pegar os elementos dos esportes, lutas, ginástica rítmica ou artística e colocar dentro de coreografia, a turma toda será um único grupo e fazemos um flashmob para encerrar.

**JOSÉ:** Bacana, é interessante, a gente pode trazer uma dança popular contendo estes elementos.

**NATIVO:** Massa, podemos trazer alguns elementos das demais práticas dentro de uma coreografia e os alunos podem trazer elementos que mais gostam na ED.

### OFICINA 3 - Feedback dos docentes

**PESQUISADOR:** Boa tarde, professores. Bem, chegamos à última etapa dessa pesquisa, fizemos a entrevista e em seguida a devolutiva delas, as oficinas e a sequência didática... hoje não tem uma pergunta específica na verdade, deixarei vocês livres para falar sobre o processo da elaboração da sequência didática assim como sua aplicação, então, fiquem à vontade para falar sobre.

**JOSÉ:** Boa tarde, Airton. Bom, primeiro falo que achei muito importante e também foi uma experiência agradável. Como você viu e presenciou aplicando as atividades nas turmas e de imediato, os alunos não queriam participar, porque não sabiam até então como iam acontecer as atividades e depois que expliquei a atividade eles ficaram animados, e participaram tanto os meninos quanto as meninas.

- Eu notei que eles se sentiam bastante empolgados com o passar das atividades, seguido o plano da didática, achei que as salas participaram por inteiro, foi nítido o trabalho em equipe para que todos possam chegar no mesmo objetivo, que era colocar as bolas no cesto, ajudar na questão das danças, traçar maneiras de passar rápido a bola para os demais. A gente pode trabalhar com todos os públicos na escola, meninos e meninas, porque são atividades que a gente consegue dar a oportunidade para que todos participem e essa forma de atividade conseguimos trabalhar a inclusão, trazer todos os estudantes para as atividades.

- E isso foi gratificante como professor, ver que sua prática está surtindo efeito, passamos horas planejando e é claro que ficamos com receios da sequência não fluir, mas foi o contrário: os alunos gostaram, participaram, ajudaram o outro, as meninas e meninos ficaram à vontade.

- E é importante destacar a importância desse processo de construção das atividades, desde o momento que sentamos juntos para trazer algumas atividades que possa agregar a inclusão e ser encaixadas com a realidade da nossa escola, com o público da escola, com os poucos materiais disponíveis, o que a gente poderia adaptar, então eu acredito que essa sequência didática foi pensada de acordo com nossa realidade, né?, com o que a escola tem pra ofertar, se dava para trabalhar com todos as turmas.

- Sobre o material, fizemos uma sequência sobre a confecção do mesmo, então na minha experiência, planejamos as atividades de acordo com o que tínhamos aqui na escola, sabendo

da escassez que temos acerca do material, então é tanto que quando fomos elaborar as atividades falei pra você que a gente ia tentar conseguir o máximo de material fácil acesso, como barbante, balde etc. Então, pedi para os alunos arrancarem uma folha de seu caderno para fazemos as bolas de papel, assim como a quadra para realizar as atividades.

- Acho que é isso, vejo que fluiu bem a sequência e com certeza vou utilizar e trazer novas atividades para continuar trabalhando a inclusão, mesmo com os desafios dentro da escola, mas acredito que partimos do ponto de partida e isso é um começo para seguirmos em frente para a inclusão de todos os gêneros na escola.

**NATIVO:** Boa tarde, professores. É um prazer fazer parte desse processo que, aliás, é importante para nossa área. Em relação à sequência didática, é de extrema importância para que você possa se programar, independentemente de como será direcionada, principalmente com relação à prática pedagógica. Então acredito que precisamos de sequências didáticas que possam agregar condições para a inclusão e para atender às necessidades dos alunos.

- Conseguimos na minha visão fazer uma sequência bem dividida, programada e até mesmo o tempo para criar e realizá-las foi interessante. Isso nos deu uma amplitude maior para refletir sobre as atividades e nos favoreceu a oportunidade de pesquisar mais e sobre como poderíamos elaborar as atividades da melhor maneira.

- Então, as atividades dentro da temática da inclusão de gênero foram satisfatórias, né? Porque tivemos a participação de todos, é claro que no início, assim como José falou, teve uma certa resistência, mas com o explicar e realizar, todos teve [sic] curiosidade de estar dentro da atividade. Fomos felizes em buscar a inclusão de gênero porque é uma temática abordada nos dias atuais, principalmente na Educação Física e isso casou até mesmo com temáticas de outros projetos aqui na escola e outras instituições que estão justamente neste ano de 2024 trabalhando a inclusão de gênero.

- Já as atividades realizadas teve sucesso [sic] em questão da participação dos alunos, acredito que a sequência em si ela surtiu efeito quando me refiro ao processo de inclusão onde os estudantes possam estar todos trabalhando juntos com um propósito, levando em consideração a ideia do colega, na motivação para participar e vejo que direcionamos por um caminho certo.

- Eu vejo que a sua pesquisa e também as atividades que elaboramos são importantes, principalmente em relação à temática escolhida, não por questão de despertar os professores, mas de toda a comunidade escolar, a importância da inclusão, porque a inclusão não está apenas na escola, mas fora dela também para a socialização dos alunos em todos os espaços na

sociedade, e isso me fez observar da melhor maneira a exclusão que existe tanto na escola e na sociedade.

- Então, vejo as atividades que realizamos como um ponto importante para alcançarmos a todos os alunos aqui na escola e nas demais.

**PESQUISADOR:** Nossa... fico feliz em ouvir isso de vocês, passamos um longo período desde o contato inicial lá em 2023 até chegarmos aqui hoje, em outubro de 2024. Vejo também que fizemos uma boa sequência e ela pode nos direcionar para mais atividades de cooperação, trabalho em conjunto que possa incluir a todos.

- Desde já, agradeço a vocês pela disponibilidade e por fazerem dessa pesquisa tão rica de conhecimento e reflexão acerca do tema.

**NATIVO:** Eu que agradeço pelo convite, Airton. Fico realizado em ter feito parte desse processo, de sua pesquisa e volte para apresentar seu trabalho para a comunidade escolar. Ele é importante para todos nós.

**JOSÉ:** Também agradeço pelo convite, Airton. Fico feliz por ter feito parte dela e realizado por construirmos algo durante esse processo. E volte para nos apresentar seu trabalho rsrs.

**PESQUISADOR:** Pode deixar, professores, volto sim. Obrigado mais uma vez e até mais rss.